Gil Cleber

Recordação de Olímpio



Romance

Recordação de Olímpio

Recordação de Olímpio

Romance

Gil Cleber

Composição da capa e arte final: Gil Cleber

Ilustração da capa: foto antiga de família

© Gil Cleber Duarte Carvalho
O conteúdo deste livro não poderá ser reproduzido nem utilizado comercialmente, a não ser mediante permissão do autor.

Nota essencial:
Sendo o autor contra a maioria das mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971, sendo, portanto, conforme essa orientação que o presente livro é publicado.

Contato e site:
gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Recordação de Olímpio

05 de julho de 2002

Não, talvez Afonso não tivesse mesmo certos escrúpulos, pois a verdade era uma só: quando a enteada, há coisa de cinco minutos, passou em correria pela sala com os irmãos menores, não pôde evitar uma olhada para suas pernas e teve um pensamento impuro.

Deixou-se estar na poltrona bufando um pouco enquanto esperava o jantar e ouvindo longe, no último quarto, o alarido das crianças. Aborrecia-se todos os dias ao chegar do trabalho — seria sempre assim? murmura de si para si mesmo, não tinha um instante de sossego para sentar-se ali na sala e folhear o jornal, por exemplo, ou escutar um pouco de música que lhe acalmasse os nervos, pois a criançada não parava, sempre correndo pela casa, "como posso concentrar-me dessa maneira?".

Procurava uma justificativa? Aline era, afinal de contas, enteada e não filha, sempre soubera de sua condição de enteada embora o chamasse de pai, "paizão" às vezes e com um certo ar de malícia, portanto não havia mal em olhar as pernas dela, cobiçá-las um pouco, talvez… se bem que, por outro lado, tivesse o compromisso de educá-la, além do que a garota mal completara treze anos. Também (exclamava interiormente), quem manda andar pela casa com um shortinho desses? Isso, pra não falar que a moleca era desenvolvida, alta, coxas grossas e morenas cobertas por uma fina penugem dourada.

"Ninguém é de ferro…" suspirou passando as mãos pelo rosto, mas agora, no silêncio que as crianças de repente faziam, podia escutar a mulher na cozinha, de um lado para outro, preparando o jantar — e então teve uma ponta de remorso. Era uma boa mulher, cuidava dos afazeres domésticos com uma naturalidade de criada, mas era sua esposa; era dedicada à casa, à família, sobretudo confiava nele. "E tem seus atrativos…" pensou, acrescentando intimamente que ele, Afonso, não passava de um velho luxurioso, com cinqüenta anos em cima das costas e espiando maldosamente as pernas da enteada de treze — a quem havia criado desde os dois.

"Afinal, ela é quase minha filha" admoestava-se pelo pensamento impuro de há pouco, "não deixa de ser"; porém Aline está de volta, desta vez vem em silêncio: passa devagar pela sala mergulhada na penumbra e desa-

parece na direção da cozinha, "…só que eu não me sinto pai, que diabos!" — e não deixou de refletir (de novo aquela ponta de remorso, um tanto mais aguçada talvez) que, com efeito, a esposa era jovem e tinha seus atrativos, mas… enfadava-o tanto!

"Tudo enjoa na vida."

Conhecera Celina numa festa beneficente que a Associação dos Funcionários Antigos dava anualmente. A princípio, vendo-a com a criança, imaginou-a casada com algum funcionário de outra filial; mais tarde, nessa mesma noite, disseram-lhe que estava viúva desde antes do nascimento da filha e que não tinha compromisso. Começaram a conversar no instante em que tiveram a mesma idéia de servir-se de vinho, ele cedeu-lhe a vez e ela sorriu em resposta. Conquanto não cogitasse, ele próprio, compromisso algum, acostumado que estava com a vida de solteirão, acabaram sentados juntos no alpendre e dando continuidade à prosa. Naquele resto de noite não se largaram mais. Daí a seis meses estavam casados, e desde então já haviam transcorrido onze anos.

"Onze anos!" suspirou.

Das duas, uma: ou ele não nascera para o casamento, ou Celina, conquanto jovem e bonita ainda, não tinha qualquer experiência em usar suas qualidades para prender um homem. Tornara-se uma dona de casa como poucas, não adquirira volumes nem enfeara, as pernas mantinham-se perfeitas — pois Celina tinha o hábito de levantar-se cedo e pedalar pela orla quase todas as manhãs —, mas o calor dos primeiros tempos arrefecera, e ele…

Verdade é também que ele vinha se acomodando. Apesar de tudo não cogitava separar-se, pois amava sua família e sempre que pensava em sua casa era a imagem de Celina que surgia em primeiro lugar — apesar da enteada, apesar dos *shorts* sumários e das pernas de Aline…

Para afastar esses pensamentos, que ao mesmo tempo se impunham com pertinácia, levantou-se, deu dois ou três passos pela sala e da janela espiou a rua onde um carro passava devagar, "é o Tavares saindo para o serviço" e por um momento distraiu-se, sentindo um pouco de pena do Tavares, que trabalhava à noite. Pegava às vinte e saía às cinco da manhã, "deve ser dureza trabalhar à noite" ponderou, "pra mim não serve", embora o Tavares ganhasse bem: pelo menos tinha um ótimo carro e reformara toda a casa há pouco.

Uma brisa fresca vinha da rua e Afonso esteve um pouco mais à janela, reparou por exemplo que a casa do Morais — bem defronte à sua, nos fundos de um amplo jardim — estava apagada, "já terão viajado, o Morais com a mulher sempre viajam nessa época do ano" e sentiu uma inveja momentânea, pois o Morais viajava em julho durante as férias dos filhos e nes-

te ano ouvira-o comentar que pretendia ir à Disneylândia, mas ele, desde quando planejava uma viagem com a família, uma semana que fosse numa praia, Búzios ou Cabo Frio, desde quando? "Celina bem que merece, coitada" pensou, "as crianças por sua vez iriam adorar…", e por um momento ficou imaginando acordar pela manhã numa dessas casas de praia que se alugam por temporada, sair bem cedo a caminhar pela areia… para uma vez mais impor-se a figura da enteada, agora de biquíni, correndo à sua frente e chapinhando na água…

Voltou-se para dentro esbaforido e tropeçou num vaso que haviam deixado fora do lugar.

— Você está inquieto, querido — Celina, na cozinha, parecendo adivinhar seu afobamento.

— Não é nada, não é nada — respondeu, largando de novo o corpo na poltrona. — Onde está o jornal de hoje?

— Na mesinha, filho, bem aí ao lado do sofá.

Distrair-se, ler o jornal, ou pelo menos passar os olhos nas notícias de maior destaque…

— Ô Celina, e a janta? Ainda demora?

Mas a mulher parece não ter ouvido a pergunta, o que não tinha importância nenhuma pois ele estava farto de saber que sempre jantavam às oito, portando ainda teria uns vinte minutos de espera.

Na primeira página deparou com uma nota acerca do falecimento de alguém importante com remissão para a terceira página, suficiente para irritá-lo, pois afinal qual a diferença entre um figurão e um pobre diabo, que a morte do primeiro ocupasse a primeira e a terceira páginas de um diário importante como aquele?, mas por um instante sentiu-se atraído pela cara do falecido, a contragosto admitiu que tinha personalidade, e se deteve por alguns momentos mais naquele exame — por exemplo, sob a foto aparecia um nome, Olímpio Vilar, não mais, como se só o nome bastasse para uma informação completa, "só que eu não sei quem diabos foi esse sujeito" rosnou, "e tampouco pretendo ler a notícia para saber" e amarfanhou a folha no colo, reclinando a cabeça para trás com uma certa amargura, "tinha personalidade, tinha, não tem mais, morreu" — pois na folha via-se a cara de um homem idoso, é certo, com mais de setenta anos, cabelos brancos, um rosto magro e um pouco alongado a terminar num queixo pontudo e coberto por uma barbicha, mas a expressão sobressaía-se como que dotada de um grande vigor moral, e a pele queimada de sol parecia a de um eterno viajante…

"Se fosse um pobre-coitado" pensou com algum rancor, afinal sentia-se um pobre-coitado, e se morresse duma hora para outra é possível que ninguém lamentasse sua perda, nenhum jornal noticiaria, todos se esqueceriam rapidamente (embora soubesse estar sendo injusto com Celina, ela

decerto choraria por ele pois era uma boa mulher, amorosa e dedicada — porém, quanto a ter seu óbito estampado nos jornais com tal destaque…)

Percebeu o vulto da enteada passando no corredor, pensou outra vez em suas pernas e largou o jornal para um canto. Misturavam-se em sua cabeça o carro do Tavares (pois ele afinal ainda não pudera comprar um bom carro, mesmo ocupando um cargo de certo destaque, enquanto um Tavares, que ralava à noite, dirigia aquela beleza de quatro rodas), a viagem de férias do Morais para a Disneylândia (ele, quando poderia…? E olha que já se contentava com Búzios!…) e as pernas morenas da enteada, aquelas nádegas rijas e empinadas, a penugem dourada de *Blonder*…

18 de junho de 1934

…Helena…

"O meu nome… Helena…"

Sim, o nome no envelope sobre a mesa, escrito a lápis. Mas a cortina fora afastada e um raio de sol atravessava a vidraça traçando uma faixa de luz, a sala muito iluminada no fim daquela manhã, e o relógio defronte marcando o tempo implacável — levantou os olhos para os ponteiros, tornando a baixá-los para o envelope onde lia apenas um nome, seu primeiro nome precedido de um título, *Professora Helena*.

Levantou-se num movimento resoluto e correu a cortina.

Súbita penumbra na sala — e então se sentiu mais segura.

Escutou passos no corredor, manteve-se quieta à espera de que alguém batesse, mas os passos não se detiveram diante de sua porta, seguiram em frente e ela respirou com um certo alívio.

Voltou a sentar-se e estendeu a mão para o envelope, os dedos trementeram ao tentar abri-lo, e viu que não havia remetente.

"Mas não é necessário…"

Sim, pois afinal seu nome fora escrito e ela conhecia bem aquela letra um tanto oblíqua em que o "H" fora marcado com vigor e o "l", fino e longo, chegava a esmaecer um pouco na parte de cima onde a pressão da ponta do lápis fora menor.

Helena respirou fundo tentando acalmar-se e em seguida, apanhando na gaveta um fino estilete, abriu o envelope pela borda.

Dentro, um pedaço de papel, não mais.

Entretanto bateram de leve na porta e ela sobressaltou-se: não ouvira ninguém aproximar-se. A porta abriu-se e entrou uma mulher baixa e magra, passada dos quarenta, sobraçando livros e uma pasta de couro.

— Senhora — disse a mulher — é sobre aquele menino que foi castigado…

— Ah — e Helena levantou-se momentaneamente, pois havia se esquecido do menino que fora castigado. Afinal, por que mesmo o menino fora castigado? Ela devia lembrar-se, porém com tanta confusão em sua cabeça… — Pois não, Isolda, pode falar…

— Bem…

E as duas permaneceram caladas uma defronte à outra, presas de uma indecisão. Helena esforçava-se para lembrar do caso, e a inspetora Isolda estava ali para saber de sua decisão.

— Afinal, como foi mesmo que se deu…? — Helena pergunta. — E quem é o menino?

— É o Renato, filho de seu Jesuíno.

Lembrou-se: o menino havia respondido mal a um dos professores e dito palavrões em sala. Ora, um caso assim!… E virem incomodá-la por tal ninharia.

— Não havia outro garoto envolvido?

— Na hora houve um alarido na sala de aula, algumas crianças começaram a falar ao mesmo tempo… então pensou-se que o filho de seu Isidoro Vilar…

— O filho de seu Isidoro…

— Sim, o Olímpio, pensou-se que ele tomara o partido do Renato, mas, na qualidade de inspetora eu fiz questão de apurar tudo… levei cada criança envolvida até minha sala e na presença de um dos professores conversei com todas…

— E…

— Bem, ficou apurado que o filho de seu Isidoro não tomou parte na baderna.

— E quanto ao Renato?

— Foi castigado, senhora.

Helena suspirou e permaneceu calada por alguns momentos olhando a mulher baixinha e magra com seus livros, que exercia a função de inspetora e lhe trazia a notícia de um aluno que dissera um palavrão e fora castigado; olhava-a porém como se não a enxergasse, como se ela própria — Helena — não estivesse ali. Mas regressou, estava de volta agora à sua sala, à sua mesa:

— Então o menino foi castigado — comentou, abrindo uma gaveta e fingindo procurar ali qualquer coisa.

— Sim, senhora — disse a outra. — Recebeu suspensão de uma semana e um registro em seu boletim, que será encaminhado ainda hoje ao pai.

— Está bem, Isolda — disse, fechando a gaveta. — Foi o melhor. É tudo?

— Sim, senhora.

Então uma cara gorda e vermelha apareceu com um vasto sorriso sob o bigodinho grisalho. A mulher baixa e magra que se chamava Isolda afastou-se com seus livros e sua pasta de couro, e o recém-chegado mostrou-se jovial como um garoto:

— Helena, então hoje…?

Helena, que estivera de pé durante a permanência da outra em sua sala, senta-se e tenta sorrir, mas não consegue.

— Não, professor Roberto… desculpe-me, mas hoje…

O amplo sorriso embaixo do bigodinho grisalho se desfaz.

— Você havia prometido, Helena…

— Sim, eu sei, mas… enfim, não hoje… deixa para outro dia, prometo que…

O professor Roberto esforça-se para não se mostrar decepcionado, deixa por um momento passar seu corpo roliço e baixo pela abertura da porta, que encosta atrás de si.

— Não, Helena, não prometa… eu sei que você tem boa vontade, mas sei também que…

— Roberto, por favor, sei o que vai dizer, mas creia-me… não é isso…

— Helena…

— Roberto, não… não posso, simplesmente não posso, mas não é o que você está pensando.

O gorducho abaixa a cabeça. Voltando a encarar a bonita jovem sentada atrás da mesa, fala com certa gravidade.

— Peço que me desculpe, Helena. Tenho sido inconveniente…

— Não, Roberto, não…

O professor levanta as mãos:

— Deixe-me falar, Helena, por favor… por favor… sim, eu sei que tenho sido inconveniente além de um tolo, mas… desculpe-me, não vai se repetir… sejamos amigos, certo? É para mim o quanto basta… sei que…

— …

— …é o que posso ter… só o que posso ter… afinal de contas sou um homem muito mais velho, tenho uma filha quase moça… e… bem, é tudo — e o sorriso sob o bigodinho grisalho reaparece, mas não muito convincente. — Sim, um outro dia, quando você quiser… mas juro que não a importunarei… não quero parecer desagradável.

Cruzou e descruzou os dedos, meteu as mãos nos bolsos da calça, suspirou.

— Bem, com licença — saiu.

Ouviu-se o sinal, e em seguida um alarido indicou que os alunos deixavam a sala e corriam em alvoroço para o pátio.

— Roberto — Helena chamou.

Já do corredor, o professor gorducho voltou, a cara vermelha reapareceu.

— Um outro dia, sim… mas saiba, você nunca foi incômodo. Acontece que eu… — Helena sentiu os olhos úmidos. — …trata-se de uma coisa que por enquanto…

E ela enfim sorriu, enquanto uma lágrima — que devido a penumbra não foi percebida — lhe rolou pela face:

— Esteja certo: você nunca foi incômodo nem desagradável.

E com o ruído dos passos afastando-se pelo corredor, Helena está outra vez só.

"Estou só" pensou, enquanto passava os olhos pelo pedaço de papel que tirara do envelope.

O pátio estava cheio de crianças que corriam e falavam, mas logo estaria vazio pois acabava de dar meio-dia e todas iriam embora.

"Talvez amanhã eu não esteja aqui" ela pensou olhando em volta a sala onde passara parte de seus dias nos últimos cinco anos.

"Hoje ainda me consideram a diretora, mas amanhã…"

— Olímpio, ei Olímpio — a voz de um menino no pátio chamando outro menino.

Helena abriu as gavetas, uma após outra, inspecionando suas coisas. Deveria começar a esvaziá-las?

— Ei, vocês viram o Olímpio? — a voz de outro menino no pátio.

Helena olhou novamente o papel que retirara do envelope e pousou a mão sobre a barriga, numa carícia dolorosa.

"Sim, estou só".

23 de setembro de 1977

Mas afinal, o que mais queria aquele homenzinho ali, do outro lado do balcão, com um ar irritado só por causa de uma carta? "Uma coisa assim não deve acontecer" ele repetia, e quantas vezes já dissera aquilo, e quantas vezes o chefe dos correios já se desculpara, explicando que infelizmente aconteciam coisas assim, "afinal" dizia ainda, "o senhor compreende, o volume de cartas enviadas diariamente é muito grande, alguma sempre se perde" e procurava sorrir para o homenzinho, mostrando uma simpatia que estava longe de sentir, pois, afinal a carta extraviada nem era dele!

— É por isso que todo mundo reclama dos correios — tornava o homenzinho, como se pretendesse fazer um discurso e com isso resolver os problemas postais do país. O chefe deu de ombros sem deixar de sorrir, espiou a carta que o outro entregara cinco minutos antes e que, segundo ele, fora parar em sua caixa postal por inadvertência, "total descaso, saiba o

senhor, pois não custa ler com mais atenção o endereço do destinatário e distribuir corretamente. Agora imagine o senhor…" e lá vinha discurso.

O chefe dos correios espiou o nome no envelope, um tal Vilar, Olímpio Vilar, e foi botar a carta na caixa postal correta — que ficava ao lado da que pertencia ao homenzinho. Explicava-se o engano, um momento de distração da funcionária, e não havia motivo para tanta reclamação, mas ao retornar ao balcão ainda estava ali o homenzinho, como se o esperasse para continuar o discurso.

— …porque nossas instituições…

O pior, pensou o chefe dos correios, é que o homenzinho era escuro — não, apressou-se intimamente a afirmar, não que fosse racista "afinal os pretos também são filhos de Deus", mas é que alguns são insuportáveis e querem chamar atenção sobre si de qualquer maneira; pois haveria outra explicação? Com tal alarde, o que pretendia ele a não ser chamar atenção sobre si?

— Mais uma vez lhe peço que nos desculpe pelo incidente, se depender de nossa boa vontade não irá acontecer de novo — e o chefe dos correios sorriu, quando na verdade sentia ímpetos de saltar no pescoço do homenzinho (teria sido sua irritação disfarçada que lhe chamou a atenção para o cheiro que desprendia do sujeito a parolar do outro lado do balcão? "Sim, porque preto tem um cheiro…" e mais uma vez garantiu para si mesmo que não era racista, "afinal sempre recebi pessoas de cor na minha casa e nunca diferenciei o tratamento! Por outro lado tenho amigos negros, mas a verdade é que…").

A verdade era que fazia um calor medonho, do asfalto parecia subir um vapor, e o homenzinho não parava de falar — foi quando o chefe dos correios percebeu que a camisa do sujeito (uma camisa clara de mangas compridas) não estava muito limpa, e sob as axilas viam-se manchas arredondadas de suor. Por isso esse cheiro, pensou.

Nesse momento entrou uma senhora com algumas cartas, e o chefe dos correios desviou sua atenção para ela; mal acabou de devolver-lhe o troco entrou um senhor idoso com um pacote, "deve seguir registrado" ele disse, "para garantir", e o chefe recolheu o pacote sobre o balcão sempre com aquele sorriso receptivo, sorriso treinado com que atendia a todos, e por uns instantes distraiu-se em verificar o preço da tarifa, pesar o pacote, pôr os selos, carimbar, e quando por fim despachou o senhor idoso percebeu que o homenzinho continuava ali: parecia esperar ainda alguma coisa, conquanto já não reclamasse; permanecia de pé, a dois passos do balcão, impondo sua presença como se fosse um direito do qual não cogitava abrir mão.

— Mais alguma coisa, senhor? — perguntou o chefe dos correios com seu sorriso.

— Bem… enfim, é o que eu disse: são coisas que não podem acontecer, é um desacerto esse descaso com a correspondência dos outros…

Mas agora alguém o chamava lá dentro, e isso lhe produziu uma sensação de alívio pois era certo livrar-se enfim do importuno. Fez-lhe um gesto com a mão, "preciso atender o pessoal lá de dentro, senhor" disse, "mas esteja descansado, não acontecerá de novo" e sem mais deu-lhe as costas.

Lá nos fundos a secretária acenou-lhe, indicando que desejava falar-lhe mas em voz baixa.

— Não há nada, seu Aluísio — ela disse —, foi só para livrá-lo daquele chato.

— Obrigado, dona Margarida. Mas que tipinho, hein?

— Eu o conheço — disse a secretária baixando ainda mais a voz —, vive reclamando de tudo. Imagine que outro dia eu estava lá na frente e ele veio dizer que um dos selos da carta que acabara de apanhar na caixa postal estava soltando-se. Sabe o que respondi? Que havia cola sobre o balcão e que se ele quisesse poderia colar. Ora, o sujeito encrespou, achou que eu estava mangando da cara dele, e eu ali tentando explicar-lhe que a cola estava sobre o balcão, era para uso de todos e que ele podia usar também, mas ele replicou dizendo que lá no inferno de onde a carta fora remetida os funcionários deveriam ter colado o selo direito, pois afinal, ele disse, se o selo descolasse provavelmente devolveriam a carta para a origem e ele ficaria sem receber sua correspondência, "e a senhora sabe se não é alguma coisa importante que me enviam?" ele disse. Então não agüentei mais e lhe dei as costas, deixei o tipo falando sozinho. Diabos! E lá alguém vai mandar algo importante para um sujeitinho desses?

— Valha-me Deus! — exclamou o chefe dos correios indo até a garrafa térmica e servindo-se de um pouco de café. — Quer também, dona Margarida?

— Não, obrigada — diz. — Mas logo o senhor se acostuma com ele, e então não irá mais dar-lhe atenção. É só saber como se trata essa gente.

O chefe dos correios foi espiar pela fresta da porta. Coçou a cabeça: o homenzinho continuava lá, a dois passos do balcão, como se aguardasse seu regresso para continuar.

— Creio que a senhora terá de ir lá para mim, dona Margarida. Se eu for, talvez acabe saltando no pescoço dele.

18 de janeiro de 1954

Luciana decide abandonar a casa, a família e visitar esse mundo que ela conhecia apenas das revistas que assinava. Tal decisão, de tão súbita, pegou-a de surpresa.

Agora estava na estrada, quase literalmente: com um pneu estourado, enquanto esperava o borracheiro dar um jeito sentara-se para tomar um café e observar o movimento dos carros na rodovia, perguntando-se ainda se fizera bem. Tinha sido uma boa esposa por vinte e um anos, dedicada ao lar, aos filhos, ao marido, mas desde algum tempo sentia-se enfadada: administrar uma casa grande como a sua era cansativo, mesmo tendo vários empregados à sua disposição; manter um casamento rotineiro, no entanto, não era apenas cansativo, mas tedioso… além do mais completara quarenta anos, e essa idade pareceu-lhe subitamente crítica.

Em algum momento antes tivera medo da velhice? Quando teria visto no marido não um homem, mas um utensílio? Os filhos — já crescidos —, em que ocasião negligenciara seus deveres com eles?

…quando se deu conta de que parte de seu cansaço era puramente tédio, e isso ocorreu de uma só vez — todos esses pensamentos de assalto em sua cabeça feito uma manada de búfalos desembestados —, largou a revista que tinha nas mãos e disse consigo mesma: "Eu vou embora" e ainda que surpreendida com suas palavras, não retrocedeu, pois havia compreendido que chegara no limite e a decisão estava tomada mesmo antes de tomar consciência dela; reforçou: "Chega, chega!" e de um salto pôs-se de pé.

Eram duas horas da tarde.

O marido mourejava no escritório, principal acionista de uma grande empresa de laticínios com vistas a tornar-se único dono; chegaria como de costume às seis. Dos filhos, a mais velha (aos vinte) saíra com umas amigas para irem ao cinema, o do meio — um rapaz de dezoito, que, no entanto, de tão responsável e aplicado parecia ter bem mais — fora estudar em casa de um colega e o mais novo, um adolescente de quinze, brincalhão e um pouco rebelde que não dava satisfações do que fazia, andava por aí, tinha colegas no bairro, estaria na piscina do clube com eles a essa hora.

No instante seguinte Luciana, no quarto, punha suas roupas em três malas, levando-as ela mesma para o carro através da passagem interna, que dava direto na garagem — não fosse dar na vista, quando descobrissem que partira já estaria longe.

Antes de sair tomou duas providências: a primeira, verificar de quanto dispunha em dinheiro vivo para os primeiros dias, e depois se o talão de cheques estava na bolsa, "também não posso me descuidar desse pormenor" que na verdade não se tratava de um pormenor; e a segunda, rabiscar um bilhete para a família falando de sua decisão sem apresentar justificativas, a não ser que "essa vida me cansa e não posso mais fingir", não deixando de acrescentar, de forma taxativa (o que a levara a sublinhar duas vezes a frase): "espero que não me procurem, será inútil, não voltarei".

O café esfriara na caneca, o frentista — um jovenzinho com cara de garoto — lhe sorria lá da bomba e o borracheiro aproximava-se:

— Senhora, o serviço está pronto.

— Hum? — alteou o busto, por um instante não compreendia o que aquele homem de barba por fazer e sujo de graxa queria com ela, e não entendeu o que havia dito, mas no instante seguinte deu-se conta do que acontecera: passara a véspera sem problemas, mas agora, vinte e quatro horas depois de tomar a decisão mais importante de sua vida, o pneu havia estourado em plena estrada — por sorte, com uma borracharia por perto.

— Oh, não, Denise, deixe disso…

— Sim, pode acreditar!

— Mas o Olímpio?

E voltou-se, espiando as duas moças — uma loira, outra morena — que entravam no bar: jovens e bonitas, por certo falavam de algum namorado, e lamentou por elas (sem negar para si mesma a pontinha de inveja que sentia da juventude delas), sim, lamentou, pois imaginava que logo se casariam e passariam a vida a cuidar do marido e dos filhos (como ela) mas talvez sem coragem de largar tudo (como ela fizera), e a vida lhe pareceu um deserto.

— Então, o Olímpio? — tornava a loira.

— Ora, e por que não?

Entretanto viu-se forçada a corrigir-se, ainda espiando as duas moças que se aproximaram do balcão e agora falavam mais baixo, de modo que ela já não as podia escutar: se aquelas jovens se casassem e passassem a vida a cuidar de uma casa, de um marido, de filhos — como ela durante vinte e um anos — e não largassem tudo de uma hora para outra, como ela fizera, não seria apenas por falta de coragem, "pois nem todas, como eu…" — sim, nem todas como ela poder-se-iam dizer independentes, donas de seu próprio nariz, pois Luciana, conquanto tivesse sido por vinte e um anos não mais que uma dona de casa de classe média alta, uma "doméstica de luxo" como costumava chamar-se a si mesma, soubera fazer seu pé-de-meia ao longo desse tempo, não apenas guardar mas investir, multiplicar, de forma que ao deixar sua vida encontraria outra com facilidade, e a liberdade que buscava — e que teria a partir de então — firmava-se nessa segurança que o dinheiro lhe poderia proporcionar.

As duas mocinhas agora deixavam o bar, seguiam conversando em voz baixa, pareciam felizes e cheias de esperanças — mas Luciana conseguiu apenas balançar a cabeça enquanto as via atravessar a porta e ganhar o pátio, a estrada, desaparecer; balançar a cabeça com descrença, e a vida mais uma vez lhe pareceu um deserto.

Então levantou-se e pagou a conta.

O frentista aproximou-se, solícito, com aquele sorriso de menino, mas não, ela não precisava abastecer por enquanto… se bem que, sim, era melhor fazê-lo de uma vez, já que teria de fazê-lo em algum lugar, e mandou

encher o tanque. Sentada ao volante aguardou, em seguida pagou ao frentista, colheu seu último sorriso infantil e ligou o carro.

Arrancou devagarinho e alcançou a estrada.

Deteve-se aí por um momento e espiou na direção do bar — as mocinhas não estavam mais por perto, o frentista gorducho com cara de garoto falava alguma coisa com o borracheiro, que tinha as roupas e as mãos negras de graxa, e ria a bom rir. Tudo e todos pareciam existir para sempre sob o sol forte daquela tarde de verão, incorruptíveis, indenes em face do tempo.

Luciana suspirou.

A estrada abriu-se de novo à sua frente.

E parecia não ter fim.

24 de março de 1973

A moça correu para atravessar a rua naquela manhã de intenso movimento em que bem cedo o tempo estivera encoberto, até cair um aguaceiro que, pouco mais tarde, cedeu lugar a um dia ensolarado; as pessoas iam e vinham, os carros avançavam com celeridade, ruidosos, furiosos, implacáveis até que, súbito, paravam, imobilizando-se como reses obedientes e dóceis: acendera-se o sinal vermelho — então a multidão atravessava entre as feras luzidias de sol, apressando o passo porque a qualquer momento o sinal abriria e as rodas rolariam famintas outra vez pelo asfalto.

Ao chegar do outro lado tropeçou no meio-fio e quase caiu, soltou uma praga e apertou contra o peito a pasta com os livros. Precisava apressar-se, os portões fechariam as nove, e já eram oito e quarenta e cinco.

Acordara atrasada, não que o despertador não tivesse tocado, mas seu sono era muito e quando percebeu que algo estava errado e abriu o olho deu-se conta de que deveria voar, do contrário…

Não dormira bem, ficara até as três da manhã tentando falar com o outro — o patife que agora pretendia cair fora e deixá-la na mão —, mas ele não atendeu o telefone: simplesmente deixou tocar, tocar, tocar. "Ele está em casa" pensou, sabia que ele estava em casa mas se recusava a atender. Podia muito bem esconder-se num cômodo distante, naquela casa enorme, e não ouvir o telefone tocar na sala, ou então estaria com outra na cama e, da mesma forma, ignoraria o trinado constante. Mas já era tarde, ela havia engolido um comprimido para conseguir pelo menos cochilar, então desistiu.

A calçada e a rua defronte ao pavilhão do colégio estavam repletas: os retardatários eram muitos, quase se atropelavam em sua correria, e isso a consolou um pouco. Uma garota magrinha com uma bolsa *jeans* à tiracolo

seguia um passo à sua frente, também andando rápido, os cabelos longos e soltos agitando-se com a brisa, e lhe sorriu quando ela avançou pondo-se ao seu lado.

— Estamos atrasadas? — perguntou.

— Não muito — a garota magrinha respondeu, sem diminuir o passo. — Dá tempo. Além do mais, sempre acontece algum atraso…

— Vai fazer o quê?

— Letras. E você?

— Direito. Mas acho que não tenho vocação.

— Ué!… E então por que…?

— Sei lá, foi o que me deu na cabeça… de repente eu mudo…

— Está nervosa? — e a garota magrinha sorriu demonstrando, ela mesma, o próprio nervosismo.

— Um pouco… mas se não passar desta vez, tento no meio do ano de novo.

— Ah, se eu pudesse… se eu não passar desta vez tenho de voltar para o interior…

— Por quê?

— Meus pais têm muita esperança em mim… mas se eu não conseguir terei de ficar em casa este ano e só tentar outra vez ano que vem… é que acaba saindo muito caro morar na cidade…

Aproximavam-se de um prédio cinzento cercado por um pátio amplo e arborizado. Havia um multidão ali, os portões ainda não estavam abertos e faltavam só cinco para as nove.

— Creio que chegamos a tempo — disse a garota magrinha.

E agora ficaram paradas no meio da multidão, quietas, uma ao lado da outra. A cada instante chegava mais gente: jovens esperançosos vestindo *blue jeans* com suas sacolas e seus estojos, suas expectativas e seu futuro incerto, alguns seguros de si, outros deixando entrever a insegurança nos gestos nervosos, no olhar indeciso; alguns sorrindo e conversando espontaneamente, olhando em volta à espera de conhecidos ou só à procura de uma paquera; outros concentrados, quase não falando, solitários dentro de si mesmos, e temerosos…

De súbito, a estridência de uma campainha e num movimento convulso agitou-se a multidão eletrizada.

— Já vão abrir os portões — ela disse.

— Sim, estão até atrasados — respondeu a garota magrinha.

— É sempre assim… a gente fica nervosa à toa — ela disse tentando convencer-se de que tudo estava ou, pelo menos, ficaria bem. Mas não lhe saía da cabeça que ele estava tentando cair fora depois de tudo. Quando saísse dali iria procurá-lo, iria até a casa dele, abriria o portãozinho dos fundos, que ficava sempre encostado, e entraria no vasto jardim, daria volta ao

prédio e entraria pela porta da frente, sem nenhum medo, para mostrar a ele… para mostrar a ele que…

…para mostrar a ele o quê, afinal de contas? Não teria sido ela uma boba em acreditar na conversa de um grã-fino, um filhinho de papai que só queria farra? Ela esperava mesmo a sério que aquele sujeitinho metido a besta fosse assumir algum compromisso com ela?

"Que idiota eu fui" pensou.

E por fim os portões foram abertos, aumentou o alarido, a multidão mexeu-se, avançou. No pátio havia instrutores que indicavam a direção a seguir, uns pela esquerda, outros pela direita, uns para o térreo, outros para o segundo andar, para o terceiro…

— Creio que eu vou para cima — ela disse.

— Eu fico aqui embaixo — disse a garota magrinha.

— Eu me chamo Luísa. E você?

— Vera Lúcia — disse, e rabiscou rapidamente um número num papelzinho. — Ligue-me à tarde, ou amanhã, para me contar como foi.

— Sim, sim — disse Luíza olhando o número sem decorá-lo. Guardou o papelzinho na carteira. — Eu ligo para você.

Estenderam as mãos uma para a outra, tocaram-se os dedos, sorriram-se e se afastaram.

A garota magrinha desapareceu meio à chusma de estudantes que avançava por um corredor do térreo enquanto ela alcançava os degraus que conduziam ao segundo pavimento. Alguns estudantes pareciam apressados e subiam as escadas de três em três degraus, esbarrando nos mais vagarosos e seguindo em frente sem se deter. Um jovem musculoso deu um encontrão por trás em Luísa e quase a atirou no chão. Mal conteve sua pressa para ampará-la e evitar que caísse, avançou saltando degraus. Um pouco tonta ela parou e olhou-o que já desaparecia acima, moveu a cabeça ligeiramente irritada, "que bruto!", e continuou a subir.

Porém alheou-se: por alguns momentos conseguiu esquecer-se de tudo, sentiu-se contagiada pela febre que parecia dominar a todos, sentiu-se plena por fazer parte daquilo, parte do mundo, não estava excluída do processo que construía o seu tempo porque ali estava ela, Luísa, aos vinte e um anos de idade, pronta para fazer uma prova. Não se importou, pelo menos momentaneamente, com o outro: ele pretendia cair fora? Pois que caísse. Já não estava certa de que deveria procurá-lo naquela tarde quando saísse, talvez fosse melhor deixá-lo decidir por si mesmo o melhor caminho a seguir: permanecer ao seu lado ou ir, partir, deixá-la. Luísa também não sabia mais se cursaria Direito, sempre tivera uma queda por Letras — a pretensão da garota magrinha, como ela se chama mesmo? Vera Lúcia, sim, Vera Lúcia… —, gostava de ler, e sabia que se optasse por esse curso teria de ser professora. Direito lhe abriria outras perspectivas, mas… Mas nada daquilo

importava agora: avançando degraus acima, e depois corredor afora, e depois entrando numa sala, e depois sentando-se numa carteira ela não estava fora do jogo, pelo contrário, com suas escolhas tomava parte ativa nele, com suas decisões poderia mudar o rumo da partida, poderia jogar a sério em qualquer momento, ou blefar para assegurar-se alguma vantagem, por certo perderia algumas vezes, mas não sempre, e se também nem sempre ganharia, certo é que haveria de ganhar em muitas ocasiões, e estava decidida a ganhar na maioria delas…

Sim — agora alguém entrava na sala sobraçando um volumoso envelope de papel pardo junto ao peito, uma mulher gorda de óculos escuros, faces cheias e rosadas, cabelos presos no alto da cabeça, sapatos de salto muito altos e finíssimos, "como é que ela consegue equilibrar-se…?" —, sim, faria Letras, faria Direito, faria qualquer coisa, estava disposta — mesmo que tivesse de decidir mais tarde — a jogar, jogar sempre, jogar alto, com ímpeto, arriscar-se, pois a vida era essa…

E agora a mulher gorda abria o envelope e dizia alguma coisa que não conseguiu entender de imediato, mas sobre o que não estava nem um pouco interessada…

(e seus olhos percorriam agora a superfície de madeira da carteira onde havia nomes, palavras, rabiscos, desenhos)

…pois queria concentrar-se na prova: sabia que não seria fácil, tinha pela frente de três a quatros horas de esforço contínuo durante as quais não poderia dar-se nenhum refresco, olhar para os lados, pensar em suas preocupações caseiras, pensar — p. ex. — nele, que não passava de um safado e queria cair fora (filhinho de papai), pois tudo mais que não dissesse respeito às questões que teria de responder deveria ser sumariamente posto de lado…

(*o princípio da igualdade entre as nações está na igualdade entre os homens* — ela leu na superfície da carteira, e essa frase lhe pareceu muito justa, muito correta, pois afinal como poderia…?)

— Bem, dito isso faremos agora a distribuição das provas — bradou a mulher com seus óculos escuros, suas faces cheias e coradas, seus cabelos atados no alto da cabeça e perfeitamente equilibrada sobre saltos finíssimos.

E Luísa por fim conseguiu entender — ainda que somente as últimas palavras — o que ela dizia.

(seus olhos voltaram à frase que lera na superfície da carteira, e, sob a frase estava anotado o nome do autor — Olímpio Vilar — e o título do livro de onde fora extraída)

Mas agora a mulher gorda passava ao seu lado — firme feito uma rocha, pausada como um paquiderme, deixando "um calhamaço" sobre sua carteira.

Então Luísa baixou a cabeça, concentrou-se, abriu a prova…

Porém, o caixeiro Jurandir não se deixava afetar pela meticulosidade do novo patrão.

Jurandir tinha experiência em seu ofício, não se vá pensar que fosse um toleirão, sabia fazer conta de cabeça e ninguém lhe passava a perna. Trabalhava havia vinte e cinco anos entre sacos de farinha, fardos de carne-seca, réstias de cebola e garrafas de aguardente (começara aos dez, menino de calças curtas, e só no Estrela Dalva, antes conhecido como armazém do Lero, estava há quinze). Era capaz de cortar um tijolo de banha de porco no meio exato e dum só golpe: postos na balança, entre os dois pedaços o equilíbrio era perfeito.

O Estrela Dalva era o principal armazém de Cachoeirinha, ainda que não houvesse mais de dois: o concorrente, se podia receber tal nome, não passava duma bodega estreita que atendia apenas a gente mais miserável dos boqueirões de mato. Seu Lero fora um patrão pouco exigente, deixando todas as atividades da casa a cargo do Jurandir, em quem confiava plenamente — pois verdade é que o Jurandir fazia-se confiar, prestando conta minuciosa de cada vintém que entrava no caixa.

Há coisa de um ano, no entanto, já velho e com umas fadigas que exigiam repouso, seu Lero resolvera passar o comércio e mudar-se para a casa de uma das filhas em Belo Horizonte, onde estaria mais próximo dos seus e também de mais pronta assistência médica. Jurandir ainda se recorda do dia em que a filha de seu Lero viera buscá-lo: já desacostumada da roça, embora tivesse vivido em Cachoeirinha até os dezenove anos (idade em que havia se casado), que ror de lamentações por ter de pernoitar ali, já que o ônibus só seguiria de volta no outro dia! Na tarde seguinte Jurandir acompanhara ambos até o ônibus, e quando abraçou o antigo patrão notou que seus olhos estavam úmidos. "É…" murmurou o velho, "passei minha vida aqui… e agora estou indo". Seu Lero ainda percorrera o largo com os olhos, lançou uma última espiada na direção do Estrela Dalva: "Cá não volto" disse, "cuida disso tudo aí, Jurandir, que eu levo esta terra aqui comigo" e levou a mão esquálida ao peito.

— Não tenha pena, seu Lero — dissera o Jurandir naquela tarde —, cuido sim, pois lhe garanto: um dia o Estrela Dalva ainda será meu.

O velho sorriu, os olhos marejados, e essa foi a última imagem que teve do antigo patrão: o velho entrando no ônibus, meio encurvado, a cabeça quase toda branca, as costas magras, o casaquinho de lã desbotado enquanto a filha segurava com uma das mãos a bagagem e com a outra tentava amparar o pai para que não tropeçasse ao subir.

Depois o ronco do motor encheu o largo e o ônibus partiu.

O novo dono, que talvez não tivesse chegado ainda aos cinqüenta

anos mas que parecia ter bem mais, com seus óculos de lentes grossas e cara em forma de triângulo que terminava num queixo pontudo e minúsculo, parecia permanentemente desconfiado, inspecionava todos os recantos, passava e repassava a mercadoria e o estoque, examinava sem qualquer discrição a escrita do Jurandir, cravando-lhe vez por outra uns olhares agudos como a dizer: "Toma tento que eu estou te vigiando".

O Jurandir podia se ressentir desse exame, afinal não transgredira sua conduta toda a vida e não seria agora, quando já exibia chumaços de cabelos precocemente grisalhos, que iria sujar-se por pouco — sim, o Jurandir podia ressentir-se, mas não se ressentia.

Conhecia-se. Era o quanto bastava.

O novo patrão? Bem, estava no seu direito de escarafunchar — pois que escarafunchasse!

— Ó seu Jurandir…

E o caixeiro Jurandir, de pé na porta do armazém — àquela hora da tarde vazio de fregueses —, voltava-se. No fundo do recinto, a figura miúda e triangular levantava a cabeça, assestando-lhe o brilho rigoroso de suas lentes grossas.

— Pois não, seu Lucas.

— Que é do estoque de rapadura? Não estou acertando com a coisa.

— Está tudo em ordem, seu Lucas. Está numas caixas aí no corredor de dentro.

— Porém não faltam rapaduras?

— Decerto que faltam, seu Lucas. Hoje pela manhã saiu meia caixa.

— Ah…

O Jurandir voltava a apoiar-se na parede e vigiar a rua poeirenta e deserta. Pois defronte ao Estrela Dalva havia uma rua pela qual, vez por outra, passava uma carroça chiando nos eixos com sua lentidão outonal, ou algum cachorro magro em trote miúdo. Mais adiante a praça, onde se erguia um grande pé de jambo e de tarde a meninada costumava reunir-se para fazer algazarra. Mas ao sol forte das duas horas tanto a rua quanto a praça permaneciam desertas, quase desertas, pois agora vinha atravessando o largo uma preta com uma enorme trouxa na cabeça e pelo final da rua um cavaleiro avançava a passo.

— Ó seu Jurandir…

E outra vez o caixeiro Jurandir, com sua calma de costume, virava-se para o fundo do armazém:

— Consta aqui uma encomenda de aviamentos feita pela dona Etelvina Manhães. Já se providenciou?

— Perfeitamente, seu Lucas.

— E onde estão os aviamentos, seu Jurandir?

— Ainda não chegaram, seu Lucas.

— Mas a dona Etelvina Manhães adiantou algum capital para a aquisição desses aviamentos, seu Jurandir?

— Não, seu Lucas, não carece. É pessoa de confiança.

— Fez mal, seu Jurandir. Sempre se pede um adiantamento. E se depois ela não fica com a encomenda? Fica-se com material encalhado cá no estabelecimento.

— Mas a dona Etelvina precisa dos aviamentos, seu Lucas, para o ofício de costura lá dela. Nunca deixa de pagar pelo que encomenda.

— Se o senhor garante, seu Jurandir, mas vou anotar: fica na sua conta, para o caso de um contratempo.

E o Jurandir, entre divertido e enfastiado volta-se para a rua, faz um gesto em resposta ao cumprimento do cavaleiro que agora cruzava defronte o armazém e se detém a contemplar a preta que passava com a trouxa. Outra não era que não a Dorinha, a mulata Dorinha de ancas largas e nádegas volumosas, que lavava a roupa das famílias mais abastadas e lhe fazia, a ele, homem casado e pai de dois filhos, divagar acerca de lençóis e pouca-vergonha, dizendo-se de si para si mesmo "ainda pego essa crioula".

— Ó seu Jurandir!

— Sim senhor, seu Lucas.

— Encontrei aqui uma anotação de débito, se não me engano.

— Débito, seu Lucas?

— Outra coisa não me parece, seu Jurandir.

O caixeiro Jurandir se aproxima devagar, espiando o papelucho que o patrão exibia.

— Diz aqui: "duas cocadas e três marias-moles. Seu Isidoro". Parece que os doces não foram pagos.

— Hum… e onde estava esse papel, seu Lucas?

— Cá, perdido no fundo da gaveta, seu Jurandir.

— Sim… estou me lembrando… a data?… ah, faz mês e meio… sim, seu Lucas, foi o menino Olímpio, filho de seu Isidoro, quem apanhou aqui, e eu anotei. Seu Isidoro, antes de se mudar, veio acertar as contas, mas creio que esses docinhos eu acabei esquecendo de cobrar… vai ver porque o papelzinho estava no fundo da gaveta.

O homem da cara retangular torceu o nariz. Fungou. Jurandir, as mãos nos bolso da calça, ergueu-se na ponta dos pés por um momento.

— Fica então descontado do seu salário, seu Jurandir, o valor dos docinhos do menino Olímpio.

Entretanto um vento remoinhou na praça, folhas secas e poeira subiram no ar em círculos e uma mulher gorda que atravessou a rua lá adiante teve de levar a mão aos olhos.

Em algum lugar escutou-se uma súbita algazarra de crianças, na praça

o redemoinho durou um só instante e a mulher gorda alcançou o outro lado sem maiores percalços.

O dia parecia suspenso entre as curvas do tempo.

O sol como que tinia nas vidraças.

05 de março de 1929

A manhã brilhava, prometia calor, talvez até mesmo chuva para a tarde: nem dez horas ainda e dona Agostiniana já sentia as faces em fogo. Por isso se levantara cedo: era o hábito, às seis já estava na roça — sua rocinha, a bem dizer uma horta, pois sendo já de certa idade e viúva não tinha forças para muito, bastando-lhe para seu próprio consumo. Mas sem titubear: cedinho e já havia molhado os canteiros, adiantara a capina, replantara mudas, e agora, enxadoca no ombro a caminho de casa, ia descansar, pois na hora do calor o que mais podia fazer?

Chegando iria tomar seu café reforçado, de mistura um angu frito na gordura de porco, sem contar uma broa assada em forno a lenha, feita na véspera; pelo costume, cedinho, o desjejum apenas a canequinha de café puro pra não fazer peso no estômago e produzir fastio.

Mas dona Agostiniana não andava só: afora a companhia de Deus Nos'Sinhô, no seu encalço Boca Negra, uma cachorrinha de pêlo amarelo e focinho alongado, muito sagaz no tomar conta do quintal e da casa: à noite mostrava respeito, pequena mas valente; e a qualquer hora, vendo algum bicho do mato ou pressentindo a aproximação de alguém, avançava e pegava, não fosse dona Agostiniana contê-la, "Boca Negra, s'aquiete!", no que então a cachorra continha sua investida.

No terreiro as galinhas percebem a aproximação da dona, enchem o ar de cacarejos à espera do milho matinal, e dona Agostiniana entrando em casa sai um minuto depois com um caldeirão pela alça: as penosas se acercam, espiam com um olho, com o outro, na expectativa, e dona Agostiniana goza aqueles momentos feito uma criança a quem se dá um brinquedo. Para ela era o mesmo brinquedo todos os dias, sempre com sabor de novidade: às mancheias o milho jorra e à parte Boca Negra vigia como se dependesse dela a concentração das aves à cata dos grãos que a velha vai derramando.

— Êh, shhhhôôôôôô! — a velha bufa, limpando o suor da testa com a barra do avental. — Êh, calor, valha-nos Nos'Sinhô J'sus Cristo!

E se encosta na parede, à sombra, para um descanso, um respirar mais folgado enquanto as galinhas, bicando os últimos grãos, vão se espalhando e Boca Negra olha a dona como quem diz "e eu?", certa porém de que os sobejos vão parar em sua panelinha, acostumada aos nacos de angu frito e

farelos de carne que dona Agostiniana separa para ela. Boca Negra? Uma boa cadela, embora aquele jeito arisco.

E súbito se atira: lá vai ela, contorna a casa feito uma flecha, nas grotas o eco dos latidos — alguém vinha, devia estar vindo, que Boca Negra não dava alarme à toa. A cachorrinha regressa, a língua de fora, o rabo abanando, e um minuto depois aparece a Leonor, filha mais nova de dona Agostiniana, com a pequena Marlene, por apelido Leninha, oito anos completados há coisa de mês ou pouco menos.

— Calculava que vinha mesmo alguém — diz dona Agostiniana —, que a Boca Negra não é de bobeira.

— Abença mãe…

— 'S te abençoe, minha filha. E como vai essa levada? — dona Agostiniana curvando-se para a pequena.

— Toma a bença a vovó, Leninha.

— Abença, vovó — e Leninha estende a mãozinha encardida para a velha.

— 'S te abençoe e te guarde, pequena — e a avó aperta a mãozinha da neta, botando reparo: — Mas que mão suja, carece já-já de ir lavar lá na bica, senão não tem café com broa.

— Vai lavar a mão na bica, Leninha — ordena a mãe, e a criança sai trotando.

— Vam'entrar, Leonor. Tome assento.

— Na vinda passei pela casa de seu Isidoro mais dona Luzia.

— E como estão? — dona Agostiniana desocupa a mesa de umas tralhas, estende toalha limpa, põe três canequinhas de ágate…

— O pequeno anda com tosse, dona Luzia mandou pedir se a senhora não dá uma passada por lá mais tarde pra ver ele.

— Há de ser coisa de criança, constipação boba, mas eu vou sim, e levo um xarope. Outro dia mesmo cozinhei uma folhas de agrião, parece até que eu estava adivinhando.

…e agora traz o bule de café, um pote com açúcar preto, a leiteira.

Leninha entra secando as mãos no vestido.

— Tem broa de ontem, mas eu prefiro mesmo é uns pedaços de angu frito na gordura, inda de manhãzinha mexi uma panela…

— Mãe — começa a Leonor, ressabiada —, vim conversar um assunto com a senhora…

A velha punha a frigideira na trempe, a banha de porco principiando a esquentar:

— Pois fale, cá estou escutando.

— É que eu mais o Adelino estamos resolvendo mesmo ir embora…

— Ir embora? — e a velha que revirava as fatias na fritura vigiou a filha com o olho alarmado. — Mas ir embora pra onde, Deus do céu!…

Há que tempos você não fala disso… e agora me vem de novo com essa idéia!

— Pois é, mãe… Mas acontece que a vida anda apertada… Adelino, coitado, labuta que só, mas não tem uma melhoria…

— Caduquice de vocês, Leonor, caduquice…

— N'é não, mãe…

— Caduquice sim senhora. Eu vivi minha vida toda nestes sertões, aqui casei e aqui tive uma dúzia de filhos, e nunca faltou pra nenhum de vocês o de comer e o de vestir… eu labutava, o falecido labutava, que a vida é essa mesma, a lida é dura pro pobre, mas nesta terra o de comer não falta… há fartura… que mais que vocês estão querendo?

— Adelino acha que fora daqui a gente melhora…

— Melhora, melhora… olha lá que vocês vão é dar cabeçada na vida…

— Credo, mãe, com a senhora agourando é capaz mesmo…

— Não estou agourando, Leonor, o que desejo é o melhor pra vocês e pra pequena… espia, os seus irmãos… estão por aí, espalhados, uns mais perto, outros mais arredados, mas nenhum meteu na cabeça a idéia de ir embora… e ir embora pra onde?

— O Adelino tem uns conhecidos, calha que são até parentes, no Rio de Janeiro…

— Rio de Janeiro?… Vocês 'stão bobeando, Leonor?

E a velha se volta para o fogão, atiça o fogo mexendo na lenha, o angu tosta na gordura e dona Agostiniana tira a frigideira da trempe. Com uma colher de pau pega as fatias luzentes de gordura e transfere para um prato de alumínio.

— Aqui está… pode se servir… a broa é de ontem, mas está boa. Tem de adoçar o café.

— Então, mãe?

— Então o quê?… Quer que eu diga o que penso?… Que você mais o Adelino estão é bobeando.

— Acho que não, mãe, o Adelino andou por lá no começo do ano… esteve com a gente dele… eles disseram que se ele for, arranjam serviço com ordenado certo…

— Vocês nunca passaram falta das coisas aqui…

— Isso não, mas também não se vê melhoria…

— Ora, melhoria!… A vida é o que se vê… é assim mesmo… suas dificuldades… aqui ou em qualquer outro lugar…

— A gente vem visitar a senhora…

— …e estando aqui, estão perto dos seus… eu cá estou pra qualquer necessidade… tem os irmãos, sempre prontos pra ajudar… numa carência qualquer… agora, querem ir, vão, mas depois não digam que não avisei…

— Na cidade grande tem mais recurso, mãe…

— Por que o Adelino não fala com seu Lero?… Às vezes arranja um quefazer lá no armazém dele…

— Seu Lero paga pouco e não tem vaga pra mais um empregado… Adelino já procurou saber… também, num lugar que nem esse, aonde um serviço que pague melhor?… Não tem.

— Bota café pra Leninha, e toma o teu café também, conversa fiada não enche barriga.

— Vem sentar aqui também, mãe… senão eu fico sem jeito… eu sabia que a senhora ia dar pra trás… desencorajar a gente…

A velha perdera a fome.

A filha com aquela idéia de irem embora, inda mais pra cidade grande, era coisa que a tirava do sério. Já de algum tempo andavam pensando em aventurar-se, comentaram, sondaram a velha, que logo foi contra. Então se aquietaram, transcorreu o tempo, mas no começo do ano o Adelino fora ao Rio bispar e dona Agostiniana desconfiou: ali tinha coisa, mas como ele voltara sem dizer nada de definitivo a velha chegara a pensar que haviam desistido. Mas agora olha a Leonor trazendo de volta aquela história. Aquilo devia ser idéia do Adelino, que quando encasqueta uma coisa na cabeça…! A Leonor por si mesma certamente não iria.

Assim mesmo dona Agostiniana foi sentar-se à mesa com a filha e a neta. Leninha bebia o café aos golinhos, e mordia a fatia de broa com os olhos grandes fitos na cara da velha.

— Não quero desencorajar ninguém… se querem ir, é o que digo, vão… peço a Deus que os acompanhe… mas aprovar eu não aprovo…

— A gente vem ver a senhora… e trazer a Leninha, mãe…

Dona Agostiniana não dizia nada. Sentia um aperto no peito: família tem de estar sempre unida, dizia, embora com toda dificuldade na união sempre se dá um jeito; mas depois que estivessem longe, e se tudo desse errado? E mesmo que não desse, sempre haveria de surgir uma dificuldade ou outra para impedi-los de voltar, mesmo que a passeio, mesmo que só pra ver a velha mãe e trazer a neta para tomar a bença…

— …além do mais a senhora não fica sozinha, os manos estão por aí… o Albertino mesmo, não mora ao pé daqui?… em três pernadas a senhora vai lá, ou ele vem cá…

Dona Agostiniana não disse palavra. Uma coisa era a filharada toda estar por ali, uns mais pertos, outros mais longe, mas por ali… outra coisa era essa filha, logo a mais nova, logo sua caçula, querer botar-se para o Rio de Janeiro… uma lonjura que ela nem calculava… quase um dia de viagem… ou mais?… nem sabia… e aquilo remoinhava em seu peito, numa agonia.

Bebeu um gole de café puro, quente, doce, mas não sentiu o gosto.

— Eu não posso falar nada — disse depois de um tempo —, eu sou a velha… já não presto…

— Não diga isso, mãe, que a senhora presta sim, e sabe disso!

— …meu tempo já se foi… não quero dar pra trás não… abençôo a viagem de vocês, se resolverem mesmo ir… mas não é do meu gosto, não posso dizer que seja se não é…

Fora, no terreiro, uma galinha passou cacarejando.

Boca Negra latiu mais longe, na direção da bica.

A porta entreaberta era uma nesga de luz, a intensa claridade de um dia de sol.

6 de abril de 1990

O velho Paulino abriu a janelinha de ripas de sua maloca e espiou para fora com algum desânimo.

Fazia frio naquela manhã — um frio inesperado para aquela época do ano —; chovera durante a noite e o céu permanecia nublado numa constante ameaça de novo aguaceiro. A mata acordava com o costumeiro canto dos pássaros, algumas galinhas ciscavam pelo terreiro e um cachorrinho de pêlo fulvo, ouvindo movimento no barraco, veio se aproximando.

O velho Paulino espiou o relógio no caixote que servia de mesinha de cabeceira, o que fazia por hábito pois não se esquecera de que o relógio havia parado de trabalhar no mês anterior e desde então, mesmo que lhe desse corda, recusava-se a mover seus ponteiros. Pensou que naquela manhã talvez pudesse deixá-lo no relojoeiro, "caso tenha jeito" diria como que antecipando o que já sabia: aquele relógio não trabalharia mais, havia durado dez anos, muito para um maquinismo barato feito quase totalmente de engrenagens de plástico, "mas não custa tentar" consolou-se enquanto destramelava a porta, abrindo-a com cuidado — era preciso cuidado porque as dobradiças, mal seguras, cederiam facilmente a um movimento brusco. Fechar a porta não passava de um ato de retórica, pois, de tão frágil, até mesmo o cachorrinho fulvo seria capaz de deitá-la abaixo num encontrão mais forte — porém o velho Paulino, mesmo sabendo disso, ignorava o que fosse "retórica", e procurava justificar a porta fechada para evitar que algum bicho do mato invadisse o barraco, "calha que uma cobra venha se enroscar debaixo da cama" dizia consigo mesmo.

Saiu para o terreiro. Precisava de gravetos para acender o fogo e ferver a água do café pois chegara tarde na véspera, esbarrondado, sem ânimo para mais nada: mal engoliu um macarrão frio, sobra da véspera, caiu na cama e dormiu de um sono só.

Afagou a cabeça do cachorrinho fulvo que lhe fazia festas, "agora você vai comer, Moleque" disse com um sorriso de poucos dentes, e aproveitou também para esparramar punhados de milho aqui e ali, "prrrrrrr…

prrrrrrr…", atraindo uma dezena de penosas que chegaram com alvoroço, bica-que-bica.

Entrou no barraco com o punhado de gravetos, encontrou no canto do fogão uns pauzinhos mais grossos, uma garrafa com querosene e uns trapos. Fez fogo, a água não tardou a ferver, o cheirinho do café fresco encheu o cômodo estreito.

…Mas de longe chegava o rumor da cidade…

O velho Paulino, antes de comer, teve pena do Moleque: misturou na panela o que sobrara do macarrão, amoleceu o angu num pouco de água morna, misturou uns restolhos de carne "pra dar um cheiro, menino, um gostinho melhor" e o cachorrinho de pêlo fulvo atacou.

Bem, jeito não tinha: mesmo desanimado tinha de descer o morro, apanhar sua carrocinha no armazém do Lobato, lá embaixo à beira do asfalto, e percorrer as ruas da cidade catando papel, papelão, revistas e jornais velhos, o que encontrasse — era assim que ganhava a vida, e teria de continuar nessa lida enquanto a aposentadoria não fosse liberada; lembrou-se então de dar uma passada no contador para saber do andamento do processo, o contador era hábil, prestimoso, e não cobrava muito caro, mas estava como todo mundo sujeito aos prazos: "Quem manda é o governo, seu Paulino" dizia o homem, "o processo já seguiu com todos os documentos e demais requisitos em dia, mas quem manda é o governo. Volte lá pelo dia 15".

A venda de papel para reciclar rendia alguma coisa, permitia-lhe sobreviver pois não era homem de exigências, mas a canseira era grande e quando vinha da cidade os caraminguás apurados ficavam quase todos no Lobato, um velho camarada a quem conhecera pequeno quando ele próprio, Paulino, não era ainda bem adulto, e pensando naqueles tempos o velho Paulino reconhecia que a vida não lhes fora muito favorável.

O Lobato subia às vezes para um bate-papo, principalmente quando fazia compras, com a desculpa de ajudá-lo a carregar as sacolas, e nas noites claras ficavam de prosa os dois, sentados num banquinho embaixo de um abacateiro enquanto escutavam o ronco dos motores ao longe, no asfalto, e os ruídos da mata em sua volta. O comerciante era casado e tinha uma penca de filhos, nove, dez contando com unzinho que morrera antes de completar uma semana de vida. O outros haviam crescido bem, e restavam solteiras apenas as duas meninas mais novas, que ainda viviam com os pais. Uma noivara no início do ano, o casamento marcado para setembro, mas a Jura, sua afilhada, mais atirada, arranjara um filho por aí, ninava seu pirralho displicentemente e não sabia o que fazer da vida, "pois o tralha, seu Paulino" queixava-se o Lobato, "o tralha mal leva uma lata de leite ou uns paninhos pra umas fraldas, isso quando leva".

O velho Paulino não se casara e não sabia se tinha algum filho perdido pelo mundo, e agora, aos sessenta e cinco anos, só se queixava do cansa-

ço que sentia e de não ter alguém para ajudá-lo na lida, pois a solteirice nunca o incomodara. O Lobato implicava às vezes: "Você precisa arranjar uma mulher, compadre", e aventava: "A dona Jacinta não serviria? Se bem que ela é bem mais nova… mas isso que importância tem? Importa é que é uma dona sacudida e de boas cores, ainda forte pra lida de casa… e pra outras coisas também, que ela decerto não enjeita… coisa que além do mais um homem necessita…"

O velho Paulino, sentado num toco, punha-se a imaginar: essa dona Jacinta quereria morar com ele ali, naquele barraco, no meio do mato, ela que era proprietária de uma casinha bem boa lá embaixo? Pois ele não descia, isso é que não: passara sua vida no meio do mato — quando mais moço morava mais lá para baixo, mas com o tempo alguns barracos foram se aproximando do seu, ele percebeu com desagrado essa aproximação abusada e se ressentiu; vai um dia vendeu seu zinco para um nordestino que resolvera empoleirar-se por ali e subiu mais, galgou um pouco mais o morro, mas com os anos viu que uma vez mais as mansões de tábua vinham se avizinhando… Há quase dez anos mudara-se pela quarta vez, e agora (dizia consigo) seria definitivo: avançara mata adentro, subira o máximo que podia, pusera um riacho e umas massas enormes de rocha entre sua maloca e o "povo lá de baixo" como costumava dizer, e dali do alto avistava os tetos de zinco ao longe. Há quase dez anos não tinha ainda aquela dor nas cadeiras que hoje o incomoda até para dormir, e foi com disposição que abrira uma clareira naquele lugar, levantara dois cômodos exíguos com restos de andaime que conseguira numa obra e uns troncos tirados ali mesmo, soltara umas galinhas na clareira que se convertia em quintal e o cachorrinho de pêlo fulvo chegara uns meses depois, filhote recém-desmamado… "Trabalhar no asfalto, sim" murmurava, "empurrar o carrinho de um lado para outro rua afora catando papel enquanto a aposentadoria não sai, tudo bem… mas ir viver no meio daquela bagunça…" e suspirava: "Isso é que não".

Como não desse resposta, o compadre adiantava: "Já andei sondando… acho que a dona Jacinta estaria disposta… ela também é sozinha… tem o filho, mas este vem pouco pois com a família que tem não sobra tempo… de forma que…"

O velho Paulino considerava: a dona Jacinta estaria disposta… a quê? A amasiar-se com ele ou a entrar na mata e subir o morro? Ou quereria que ele descesse pra casinha dela? Numa dessas ocasiões disse ao Lobato:

— Até podia ser… mas ela não ia querer subir pra cá… e morar lá embaixo eu não vou…

— Quem sabe?… Duma boa conversa ninguém escapa… E era até bom pra ela, que alugava lá e ainda ganhava uns cobres… eu mesmo alugava a casinha dela pra minha menina que vai casar e ainda não tem moradia arranjada…

O velho Paulino agora metia os pés nas botinas corroídas, puxava a porta do barraco, dava um coque na cabeça do Moleque que para ali ficava, espiando o dono que descia pelo trilho rumo ao asfalto. O cachorrinho espiava até não vê-lo mais, depois permanecia espiando o caminho vazio ainda por alguns minutos, por fim procurava um bom lugar para deitar-se, gozar o pouco de sol daquelas manhãs úmidas e frias… Enquanto isso o velho Paulino ia descendo, percorrendo a trilha que anos atrás abrira, sinuosa e íngreme e que, com o tempo, não deixara de ser sinuosa mas cujas asperezas foram aplainadas por seus pés, suas botinas cotidianas, seu diário transitar…

16 de agosto de 1965

Vozerio.

Atmosfera impregnada de fumaça e do cheiro enjoativo de bebida barata.

Semi-obscuridade.

No salão ao lado não: havia as mesas de roleta, de carteado, a um canto duas sinucas onde duplas disputavam as bolas, o giz azul na ponta dos tacos, as exclamações de "suicídio" seguidas de gargalhadas. Uma mixórdia: uma mixórdia, porém, bem iluminada.

Mas naquele recinto enevoado e abafadiço a mixórdia disfarçava-se na penumbra.

Mesas.

Pessoas.

Uma vitrola tocando uns discos velhos que ninguém fazia questão de escutar.

O bar ao fundo, prateleiras cheias de bebidas, um balconista e um *barman*, ambos com aspecto de sujeira. O balconista, um sujeito miúdo e muito jovem, mas de uma juventude desgastada pelas noites em claro, não saía de trás do balcão; já o *barman*, com seus quase quarenta anos e uma barriga um tanto proeminente, transitava entre as mesas, atendendo a uns e outros, trocando um dedo de prosa aqui outro ali e, em alguns momentos, detendo-se, parando e olhando em volta como que satisfeito da vida.

Noite de sábado: todas as noites de sábado eram assim.

Numa das mesas alguns rapazes embriagavam-se pouco a pouco misturando cerveja, vinho e torresmos.

Eram moços — o mais velho talvez não tivesse ainda trinta anos.

Os dois mais corpulentos seriam estivadores, os músculos saltavam sob a malha encardida da camiseta e, num deles, denunciavam uma virilidade hircina, quase brutal. O outro assumia um ar de tranqüilidade como se nada pudesse perturbá-lo. Dois eram marinheiros: pele bronzeada, corpos

esguios e flexíveis, um deles quase um garoto, dir-se-ia ter completado dezoito anos há pouco. O último, um magrelo, parecia não pertencer ao grupo com sua aparência mais refinada, se não mais frágil. Falava pouco e olhava os companheiros com uma expressão algo crítica no rosto, e, ao contrário deles, que riam alto de qualquer coisa, mesmo porque o álcool lhes estimulava a hilaridade, permanecia quase sério, bebendo com cautela.

Um polícia entrou e se aproximou do balcão, o que produziu um momentâneo arrefecimento no ambiente que, contudo, no instante seguinte retomava seu ar tumultuário.

O polícia sentou-se num dos tamboretes junto ao balcão e recostou-se, observando o ambiente. O *barman* saiu, atravessou uma portinha nos fundos do salão, demorou-se não mais de três minutos e voltou aproximando-se do polícia, que murmurou "o de sempre".

Um copo sobre o balcão, uma bebida forte até o meio, o polícia demorando-se mas por fim, sem desviar os olhos do ambiente, com ar sonhador, estendeu a mão — sem olhar — e apanhou o copo levando-o aos lábios.

Bebericou.

Na porta dos fundos um homem gordo de meia idade apareceu e fez sinal ao *barman*, que correu a atendê-lo. O homem gordo entregou-lhe um envelope e voltou para dentro, fechando a porta. O *barman* aproximou-se do polícia, fez deslizar o envelope sobre o balcão. O polícia permaneceu como estava por um longo minuto, depois voltou-se, ajeitou-se no tamborete dando as costas para o salão. Apanhou o envelope e fê-lo desaparecer tranqüilamente no bolso interno do casaco.

— Movimentado hoje — comentou.

— Sim, senhor — concordou o *barman* —, é que é sábado — acrescentou, informação aliás inútil pois o polícia conhecia bem o lugar.

— E está quente — o polícia completou.

— As praias estiveram cheias hoje — disse o *barman*, subitamente feliz, conquanto não estivesse bem certo do motivo de sua felicidade.

O polícia terminou de beber, pôs-se de pé e espreguiçou-se.

— Terminando o expediente hoje, inspetor? — tornou o *barman* apanhando uns copos e começando a lavá-los sob o jato da torneira.

— Hum-hum — fez o outro com certo descaso. — Já são o quê?, nove horas?

— Quase dez — respondeu o *barman*.

— Hoje não posso me demorar — disse o polícia ajeitando o chapéu. — Bem que gostaria… — e curvando-se para o rapaz: — Ela tem vindo?

— Não, ultimamente não…

O polícia pareceu decepcionado.

— Deixe-me ver — disse o *barman* pondo-se a refletir —, faz três semanas que não aparece… isto mesmo, três semanas.

O polícia agora tinha as mãos nos bolsos da calça e, contemplando o ambiente, parecia meditar no que acabara de ouvir. Era um homem grisalho, não chegava a ser corpulento nem alto mas tinha presença. Baixou a cabeça olhando para o bico dos sapatos um tanto ralados de andar por aquelas ruas de calçamento rústico e em seguida ergueu a cabeça, olhou direto para frente, sentou-se outra vez no tamborete.

— O senhor parece gostar dela, inspetor — arriscou-se o *barman*.

O polícia não se dignou a responder. Não seria muita intromissão daquele sujeitinho em sua vida? E se gostasse, o que tinha ele a ver com isso?

"Não tenho podido vir" murmurou consigo mesmo, pensando que *ela* também só aparecia às vezes e por isso raramente se encontravam. A bem dizer, só haviam se encontrado umas três ou quatro vezes.

— Sabe que eu não entendo aquela dona, inspetor? — disse o *barman* arrumando os copos, um por um, no aparador.

O polícia gira o pescoço e olha brevemente para o outro.

— É uma granfa — ele diz —, a gente logo vê… devia de andar só por lugares chiques, e no entanto…

O polícia fez um bico.

Respirou fundo.

— Tem gente assim mesmo, rapaz — disse por fim —, querem conhecer coisas diferentes daquilo a que estão acostumados.

— Só se é isso — disse o outro.

O polícia não prestava mais atenção ao *barman*, não se importava com a sordidez do ambiente — à qual estava habituado por força da profissão, por força também de sua posição social —, já não estava ali…

…Pois a noite em que a conhecera não lhe saía da cabeça.

Apaixonara-se?

Não, era um homem vivido, não se apaixonava assim com essa facilidade, feito um colegial, mas não podia negar que aquela mulher tinha qualquer coisa…

— E olha que não é nova não — disse.

O *barman* curvou-se:

— Como disse, inspetor?

O polícia encarou o rapaz, ajeitando-se no tamborete. Voltou a encostar-se no balcão.

— Mais uma dose. Eu não disse nada.

— Sim, senhor, é pra já — e apanhou um copo e uma garrafa.

Luciana. Esse o nome. Cinqüenta anos bem vividos, os sinais do tempo não permitiam esconder a idade mas a beleza conservava-se, seu tanto fenecida, mas ainda estava ali, nas feições, no corpo que já não exibia frescor porém carnes ainda rijas, nos cabelos tingidos mas sedosos e brilhantes, nas mãos finas onde cintilavam anéis, nos dentes — estes sim — perfeitos.

O polícia levantou-se do tamborete.

Deu alguns passos pelo salão.

Aproximou-se de uma das paredes e pôs-se a observar um pequeno quadro no qual o rosto enérgico mas tranqüilo de um homem de quarenta anos parecia devolver ao espectador seu olhar sereno e penetrante — fotografia ruim de jornal que o dono do estabelecimento mandara emoldurar, e cuja legenda dizia:

O deputado Olímpio Vilar desafia

Mas o papel estava manchado de tinta nesse ponto e não era possível ver em que consistia o desafio do dito deputado.

O balconista aproximara-se do polícia e, mantendo-se a um respeitoso passo de distância, também observou o quadrinho.

O polícia voltou-se e deu com ele.

— É o retrato de um figurão, inspetor…

— Sim, Juvenil — disse o inspetor com enfado —, um deputado da esquerda. Já conheço a história: seu patrão tem simpatias comunistas.

— Pois é, inspetor, o senhor sabe… Então ele achou esse retrato no jornal e mandou botar na moldura.

— Nos dias que correm isso é perigoso, Juvenil.

— Eu sei, inspetor… eu até já disse isso a ele, mas não adianta.

— Ele pode acabar preso por causa de quadrinho aí. Esse deputado anda aprontado e pode ser preso também.

O polícia deu um suspiro.

— Vivemos um tempo em que mesmo certos cargos não são garantias…

— É a mais pura verdade, inspetor — o balconista confirmou, com ar de submissão.

O inspetor deu mais uma espiada no quadrinho, olhou em volta segurando o copo displicentemente com o braço pendido. Por fim virou as costas ao balconista e retornou para junto do balcão, sentando-se mais uma vez no tamborete. Estirou as pernas, recostou-se, suspirou lembrando-se daquela noite…

"Ela estava mesmo aqui, quando entrei. Então começamos a conversar…"

— Mais alguma coisa, inspetor? — o *barman* curvando-se para o polícia.

— Não, rapaz, não… só estou lembrando…

— Ah — fez o *barman* —, lembrando dela, na certa…

Mas o polícia distanciava-se outra vez.

Sim, lembrava-se dela…

"Não, não era novinha não… mas que fogo!" pensou bebendo o pouco que restava no copo. "Que fogo!…"

Depois daquela noite, fazia uns quatro meses, vira-a duas ou três vezes, não mais, mesmo passando por ali com certa freqüência, ou nas sextas-feiras, ou nos sábados, vez por outra nos domingos. Agora ficava sabendo que três sábados atrás ela estivera ali novamente, "deve ter sido aquela noite em que…", e soltou uma praga, irritado.

— Pois não, inspetor — o *barman* aproximou-se.

— Não pedi nada, rapaz — respondeu o inspetor. — Não pedi nada…

Porém não podia demorar-se mais.

Levantou-se, ajeitou o chapéu mais uma vez:

— Apareço quando der, rapaz — disse voltando-se para o *barman* —, pelo visto as coisas estão tranqüilas hoje.

— Sim, senhor, estão.

— Pois que continuem assim — e saiu sem se apressar.

Já os rapazes em sua mesa bebiam cada vez mais — excetuando o magrelo, que se portava com comedimento e por isso não se embriagava. Porém o clima agora parecia tenso, um dos sujeitos corpulentos — o de virilidade hircina, já um tanto alcoolizado — tinha o cenho franzido e as mãos rústicas e fortes fechadas sobre a mesa.

— Se eu botar minhas mãos nele… — dizia.

— Não se exalte, Leopoldo — disse o outro sujeito corpulento, com uma pachorra que lhe era natural. — Se você botar as mãos nele, ele não vai ficar quieto…

— Mas se ele ficar quieto nem tem graça — disse o que se chamava Leopoldo.

O magrelo ouvia as ameaças do companheiro de mesa com um olhar cada vez mais crítico, enquanto os dois marinheiros pareciam divertir-se.

— Afinal, minha irmã, minha pobre irmã — continuava Leopoldo com uma expressão penalizada, que se sucedia à carranca de poucos instantes atrás.

— Sua irmã é mulher, Leopoldo — disse o sujeito pachorrento. — Essas coisas acontecem.

— Mas não na minha família — e o sujeito exaltou-se novamente, pondo-se se pé, fechando os punhos e fazendo gestos ameaçadores, como se a pessoa em quem ele queria "botar as mãos" estivesse ali.

Os demais, excetuando-se o magrelo, também se ergueram e o fizeram sentar-se outra vez, com brandura, para acalmá-lo.

— Toma mais uma, Leopoldo — disse um dos marinheiros —, que assim você se acalma.

Nesse momento o magrelo se levantou, tocou no braço do mais jo-

vem, fazendo-lhe sinal para que o acompanhasse. Afastaram-se em direção do balcão.

— Que quer, Ricardo? — perguntou o marinheiro ao magrelo. — Quê que há?

— Não é o que vocês estão pensando — disse o magrelo debruçando-se no balcão e acenando para o *barman*, que então se encontrava nos fundos do estabelecimento. — Eu o conheço bem.

— Não é o que estamos pensando? Então o que é?

O *barman* aproximou-se.

— Me traz uma colher de chá de bicarbonato em meio copo dágua.

— Então, do que se trata afinal?

O magrelo, cujo nome era Ricardo, fez-lhe um sinal com a mão, que esperasse um pouco enquanto vinha o bicarbonato.

— Não posso com essas bebidas fortes — disse. — Olhe que só bebe-riquei e já estou com acidez, o estômago embrulhado.

O outro esperava.

Ricardo bebeu de um só gole o bicarbonato.

— Escuta — disse, inclinando-se ligeiramente para o companheiro e olhando de rabo de olho na direção da mesa onde os outros conversavam com o grandalhão chamado Leopoldo, tentando acalmá-lo. — Ele tem é ciúmes da irmã — disse.

— Como?

— Ele e a irmã… você entende…

— Não! É verdade o que você está dizendo?

— Ora, se é verdade, eu ia brincar com uma coisa dessas?

— Meu Deus!…

— Ele come a irmã desde que ela tinha doze ou treze anos. Ela agora tem vinte e está grávida…

— Dele?

— Não, de um cara aí, um namorado que ela arranjou.

— Mas como você pode afiançar que é do namorado e não do irmão?

— Porque eu sei… faz cerca de um ano que eles não têm mais nada… que ela não deixa mais, entende?, ele trepar com ela…

— E ele aceitou isso assim?

— Enquanto ela ficava sozinha, ele se conformou…

— Mas depois que arranjou um namorado… — o outro disse à título de complemento.

— Sim, depois disso ele se tornou ciumento, ou melhor, agressivo, porque ciumento sempre foi.

— Mas ele não bate nela…

— Não, falta-lhe coragem para isso… mas faz ameaças, principalmente quando bebe.

— Então ele nunca a forçou… foi por vontade dela também!…

— Foi, desde o começo. A menina, nova, já era uma pestinha… Mas com a idade foi ganhando juízo, ou, sei lá…

— Enjoou do irmão e quis parar?

— Não, acho que ganhou foi juízo mesmo… parece que pensa em se casar e ter família… e como não pode casar-se com o próprio irmão…

— Mas afinal como é que você sabe de tudo isso?

— Eu conheço Leopoldo desde criança… éramos vizinhos naquela época, quando eles começaram… ele é cinco anos mais velho que a irmã… como eu disse, éramos vizinhos, depois foi que eu me mudei de lá, mas até então… daí que ele me contava tudo, tinha confiança em mim por sermos muito ligados.

— Os pais pelo menos suspeitam?

— Não.

— Ela nunca engravidou dele?

— Há dois anos aconteceu…

— Jesus! E então?

— Ele levou a irmã numa mulher… fizeram tudo escondido… ela passou mal alguns dias, mas dizia pra mãe que era do estômago, que havia comido umas coisas… depois ficou boa.

— Quem poderia imaginar uma coisa dessas!

Nesse momento os dois rapazes perceberam a presença de alguém, uma mulher que acabava de entrar e se aproximava do balcão.

Uma mulher de porte, se bem que não chegasse a ser alta; vestia-se de uma forma que noutra seria vulgar, mas que lhe caía bem: um vestido vermelho próprio para a noite, mas não para aquele ambiente sórdido; uma bolsa de couro importada combinando com os sapatos de salto agulha, brilhantes em seu negro verniz, e nos dedos rebrilhavam anéis (seriam verdadeiros? perguntar-se-ia quem atentasse para eles, pois então ela não temia ser roubada?).

Tinha os cabelos longos, decerto tingidos pois era visível no rosto bonito e fenecido que ela não era uma mulher jovem, senão que já alcançara os cinqüenta anos, mas mesmo assim exibia formas capazes de despertar a cobiça dos homens.

A mulher chegou ao balcão e já o *barman* acudia:

— Dona Luciana, que surpresa…!

—Já lhe disse, meu jovem, para não me chamar de dona. Faz-me lembrar que já não sou moça, incomoda-me. Luciana, apenas…

— É que eu não me acostumo, sabe?, a senhora…

— Ora, ora, deixa pra lá — atalhou a mulher. — Traga-me uma bebida, das fortes, mas à sua escolha.

— Sim, senhora — e o *barman* apanhou uma taça e extraiu uma gar-

rafa de um canto da prateleira que parecia especial por seu rótulos chamativos. — Deste a senhora vai gostar.

— E o que é?

— Absinto.

— Ah… boa escolha, rapaz, muito boa escolha — e a mulher parecendo só agora prestar atenção no marinheiro e no sujeito magrelo, piscoulhes um olho. — Os rapazes me acompanham?

— Eu infelizmente não… — disse o magrelo.

— Eu acompanho — disse o marinheiro, e fez um sinal ao *barman*: — O mesmo para mim. — Voltando-se para Luciana: — Mas eu pago.

— Numa outra ocasião — respondeu ela com um sorriso —, não hoje, pois fui eu a convidá-los.

O marinheiro tentou protestar.

— Não me vá fazer essa desfeita — ela disse em tom incisivo e com um sorriso convincente.

O jovem pareceu vencido e sorriu.

— E como é que vocês se chamam?

— Eu sou Pedro — disse o marinheiro —, ele se chama Ricardo.

— Pedro e Ricardo — Luciana olhou a bebida esverdeada contra a luz antes de beber —, gostei dos nomes. Gostei de vocês. Talvez pudéssemos sentar, parece que há uma mesa vaga lá atrás.

— Não é má idéia — disse o marinheiro.

— Então está decidido. Vocês são uns amores aceitando fazer companhia a uma mulher solitária e triste como eu — e fez um sinal ao balconista, que vendo-a entrar aproximara-se sem, contudo, apressar-se: — Traga-me a garrafa — disse-lhe —, e também alguma coisa salgada para beliscarmos.

O balconista sorriu, curvou-se, e os acompanhou até a mesa. Deixou a garrafa e, enquanto os três se acomodavam, voltou para o balcão, onde tratou de providenciar o resto do pedido.

— A senhora não parece triste — disse o magrelo.

— Não? Nem solitária?

O magrelo deu de ombros:

— Talvez… não sei… por estar sozinha num lugar como esse… mas não parece triste.

— Que bom que isso não está assim tão visível.

— Deveria estar? — perguntou o marinheiro.

— Ah, meu jovem… meu jovem… — balançou a cabeça com um sorriso erguendo um pouco os olhos. — Mas então você não bebe — disse para o magrelo, mudando subitamente de assunto.

— Não, senhora…

— Senhora, senhora… deixe-se disso, rapaz.

— Desculpe… não, não bebo. Bebi agora há pouco, mas não me senti bem… bebidas fortes não quadram comigo.

— Uma pena, pois a escolha do nosso amiguinho lá não podia ser melhor — e Luciana parecia encantada com a bebida, olhando-a ainda contra a luz.

— Esteve aqui hoje alguém que perguntou pela senhora — disse o balconista retornando e pondo sobre a mesa duas pequenas travessas, uma contendo torresmos, cubinhos de queijo e salgadinhos, e outra com pedaços de limão.

— Oh, e quem seria? — Luciana quis saber, agradavelmente surpresa.

— O inspetor Marinho, o policial.

— Ah, o Marinho… bem, é verdade que nos conhecemos há um tempinho… não há muito, certamente… um boa praça, como dizia meu pai. Que pena não encontrá-lo. Quando o vir, diga-lhe que mandei lembranças.

— Direi sim, sem dúvida — e o balconista sorriu, curvou-se brevemente num cumprimento respeitoso que não combinava com o lugar e se afastou entre as mesas.

O magrelo Ricardo espreitava a mesa onde se sentavam os outros: o sujeito conhecido como Leopoldo continuava bebendo, se bem que parecesse mais calmo. Ricardo, porém, que o conhecia, estava certo de que aquilo tudo não passava de uma tranqüilidade fugaz, pois a qualquer momento poderia explodir em sua fúria e provocar um escândalo: derrubar a mesa, atirar cadeiras para o alto, quebrar copos e garrafas até ser contido pelos seguranças da casa e posto pra fora aos pontapés — e era certo que Ricardo esperava alguma coisa assim a qualquer momento.

— Mas, meu menino — dizia Luciana para o marinheiro Pedro, interrompendo-se porém numa escusa: — Deixe-me chamá-lo assim pois como vê eu tenho idade para ser sua mãe e você meu menino.

O jovem marinheiro escondeu seu embaraço por ser tratado dessa forma, sorriu fingindo-se divertido e disse:

— Você não parece ter idade para ser minha mãe — o que era uma meia verdade mas, também, uma meia mentira.

Luciana sorriu.

— Bobinho, eu não sou dessas que vivem escondendo a idade como se com isso pudessem esconder as marcas do tempo e, mesmo, impedi-lo de passar. Vou fazer cinqüenta e dois no final do ano, mas me sinto ótima. Claro que não sou mais o que fui aos vinte e mesmo aos trinta, é verdade que procuro conservar-me, mas sem neuroses, e o mais que pretendo é viver bem.

— E o que é viver bem? — perguntou Pedro, novamente à vontade.

— Uma boa pergunta. Ser livre é viver bem. Ir aonde quiser sem dar

satisfações a quem quer que seja — e Luciana jogou um pouco a cabeça para traz fixando o teto emborralhado. Tinha agora uma expressão sonhadora, pois fora isso que fizera de sua vida: tornar-se livre, e não se arrependera desde aquele dia já distante em que tomara essa decisão tão inesperada quanto definitiva.

Lembrou-se do marido que, apesar de ter sido taxativa em sua carta, *"espero que não me procurem, será inútil, não voltarei"*, poucos dias depois de sua partida lhe telefonara suplicando-lhe pelo menos um encontro para conversarem (decerto com a intenção de convencê-la a voltar para sua gaiola dourada) e, no restaurante onde combinaram encontrar-se, parecia perdido, sem compreender a atitude intempestiva da mulher, e que sem saber ao certo o que dizer só conseguia balbuciar umas perguntas vagas na tentativa de obter respostas que, ou não seriam possíveis, ou não seriam satisfatórias. Ainda se lembrava dele com certa piedade, pois era um homem bom e magoá-lo pesava-lhe na consciência, "porém não me magoava eu muito mais, a mim mesma, mantendo-me presa a um casamento que nunca deveria ter acontecido?" apenas pensara, sem o dizer. "As crianças queriam vir comigo" ele havia dito, "mas achei melhor numa outra ocasião…".

Luciana concordara com um movimento de cabeça, segura de que essa ocasião não aconteceria pois não lhes concederia nova oportunidade, e achou por bem não prolongar o encontro: explicara sucintamente que não tinha como fazê-los entender sua escolha: apenas se decidira por aquilo, e pronto.

Tampouco importou-se com o resto da família, e quando um tio enfurecido lhe telefonou dizendo que "quando você esbanjar tudo que seu marido ganhou para você, então você volta para casa de rabo entre as pernas", chegou a perder um pouco a paciência, respondendo-lhe que ela gastava o que era dela, o que herdara de seu pai, "pois o meu tio não se lembra de que meu pai legou-me todos os bens que possuo, e que nada tirei do meu marido? E não se lembra de que é o senhor quem vive às custas de sua mulher, já que não faz nada para ninguém?", com o que encerrou-se jocosamente a questão.

Agora ali estava ela, uma mulher de cinqüenta anos, vivendo sua liberdade num cassino clandestino freqüentado pela ralé à qual ela se misturava sem qualquer preconceito, "porque ter preconceitos muito arraigados é perder um pouco dessa liberdade que tanto prezo, se bem que não tê-los nenhuns também o é".

E baixou os olhos encontrando os de Pedro, a quem poucos momentos antes ela chamara de "meu menino", e percebeu que Pedro a encarava com certo ardor juvenil, ao mesmo tempo irônico mas fascinado, como se aquela mulher envelhecedoura guardasse segredos que ele ansiava por descobrir.

Luciana sorriu-lhe.

Mas foi nesse momento que o desastre aconteceu.

Ninguém percebeu um homem, um pardo de seus trinta anos, que acabara de entrar no salão com ar ao mesmo tempo sombrio e ligeiramente desconcertado. O homem se deteve um instante na porta e em seguida avançou dois ou três passos, ainda sem ser percebido, e novamente parou, olhando como se procurasse alguma coisa, na certa esperando que seus olhos se acostumassem à penumbra do ambiente.

No momento seguinte, porém, avançou resoluto até a mesa onde os rapazes bebiam e conversavam; enquanto caminhava meteu a mão no bolso (agora talvez alguns dos freqüentadores já tivessem dado com sua presença, mas de forma alguma podiam contar com o que aconteceria), sacou uma arma, um revólver pequeno e negro, e disparou várias vezes.

Ao primeiro disparo todos se calaram e olharam com espanto na direção de onde vinha o barulho, mas durante os seguintes já se formara uma tremenda confusão: as mulheres se levantavam e saíam correndo aos gritos, os homens também punham-se de pé mas demoravam-se um pouco mais, em sua maioria abandonando de imediato o salão pois acabara de acontecer um crime e ninguém pretendia testemunhar; na sala ao lado os jogadores abandonavam as mesas de jogo e passavam para o salão, curiosos, mas os mais assustadiços aproveitavam para escapar; os rapazes se levantaram esbaforidos e recuaram vários passos enquanto o sujeito corpulento que se chamava Leopoldo tombava numa poça de sangue e o pardo, guardando a arma no bolso, também saía do recinto, apressado mas sem correr, tomando rumo ignorado.

O magrelo, aos primeiros disparos levantou-se e recuou assombrado, enquanto o marinheiro de nome Pedro tomava Luciana pela mão e a arrastava para fora. Agora no salão quase deserto o *barman* e o balconista aproximavam-se do ferido. O dono do estabelecimento apareceu na portinhola, deu uma espiada mas fechou-a outra vez sobre si, fugindo pelos fundos pois, quando a polícia chegasse, não queria ser encontrado ali.

O magrelo foi quem ajoelhou ao lado do ferido. Apalpou-lhe o pescoço, tomou-lhe o pulso, curvou-se sobre ele para escutar o coração…

— Morto — sentenciou, levantando-se, enquanto os colegas de mesa iam chegando devagarinho. Olhou para eles: — Morto.

— Mas quem…? — perguntou o marinheiro.

— O noivo da irmã dele.

— Mas… por quê?… — quis saber, ainda assombrado, o grandalhão pachorrento.

— Deve ter descoberto que ele — e apontou com o polegar para o defunto — comia a irmã. Desde novinha.

Meia hora mais tarde chegava a polícia.

O inspetor Marinho entrou no salão com seu jeito ponderado, deixou um policial na porta com ordem de não permitir a entrada ou a saída de quem quer fosse, e fez-se acompanhar por outros dois.

Aproximou-se do morto, olhou sem tocar no corpo e em seguida voltou-se para os rapazes:

— Conhecem?

Os rapazes fizeram que sim com a cabeça.

— Viram o que aconteceu?

— Vimos — disse o marinheiro.

— Santana — disse o inspetor para um dos policiais —, anote o nome e o endereços dos rapazes. Serão convocados amanhã pela manhã para depor.

— Sim, inspetor.

— Gomes — disse para o outro policial —, vá buscar o legista e aproveite para pedir o rabecão.

— Sim, inspetor.

Nesse instante o *barman* aproximou-se:

— Que coisa, hein inspetor? Tudo parecia tão calmo…

— Calmo demais, rapaz, calmo demais!

— Coitado! — disse o *barman* olhando o grandalhão morto.

— Bem, bem — disse o inspetor girando sobre os calcanhares —, nada a fazer até a chegada do legista e do rabecão.

— Ah, inspetor… — disse o *barman* tocando o braço do inspetor Marinho, que se virou para ele, "caramba, que importuno esse rapaz! Será que não vê que estou ocupado?".

— Aquela dona, inspetor…

— Que dona, rapaz? — disse o outro com impaciência.

— Aquela… que o senhor procurava…

O polícia olhava-o sem entender.

— Pouco depois que o senhor saiu, uns quinze minutos se tanto…

— Que é que tem?

— Pois é… uns quinze minutos depois ela apareceu…

E mais essa! Marinho balançou a cabeça quase sem acreditar.

— Mas com essa confusão toda…

Era muito azar! Aparecia quando ele já tinha ido embora, e depois acontecia aquilo e ela desaparecia outra vez…

"Talvez não volte mais aqui…"

Marinho respirou fundo. Olhou o teto. Olhou o chão. Olhou o *barman* com sua juventude desgastada.

Balançou de novo a cabeça.

— Que fazer, rapaz, que fazer!… É a vida…

E bufou:

— Diabos, é a vida! — E quase sentiu raiva do morto.

— Ana Carolina Brito… isto… está certo — e a senhora de cabelos brancos sorriu para a moça da papelaria, que anotou no caderno o nome e a data da compra. — Diga ao seu pai que pelo começo do mês eu passo para acertarmos tudo.

— A senhora tem crédito, dona Ana — a moça da papelaria sorriu com simpatia, guardando o caderno na gaveta.

— Oh, ainda bem — disse a senhora de cabelos brancos erguendo a sombrinha —, mas eu mesma não gosto de deixar acumular.

— Como queira, dona Ana.

— Obrigada, minha filha, oh… enfim… tenho de ir, mas pelo começo do mês…

E sem mais, sobraçou o pacote contendo papéis de tipos diversos, bem como um caderno grande de capa negra e dura, e se encaminhou para a porta. Na calçada as pessoas passavam com seus tacões pesados fazendo toc toc toc, um homem acenava do outro lado da rua para alguém no sobrado defronte, "desça, Olímpio" gritou, e uma chusma de crianças desembocou quase ao seu lado provindo da rua transversal — decerto as crianças do grupo escolar —, mas a velha Ana Carolina não se deteve: avançou resoluta para o meio da rua, alcançou o outro lado, seguiu na direção do largo. Ana Carolina era uma dessas velhas senhoras miúdas de corpo esguio (fora um tanto rechonchuda em outra época, depois emagrecera e acabou por gostar de suas novas formas), muito ativas e que andam sempre empertigadas como se o tempo não fosse capaz de lhes surrupiar as forças, pois aos sessenta e seis anos, e após ter criado quatro filhos (e já ser avó de pelo menos dúzia e meia de netos pois os meninos se reproduziam feito coelhos), possuía a disposição de uma mocinha ("sinto-me rejuvenescer" exclamava às vezes) e o dizia francamente, inquebrantável, lembrando-se do sofrimento, das alegrias, enfim, de tudo aquilo que a vida concede e que cabe a cada um recolher conforme possa — pois a vida lhe concedera coisas, umas boas, outras más, e soubera aproveitar aquelas e aprender com estas, e fora justamente isto que, ainda naquela manhã, em sua cozinha, havia dito à menina, sim, porque aos vinte e três anos Vitória podia considerar-se uma menina:

— Pois então não temos que aproveitar as coisas boas e aprender com as más? Tudo na vida é um aprendizado, filha, esteja certa — e pôs-lhe diante uma xícara de chá. — Aprendemos com as espetadelas que vamos levando. E quanto ao resto, chá com biscoitos. Pela manhã, nada melhor.

Vitória sorriu, puxou para si a xícara, manteve-a no pires, "a senhora sempre brincando" disse um tanto desolada, "como se tudo fosse assim tão simples".

Oh, mas era simples, reforçou a velha, tão simples, tudo — e dizendo

isto ela também se sentou, servindo-se de chá, mas se abstraiu em seguida, porque conquanto defendesse a máxima da simplicidade, conquanto ainda agora a estivesse mais uma vez confirmando para a jovem Vitória, compreendia que nem sempre… enfim, nem sempre… "Veja" disse então mais para si mesma, a voz um murmúrio, "quando fiquei viúva, enfim, quando perdi o meu Alberto…" mas não continuou: recompôs-se, tomou o chá, mordeu um biscoito. Mas não podia deixar que a jovem percebesse que na verdade nem tudo era assim tão simples: por que desanimá-la, por que deixá-la mais abatida? E o que fez foi sorrir-lhe.

Agora atravessava o largo pensando em sua viuvez: aos cinqüenta e cinco anos e com os filhos já casados ficou só; podia ter-se casado outra vez, mas se sentira muito abalada durante aquele primeiro ano e pensou que a vida se acabava para ela também; no entanto fora só um período difícil, pois com o tempo a saudade tornou-se uma boa lembrança e a ausência de Alberto, comparava, era como aquele jarro chinês que ficava num canto da sala: não podia levá-lo consigo aonde fosse.

Sim, podia ter-se casado outra vez, mas desde que aquele período difícil passara ela quis saber como era estar só, ser dona de si mesma: vivera trinta e cinco anos com Alberto, homem um tanto casmurro mas bondoso, de maneiras rudes mas — a seu modo — delicado e a quem se dedicara com amor, pois ela havia amado seu marido e fora feliz com ele. Tudo porém ficara no passado: o jarro chinês permanecia no canto da sala, era precioso, mas não podia carregá-lo consigo, e era justamente isso que tentara ensinar à menina Vitória naquela manhã:

— Seja dona de si mesma — dissera-lhe.

Pois ela tornara-se dona de si mesma, inaugurara uma nova vida mas o mundo não havia parado para que ela se recompusesse.

— Não, ninguém é o ar que respiramos — disse agora de si para si mesma enquanto um vento morno jogou poeira em seu rosto e ela teve de fechar os olhos por um momento. E avançou por uma ruazinha estreita, entrou num beco completamente deserto por onde andava um cão sonolento e atravessou uma portinha verde que dava para um corredor quase escuro: ficara de provar um vestido na tarde anterior, às quatro, mas surgira um imprevisto, por isso ali estava ela com quase um dia de atraso, e meteu-se pelo corredor, subiu vários lances de degraus e parou defronte a uma porta larga, de folha dupla, na qual se via uma placa:

HILDA FRAGOSO — COSTUREIRA

Empurrou a porta e foi entrando.

— Querida Hilda — exclamou —, oh! Hilda, desculpe-me, mas não sabe o que aconteceu…

E enquanto se explicava com a costureira quanto ao motivo de ter vindo àquela hora — a outra, com uma surpresa divertida, olhou-a que falava muito rápido, corada pela caminhada e com os cabelos brancos em desalinho, agitando a sombrinha —, passou embaixo na rua o verdureiro com seu pregão, alguém abriu e bateu uma porta no andar de cima, ouviu-se um apito ao longe: o mundo, o mundo desfazendo seu novelo nas asas dos pássaros, no rolar das horas, no recolhimento da sombras, sempre isso, não mais que isso.

Onde esteve Ana Carolina aquele resto de tarde? Por onde andou até anoitecer? Quantas coisas fez? Em algum momento parou para conversar com um antigo conhecido que lhe cruzou o caminho e em seguida despediu-se dele, que seguiu em outra direção; em outro momento entrou em uma confeitaria para comer um doce; depois comprou um livro, e quando entrou em casa — em sua própria casa, onde vivia só desde que enviuvara, desde que se tornara dona de si mesma (no canto avistou o valioso jarro chinês), ainda que os filhos insistissem para que fosse morar com eles, "pelo menos tome uma criada de quarto, mamãe" — já era noite fechada.

Era nessas horas que certas lembranças muito antigas sobrevinham.

Pois Ana Carolina Brito não era dessas pessoas que vivem se lamuriando pelas coisas que foram ficando perdidas no tempo: pois perdera seu marido e não sucumbira, perdera sua juventude e, como dizia, sentia-se como que a ingressar numa nova forma de juventude; os filhos (dois homens e duas mulheres) haviam crescido e de certa maneira foi como perdê-los para as esposas e maridos, mas eles lhe deram netos e, com isso, não seria por acaso como recuperá-los? Assim foi sua vida: de perdas e ganhos, e não podia queixar-se — pois definitivamente não podia queixar-se.

Porém, ainda que fosse sempre desse jeito, ainda que não pudesse queixar-se, havia coisas que o tempo guardara para si, roubara-a dela deixando em seu lugar algo como uma linha em branco num caderno…

20 de novembro de 1977

— Ora, vivi uma vida sem grandes aventuras — e o Aluísio, que se aposentara dos correios há menos de dois meses e se preparava para desfrutar de uma viagem que vinha planejando nos últimos tempos, deu de ombros. — Que aventuras pode viver um homem que passou sua vida despachando milhares de cartas todos os dias?

Os amigos, acomodados ao redor da mesa naquele domingo festivo, olharam para ele como se esperassem uma grande revelação, pelo menos uma narrativa estupenda.

Não, não ouviriam nenhuma revelação, nem mesmo uma aventura

digna de nota, mas não era isso que importava: importante era estarem ali, importante era terem o que comemorar, mesmo que fosse apenas a alegria do amigo que partiria ainda aquela semana para sua viagem.

— Afinal um homem precisa viajar — costumava dizer o ex-chefe dos correios. E assumindo um ar sonhador, meditativo, enquanto interrompia o garfo em que estava espetado um naco de carne mal passada, moveu a cabeça devagar: — Por minhas mãos passaram milhares de viagens, todos os dias as pessoas iam até a agência para encaminhar suas mensagens a outras pessoas, e era como se fossem elas mesmas empreender uma viagem… mas era apenas um envelope que seguia, às vezes uma encomenda, algum pacote…

Ouviram-se aplausos e alguém disse que o Aluísio estava tornando-se poeta.

— Não, meus amigos, não é poesia mas realidade…

— E a realidade pode ser poética — disse uma senhora sentada quase defronte, uma senhora de aparência mundana como se fosse a própria personalização da liberdade com seus cabelos tingidos de ruivo, suas roupas de cores vistosas e seu grande chapéu; então os outros se calaram um instante para ouvi-la. Nem todos ali a conheciam, pois parecia tratar-se de uma amizade recente do Aluísio, que a convidara especialmente para aquele domingo quando "estaremos entre amigos, Luciana, você se sentirá em casa", e ela aceitara o convite pois sempre levara uma vida errante, diga-se uma vida de tão plena autonomia que vez em quando se ressentia da falta de um pouso e se entregava a relações ainda que superficiais, momentâneas como aquela, pois certo era que aceitara o convite e ali estava para participar do almoço entre amigos, alguns dos quais veria então pela primeira e última vez. — Aliás, a realidade sem um pouco de poesia não seria suportável… pelo menos para mim — e sorriu, enquanto apanhava a taça.

— Mas a viagem — alguém relembrou —, fale-nos de sua viagem.

— Oh, a viagem… bem, trata-se de um velho projeto — e o Aluísio baixou a cabeça —, talvez eu devesse dizer um velho sonho, não fosse o risco de parecer piegas…

— Ora, ora, meu amigo, mas não há nada de piegas num sonho — tornou Luciana empinando o queixo, com o que as abas muito largas de seu chapelão vibraram —, todos nós sonhamos — e mais uma vez os demais silenciaram, pois aquela mulher já um pouco idosa tinha alguma coisa que lhes atraía a atenção, predispondo-os a um certo recolhimento reverente durante o qual se sentiam obrigados a calar-se, a ouvi-la: — Meus amigos… enfim, não pretendo falar de mim pois hoje é o dia desse nosso amigo que nos brinda com um excelente almoço, mas desejo apenas dizer duas palavras: todos sonhamos, e a realidade sem o sonho não seria realidade — faz uma pausa como para colher as impressões que sua frase produzira, e seguiu: — Eu disse agora que a realidade sem um pouco de poesia não seria supor-

tável… e sem sonho não seria realidade, e assim sonho e poesia de certa forma se confundem… para compor a realidade.

Ouviu-se um murmúrio ao redor da mesa.

— Meu amigo — e Luciana agora dirigia-se ao anfitrião —, quase posso garantir que essa viagem, que é seu sonho, será também um belo poema. Quando regressar — fez um gesto com as mãos, elevando-as abertas como numa concessão — terá escrito seus versos, ainda que não os escreva de fato num pedaço de papel para que os outros os leiam. Garanto, porém, que serão belos versos, com certeza um grande poema.

Aluísio sentiu os olhos úmidos.

— E será motivo para um outro almoço, hein Aluísio? — brincou um homem roliço e calvo, de grossos bigodes grisalhos, que estava ao seu lado.

— Mas não vamos nos tornar sentimentais agora — interveio uma colega de repartição que contudo ainda não se aposentara —, é hora de alegria. O Aluísio afirma que não viveu aventuras, eu posso garantir que não, pois o acompanhei nesses últimos anos, dia a dia. Bem, devo aposentar-me dentro de dois anos e lhes digo: não se vive aventura alguma despachando cartas e pacotes e encomendas todos os dias. Mas às vezes ocorrem-nos situações engraçadas, e é o que peço ao nosso amigo: que conte para os que ainda não conhecem a história daquele sujeitinho chato que reclamava por tudo e qualquer coisa, e que vez por outra aparecia na agência com uma reclamação e um discurso na ponta da língua. Lembra dele, Aluísio?

— Oh, se me lembro, dona Margarida — e sorriu enquanto trinchava um frango —, se me lembro! Pois se não faz muito tempo…

— Conte o caso — alguém pediu, mas nesse momento Luciana pediu licença para levantar-se, abafava um pouco ali, alegou, gostaria de ir à varanda onde devia correr uma aragem.

Luciana saiu, na varanda debruçou-se no parapeito e pouco a pouco desligou-se do falatório com que os comensais faziam transcorrer o almoço. Ninguém reparou em sua saída intempestiva, pois os que já a conheciam sabiam de suas manias, e os que não sabiam acreditaram que se tratava de uma excêntrica. E Luciana podia muito bem receber esse qualificativo, pois era mesmo excêntrica: não seria uma excentricidade levar a vida sem fixar-se em nenhum lugar, gastando seus recursos até quase não ter com que viver, conhecendo o mundo e no entanto permanecer estranha a ele?

— …ora, foi meu batismo de fogo, pois eu estava a apenas uma semana na chefia da agência quando ele apareceu com uma reclamação…

Chegara-lhe esse fragmento de narrativa, a história que o ex-chefe dos correios contava aos convidados, um daqueles incidentes tão vulgares

quanto desinteressantes que só podiam acontecer a um funcionário dos correios (ou a alguém que ocupasse um cargo de tão menor importância), mas não chegou a prestar atenção.

— …vez por outra aparecia com uma reclamação — Aluísio continuava sua historieta. — A última foi o quê?, há dois meses…

Conhecera Aluísio casualmente há menos de um ano, durante umas compras num *shopping*, quando começaram a conversar acerca de alguns artigos em promoção e da qualidade dos produtos expostos, "muitos dos quais vêm de fora" ela dizia, entendida no assunto, "contrabando, sabe?, mas nada de qualidade" e finalizando: "Promoção para inglês ver. Vendem pelo dobro ou pelo triplo do preço que pagaram".

— …e tudo por quê? Por causa de uma carta que por acaso foi posta por engano em sua caixa postal…

Até quando manteria essa amizade? Luciana muitas vezes fizera-se essa mesma pergunta sobre inúmeras outras relações mantidas temporariamente enquanto permanecia neste ou naquele lugar, enquanto não partia, enquanto não içava sua âncora para mais uma vez enfrentar o mar, ou calmo, ou encapelado, mas sempre sem receio nenhum.

Pois o ex-chefe dos correios iria fazer a viagem de seus sonhos depois de trinta anos de uma sufocante rotina, "talvez sua primeira viagem" ela pensa, "talvez a única" e sorri penalizada mas com uma ponta de ironia: pois quanto a ela, sua vida era uma constante viagem, e era possível que no regresso de seu amigo ela já não estivesse ali, tendo partido (para onde?) e quem sabe o veria de novo!

— …a carta? Era destinada a um certo Olímpio, sim, lembro-me bem, cuja caixa postal ficava próxima à dele…

Um vento sacudiu as moitas defronte.

Um pássaro levantou vôo.

Luciana sentiu-se leve, e nesse momento veio-lhe a certeza de que em breve estaria outra vez distante…

14 de março de 1944

— Ei, podemos pedir àquele amigo do seu pai que nos ensine.

— O Olímpio?

— Por que não?

Então eu levantei a cabeça.

Eu não dera pela entrada dos dois colegiais. Recostado na cadeira, olhava a borda do copo quase vazio na qual uma mosca equilibrava-se; distraíra-me, os ruídos da rua pareciam distantes e como a confeitaria estivesse vazia àquela hora — apenas eu ocupava uma das poucas mesas do estabele-

cimento —, no silêncio que fazia a voz do jovem estudante soou muito clara, quase estridente.

Eles se haviam dirigido direto ao balcão, mas quando me voltei já saíam, após terem comprado alguns doces.

O mais velho andava pelos quinze anos, pude percebê-lo quando virou-se momentaneamente para dentro como se tivesse esquecido alguma coisa. Tinha um leve buço, o rosto bem moreno e os cabelos cortados rente, quase à escovinha, o que lhe dava um agradável ar de homenzinho, embora lhe restassem ainda alguns vestígios da infância que pouco a pouco ficava para trás. Fez que ia entrar outra vez, mas o outro menino — mais jovem e dono de um gracioso rosto entre infantil e adolescente —, que também se detivera à porta e passeara rapidamente a vista pelo ambiente, puxou-o pelo braço e saíram.

Levantei-me, atirei uma cédula para o balcão e saí.

Pus-me a segui-los.

— Ah, mas o Olímpio não… — opôs-se o de quinze anos voltando ao assunto de que se ocupavam no momento em que saíam.

— Por que não?

E o outro com um muxoxo:

— O Olímpio só vai lá para que meu pai o meta na política, é só pelo que se interessa.

— Ah… Mas naquele dia em que fui à sua casa eu o vi folheando seu livro de matemática. Além do mais ouvi ele dizer ao seu pai que entrou para a faculdade este ano…

— Não, deixa pra lá, ele nem vai nos dar atenção.

Pude ouvi-los pois avançara rapidamente e seguia agora a uma distância de ambos não maior que meia dúzia de passos. Em alguns momentos diminuíam a marcha, às vezes quase paravam, examinando folhas soltas com uma preocupação estudantil: deveres de casa, alguma prova que haviam feito naquela manhã, o que fosse.

— Este eu sei — disse o mais velho indicando alguma coisa numa das páginas, e parou por um momento.

— Ah, de que adianta? — disse o outro também se detendo. — É o mais fácil — e agora guardava as folhas na pasta. — Aonde vamos? Temos a tarde toda hoje…

Voltaram a andar e eu, que havia parado diante de uma vitrine, retomei minha caminhada no encalço dos garotos.

Interesso-me por meninos… desde quando? Desde que me fizera adulto? Ou já desde minha adolescência? Não posso esconder que na minha adolescência eu já sentia uma certa queda por eles, meninos então iguais a mim, mas não seria ainda esse desejo febril que agora me deixa trêmulo e perturbado. Naquela época eu estava sempre no meio deles, era como devia ser, por exemplo, na escola: meninos brincam com meninos, meninas com

meninas, assim evitava-se desordem, além do mais não nos sentíamos mesmo muito à vontade para brincar com meninas (e, penso eu, tampouco elas se sentiriam à vontade conosco), embora nos déssemos bem.

Sendo assim, naquela época, conquanto seja certo que meu interesse por meninos já existisse, mantinha-se embrionário a ponto de eu mesmo não me dar conta dele; durante as brincadeiras não havia nada demais em tocar seus corpos, às vezes até mesmo agarrá-los no empurra-empurra próprio dos folguedos, e, durante as aulas, quando eu me sentava ao lado de outro menino não sentia essa perturbação que sinto hoje porque era natural que eu me sentasse ali e tivesse um garoto ao meu lado. Porém, não deixa de ser sintomático que eu escolhesse sempre sentar-me ao lado de um garoto conquanto houvesse garotas também na classe, e embora eu mantivesse também com elas um relacionamento normal de estudante, trocando informações, ajudando ou pedindo ajuda quando necessário, no mais das vezes — lembro-me bem desses pormenores — eu estava em companhia de um certo menino um ano mais velho que me inspirava uma grande admiração: seu nome era Nilo, mas todos o chamavam de Nil, e ele não só era muito bonito como também vivaz e inteligente, mais que a média da turma, pois aprendia qualquer matéria com muita facilidade tornando-se logo capaz de ensinar aos demais aquilo em que eles empacavam. Foi assim até os treze ou catorze anos, creio mesmo que até quase os quinze. Nil era muito simpático com todos, não fazia distinções em suas amizades e isso me permitia estar sempre em sua companhia; admirava-o, gostava de estar com ele, de sentar-me ao seu lado, mas não havia sensualidade nisso, ou talvez eu não me desse conta ainda…

Aos catorze anos fiquei reprovado, Nil mudou de classe e deixou a escola um ano antes de mim. Não o vi mais.

Aos dezessete tive minha primeira namorada, uma menina não da escola, mas da vizinhança, cuja família se havia mudado há pouco para nossa rua. Tão logo nos conhecemos, eu e Sandra simpatizamos um com o outro e passamos a nos freqüentar, o que se tornava tanto mais simples porque também nossos pais estreitaram relações, levados a isso por interesses comuns: meu pai era dono de uma pequena porém próspera confecção, e o pai de Sandra, que vinha do interior e também trabalhara nesse ramo, mantinha uma "intenção secreta" — como chegou a confidenciar a papai — de retornar a ele. Agora que passavam a residir num grande centro e que se via sem trabalho, dispondo porém de capital, propusera a meu pai uma sociedade, e arregaçou as mangas. Devo adiantar que essa sociedade durou muitos anos, até que meu pai resolveu retirar-se: já tendo idade, aposentou-se e vendeu sua parte para o sócio, que também já não era nenhum garoto mas assim mesmo tocou o negócio ainda por um bom par de anos até ele próprio decidir-se pela aposentadoria.

O namoro com Sandra não foi, logo no começo, um namoro de fato. Estávamos sempre juntos, ela passara a freqüentar o mesmo colégio e, ora em sua casa, ora na minha, nos reuníamos às vezes com outros colegas de classe para estudar; porém, quando estávamos apenas nós dois, tanto estudávamos quanto conversávamos sobre pequenas coisas do nosso cotidiano, planejávamos passeios ao campo, idas ao parque, ou simplesmente caminhadas pelo centro para olhar vitrines, divertimentos inocentes que, no entanto, cada vez mais fazia com que nos aproximássemos um do outro.

Trocamos nosso primeiro beijo quase três meses depois de nos conhecermos, na verdade um tanto confusos entre amizade e amor; escolhemos o amor para ver no que resultaria, mas ainda assim mantivemos o namoro escondido de nossas famílias, que viam em nosso relacionamento algo como um afeto de meios irmãos que não éramos mas que era como nos consideravam.

Não éramos porém namorados muito calorosos: juntos, agíamos mais como irmãos afetuosos, se nos abraçávamos era por ser natural que namorados se abracem, e nossos beijos eram menos beijos e mais carícias que não chegavam a excitar-me e, penso, também não a Sandra, não a ponto de tentarmos algo mais, que não chegou a acontecer entre nós. Durou, creio, pouco mais de um ano, até o dia em que nos demos conta de que nos queríamos muito, sim, mas como amigos, ou como irmãos, de que nossa escolha pelo amor fora um pequeno engano, e do enlace dos corpos num abraço contido mantivemos enlaçados nossos dedos: de mãos dadas caminhávamos pelo centro e não foi preciso nos explicarmos o que estava acontecendo: simplesmente percebíamos que não éramos feitos um para o outro e continuamos amigos por muito tempo, até que Sandra casou-se com um estrangeiro e mudou-se para a Europa. Desde então não nos vimos mais, conquanto vez por outra troquemos alguma correspondência: um cartão postal que me chega por época do meu aniversário, outro que lhe envio em seu aniversário, fotografias da família reunida — ela, o marido, as duas filhas ainda pequeninas — que me mandou em algumas ocasiões, cartas que eu respondo escrevendo a ambos, em respeito, e não só a ela, e ficamos nisso.

Eu tinha pouco mais de dezoito anos quando o namoro com Sandra acabou, não arranjei logo outra namorada, mas é certo que tive outra tempos depois, nada muito marcante e de quem não vale a pena falar. Não chegou a durar, e a partir de então namorei umas quantas vezes sem fixar-me com ninguém. À medida que ia amadurecendo meus pais começavam a instar para que eu me decidisse pelo casamento: à certa altura, já formado e ocupando um bom emprego num escritório de advocacia, podia muito bem manter uma família, "e aos vinte e seis anos um homem de bem deve estar casado" dizia meu pai com uma ponta de aborrecimento, mas eu ia dar-lhe um beijo na têmpora onde os fios brancos já se tornavam abundantes e dizia

que, “sim pai, é tempo, só falta encontrar a pessoa certa”, e essa pessoa tardava a aparecer.

Também por essa época meu interesse por meninos se tornara evidente — claro que apenas para mim, não podia deixar transparecer um desejo ilícito, não era possível que outros soubessem o que me ia por dentro, exceto o escolhido, aquele sobre quem recaía minha paixão de momento.

Não sei bem em que época comecei a me dar conta de minha preferência: se aos vinte, se aos vinte e dois, vinte e três… certo é que se deu após meu namoro com Sandra e durante meus “desencontros” com outras mulheres, pois é assim que chamo aqueles envolvimentos pouco duradouros, superficiais e desinteressantes por sua própria natureza, de forma que, embora tenha sido uma coisa que surgiu em mim não de estalo, não de chofre, mas gradualmente, estou certo de que por volta dos vinte e três eu já tinha me dado conta dessa “coisa”, sem surpresa, sem problemas de consciência, sem exaltação ou arrebatamento: com naturalidade, e em segredo.

Isso faz dez anos. Minha preferência, convém esclarecer, nunca foi por homens; imaginar um contato íntimo com um homem chega a produzir-me um arrepio de aversão, é algo inconcebível para mim, e assim aquele menino moreno de quinze anos que eu vira sair há pouco do bar com seus doces, conquanto fosse um belo adolescente, já não despertava minha cobiça porque sua “meninice”, por assim dizer, desfazia-se, convertia-se num estágio avançado entre a adolescência e a idade adulta. Se me pus a seguilos foi por curiosidade com relação ao outro menino, que teria quando muito catorze anos, embora mesmo aos catorze alguns meninos já são suficientemente viris para me causarem alguma repulsa.

Seguia-os mantendo uma certa distância para não ser percebido mas ansiando pela oportunidade de ver outra vez — e mais de perto — o seu rosto que, momentos antes, me parecera bem agradável, e essa oportunidade chegou num cruzamento enquanto esperava-se que um lerdo caminhão carregado de caixas e dois automóveis que lhe vinham na retaguarda passassem, levantando uma nuvem de pó que nos envolveu. Os meninos se detiveram e eu, avançando, parei ao seu lado, por um momento fingindo ignorar sua presença. Mas em seguida acenei para alguém ao longe e aproveitei para olhar em sua direção; eu estava um passo à frente de ambos e pude então encarar o garoto bem de perto: teria entre treze e catorze anos — catorze a julgar pela altura, mas treze se me ativesse à delicadeza de suas feições de quase criança: um menino lindo, de rostinho redondo e pele lisa, muito branca, faces e lábios rosados que, sorrindo, deixavam ver dentes grandes e puros, e umas covinhas encantadoras. O cabelo bem preto, muito liso e cheio, ainda que curto, caía-lhe pela testa até quase em cima dos olhos, cabelo que ele a todo momento afastava ora com um movimento rápi-

do de cabeça, ora com a mão, metendo os dedos por entre a franja e jogando-a para trás.

Será necessário dizer que me encantei por ele como outro se encantaria por uma mulher bonita?

Por coincidência nesse mesmo momento parou ao nosso lado uma mulher jovem que, pela própria beleza, não deixou de chamar-me a atenção. No entanto naquele instante pude perceber a diferença entre o que um e outro — ela e o menino — podiam fazer-me sentir: a mulher, a quem certamente não terei a oportunidade de ver outra vez (ou quem sabe até venha a encontrá-la, casualmente, numa dessas esquinas por aí, mas a quem não faço qualquer questão de dar-me a conhecer), representava para mim apenas um modelo de beleza fria e impessoal como a de uma estátua, enquanto o menino fazia ferver-me o sangue de tal forma que era preciso conter-me para não ter uma ereção ali mesmo.

Tudo isso durou pouco, logo todos nos pusemos a andar: atravessamos a rua, os meninos seguiram em frente e a mulher meteu-se por uma rua lateral; no instante seguinte já estava esquecida.

Segui na mesma direção dos garotos, mantendo-me à retaguarda e intencionalmente deixando-os distanciar-se: pois era certo que no instante em que estivera de frente para eles não deixara de observar o emblema de sua escola no bolso da camisa. Sabia agora de onde eram alunos, não seria difícil encontrá-lo — ao garoto de pele clara e faces rosadas — outra vez.

25 de março de 1973

Luísa não se perdoava ter fraquejado na véspera.

Por que fraquejara? Por que não fora até o fim?

Por que havia parado diante do portãozinho dos fundos sem coragem para entrar, e, como se o portãozinho fosse uma ponte levadiça sobre um fosso profundo, recuado? — Pois a ponte não fora baixada, ela não conseguira atravessar o portãozinho conquanto estivesse, como de costume, apenas encostado.

Fora bem nas provas? Fora mal? Não se lembrava direito. Sabia apenas que lera as questões e respondera mecanicamente, sem muita certeza, sem muita hesitação, respondera como se fazê-lo fosse uma fatalidade à qual não poderia esquivar-se, porém ser ou não ser aprovada era algo fora de questão.

Por um momento pensou na garota magrinha — Vera Lúcia —, que precisava passar de qualquer maneira pois a família depositava nela esperanças que, se não concretizadas, a obrigariam a voltar para casa, para o interior, e só poderia tentar novamente no ano seguinte.

Esquecera-se de ligar para ela à tarde, depois da prova, e não a tinha visto na hora da saída.

"Mais tarde, mais tarde…"

Senta-se na cama e sente o corpo entorpecido, a cabeça dói, e na penumbra do quarto abre e fecha os olhos repetidas vezes. Hoje tomaria uma decisão. Iria lá, teria de falar com ele, exigiria dele uma decisão — e então pôs-se de pé num salto: por que não agora de manhã? Por que não pegá-lo de surpresa logo cedo?

Caiu sentada outra vez na cama: sentiu tudo girar à sua volta e a cabeça latejou. "Deve ser uma gripe daquelas" pensou. Deitou-se por um momento, esperou até sentir-se um pouco melhor, depois sentou-se outra vez. Levantou-se devagar e, tentando manter-se de pé, apanhou no guarda-roupa uma calça, uma calcinha, uma blusa de malha, entrou no banheiro e ligou o chuveiro…

o princípio da igualdade entre as nações está na igualdade entre os homens

E aquela frase lhe voltou à cabeça. Era de um livro escrito por um certo Olímpio… mas, afinal, quem era mesmo esse Olímpio? Não se lembrava, se bem que nada mais correto: concisão e clareza faziam daquela frase uma verdade indiscutível.

Mas por que estaria pensando naquilo agora? Tinha de sair, mesmo sentindo-se mal como se sentia (ao abrir o armarinho do banheiro deu com a cartela de analgésicos: engoliu dois com água da torneira), e já na cozinha tomou rapidamente o café que a mãe fizera e pusera na garrafa antes de sair para o trabalho.

Então pensou no quanto sua mãe se entristeceria com aquela história que, de qualquer forma, ela não poderia esconder por muito tempo.

Todo seu esforço estaria perdido, se ele…?

Afastou com verdadeiro pavor esse pensamento. Não tinha dúvida alguma de que ele fosse um canalha, de que ele tentaria esquivar-se, porém se ela não lhe desse chance, se ela fosse atrás dele e onde o encontrasse lhe contasse tudo, exigisse dele que…?

Mas o que lhe diria que ele já não soubesse? O que exigiria dele que já não estivesse disposto a negar?

E quando saiu para a rua, quando recebeu no rosto e no corpo a aragem fresca da manhã (ainda não deram oito horas, chegaria lá antes das nove), quando viu as pessoas que seguiam para o ponto do ônibus, as crianças que se encaminhavam para o grupo escolar, quando viu os carros indo e vindo pela ruazinha quieta — pois aquele era um bairro bastante sossegado e o trânsito escasso —, quando viu a copa das árvores rebrilhando num verde luminoso que os raios do Sol alcançavam agora, quando viu o mundo e a vida, e quando se sentiu mais uma vez fazer parte dessa vida e desse

mundo, por um instante — e ainda que em seguida as dúvidas voltassem a acossá-la — teve certeza de que não sairia perdendo.

4 de dezembro de 1964

O ano estava chegando ao fim, e espiando pela vidraça o dia que também findava — conquanto neste mês os dias já se tivessem tornado bem longos, de forma que já passava das seis da tarde mas ainda estava claro — Horácio, recostado na sua cadeira de executivo, certo de sua vida, isto é, certo de que tomara o melhor caminho, acertara em suas decisões, fizera as melhores escolhas e com isso colhera os bons frutos que deveria colher; mormente agora que se tornara o único dono da Láctea Laticínios do Brasil & Cia. LTDA., com matriz em São Paulo e filiais em diversas capitais importantes como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, incluindo fornecimento próprio de matéria prima oriunda de suas fazendas em oito ou nove estados; enfim, agora que se podia dizer um homem realizado, para quem sorria a fortuna e diante de quem estendia-se um largo tapete para conforto de seus passos e, por que não, também para encobrir os deslizes inevitáveis a quem pretende vencer a qualquer custo — mesmo que esse "custo" implique em não mais que falta de escrúpulos, consciências compradas, propinas pagas, lavagem de dinheiro para enganar o fisco, e assim por diante —; enfim, quando podia com tranqüilidade dizer "venci", e com isso calar as críticas de ocasião, opor-se com segurança aos antagonismos, afastar os inconvenientes; agora, portanto, que a grande batalha de sua vida fora ganha, Horácio tinha ainda desses momentos de alheamento em que, olhando pela janela de seu escritório e descortinando torres, ruas, parques, praças, viadutos — em suma, a cidade aos seus pés com o mar adiante, ao longe, azul e esfumado no rumo do horizonte —, fechava por um instante os olhos e pensava em Luciana.

Ia para onze anos que ela deixara o lar de forma tão inesperada que lhe pareceu difícil entender o que de fato se passava: ao chegar em casa — naquele dia mais cedo, por volta das cinco —, não havia ninguém, tendo estranhado apenas a ausência da mulher pois os filhos tinham o hábito de só entrar mais tarde: o mais novo, de quinze, passava as tardes no apartamento de uma amiguinha do oitavo andar; o de dezoito, aplicado aos estudos, como de costume estaria na biblioteca do bairro ou na casa de algum colega e a filha mais velha, com vinte, teria ido ao cinema com o namorado. Porém Luciana raramente saía à tarde e não encontrá-la era algo tão inusitado que o deixou surpreso. Ainda mais surpreso ficou ao entrar no quarto e deparar ali com um papel largado em cima da cama, um bilhete — e a surpresa cedeu lugar à consternação:

Horácio,

Não espero que me entenda, muito menos que me perdoe. Não há uma explicação plausível para a decisão que acabo de tomar, decisão esta que não foi premeditada, e de tão súbita até mesmo a mim me espantou.

Decidi abandonar isso que se chama casa, família, ou que nome tenha.

Certo é que não o amo mais, talvez tenha amado algum dia, mas não mais agora. Certo é também que não amo aos meus filhos como deveria, não a ponto de tê-los como empecilho à minha decisão.

A verdade, a grande verdade é que essa vida que venho levando me cansa e não posso mais fingir — para você, para eles, para mim mesma.

Nada quero do que é seu. Como eu tenho bens, parto levando comigo o que é meu, e me basta.

É só. Espero que não me procurem, será inútil, não voltarei.

Sejam felizes.

Luciana

Horácio sentiu uma ligeira vertigem, que o fez sentar-se na cama, abismado, olhando o papel como se ele contivesse uma escrita hermética em algum dialeto arcaico, uma língua morta, incompreensível, e desapertando a gravata — de repente sentiu-se sufocar, fazia calor, o Sol entrava pelas amplas janelas abertas enchendo o quarto de luz — releu com esforço as palavras que teimavam em tornar-se obscuras até que, pouco a pouco, foi-se revelando a verdade contra a qual obstinava-se, até se aperceber de que estava só…

Passava das oito quando, reunidos os quatro na sala de estar, o bilhete transitou de mão em mão até retornar às suas e ele, diante do mutismo perplexo dos filhos, dizer:

— Creio que vocês compreenderam o que se passou.

Ainda assim transcorreram-se alguns demorados segundos de silêncio.

Por fim a mais velha — Dina — perguntou:

— Você não vai procurá-la?

Horácio baixou a cabeça, franzindo o cenho, concentrando-se na resposta que deveria dar à filha:

— Parece-me bem claro que ela não quer que a procurem.

— Vocês brigaram? — o filho do meio perguntou.

— Não, nunca brigamos, vocês bem sabem.

— Então, por quê…?

— Não sei, meu filho, simplesmente não sei.

— Ela disse que não nos ama como deveria — tornou a mais velha.

— Sim — disse o pai —, nem a mim, nem a vocês — e para o mais novo, que não dissera nada até então: — E você, Rafael, o que pensa disso?

O mais novo era um adolescente brincalhão, irresponsável, com seu

tanto de rebeldia típica da idade. Porém, taciturno e silencioso agora, não seria surpresa se de súbito rompesse em lágrimas.

E rompeu.

Quando Horácio voltou-se para ele e lhe perguntou o que ele pensava, o menino olhou o pai, olhou os irmãos, sentiu os olhos transbordarem e cobriu o rosto. A irmã foi sentar-se ao seu lado e o abraçou. Estiveram assim muito tempo, sem nada dizerem, sentindo apenas a intensa presença uns dos outros, tanto mais intensa quanto maior a ausência da mãe.

O que veio depois?

Horácio não se deixou abater. Tinha um propósito, estabelecera para si um caminho e não se desviaria — e não se desviou.

A dor era comum, mas valiam-se todos de uma inabalável certeza:

— Não estamos sós — foi ele, o pai, quem falou. — Ela sim, estará só, não nós.

Não obstante fizera ainda uma tentativa se não de trazê-la de volta, pelo menos de entender suas razões, mas o encontro pretendido resultara num lastimável fracasso e agora, dez anos depois, na verdade quase onze, sem ter tido qualquer notícia de Luciana e decidido conforme sua expressa vontade a não insistir, mas conforme também os seus brios, resta a Horácio essa lembrança que sobrevém a momentos: são breves esses momentos, sua trajetória tem sido intensa — compromissos, preocupações, planejamentos… — e dos filhos, o do meio tornara-se seu braço direito na empresa, Rafael fizera-se músico mas não se adequava ao meio e o sucesso escapava entre seus dedos enquanto a filha casara-se há alguns anos e continuara morando ali mesmo, na Capital. Nada disso, contudo, impede esses alheamentos ocasionais durante os quais a lembrança de Luciana sobrevém…

Sentira sua falta? — é uma pergunta que se faz às vezes. No começo estranhara sua ausência, e era certo que os filhos, conquanto não o dissessem abertamente, nos primeiros tempos estiveram magoados e entristecidos. Depois o hábito tornou rotineira a ausência… e isso diz tudo.

Ou quase tudo. Podia-se perguntar: amava Luciana quando ela resolvera partir ou seu casamento mantinha-se unicamente pelo hábito e pela conveniência? Não sabe responder a tal pergunta: não pode afirmar que a amava, tivera algumas namoradas depois disso mas também não se apaixonara, e de súbito via-se incapaz de amar. No momento encontrava-se nos finais de semana com uma mulher bem mais jovem (tinha vinte e cinco anos e ele cinqüenta e nove), uma conquista fácil de subúrbio — envolvera-se com alguém de um nível social inferior, mas isso não o afetava. Pouco a pouco começara a sentir-se envolvido por essa mulher, ela talvez estivesse apenas pensando em tirar proveito, mas essa possibilidade tampouco o afetava — não era um garoto ingênuo que se deixasse depenar, e como tinha

de sobra (pensava) nada demais que se mostrasse pródigo vez por outra, desde que pudesse usufruir de um corpo jovem e sedutor…

Mas, quanto ao futuro… E então Horácio suspirava: o que será do futuro, meu Deus!

— Se ela ainda estivesse aqui… — frase que escapava vez por outra, baixinho, menos que um sussurro. Nesses momentos Horácio compreendia que o hábito tem um poder imenso: ainda que não amasse Luciana, quando ela partiu partiu-se dentro dele alguma coisa que não se recompusera, e mesmo tanto anos depois, quando ele podia dizer com segurança "venci", e vislumbrar seu império, essa coisa restava atirada para um canto remoto e escuro de si mesmo, e os cacos tinham o poder de fazê-lo sangrar…

A porta de seu gabinete abriu-se.

Horácio levantou os olhos, ajeitou-se na poltrona. Dona Mara, a secretária, uma mulher pesada, de meia-idade, cabelos repuxados para trás e cara gorda de leitoa na ceva, parou diante de sua mesa:

— Dr. Horácio, estou de saída, vim apenas lembrá-lo do encontro com o deputado amanhã…

— O encontro?

— Sim, com o deputado Olímpio Vilar, sobre aquelas questões do licenciamento… o senhor sabe…

— É amanhã?

— Sim, senhor, amanhã às onze.

Horácio balançou a cabeça com lentidão.

— Obrigado, dona Mara, por lembrar-me. Confesso que me havia esquecido — e pensou com aborrecimento: "Nem no sábado se pode descansar!".

— Ah, sim, aquela jovem ligou…

"Ela" Horácio pensou, pois sim, ela, a jovem com quem se envolvera. Mas ele lhe dera seu número particular, por que fora ligar para a secretária.

— Ela disse o que queria?

— Disse que tentou ligar direto para o senhor mas não conseguiu.

"Diabos, defeito na linha outra vez" pensou.

— Contate a telefônica pela manhã, dona Mara. Que consertem de uma vez essa linha.

— Sim, senhor.

— Pode ir agora, mais tarde eu falo com essa moça.

Dona Mara fez um movimento de cabeça e retirou-se, muito digna, muito aprumada, os passos pesados, o salto do sapato cloque-cloqueando contra o piso de madeira. Sabia o que era: uma aventura do patrão, mas nada tinha a ver com isso — ali estava para atendê-lo, e, como sempre fora muito prática nessas questões, cumpriria com seu dever: a namoradinha

ligou? Ela comunicaria ao chefe, e quanto ao mais, não teria ele o direito de divertir-se?

Horácio acabou indo encontrar-se com a menina, jantaram num restaurantezinho chique e acolhedor em Copacabana e depois a deixou em casa. No dia seguinte seria sábado, viajariam para Búzios, mas só no fim da tarde ("não fosse a maçada desse encontro com o deputado"), aproveitariam o domingo na praia. Era para isso — ou também para isso — que ganhara tanto dinheiro.

Uma hora depois de chegar em casa o telefone tocou:

— Alô.

— Pai — a voz da filha no aparelho.

— Sim, filha, que foi?

— Encontrei minha mãe…

— …!?

— …depois de todos esses anos, pai… hoje à tarde… mas ela… pai, pai, ela… ela…

18 de julho de 1937

Pois fora na véspera, sexta-feira, e o caixeiro Jurandir ainda se sentia meio tonto.

Extraiu do bolso o relógio: ainda não eram dez horas, no entanto sentia-se sonolento e exausto — pois se deitara às cinco e tivera de acordar às sete, já que às sete e meia o Estrela Dalva deveria estar de portas abertas.

Ao chegar, com atraso, pois sempre se levantava com uma hora de antecedência para não ter de apressar-se, já havia fregueses esperando.

Cumprimentou com a cara amarrotada e a voz rouca, meteu a chave na fechadura e abriu a porta do estabelecimento. Ainda bem que o português não estava ali, aos sábados seu Lucas não chegava antes das nove, não daria pelo atraso de trinta minutos. Um atraso de trinta minutos seria motivo para uma admoestação e um semblante conturbado durante todo o dia.

Começou a despachar uns e outros.

Um quilo de sabão e meio de banha para dona Esmeraldina. O moleque da casa, remelento e feio, viera com o papelucho e lho entregara.

O velho Antão queria apenas uma dose de pinga, "pra começar bem o dia, seu Jurandir" e riu-se, um riso de poucos dentes escavacados, a calça rota e a camisa encardida exibindo pintinhas escuras, "pulgas" pensou Jurandir, "que velho porco".

Jacinto era um negro de estirpe, portava foice, enxada e enxadão — mas a caminho da roça, não trazendo nada de casa, passava no armazém para fazer a matalotagem: quatro bisnagas de pão, trezentos e cinqüenta

gramas de mortadela, duas cocadas “pra mode adoçar a boca, seu Jurandir, se não quem agüenta?”. “É pra onde hoje, Jacinto?” indaga o Jurandir, “na virada” responde o preto, “na virada de lá, o dia todo, e como é longe não dá pra vir em casa”, “e o que mais, Jacinto?”, “é só, seu Jurandir”.

Uma vassoura nova e uma réstia de cebolas, pra dona Isolda, do grupo escolar. A filha, uma moça moreninha e magrinha feito a mãe, feito a mãe feiosa e desenxabida, viera buscar. “Ah, seu Jurandir, anota aí também uma dúzia de ovos e me pesa também dois quilos de açúcar”.

O velho Antão bateu com o copo no balcão, “bota mais uma aí, seu Jurandir, pra rebater” e o Jurandir foi apanhar a garrafa olhando com má cara para o velho. “Tem com que pagar, seu Antão?… Olha que não é por mim não, mas seu Lucas não gosta de fiar cachaça, diz que não é de necessidade”, “eu vou pagar sim, seu Jurandir, apois, quando foi que eu deixei de pagar qualquer coisa aqui?”, “não é por mim não, é que seu Lucas…” e completou o copo do velho, que sacou do bolso da calça umas notas amarfanhadas e pôs sobre o balcão, “ta’í”.

Entrava agora dona Etelvina Manhães. Manquitolava de uma perna mais curta, apoiada numa retorcida bengala de ipê. Os cabelos, quase brancos, presos num coque, deixavam escapar uns fios rebeldes que esvoaçavam com a brisa. Os demais deram passagem à velha, com alguma deferência, “tenho uns aviamentos para encomendar, seu Jurandir” disse estendendo ao caixeiro um papel dobrado em dois. “Pode deixar, dona Etelvina, faremos a encomenda na segunda-feira, até o fim da semana estarão aqui”, “é coisa de urgência, seu Jurandir, se der pra ser antes…”, “antes não dá não, dona Etelvina, as encomendas de segunda só chegam lá pro final da semana, a senhora já sabe”, “bem, que seja, que se há de fazer!” e cumprimentando a todos com uns gestos vagos pr’aqui e pr’ali saiu.

O professor Roberto, do grupo escolar, entrou nesse momento. Trazia camisa branca limpa e bem passada, calça de brim e sapatos de couro. “Bons dias” disse com voz sonora, sobrepondo-se à gente rústica. Ouviram-se umas respostas tímidas. “Trouxe-lhe uma lista, seu Jurandir” disse, entregando ao caixeiro um rol de compras. “Providencie para de tarde, que mandarei buscar”, “sim, professor, ali pelas quatro pode mandar”. Roberto fez que sim com a cabeça, cumprimentou novamente e saiu, rechonchudo, digno, soberano.

Seu Lucas chegava, batia os pés do lado de fora como se tivesse lama no caminho — ao contrário, o tempo andava bem seco ultimamente —, mas era um hábito adquirido como que para fazer-se anunciar. Entrou com um semblante entre jovial e sério, jovial para os fregueses, sério para o caixeiro, pois nunca devia ser inteiramente dado aos empregados, “para não tomarem confiança” dizia consigo mesmo.

— Tudo em ordem, seu Jurandir?

— Na mais perfeita, seu Lucas.

— Alguma novidade?

— Nenhuma, seu Lucas, o de costume.

Olhou em volta, girou sobre os pés, inspecionou as mercadorias sobre o balcão, fez um bico, espiou na direção da porta como se houvesse ali algo que pudesse chamar-lhe a atenção: mas ali estava apenas o velho Antão, oscilando, encostado no batente; do lado de fora dois fregueses conversavam, e no silêncio da manhã algumas moscas zumbiam circulando o varal das lingüiças e da carne-seca.

— Vou lá para os fundos, qualquer coisa me chame.

— Sim, seu Lucas.

Era antes das dez quando o Estrela Dalva esvaziou e Jurandir, relaxando por um momento (pois havia tempo para separar a compra do professor Roberto, e a lista de aviamentos de dona Etelvina Manhães já estava guardada com as demais encomendas), chegou-se à porta e espiou o largo.

Foi quando se sentiu exausto e sonolento e pensou na noite anterior, que passara em claro.

A história começara na véspera.

Ou melhor, a história recebera um impulso na véspera, mas já havia começado há meses: aquelas trocas de olhares entre o caixeiro Jurandir e a mulata Dorinha, que o sabia casado mas não fazia caso de tal embaraço. Trocas de olhares, sorrisos, um atendimento especial — cheio de deferências — para a mulata, que nunca saía do Estrela Dalva sem um brinde que o Jurandir disfarçava para que o patrão não percebesse e ele não tivesse de pagar.

Na véspera, pelo meio da tarde, o sol aquecendo um tanto o frio do inverno — aquele ano nem tão rigoroso —, no largo sonolento e deserto viu surgir a mulata, e Dorinha encaminhou-se para o Estrela Dalva.

Jurandir, de pé na porta, arredou-se para que ela entrasse.

— Bonito dia, hein seu Jurandir? — a mulata com seus trejeitos.

— Muito bonito, Dorinha, e mais ainda agora.

— Ora, e por quê, seu Jurandir?

— Pois a menina não está aqui para enfeitar o dia? — ele disse, curvando-se um pouco para ela com um sorriso insinuante.

— Ih, seu Jurandir, assim o senhor me deixa encabulada.

— Mas não pode ser verdade, Dorinha!

— Não? Então sou mentirosa agora?

— Mentirosa não, mas se algum encabulamento há por aqui é o meu.

— O senhor encabulado, seu Jurandir?

— Na sua presença, menina Dorinha, qualquer sujeito se encabula.

— Exageros, seu Jurandir. Exageros. Olha que assim deixo de lhe ter estima.

— Ah, mas isso é que eu não posso permitir!

— Por que não? — e sorriu-se provocativa, virando-lhe as costas a fim de examinar umas garrafas da prateleira. — Aposto como o senhor nem faz tanto caso assim de mim. Vai ver nem lhe faria falta se perdesse minha estima.

— A menina se engana — e Jurandir aproximou-se da mulata, pondo-lhe as mãos nos ombros e puxando-a delicadamente para si. — Eu haveria de chorar se perdesse sua estima. Talvez até tivesse um troço, passasse mal…

Dorinha deixou-se envolver.

— Será mesmo, seu Jurandir?

— Sim, até passava mal. E pra acabar com essas dúvidas de vez, daqui por diante nada de "seu Jurandir". Só Jurandir, entendeu?

— Entendi… Jurandir — e desprendeu-se, voltando-se para ele. — Agora modos, hein, que seu Lucas pode pegar…

— Ele foi para casa reclamando da enxaqueca, não volta hoje. Tem um cantinho lá nos fundos disponível para nós, para mais tarde.

— Quê que é isso, seu Jurandir? — e Dorinha arregalou os imensos olhos cor de mel, falsamente escandalizada.

— Ora, menina — e Jurandir sorriu-se, segurando-lhe as mãos pelas pontinhas dos dedos e levando-os aos lábios —, você sabe da minha febre…

— O senhor está com febre, seu Jurandir?

— O senhor, seu Jurandir… ora, eu não pedi?

— Está bem — ela disse, recolhendo as mãos. — Você está com febre, Jurandir?

— E não? A menina é uma febre para mim.

— Então não posso agradá-lo, Jurandir — ela disse com um sorriso dengoso, dando-lhe um tapinha no rosto —, quem é que gosta de febre, de doença?

— Dessa eu gosto, Dorinha. Diga-me… você vem?

— Hum… vou pensar… mas a que horas seria?

— Lá pelas oito, quando a casa já está fechada e não passa ninguém por aqui.

— Bem — e Dorinha fez um trejeito como que de pouco caso —, vou pensar… se der eu venho… se eu puder distrair mãe e pai…

— Inventa uma história — o caixeiro sugeriu.

— Se puder inventar, invento… mas não vá ficar muito confiante não, tá? Safado! — e deixou o armazém com um requebro de cadeiras sorrindo sobre o ombro para o caixeiro.

Às sete, como de costume, Jurandir atendeu os últimos fregueses e fechou o armazém. Deu um pulo até em casa para tomar um banho e jantar,

"tenho de voltar para o Estrela Dalva" disse à mulher. E explicou: "Seu Lucas teve a enxaqueca e ficou tudo nas minhas costas. Há lá umas pendências da semana que tenho de lançar, assim já faço tudo hoje".

Às oito abria a portinha dos fundos e introduzia a Dorinha, levando-a para um reservado.

— Que lugar é esse? — quis saber a mulata.

— É o quartinho de seu Lucas. Cochila um pouco aqui todos os dias depois do almoço.

— E a gente vai ficar aqui?

— E não está bom?

A mulata não respondeu. Apenas o abraçou.

Dorinha saiu às três, Jurandir permaneceu algum tempo ainda derreado na cama. Depois arrumou tudo, deixando cada coisa em seu lugar para que seu Lucas não percebesse nada, e foi para casa…

— Ó seu Jurandir!…

A voz do português aproximando-se veio arrancá-lo de seu devaneio.

— Sim, seu Lucas?

— Pago-lhe para ficar aí na porta, seu Jurandir?

— Não, seu Lucas, mas não estou à toa não.

— E o que estava fazendo aí, encostado no batente da porta?

— Espiava o largo, seu Lucas, e fazia umas contas…

— Desde quando o senhor faz contas de cabeça, seu Jurandir?

— Eu sempre fiz contas de cabeça, seu Lucas. O senhor é que não sabe.

— Avie-se, seu Jurandir, deixe de ter respostas sempre na ponta da língua e avie-se.

— Sim, seu Lucas, já estou indo — maquinalmente Jurandir apanhou a lista de compras do professor Roberto e abriu o caderno de assentos para guardá-la. Encontrou, solto entre as páginas, um papelzinho que lhe custara, do seu próprio salário, alguns centavos ("Como se esse português sovina fosse abrir falência por causa de uns docinhos!… Eu paguei e estou aqui, não estou? Não fiquei na miséria por causa disso!"): duas cocadas e três marias-moles que anotara para o menino Olímpio, filho do seu Isidoro Vilar. Amarfanhou o papelzinho para atirá-lo fora, "afinal, por que guardei isso?", mas reconsiderou e, sem saber por que, alisou de novo o papel e voltou a guardá-lo dentro do caderno de assentos.

1º de outubro de 1943

— Dr. Souza, com licença…

O homem, que parecia concentrado em seus papéis sobre a mesa, não respondeu de imediato: continuou examinando por algum tempo, com a-

tenção, o texto que tinha em mãos. Um facho suave de luz matinal vinha da vidraça, cujas cortinas brancas e leves encontravam-se parcialmente abertas, tornando brilhante o grisalho dos cabelos e refletindo nos óculos de aros redondos em dois pontos simétricos.

O homem moveu a cabeça lentamente num gesto de assentimento, como que satisfeito com o que acabara de ler. Ainda assim não levantou a cabeça: manteve o papel entre as mãos e tão só ergueu os olhos sobre os óculos, espiando a criada de baixo para cima:

— Diga, Maria.

— Aquele senhor está aí…

Ainda sem se mover, ainda espiando a criada de baixo para cima, o homem esteve imóvel por alguns segundos, como se tentasse compreender do que a outra falava, ou a quem se referia.

— Aquele senhor — disse por fim, recostando-se no espaldar acolchoado da cadeira e retirando os óculos. Esfregou os olhos. Tinha uma aparência cansada, não obstante parecer contente consigo mesmo, e encarou a empregada: — A quem você se refere, Maria?

— Aquele senhor do outro dia, o que esteve aqui procurando emprego e o senhor mandou voltar hoje.

— Ah…

— O senhor vai recebê-lo?

O Dr. Souza relaxou. Juntou sobre a mesa as folhas avulsas, organizou-as num maço guardando-as numa pasta, apanhou uma folha em branco, um lápis, puxou para junto de si um livro em inglês, pela aparência um livro de versos.

Executou todos esses movimentos com calma, sem apressar-se, durante os quais parecia pensar no que dizer à empregada. Por fim levantou-se para esticar as pernas e espiou pela janela:

— Já amanheceu — disse.

— Sim, senhor — respondeu a empregada. — Já são oito horas.

— Puxa!…

A empregada pareceu momentaneamente embaraçada:

— E quanto ao tal homem, Dr. Souza.

— Maria, o jardineiro apareceu?

— Não, senhor. Parece que não volta mais… aliás, ele deixou isso bem claro quando foi embora anteontem.

O Dr. Souza baixou a cabeça:

— Hum-hum — e ficou parado, pensativo.

— É que… deve estar envergonhado…

— Sem motivo — disse —, afinal ele não teve culpa nenhuma…

— Mas talvez sinta vergonha pela mulher… ela fez o que fez e… além do mais, não foi muito correta com o senhor…

— Oh… não, não foi… mas enfim… Maria, mande entregar-lhe por um portador o pagamento do mês que ficamos devendo-lhe — e antes de voltar a sentar-se, mudou de idéia: — Melhor que isto: dê uma passada na casa dele você mesma mais tarde. E traga aqui o homem que está aí fora.

— Sim, senhor.

— Carlos…

Quem entrou nesse momento foi uma mulher de seus quarenta anos, dona de uma elegância natural e nada afetada, o rosto maduro conservando sua primitiva beleza, certo que já sem o viço dos vinte anos, mas ainda capaz de despertar a atenção dos homens.

— Sim, querida.

— Mais uma noite em claro, Carlos?

— Perdoe-me, querida… é que estive tão concentrado, e o trabalho tão envolvente que me deixei levar.

— Isto não vai fazer-lhe bem, e eu exijo — e a mulher frisou bem sua exigência — que você vá logo tomar um banho e, depois, cama! — e assim dizendo aproximou-se, correu os dedos de unhas longas pelos cabelos do marido, ajeitou-lhe com carinho a gola da camisa.

— Não se preocupe, Dina…

— Como não me preocupar, Sr. José Carlos! Como! Você sabe o quanto eu fico aflita quando o vejo romper noites e noites trabalhando sem um descanso. Se ainda fosse muito bem pago...

— Desta vez estou sendo bem pago, Dina.

— Ora, eu já ouvi essa história antes — e Dina deu-lhe um tapinha afetuoso no braço, e fez um gesto de puxar-lhe a orelha.

— Desta vez é sério. Bem… é verdade que o trabalho de tradutor não é dos mais bem remunerados, mas você bem sabe que não podemos nos queixar…

— Não, não podemos, mas isto porque você acumula serviço sobre serviço…

— Não é só isso. Eles me respeitam. Além do mais, desta vez eu peguei uma tradução importante… será uma edição de luxo… e dadas as dificuldades eu estabeleci meu preço, e eles aceitaram… aliás, eu já lhe falei disso outras vezes, mas você sempre volta a tocar no assunto.

— É porque eu me preocupo com sua saúde — foi até a janela, afastou as cortinas completamente e levantou a guilhotina, deixando entrar o refrescante ar da manhã. Voltou-se para o marido, recostando-se porém no peitoril da janela.

Mas a empregada reapareceu na porta:

— Ele está aqui, Dr. Souza — disse —, posso fazê-lo entrar?

— Sim, Maria, mande-o entrar.

— Quem é, Carlos? — Dina quis saber.

— Um senhor que esteve outro dia procurando emprego.

Entrou na sala um homem de meia-idade, aparência humilde, vestido com roupas simples.

— Com licença, Dr.…

— Esteja à vontade — disse o Dr. Souza voltando-se ligeiramente para o homem. — Como é que o senhor se chama?

— Isidoro, um seu criado.

— Mas aproxime-se — disse. O visitante aproximou-se, parando à distância de um passo da mesa. — Pelo que soube, o Sr. procura uma ocupação…

— Sim, senhor.

— Estamos precisando de uma pessoa para cuidar do jardim, caso o Sr. tenha experiência…

— Sim… trabalhei em algumas residências, sempre no ramo de jardinagem… Tenho referências…

— Ah, referências… Está bem, pode deixar comigo — e recebeu das mãos do estranho um envelope. — Examinarei mais tarde. Mas… o Sr. é daqui mesmo?

— Não senhor, vim do interior com minha família já há alguns anos…

— Ah, o Sr. então está com sua família…

— Esposa e filho, senhor.

— Hum-hum. Só um filho?

— Sim, o Olímpio, agora com dezenove anos.

— E o que faz o rapaz?

— Estuda, senhor. Mas não será fácil mantê-lo na universidade.

— Ah, já na universidade! — de repente o Dr. Souza sentiu-se bem humorado e disposto a conversar, e quis também parecer agradável.

— Sim, ano que vem ele começa… é muito esforçado.

— Muito bem! Mas… o Sr. mencionou que veio do interior… O que fazia lá?

— Eu tinha um sitiozinho onde cultivava umas plantinhas…

— E por que deixou o sítio? O que fez dele? Vendeu-o?

— Não senhor, minha irmã mais nova mora lá, toma conta, o Sr. sabe, é um patrimônio de família, ainda que modesto…

— Faz muito bem em preservar. Eu sempre digo que nunca devemos nos desfazer do que temos. E onde fica?

— Cachoeirinha, Sr., é um municipiozinho bem simples…

— Creio que já ouvi dizer… E o Sr. não voltou por lá depois que se mudou?

— Oh, sim, pelo menos uma vez por ano vamos até lá para ver como estão as coisas… o pessoal… tudo.

— Ah, sim… sente saudades, naturalmente…

— Ah, sentimos sim… afinal eu nasci e me criei na roça… e não nego que até penso em voltar, se tudo correr bem…

— Certo, certo. Mas, seu Isidoro, por que deixou a calma de sua rocinha e veio para essa confusão que é a cidade grande?

— Para que o menino pudesse continuar os estudos, freqüentar uma boa escola… lá ele acabou o grupo escolar e… eu pensei em algo maior para ele… porém não o queríamos deixar só…

— Uma família unida, pelo que percebo.

— Sim, senhor, somos muito unidos.

— Isso é bom, muito bom — e enquanto conversava com o homem, mostrando-se interessado e curioso, fazendo perguntas e comentários, o palrador Dr. Souza andava daqui pr'ali, parava, recomeçava a andar, até que por fim sentou-se outra vez. — Bem — disse batendo com as mãos na mesa —, se o Sr. entende de jardinagem, o emprego é seu. Meu jardineiro teve um problema de família e foi embora há dois dias. Quando pode começar?

— Oh, agora mesmo, senhor.

— Pois comece. Mais tarde vou examinar seu trabalho e então conversaremos sobre seus vencimentos.

— Muito agradecido, senhor.

— E quanto ao seu filho… se de alguma forma pudermos ajudá-lo a manter-se na universidade…

— Fico ainda mais agradecido, senhor!

— Maria! — o Dr. chamou, e quando a empregada apareceu à porta: — Este senhor é o novo jardineiro. Leve-o até o galpão, dê-lhe as ferramentas de que precisar e mostre-lhe o jardim. Ele pode começar por onde quiser.

— Sim, senhor. Por aqui, moço…

O outro fez um gesto para o novo patrão, cumprimentou brevemente Dina, que todo o tempo permaneceu recostada no peitoril da janela acompanhando seu diálogo com o marido. Saiu um pouco desajeitado, seguindo a empregada Maria.

E agora marido e mulher estavam outra vez sozinhos no gabinete.

— E então, Carlos — Dina foi sentar-se no colo do marido, passando o braço roliço pelo seu pescoço. — Que tal ir tomar um banho? Enquanto isso lhe preparo um café com leite, e frito umas fatias de pão na manteiga…

— Sim, querida, com certeza… mas antes deixe-me mostrar-lhe umas coisas…

— Já sei: a tradução…

O Dr. Souza estendeu a mão sobre a mesa, apanhou o livrinho que abrira momentos antes.

— Sim — disse, enquanto abria a pasta de papéis e escolhia uma folha ao acaso.

— *Call of the Underworld.*[1]

— Você já sabe no que estou trabalhando, não é?

— Eu sempre sei, Carlos, você sabe que eu sempre sei.

— Oh, sim, eu sei, eu sei… Mas veja, aqui está um dos poemas que traduzi, aliás, estou traduzindo ao mesmo tempo outros textos do mesmo autor, para compreender bem suas intenções. Não se trata de um poeta fácil, mas é por isso mesmo que me encanta…

— Está bem, eu prometo ouvir um de seus poemas traduzidos se você me prometer que, terminando a leitura, vai tomar seu banho e, depois de alimentar-se, vai cair na cama e dormir o dia todo.

— O dia todo talvez não, Dina, mas um bom sono sim.

— Hum — fez Dina, como se a promessa do marido não a satisfizesse de todo, mas assim mesmo concordasse, ainda que não de muito bom grado.

— Ouça este aqui… o título é *O Horror da Noite que Descamba.*

E o Dr. José Carlos de Souza Sobrinho, renomado tradutor, começou a leitura para sua atenta esposa.

22 de setembro de 1936

Então já se haviam passado dois anos, mais de dois anos, desde que ela havia partido.

Fora obrigada a partir depois do escândalo: permanecer naquela cidadezinha de gente faladora e tacanha seria impossível pois ela, que viera de fora para dirigir o grupo escolar, não poderia dar mal exemplo.

Naqueles dias a maioria das crianças não compareceu às aulas, retidas em casa pela família até que se decidisse tudo (o próprio professor Roberto achou por bem mandar a filha — Anita contava então catorze anos — passar alguns dias na casa dos avós, que residiam em T…).

Tudo transcorreu porém sem muito barulho nem demora: em pouco mais de uma semana a situação se normalizara e ele, que assumira interinamente a diretoria da escola, converteu-se em diretor efetivo.

Roberto sentia como um espinho em sua carne a lembrança daqueles acontecimentos em que tomara parte sem, de fato, tomar um partido. Manteve-se hesitante, não avançou nem retrocedeu, e na manhã em que Helena esteve ali para apanhar suas coisas evitou aparecer-lhe.

"Fui um covarde" pensa, fala consigo mesmo ocupando a cadeira que ela ocupara outrora.

A janela estava aberta, o pátio em silêncio pois todos os alunos assis-

[1] José Carlos de Souza Sobrinho — tradutor de "Apelo do Submundo", de Th. Anderson (v. também o romance "Fausto nas Sombras").

tiam às aulas, e no corredor alguém passou com passos arrastados em direção do almoxarifado.

"Deve ser o Antunes" pensou sem nenhum interesse, distraído por instantes de seus pensamentos incômodos, "pois só o Antunes…"

Sim, só Antunes, obeso, rotundo, arrastava daquele jeito os passos.

Percebeu através da janela um chapéu — alguém acabara de entrar. Um minuto mais tarde dona Isolda, a inspetora, sempre baixinha e magra, sempre sobraçando livros, empurrou a porta:

— Professor Roberto — ela disse.

— Sim, dona Isolda, pode entrar.

— Está aí fora o Sr. Isidoro Vilar. Mandou-lhe este bilhetinho.

E estendeu para o diretor um pedaço de folha de caderno dobrado em dois.

— Obrigado, dona Isolda — disse enquanto abria com displicência o papel.

"Seu Roberto, peço que libere meu filho Olímpio mais cedo hoje pois preciso levá-lo para visitar a avó que está enferma. Grato pela compreensão.
Isidoro Vilar."

O professor Roberto moveu a cabeça devagar, num gesto de aquiescência.

— Dona Isolda, diga ao aluno Olímpio que o pai o está esperando.

Mas, antes que a inspetora se afastasse:

— Ah, dona Isolda…

— Sim, senhor?

— Soube que eles estão para partir…

— Quem, senhor?

— O seu Isidoro com a família…

— Ah… sim, também ouvi qualquer coisa…

O professor Roberto balança a cabeça, olhando fixamente a inspetora.

— Pode ir, dona Isolda, pode ir.

E agora Roberto está outra vez só.

Apanha um lápis, rabisca qualquer coisa na folha em branco à sua frente, dá pancadinhas no tampo da mesa, larga o lápis e amassa o papel atirando-o na lixeira.

"Eu deveria ter ficado do lado dela" pensa, "disse a essa gente que nenhuma outra professora tinha sua competência, sua dignidade, mas…"

Com suas atividades de professor de aritmética e geografia e diretor do grupo escolar, Roberto mantinha-se suficientemente ocupado para não pensar, não lembrar, não ter crises de consciência, mas acontecia às vezes: a

certeza de sua covardia era, sim, um espinho. Que vez por outra picava um pouco mais fundo…

"Eu não podia imaginar aquilo" diz consigo mesmo, "não podia imaginar que ela estivesse sofrendo ameaças…"

Levanta-se da cadeira, dá volta à mesa, aproxima-se da janela e espia o pátio deserto.

"Tive medo de comprometer-me, foi isso… afinal eu criei um nome nesta cidadezinha… as pessoas na rua olham-me com respeito, e… e além do mais eu tenho uma filha adolescente…"

Pois naquela manhã Helena chegara cedo: a escola em silêncio, o pátio quase vazio, os poucos alunos presentes olhando-a com a curiosidade natural dos pequenos — intuíam que algo acontecera, mas não sabiam o quê. Ela entrou em sua sala e esvaziou as gavetas. Pôs suas coisas — miudezas que não tinham valor algum, mas que achava por bem não deixar para trás — numa pequena bolsa de viagem, verificou se não esquecia nada e suspirou.

Nem abrira a janela, mal correra a cortina para que entrasse um pouco de luz através dos vidros, mas assim mesmo sentou-se em sua cadeira pela última vez e olhou em volta a sala, que fora seu local de trabalho nos últimos quatro anos mas que agora assumia a aparência de um ambiente estranho, impessoal, e nunca antes lhe parecera tão apertada, tão exíguo o espaço entre as quatro paredes que continha a mesa, a cadeira, um pequeno armário que fazia as vezes de arquivo, uma estante baixa com um globo em cima e alguns livros nas prateleiras, e entre a mesa e a porta uma distância de não mais que três passos…

Roberto vira de uma das janelas internas quando Helena entrou, cruzando toda a extensão do pátio. Não fez qualquer gesto, permaneceu onde estava e, pela mesma janela viu-a que partiu levando sua pequena mala de viagem: cruzou outra vez toda a extensão do pátio, atravessou o portão e desapareceu. Somente dona Isolda fora falar-lhe, mas ele proibira a inspetora de alunos de dizer a Helena que ele estava ali, "diga-lhe que não cheguei ainda, que só virei mais tarde, que… enfim, diga-lhe qualquer coisa, menos que eu estou aqui!".

E no entanto alguns dias antes havia convidado Helena para saírem juntos, jantarem em algum restaurante na cidade, divertirem-se assistindo a alguma fita de cinema — passeio durante o qual pretendia falar-lhe de seu… amor? Ou só interesse por ela? Pois poderia Roberto falar em amor se no momento crucial estivera distante, afastara-se por sua própria decisão, pelo medo de ver seu nome envolvido?

No entanto Roberto não duvidava do seu amor. Amara Helena, e agora, espiando pela janela não o pátio, não a rua entrevista além do portão aberto, não os telhados mais ao longe, mas a própria existência monótona e

solitária, Roberto ainda pensava nela e esperava revê-la um dia, reencontrá-la, ter uma chance, quando menos de lhe pedir perdão…

06 de julho de 2002

Mas enfim ninguém é mesmo de ferro — e Afonso ouviu na sala o alarido dos filhos. Levantou-se para trancar a porta do gabinete, esse pequeno cômodo que transformara em escritório provendo-o de uma discreta escrivaninha, uma cadeira nova, confortável, que se vira obrigado a comprar pois a cadeira antiga lhe causava fortes dores nas costas, uma pequena estante na qual se amontoavam em desordem livros de contabilidade e onde escondia — bem escondidas — diversas revistas pornográficas; havia também uma mesinha em um canto onde a esposa, nas manhãs de sábado — e aquela era uma manhã de sábado —, conhecendo o gosto e os hábitos do marido, ia deixar uma garrafa térmica com café bem quente e bem forte: durante o dia Afonso esvaziaria a garrafa, um cafezinho atrás do outro enquanto examinava os papéis que trazia da repartição, pois ele não se dava a folga dos sábados: para ganhar um pouco mais trazia serviço para casa, inclusive o de alguns colegas menos experientes ou atilados a quem se prontificava a auxiliar, cobrando impiedosamente pelo auxílio. Passaria ali o dia com sua papelada e talvez somente lá pelas quatro levantar-se-ia, curvar-se-ia para trás e para frente a fim de recuperar a mobilidade, e por fim proporia um passeio pelo *shopping* (não para comprar bobagens, não podia dar-se o luxo de gastar às mancheias, mas não lhe seria fatal ao orçamento se propiciasse às crianças um sorvete e um cinema, vez por outra uma ida a um restaurante dos mais em conta — e sentindo-se perdulário lembrava-se ao mesmo tempo do carro do Tavares e das viagens de férias do Morais com a família).

Mas por enquanto era cedo (o relógio acusava nove horas) e Afonso, incomodado com o barulho das crianças, levantou-se e foi fechar a porta do gabinete. Deteve-se porém no umbral prestando atenção. Depois adiantou um pé para o corredor, avançou e parou outra vez: espiou através do cômodo vizinho — uma espécie de copa que se abria tanto para a cozinha quanto para a própria sala —: de onde estava podia ver a TV ligada, mas antes que admoestasse os filhos, intimando-os a baixar o volume e não fazer tanta algazarra, surgiu a figura da enteada com seu *short*, suas pernas longas, suas nádegas proeminentes: Aline curvava-se agora para apanhar sobre o móvel o controle da TV, destacando-se mais o volume das nádegas e, voltando a aprumar-se Afonso pôde ver, perturbado, que o *short* (súbito o volume da TV aumentou de maneira estrondosa

…será hoje à tarde o sepultamento do ex-embaixador do Brasil na França Dr. Olímpio Vilar…

para em seguida baixar até quase o inaudível) entrava-lhe um pouco, e ele sentiu um abafamento que lhe fez rodar a cabeça. Recuou um passo, atarantado, voltou na direção do gabinete mas, girando sobre os calcanhares, encaminhou-se outra vez na direção da sala. Da porta da copa exclamou:

— Crianças!

Aline, que permanecia defronte à TV com o controle ainda na mão, tentando regular o volume (

…Olímpio Vilar, que ocupou cargos importantes na política do país…

), voltou-se dum salto, mostrou-se-lhe por inteiro, o lindo rosto adolescente e moreno, os cabelos negros divididos em dois rabichos que lhe caíam um de cada lado sobre o peito, o biquinho dos seios apontando sob a malha da camiseta.

— Crianças, tenho de trabalhar, portanto **silêncio**! Nada de fazer tanto barulho! E você, Aline…

— Sim, paizão?

— …não ponha tão alto o volume da TV.

Da cozinha proveio a voz de Celina sobrepondo-se ao ruído da água na pia:

— Crianças, deixem seu pai trabalhar em paz!

— Tá bem, mãe — Aline para a mãe na direção da cozinha e, em seguida, voltando-se para Afonso: — Conte comigo, paizão — e largando o controle em cima do sofá veio dependurar-se-lhe no pescoço: — Só isso, paizão?

Abafado, Afonso tentou desvencilhar-se:

— Se obedecerem, só isso basta — disse afastando de si a menina, que opunha uma suave resistência.

— Está combinado — atirou a garota com uma volubilidade natural e lhe deu as costas rebolando com graça os quadris.

Afonso voltou incontinente para o gabinete sentindo uma rigidez dentro de suas calças.

"Paizão" resmungou consigo mesmo Afonso, pois a garota era assim que o chamava agora: paizão, a todo momento paizão, sob qualquer pretexto paizão. Nunca o tratara seriamente de pai, quando pequena lhe fora ensinado por Celina que aquele em cuja casa viviam agora era "o novo esposo da mamãe, está bem filhinha?", conquanto este esclarecimento pouco esclarecesse para uma criança de dois anos, depois três, quatro… "mas não é o papai". Afonso não fez questão de ser chamado de pai. Conquistara a estima da criança e sem dúvida a estimara da mesma forma, se não propriamente como filha, pelo menos com a filha de sua mulher e com quem teria deveres a cumprir, "pois afinal eu amo Celina e devo fazer pela filha dela tudo que

fizer pelos meus próprios filhos com ela", e quanto a isso portou-se sempre com zelo: o primeiro filho nascera um ano e meio depois, o segundo transcorrido mais um ano (contavam agora oito e nove anos), porém jamais discriminara a menina em favor dos garotos. Aline tinha pelos irmãos a afeição de um misto de irmã mais velha (e, pelo menos em princípio, mais ajuizada) e a mãezinha que fingia ser às vezes, em outras ocasiões porém não sendo nem uma coisa nem outra, mas sim a irmã tão traquina quanto eles que em sua companhia alvoroçava a casa, e, fora de casa, o *playground*, o prédio inteiro até, se não lhe tivessem mão… Porém a menina havia crescido, há muito deixara de ser a garotinha que ele punha ao colo, cujo cabelo atava com uma fita cor-de-rosa e a quem dava doces para vê-la lambuzar-se; e se antes chamava-o ora de "tio", ora pelo próprio nome, por último, atingindo os doze, treze anos, dera para isso: paizão!

"Será que é para provocar-me?" ele pensou vislumbrando nesse tratamento e em sua voz uma certa entonação debochada, pois não raro ia também dependurar-se em seu pescoço, ficar cara a cara com ele, olhando-o direto dentro dos olhos com um sorriso (malicioso?) brincando nos lábios e numa atitude como que de provocação. "Será que ela já percebeu que…?" Mas recostando-se na cadeira e esfregando o rosto com as mãos, duvidou, "qual!…" para em seguida pensar mais seriamente naquilo e admitir: "Sim, ela já percebeu…"

Outra vez em seu gabinete Afonso encostou a porta, foi até a garrafa térmica servir-se de um café e sentou-se em sua confortável cadeira, bebericando devagar, pensando na moleca e sorrindo intimamente enquanto olhava o dia de sol pela janela…

Foi então que lhe ocorreu uma atitude a tomar que de imediato não quis admitir — que de início chegou mesmo a rejeitar com certa convicção — mas que lhe permaneceu rondando o pensamento durante todo aquele sábado até encontrar uma brecha e alojar-se de vez por ali: da próxima vez que aquilo acontecesse, não havendo ninguém por perto, acariciava-lhe as pernas… se ela não o repelisse, apertava-lhe a bundinha, as nádegas rijas com seus dedos famintos…

29 de janeiro de 1968

— Os negócios não andam bem, essa é a verdade, estamos vivendo tempos difíceis.

Detrás da mesa um homem obeso, a barba por fazer, vestindo uma camisa branca encardida aberta por faltarem dois botões, dá uma última tragada numa guimba. Há um cinzeiro cheio de pontas sobre a mesa, uma caixa de fósforos e um maço de cigarros pela metade. Há outras coisas: um

prato com restos de comida em cima de um número sem capa de O Cruzeiro, um bloquinho para anotações com as folhas sujas, um lápis e um apontador, um grampeador com um punhado de grampos espalhados por todos os cantos, uma régua quebrada, um rádio velho ligado em volume baixo numa emissora qualquer chiando ora umas canções das paradas de sucesso, ora notícias sobre o dia na cidade, coisas a que por certo nem o homem obeso nem seu interlocutor do lado de cá da mesa parecem escutar. Há mais coisas: uma embalagem de preservativo, um peso para papéis (um cubo de madeira com cerca de quinze centímetros de lado onde alguém, sem mais o que fazer, escrevera a caneta numa das faces "é no cu da sua mãe" e nas outras desenhara caralhinhos ejaculando) em cima de uns papéis empoeirados que seguramente não eram tocados há umas quatro semanas ou mais; um cortador de unha, um copinho de plástico com duas canetas, clipes espalhados, um aparelho de barba que o homem obeso pusera à vista para não se esquecer de barbear-se no fim da tarde e uma caixinha de giletes, uma garrafa de Glória do Mundo e dois copinhos, alguns pedaços de barbante, elásticos coloridos desses de prender maços de cédulas, uma imagem pequena de Nossa Senhora Aparecida, um carretel de linha com uma agulha e dois botões perto (que o homem obeso deixara ali justamente para lembrar-se de pregá-los, pois eram os botões que faltavam em sua camisa ensebada), um frasco quase vazio de perfume barato, uma paçoca, um furador de papel… E toda essa tralha espalhada formava um círculo, criando uma clareira onde o homem obeso ligeiramente curvado para adiante encarando seu interlocutor, na verdade o testa-de-ferro do estabelecimento, apoiava os braços roliços.

"Risque meu nome do seu caderno
Pois não suporto o inferno…"

(a voz de Linda Batista brotando em meio a chiados e estalidos do alto-falante do rádio)

— Também a casa está é caindo aos pedaços — disse o outro olhando em volta: pois ali estava seu patrão sentado atrás de uma mesa estuporada suando feito um porco porque o ventilador de teto não funcionava e o de pé quebrara justamente naquela tarde abrasadora; pois também ali estavam aquelas cadeiras tortas que a qualquer momento viriam abaixo com quem se sentasse nelas, e o chão de taco sem ser encerado, apodrecido num canto devido a uma goteira renitente que já perdurava por dois ou três anos, as paredes encardidas com folhinhas dos anos anteriores pregadas, as janelas de madeira sem pintura, uma das vidraças quebrada, picumã pendendo do teto cujo forro ostentava ainda as manchas provocadas por aquela mesma goteira renitente…

…e essa foi Linda Batista interpretando de Ary Barroso…

(sobrepondo-se à da cantora, a voz do locutor, que achou por bem interromper a canção, atitude habitual entre os locutores de rádio: ou impaciência ou falta de educação que não lhes permite deixar a música chegar ao fim)

E agora a previsão do tempo…

— Creio que se fizermos uma reforma — sugeriu ainda o testa-de-ferro —, para melhorar a aparência… Afinal essa é a Casa das Flores[2]… é tradicional no ramo…

— Não há dinheiro, Gouveia — cortou o homem obeso —, reformas saem muito caro. Você manda arrumar uma coisa, daí começam a aparecer outras… Diz-se "vamos dar uma demão de tinta nas paredes" e aí você vê que dar uma demão de tinta nas paredes não é suficiente porque teremos paredes novas com um chão velho, então resolve-se arrumar o piso, mas então nos lembramos de que o encanamento embaixo do piso está arrebentado em alguns lugares, com remendos que não duram muito tempo e temos de botar lá novos remendos, então antes de arrumar o chão é preciso arrumar o encanamento, mas para isso será preciso comprar o encanamento inteiro novo porque não se vai botar cano novo misturado com cano velho, e daí a gente se lembra de que a instalação elétrica também está com alguns problemas e tem uma infiltração no quartinho dos fundos, diabos, se tem uma infiltração lá pode muito bem aparecer outra infiltração em outro lugar, então não podemos dar uma demão de tinta nas paredes sem antes substituir o encanamento das paredes também, e tampouco é possível mexer nisto e naquilo e não consertar o teto, cujo forro além de sujo está todo carunchado, e aí troca-se o forro mas se descobre que boa parte dos caibros também está ruim devido a goteiras ou aos carunchos porque essa é uma casa antiga, dos tempos de vovó menina, e aqui é tudo madeira; então começa-se a quebrar aqui, quebrar ali, quebrar acolá, e daí a pouco a casa inteira está quebrada, e gente andando por todos os lados, uma sujeira medonha, e a obra vai durar o quê, quatro, cinco, seis meses, sabe Deus se não mais! E nesse tempo? Não se trabalha? As meninas precisam comer, vestir, e comer bem, e vestir bem para que os clientes se disponham a pagar… e quem é que paga por meninas que não trabalham? Como é que eu vou sustentar essa gente toda por seis meses?… Na-na-na-na-não, obra por enquanto nem pensar !…

— Mas chefe, num ambiente feio ninguém se anima… o negócio não está caindo, está despencando… o senhor mesmo disse… as coisas vão mal… se não dermos um jeito de atrairmos fregueses… fazer uma melhoria só pra

[2] Casa das Flores — boate para a qual Pereira agencia crianças para prostituição infantil (v. "A janela do suicida").

disfarçar… uma pintura nas paredes já estaria bom… nos quartos… e contratar garotas novas… as daqui, porra, já estão esbarrondadas… veja a Leleca por exemplo, quase já na casa dos quarenta, peito murcho, cara franzida…

— E eu lá posso botar essa gente na rua, ô Gouveia, pára pra pensar!

— É a lei da sobrevivência, chefe! Vai-se lá ter pena…?

— Não é questão de ter pena, sujeito, é que se eu boto essa cambada pra fora eu fico sem mão-de-obra… demora arranjar gente nova pro serviço… e não temos só a Leleca… essa e as outras da mesma faixa a gente joga pros pés-inchados… diabo!… ainda temos gente mais ou menos aí… e além do mais eu estou parafusando cá umas idéias…

— O senhor?

— Eu, ora essa, Gouveia, e não sou capaz de ter umas idéias?

— Não é isso, chefe… é o modo de falar…

— Pois saiba: estou cá com umas idéias… já estou pensando nisso há um bom tempo… e para o que eu tenho em mente eu preciso das meninas… uma casa de putas não pode sobreviver sem putas, nem que sejam só de fachada…

…a Unidos da Mangueira no próximo sábado anunciará quem vai formar a comissão de frente, bem como…

(a voz do locutor agora tem como fundo o batuque de um samba-enredo, o som dos surdos, dos tamborins)

— No que é que o senhor está pensando, chefe? — o testa-de-ferro recuou um pouco o corpo entortando o pescoço meio de lado num alarme fingido.

— Ah… — e o homem obeso sorriu, cruzou os braços e recostou na cadeira com um sorriso finório, fazendo ar de mistério.

Os dois ficaram se olhando por vários segundos até que o testa-de-ferro avançou a cabeça, curvando-se na direção do obeso, e baixou a voz:

— Ô chefe… o senhor não'stá pensando em droga não, né?… Quero dizer, esse negócio de maconha…

— Maconha é o caralho, Gouveia, vê lá… Maconha, essa é boa…

— É que eu pensei…

— Pois pensou mal pra burro. Meu negócio é prostituição, trabalhei nisso a vida inteira… são mais de trinta anos nisso… como é que vou mudar agora?

…o mestre-sala e a porta estandarte…

Gouveia recostou-se na cadeira e tamborilou com os dedos no tampo da mesa:

— Então não'stou entendendo…

O obeso inclinou-se novamente na direção do outro, fez-lhe um sinal para que aproximasse o ouvido e baixou a voz quando ele se inclinou:

— Crianças — disse, e recostou-se de novo na cadeira olhando o testa-de-ferro com um ar triunfante.

Gouveia franziu o cenho, esbugalhou os olhos ainda sem entender.

— Chefe — gaguejou —, o que… o que o senhor está querendo dizer?

— O que eu disse, idiota. Crianças.

— Crianças? Mas chefe…

— Escuta aqui, já tenho tudo planejado… talvez requeira um pouco mais de… digamos… ponderações, para avaliarmos bem os riscos… nada pode dar errado, entende?

— Entendo… sim… nada pode dar errado… mas o que…?

— Tem muita gente que gosta de criança… meninos e meninas, sabe?, de onze, doze anos… até de menos, oito ou nove… Está m'entendendo?

— Eu'stou, chefe… mas… isso não é perigoso?

— Claro que é… ora essa… é por isso que não podemos cometer erros… mas também rende, ó… — e o obeso fez um sinal significativo com os dedos, baixando a voz ainda mais e falando de maneira incisiva: — É muito dinheiro que corre nesse tipo de negócio… andei me informando… tem por aí muito figurão que procura crianças… meninas, por exemplo… cabaço, tá me entendendo?… sem cabaço o valor é menor, por isso quando se tem uma cabacinho cobra-se o olho da cara… e tem quem pague sem pechinchar… essa gente rica… são os piores, Gouveia, são os mais sujos… É sujeira o que eles querem, é o que vamos lhes dar…

E o homem obeso fez um esforço para pôr-se de pé, apoiando-se na mesa com uma das mãos e com a outra alcançando uma bengala grossa de nogueira que ficava ao lado, encostada à parede.

Avançou uns passos pesados pela sala estreita e foi até a janela. Estavam num segundo andar, dali podia espiar a rua, o trânsito escasso e vagaroso, o sol das duas tinindo nas chapas metálicas do teto de um galpão do outro lado. O obeso apoiou as duas mãos no peitoril da janela, o corpo meio reclinado para adiante, e ficou olhando para fora como se numa avaliação silenciosa se perguntasse quanto tempo ainda iria agüentar.

— É por isso que ainda precisamos das garotas, Gouveia — disse sem mudar de posição. O outro permaneceu sentado, estirou as pernas, pensava no que o chefe lhe dizia. — Fachada, compreende… todo mundo sabe que isso aqui é uma casa de "damas"… continuará a ser… mas para alguns clientes especiais… teremos algumas ofertas também especiais… — aprumou-se e voltou-se para seu subordinado: — Teremos de começar com muita cautela… tenteando o terreno… no início é sempre difícil… não saberemos ao certo a quem fazer esse tipo de ofertas… mas a gente vai sondando…

— Mas chefe… tudo certo… entendi sua idéia… deve render, eu suponho, mas eu só não sei onde é que nós vamos encontrar crianças…

O obeso, escorando-se na bengala, foi até a porta verificar se estava bem fechada, abriu-a, espiou o corredor, fechou-a novamente, voltou caminhando devagar para a mesa e deixou o corpo cair na cadeira.

— É aí que você entra, Gouveia.

O testa-de-ferro deu um pulo na cadeira:

— Eu, chefe? E o que é que eu vou fazer?

— Encontrar crianças.

— Encontrar… mas… onde, chefe, onde?

— Escute bem, Gouveia… o nosso ramo é a prostituição, não é?… Então!… Raciocina comigo: aonde vamos buscar putas para nossa casa e o que lhes oferecemos em troca de seus serviços?…

— Bem, chefe…

— Cala a boca, Gouveia, e por enquanto só escuta… — o homem obeso ajeitou-se melhor na cadeira. Prosseguiu: — A gente vai buscar as putas nas casas de gente rica?… Não, não é?… Pois é… Puta se busca na miséria… A prostituição, Gouveia, se você ainda não aprendeu, aprenda: a prostituição é um negócio agenciado na miséria para entretenimento de gente que quer gastar, ou muito ou pouco, mas sempre gastar… E é na miséria que a gente vai apanhar essas crianças… Tem muita gente miserável por aí que é capaz de vender a mãe, a irmã e até os filhos… estamos interessados nos filhos… pequenos, é claro… Você vai rondar por aí… onde houver miséria, Gouveia, fome, entende?, fome e desespero… ali você vai rondar, conversar, fazer uma oferta… mas não diretamente, não me vá assustar um possível fornecedor… com cuidado… vou dar uma idéia que você vai aproveitar… do seu jeito… mas sempre com cuidado… Você encontra uma família com seis, oito filhos pequenos… os maiores têm nove, dez, onze anos… Você se aproxima devagar… puxa assunto com a mãe, ou com o pai… fala da vida difícil… especula… avalia o desespero daquela gente… é o desespero que vai fazê-los ceder… daí você oferece uma oportunidade… "Aquela maiorzinha ali pode ganhar uns trocados… estamos começando um negócio", e aqui você inventa o negócio, um restaurante, uma casa de *shows*, sei lá, inventa, depois a gente pensa no caso, "estamos começando um negócio, o senhor vê, e é justamente de uma garotinha assim que vamos precisar… e até mesmo de um garotinho como aquele ali… pagaremos bem… podemos até oferecer um adiantamento…" Eu deixarei com você algum dinheiro para esses adiantamentos… não muito, está visto, que você sabe como estão correndo os negócios, mas para algum incentivo eu providencio… e para o desesperado qualquer oferta é boa… e quando ele vir duas ou três notas novinhas não vai nem querer saber que tipo de serviço a menina ou o menino poderá fazer… vai é dar graças a Deus por ter encontrado

uma tábua de salvação… Então você diz que quando for requerido, ele deverá levar a garotinha ou o garotinho, ou ambos em tal endereço… O caso é que teremos de ter o produto garantido para quando a oferta for feita, não podemos é deixar o cliente esperando… Depois é só enfeitar o pavão… dar um bom banho nos fedorentinhos, esfregar bem para tirar os cascões… isso aí as putas fazem, mulher sabe lidar melhor com essas coisas… a gente vai ter de botar uma roupinha melhor neles também… enfim… investimento… pequenos gastos que renderão seus frutos… e quando esse desesperado estiver com uma bolada nas mãos… bem, não vamos esbanjar, mas no começo seremos um pouco generosos para não perdermos o fornecedor e fazer com que ele nos ajude a conseguir outros… depois a gente regateia… fala que diminuiu a procura… inventa alguma desculpa para pagar menos… e é por aí, entende?… Você entendeu, Gouveia?

— Entendi, chefe… entendi…

E o homem obeso suspira, esperançoso:

— Ah, Gouveia… acredito que finalmente tiraremos o pé da lama…

…e o deputado Olímpio Vilar terá na tarde de hoje um encontro com Sua Excelência o Governador…

(a voz do locutor, ainda entre chiados e estalidos, dava as notícias da tarde)

16 de abril de 1939

E o que poderia a velha Ana Carolina Brito fazer para distrair a jovem Vitória?

Pois Vitória tinha vinte e três anos, e nessa idade Ana já era casada há três e cuidava de seu primeiro filho. Era uma mulher, lembrava-se, tinha noção de seus deveres, amadurecera em pouco tempo com os compromissos assumidos no casamento ("Eram outros tempos, é bem verdade") e a maternidade lhe dera uma compreensão diferente de sua posição no mundo. Era dona de um lar que deveria tornar aprazível, o mais aprazível que pudesse para aquela criança e para o pai daquela criança. Certo era que Alberto, o pai daquela criança, também tinha o mesmo compromisso e cabia-lhe cumpri-lo — e depois de tudo a velha Ana não tinha dúvidas de que ambos haviam cumprido seu compromisso com a vida.

Mas a jovem Vitória… Vinte e três anos e ainda uma criança a choramingar por um rapaz que a desprezava.

— Eu o amo tanto, don'Aninha! — dizia, inconsolável, diante da xícara de café.

Será que ela se comprometera além do devido?, ocorreu a Ana Carolina sem que, no entanto, se sentisse disposta a perguntar-lhe. Pois com que direito arrancaria da garota uma confissão? Não, deixaria que ela falasse,

que ela mesma dissesse tudo que houvesse para dizer e escolhesse a hora mais conveniente.

Vitória era uma jovem miudinha de corpo, leve feito uma pluma, a pele chegava a ser transparente de tão branca e os olhos tão azuis que ofuscavam numa olhada direta e intensa. Apareciam-lhe sardas nas faces rosadas e no nariz delicado, tinha os cabelos loiros e curtinhos, e quando sorria os dentes eram mármore de Carrara.

Vitória mudara-se para o prédio há menos de quatro meses e fizera amizade com a velha Ana numa manhã de chuva em que, encharcada e sem poder entrar em casa — pois havia esquecido as chaves e os pais não estavam —, a velha a convidara para entrar e emprestou-lhe algumas roupas que lhe caíram bem. Veio, ela mesma, com uma toalha felpuda e secou-lhe os cabelos, estendendo-lhe em seguida um pente.

Passara a vir sempre, quase todos os dias, contava-lhe seu dia-a-dia comum, falava de um rapaz por quem havia se apaixonado e ao qual os pais não se opunham, que por último no entanto começara a distanciar-se como se já não estivesse interessado nela.

— Tudo se ajeita — disse Ana Carolina indo sentar-se defronte à jovem. — Sirva-se de mais café — e indicou o bule —, que tudo se ajeita.

E mais uma vez a velha Ana teve dúvidas, e pôs-se a pensar…

Fez-se na cozinha um repentino silêncio. Então sobrevieram aquelas lembranças, aquela história antiga, e pensou em contá-la para distrair a garota.

Mas não começou a falar imediatamente, achou por bem fazer uns rodeios, seguir mansamente pelas curvas da palavra — para encher as horas? Para não surpreender a menina? Para não se atirar, ela mesma, no poço sem fundo do tempo?

Fosse pelo que fosse, Ana Carolina falou primeiro de Alberto.

— Saiba que aos vinte eu me casei com o meu Alberto e, na sua idade eu já tinha um filho para cuidar — ela disse com uma piscadela, como a chamar a atenção da outra para esse fato de suma importância.

Alberto entrara em sua vida quando Ana Carolina terminara os estudos, aos dezoito anos, e pensava cursar Direito.

— Quando meus pais souberam do namoro, chi!… E com um homem quinze anos mais velho!

Pois eles afinal queriam a filha formada, sentir-se-iam orgulhosos de vê-la doutora…

— Isso de ter uma doutora na família era quase uma questão de honra para eles, sabe — e Ana Carolina fez uma pausa, relembrando. — Não eram pais dominadores, intransigentes — ela diz —, disciplinadores sim, intransigentes não, e quando viram que não tinha jeito…

— E a senhora então se casou?

— Sim, eu me casei.

— Com o homem a quem amava…

Ana Carolina confirmou com um movimento de cabeça.

— Com o homem a quem amava, por certo. E como eu o amava! — Suspirou. — Não me tornei doutora, mas lhes dei netos e eles se orgulharam de mim assim mesmo.

Pôs mais açúcar na xícara e serviu-se de mais café. Mexeu para adoçar enquanto pensava em como prosseguir.

— O amor é uma aventura, minha filha — ela disse por fim —, não pense que não…

— Sim — diz Vitória —, e deve ser bom ter passado por essa aventura, como a senhora, e agora poder falar dela… mas sabendo que se saiu bem dela.

A velha Ana Carolina Brito envolveu a xícara quente com ambas as mãos e baixou a cabeça, concentrando-se.

— Mas mesmo um mulher como eu, minha filha — ela diz —, pode ter passado por ela sem sair-se bem, como você diz… Não passei por ela incólume como você pensa — e sorri para a mocinha loira do outro lado da mesa.

— Mas a senhora amou um homem e casou-se com ele, teve filhos, viveu sua vida plenamente…

— Não o nego — disse a velha —, não o nego, mas…

Desviou os olhos para a xícara, afastou-a de si, entrecruzou os dedos na superfície da mesa.

— Vou lhe contar uma história — disse por fim —, uma história antiga… a história de duas meninas…

E a velha Ana Carolina falou de duas meninas que um dia se conheceram, ainda crianças, no internato onde estudavam.[3]

— Elas tinha quase a mesma idade — diz —, onze, doze anos…

E faz uma pausa.

Diz, olhando para um ponto qualquer à sua frente, como se Vitória já não estivesse ali, como se falasse para si mesma — pois na véspera fora assaltada por essa lembrança que sobrevinha às vezes com doçura mas que, agora, adquirira uma força terrível, como um punho de ferro a socar-lhe o peito.

A velha Ana Carolina não estava acostumada, não podia esperar que a lembrança de algo que lhe acontecera na infância e que, por muito tempo ao longo de sua vida, estivera ausente de seus pensamentos, pode-se mesmo dizer apagado, renascesse de forma tão poderosa e lhe produzisse aquela opressão — e mesmo aquelas lágrimas que lhe corriam pelas faces agora, para espanto da jovem Vitória, que ainda não compreendia.

---

[3] Ana Carolina Brito — colega de internato de Clara (v. “Sinfonia Inacabada”).

— O amor, Vitória, sempre o amor — diz Ana Carolina.

E como Vitória ainda não compreendesse:

— Uma delas se chamava Clara, era um ano mais velha que a outra. A outra era eu.

— A senhora? E o que aconteceu?

Ana Carolina, com seus sessenta e seis anos e seus cabelos brancos, ergue os ombros e sorri sem descerrar os lábios:

— Por certo você há de ficar espantada se souber que o que aconteceu foi uma paixão tão intensa que parecia infinita…

— ?!…

— …entre as duas meninas, naquele internato enorme onde deveríamos passar todo o ano letivo.

— Don'Aninha!!…

— Amamo-nos, Vitória — ela disse —, éramos duas crianças e nos amamos com a pureza do amor que apenas duas crianças podem sentir. Estávamos sempre juntas; tínhamos, é claro, um círculo de amizades bastante variado entre as alunas da mesma classe e mesmo das outras classes, afinal estávamos ali o ano todo… Mas nós duas… nós duas…

E agora as lágrimas corriam com abundância pelas faces úmidas da velha.

— Fugíamos à noite do dormitório para irmo-nos encontrar na biblioteca, e lá ficávamos, juntas, horas e horas… bastava-nos a presença uma da outra, o contato suave e delicado dos nossos corpos, os beijos plenos de candura que trocávamos, a inocência de quando nos tocávamos…

Ana Carolina levou a xícara aos lábios.

— Nunca ninguém soube de nada… ninguém percebeu…

— Don'Aninha…

E Vitória movia a cabeça entre surpresa e maravilhada com o que acabara de ouvir.

— …e o que aconteceu depois?

— No final do ano tínhamos de nos separar: férias, cada qual indo para sua casa, Clara voltaria para São Paulo, onde vivia com uma tia… enfim… Mas estávamos certas de que chegaria o mês de março e com ele o reinício das aulas, então nos veríamos outra vez…

— E não se viram?

Ana Carolina suspirou.

— Foi em fevereiro que aconteceu…

— O quê?

— O internato onde estudávamos pegou fogo, um incêndio terrível, e não voltaria a funcionar naquele ano.

— Oh!…

— Ainda assim eu tinha esperança de que no novo colégio em que

meus pais me matricularam eu a fosse encontrar… numa feliz coincidência, sabe?, sermos matriculadas no mesmo colégio e nos reencontrarmos, mas…

A velha Ana Carolina move a cabeça, o cenho ligeiramente crispado. Passa a língua pelos lábios ressecados. Respira fundo.

— Continuei estudando nesse novo colégio pelos anos seguintes, e não tive mais notícias dela. Meses antes de eu completar quinze anos ocorreu um contratempo em família: meu pai viu-se em dificuldades financeiras, teve de liquidar todos os seus bens e então nos mudamos para Minas, onde ele tinha alguns parentes que o poderiam ajudar… Clara agora estava perdida para sempre.

— Mas vocês não trocaram correspondência?

— Eu escrevi a Clara algumas vezes durante aquele ano, mas não obtive resposta… Penso hoje que minhas cartas se extraviaram, estou mesmo certa disto, mas na época achei que ela já não se interessasse por mim, que havia desistido, sei lá… Como não nos reencontramos naquele ano, eu pensei, ela conheceu outra pessoa, ama a outra pessoa, quem sabe a um rapaz… então parei de escrever.

A velha Ana faz uma pausa, ajeita a toalha da mesa num gesto concentrado, demora-se um pouco nesse gesto como se repassasse na memória suas últimas palavras.

— Continuei estudando — acrescentou —, aos dezoito anos estava pronta para ingressar na faculdade. Foi quando conheci Alberto, apaixonei-me por um homem e causei aquele alvoroço em família…

— Mas a senhora não se esqueceu do amor de infância… e logo por uma outra menina…

— Não me esqueci… esteve guardado comigo todos esses anos… Vez por outra a lembrança o traz de volta, mas nem sempre com a força com que veio desta vez.

25 de março de 1973

Luíza pôs o fone no gancho e foi se afastando devagarinho rua afora. A voz de Vera Lúcia do outro lado da linha tinha qualquer coisa de desesperança, "não sei" ela havia dito, "a prova estava muito difícil".

Então a garota magrinha teria mesmo de voltar para o interior e levaria um desgosto para os pais, que haviam depositado tantas esperanças nela.

Ela também daria um desgosto à mãe, e agora não sabia como olhá-la nos olhos e contar-lhe…

Pois antes das nove estava outra vez diante do portãozinho, mas dessa vez ele não lhe pareceu uma ponte levadiça, já não havia fosso algum, e quando o empurrou escutou-lhe o rangido de sempre, e o jardim onde pene-

trou era o mesmo jardim de sempre — adiante, por exemplo, havia uma fonte onde tantas vezes haviam se sentado, os dois, a conversar despreocupadamente, e o gramado em volta era plano e límpido, sempre aparado, verde, exceto por uma ou outra florzinha amarela que brotara…

Sabia que ele estava só em casa, pois os pais ficariam fora até o fim do mês. Era melhor assim, pois os pais a olhavam sempre de um jeito "atravessado", a bem dizer não simpatizavam com ela, e Luíza não se sentiria à vontade em falar-lhe se eles estivessem em casa (mesmo conversando com ele em particular, pois de que outra forma poderia tocar naquele assunto?), já que fora até ali para que ele tomasse uma decisão.

Contornou a casa, subiu os degraus, atravessou a varanda e foi escutar à porta: havia silêncio, ele decerto ainda estava dormindo. Antes de tocar a campainha experimentou a maçaneta, e a porta se abriu.

"Esqueceu-se de fechar a porta."

Entrou.

Quebrando a intensidade da luz daquela manhã de sol, as cortinas brancas e finas de cassa preenchiam o vestíbulo e a sala de uma claridade baça que atenuava o contorno dos móveis antigos, os reflexos no lustre de metal dourado, a transparência dos cristais…

Luísa atravessou a sala evitando fazer barulho — fizera bem, pensou então, em calçar os tênis com seu solado de borracha —, subiu pausadamente os degraus para o segundo pavimento, embora seu coração agora começasse a pulsar com mais força e sua respiração acelerasse. Tensa, deteve-se no meio da escada, respirou fundo, retomou a subida e em cima, no corredor, dirigiu-se ao quarto dele — pois fora ali, numa dessas ocasiões em que os pais viajavam, que eles haviam… E lembrou daquele dia, pouco mais de três meses atrás, e pensou em como ele se mostrara carinhoso despindo-a sem pressa, beijando-a com uma insuspeitada ternura, logo ele, tão brincalhão e descontraído, com seu jeito meio atabalhoado em tudo que fazia…

Deteve-se diante da porta do quarto, "deve estar dormindo", e a imagem do rapaz adormecido enterneceu-a; deteve-se, hesitando em empurrar a porta e entrar. Já não pensava nele como um patife que se esquivaria de seu dever, pois imaginá-lo dormindo acalmou-lhe o coração, "uma pessoa adormecida é sempre doce" ocorreu-lhe, e ela sorriu.

Mas sua mão estava pousada sobre a maçaneta, não pôde evitar o gesto de girá-la e escutar o ruído da porta destravando-se, e uma fresta apareceu…

Luísa soltou a maçaneta e recuou um passo com o coração aos pulos. Novamente teve medo, outra vez dominou-a a dúvida, ou, em outras palavras, a certeza de que ele… de que ele…

A porta girou devagarinho nas dobradiças, aumentado a fresta, pela qual Luísa pôde ver — mesmo a contragosto — uma parte do quarto, um móvel, o tapete estampado, os pés da cama…

E assim permaneceu por momentos, como que atordoada por estar ali espiando para dentro de um quarto que não era o dela, embora esse quarto fosse do homem que a pusera naquele estado e a quem viera cobrar uma atitude…

E num movimento inesperado avançou um passo e empurrou a porta, que se abriu por completo chocando-se ruidosamente contra a parede.

Ele, contudo, acabara de sair do banheiro enrolado numa toalha e encarou-a com espanto, detendo-se, irresoluto. Na cama, uma jovem loira sentou-se, estremunhada, os cabelos longos em desalinho, os seios brancos reluzindo à claridade da manhã.

— Amor — disse a jovem loira ainda sem entender o que se passava —, quem… quem é essa daí?

15 de fevereiro de 1949

E agora restava aquela sensação de desencontro, essa decepção de quando alguém que deveria vir não vem e somente esperamos, e continuamos esperando em vão.

Pois os acontecimentos inevitáveis às vezes podem conduzir para esse desfecho, e se já não é possível voltar atrás, se não é mais possível estender as mãos e dizer "estou aqui"…

E assim, naquele fim de noite, quando cada qual seguiu seu caminho, quando cada um ficou sozinho consigo mesmo e percebeu que haviam transposto uma etapa de sua vida, e que essa vida prosseguia, que novas etapas teriam de ser vencidas mas aquela ficara para trás e que era impossível retroceder, e quando se aperceberam de que somente agora, depois de tanto anos, se davam conta de que aquilo com efeito ficara pendente entre ambos, pois havia uma coisa a ser resolvida mas nenhum dos dois pensava que se resolveria algum dia, nem mesmo suspeitavam de que havia algo a resolver-se, quando enfim se deram conta de que a ponte sobre o caudaloso abismo rompera-se mal a haviam transposto e não podiam retornar à outra margem e que ambos haviam cruzado para margens opostas apenas encontrando-se no meio da travessia; então, e só então sentiram que alguma coisa rompia-se definitivamente em sua existência.

Fora por um mero acaso que se reencontraram.

Ela cruzava o saguão do hotel em direção ao refeitório.

Ele acabara de entrar e, como se sentisse exausto devido ao calor da tarde de sol, arriou a mala no chão e tirou do bolso um lenço. Secava o rosto suado quando percebeu o vulto — tinha algo de familiar, e também se detinha, voltando-se…

— Roberto!

— Helena!

E agora estavam um diante do outro quase quinze anos depois.

Fazia tanto tempo que não se sentiram constrangidos, conquanto nem um nem outro se tivessem esquecido dos antigos acontecimentos. Surpresos, sim, e felizes com o reencontro, apertaram-se as mãos.

— Viajando? — ela perguntou.

— Sim — ele respondeu —, devo ficar alguns dias. A negócios. Mas também a contragosto. E você?

— Também, mas já de partida — ela disse.

— Ah, mas que pena! — ele disse. — Então não mora no Rio?

— Há seis anos estou residindo em Salvador. Amanhã de manhã já estarei na estrada. Mas não fiquemos aqui. Vai hospedar-se, suponho — e como ele fizesse que sim com a cabeça —, então não se preocupe, há vagas. Vamos ao refeitório, você me acompanha no lanche.

— Será um prazer — e acompanhou-a.

Helena tinha à sua frente agora um homem de cinqüenta e oito anos ainda mais roliço do que nos velhos tempos, quase completamente grisalho, as bochechas rubicundas e luzidias mas as feições um tanto cansadas. Dir-se-ia que o professor Roberto envelhecera muitos anos mais do que os que de fato se haviam transcorrido desde aquela época…

Roberto, contudo, ao contemplar Helena, que examinava o cardápio enquanto fazia referência aos sucos e refrescos, "o melhor para um dia quente como o de hoje" dizia com um adorável sorriso, via uma mulher madura e bela ("Terá completado trinta e oito?"), vestida com elegância ("Deve estar muito bem colocada, a julgar pelas roupas…") mas também com simplicidade e bom-gosto, e muito senhora de si.

— Você é meu convidado — ela disse enquanto o garçom se aproximava.

— Não, Helena, eu…

— Faço questão! — ela disse com um imperioso sorriso.

— Eu fico tão embaraçado…

— Ora, ora — e virando-se para o garçom fez o pedido, acrescentando que "o cavalheiro vai hospedar-se, providencie para que seja bem acomodado".

E a tarde avançou devagar.

Depois que Roberto viu-se instalado num bom quarto, depois de ter-se refrescado, trocado de roupa e feito a barba, foi convidado por Helena para darem uma volta pela orla, "está anoitecendo e refrescando um pouco" ela disse enquanto caminhavam pelo calçadão, e há por aí uns restaurantezinhos bem aconchegantes"…

Helena movia-se com o desembaraço típico das pessoas habituadas à vida na cidade, sugeria pontos turísticos, falava das peças em cartaz, dos

melhores cinemas, das boas casas de espetáculo e agora dirigia-se para um bar que pusera as mesinhas na calçada e onde alguém tocava um violão. Roberto, matuto, sentindo-se velho e tolo, mal sabia o que responder e tinha a vaga impressão de que ela fazia aquilo para vingar-se, para mostrar a ele a diferença entre ambos e dizer "veja bem aonde viemos parar depois de tudo".

— Creio que vai bem uma água de coco gelada, não?

— Mas eu pago desta vez — ele disse.

— Ora, que bobagem — e acenou para uma mocinha que acabava de atender a uma mesa próxima.

Anoitecera por completo.

Já não conversavam: escutavam a música, o violão brincando com as notas de uma canção da moda, pessoas iam e vinham, o tempo parecia no entanto não querer passar — pois a Roberto pareceu justamente que o tempo não iria passar, que aquela noite seria duradoura até quando os dois quisessem, sendo certo que ambos haveriam de querer que durasse e durasse e durasse…

E com a intimidade e desenvoltura de alguém que conhecesse o músico, Helena levantou-se ao fim da canção e aproximou-se dele com um pedido.

— Eu me sinto envergonhado, Helena.

Em que momento Roberto disse essa frase? Já estavam juntos há horas: haviam tomado água-de-coco naquele barzinho onde um violonista apresentava-se, Helena dirigira-se ao músico fazendo-lhe um pedido e em seguida voltou, convidou-o para dançarem ali mesmo e ele, vermelho feito um pimentão, não pôde evitar enlaçá-la pela cintura; depois continuaram o passeio pela orla; mais tarde, enquanto jantavam, conversaram sobre a política bastante conturbada daqueles anos do pós-guerra; por fim estavam sentados em um banco próximo à areia, olhando o mar em silêncio, e já era tarde.

Helena não respondeu. Entendera-o, conquanto não parecesse mais que uma frase fora de propósito, mas se manteve calada e nem mesmo o encarou. Continuou olhando o mar escuro como breu, escutando seu rumor surdo, mas não deixou de sentir um certo aperto no coração.

— Não sei se deveria falar disso — ele prosseguiu após uma breve pausa —, mas…

Baixou a cabeça.

— Não podia imaginar que fosse reencontrá-la um dia — disse. — Agora que estamos aqui… casualmente… É difícil para mim não falar…

Helena ainda não respondeu. Esperou.

— Você tem o direito de recriminar-me, Helena. Não o faz… não o fez, mas… Fique à vontade… Diga se resta um ressentimento que… seria muito natural…

— Não, Roberto — ela disse por fim, voltando-se para ele. — Não há o que recriminar…

— Eu me recrimino, Helena…

— Não devia.

— Sim, eu me recrimino deste então… todos os dias… E fico pensando que tipo de homem fui se dizia estar apaixonado por você e mesmo assim… no momento mais difícil para você, eu… enfim, eu me esquivei…

— Para que trazer isso de volta, Roberto? — e ela pousa a mão sobre a dele, apoiada no banco, e lhe sorri.

Roberto a encara, e sente os lábios trêmulos.

Controla-se, evita umas lágrimas que seriam embaraçosas para os dois. Suspira.

— O preconceito, Helena, o estúpido preconceito fez-me perder o que eu poderia ter tido de melhor…

E ao olhar curioso de Helena:

— Não propriamente seu amor, Helena, porque eu, conquanto a amasse… sabia não ser correspondido… logo não tinha muitas esperanças… não propriamente o seu amor…

Helena sorria com todo o rosto, enquanto ele falava:

— Mas a oportunidade de ter representado alguém importante para você, de ter sido uma pessoa de quem você pudesse orgulhar-se de apontar como seu amigo.

Baixou os olhos.

— De alguém como eu você talvez só possa sentir pena… e um pouco de vergonha, como eu mesmo sinto…

Helena não respondeu. Poderia ter dito a Roberto que ele de qualquer maneira era alguém importante para ela, que o tinha na conta de um bom amigo e que não se envergonhava dele, pelo contrário!, mas calou-se pois tais palavras, conquanto verdadeiras — Helena não conseguiria ser falsa, mesmo que quisesse —, soariam convencionais e não teriam o poder de convencê-lo de sua sinceridade; poderia ter dito que sentia um pouco de pena dele, sim, por vê-lo humilhar-se, mas compreendeu que Roberto, que poderia ter evitado trazer de volta essas lembranças, fizera-o como catarse, um necessário ato de purificação pelo qual teria esperado todos aqueles anos.

Helena voltou os olhos para o mar às escuras, recolheu a mão e entrecruzou os dedos no colo, e assim esteve por alguns momentos.

— Eu havia me envolvido com um homem — ela disse por fim —, e estava grávida dele.

Deteve-se. Mordeu os lábios. Prosseguiu:

— Prometera-me casamento, mas… — deu de ombros baixando a cabeça, momentaneamente embaraçada. Balançou a cabeça com um sorriso breve. — Ele partiu, sabe, foi embora e não o vi mais…

Olhou no rosto de Roberto, seus olhos ansiosos, indagadores, aflitos:

— Então passaram a enviar-me uns bilhetinhos ameaçadores… Ameaçavam-me com um escândalo se eu… Eu era solteira e diretora de uma escola! Não podia continuar naquele cargo… Talvez as pessoas tivessem exagerado um pouco… mas não deixavam de ter uma certa razão…

— Não, Helena, você não pensa dessa maneira… não pode pensar dessa maneira…

— Para aquelas pessoas isso tinha importância, Roberto. Era um lugar pequeno, era uma outra época…

— Ora, as coisas não mudaram tanto assim por lá…

— …é preciso enxergar as coisas por essa perspectiva…

— …nem tantos anos faz…

— Não muitos, é verdade, mas sempre era uma outra época.

— Eu não quis estar com você no dia em que você foi apanhar suas coisas na escola — ele confessou, falando com voz firme e aprumando-se um pouco. Disse-o como uma repreensão a si mesmo. — Eu estava lá e não fui lhe falar, pelo contrário, mandei dona Isolda, lembra-se dela?, mandei que ela lhe dissesse que eu ainda não havia chegado, ou que chegaria mais tarde naquele dia, mas eu estava lá — Roberto cobriu o rosto com as mãos. — Que vergonha, meu Deus, que vergonha! Como fui covarde! E como dói ainda em mim a minha covardia, Helena!

Ergueu o rosto com uma expressão enérgica:

— E sabe por que agi assim?

Helena apenas olhou-o com curiosidade.

— Porque eu tinha, como tenho até hoje, um nome naquela cidadezinha… um nome, veja você!…

E olhou-a diretamente nos olhos, com coragem:

— Um nome — ele disse ainda, e repetiu: — Um nome, Helena, numa cidadezinha de merda… desculpe a grosseria, mas é a verdade: uma cidadezinha de merda, um nome de merda!… — exaltou-se, depois suspirou, encolheu, prosseguiu com a voz apagada: — Eu dei tanta importância a isso, sem me dar conta de que o que era de fato importante, a coisa mais importante da minha vidinha miserável, eu estava perdendo… para sempre…

Baixou os olhos.

— Tinha uma filha adolescente… — continuou. — Eu era viúvo com uma filha adolescente, então achei que se eu… enfim, temi também por ela… o que é no mínimo ridículo…

— Esqueça isso, Roberto. Eu nunca o recriminei, e não vai ser agora… Ouça, não nego que fiquei um pouco magoada… Naquele dia, quando embarquei de volta para o Rio desejei muito que pelo menos você estivesse na rodoviária para despedir-se de mim… Mas recriminá-lo, não… Não se mortifique por causa disso… Diga-me, como está sua filha.

Roberto deu de ombros. Fungou, cruzou os braços.

— Casou-se, separou-se… Esperei tanto dela, e agora…

— Não há mal em uma mulher separar-se.

— Minha filha não deu coisa que prestasse, essa é que é a verdade. Separou-se, amasiou-se com outro homem, separou-se de novo… está hoje no seu quinto ou sexto marido… é uma perdida, Helena — e Roberto já não consegue reter as lágrimas —, uma perdida, uma vergonha para mim…

A mão de Helena pousa-lhe no ombro. Roberto reclina-se para ela, abraçam-se — ela penalizada, ele perdido em seu próprio labirinto.

Sim, algum coisa rompera-se em definitivo na existência de ambos naquele fim de noite, quando se separaram no corredor do hotel onde estavam hospedados e se viram sozinhos.

Helena seguiria para Salvador na manhã seguinte bem cedo — ali esperavam por ela seu filho e seu esposo, pois Helena casara-se com um homem de elevada posição social e hábitos simples, que a amava e acolhera a criança bastarda como sua e lhe dera um nome; ela seguiria para sua vida cheia, pois participava naquela cidade de um importante projeto administrativo a convite do governador e só viera ao Rio para tratar de assuntos pessoais e de família, comprometendo-se porém a demorar-se o menos possível. O encontro com Roberto trouxe-lhe uma nota de amargura, pois aqueles dias tristes reviveram em sua lembrança com a figura envelhecida e rotunda, conquanto simpática, do velho professor, e a ruptura deu-se aí, nesse nó por longo tempo esquecido mas que não se desatara: foi como se um peso, do qual somente então se desse conta, se desfizesse em fumo e ela sentiu-se leve e livre, mas um pouco pesarosa pelo seu velho amigo. Vê-lo-ia novamente? Perder-se-iam para sempre? Helena não sabia responder.

Quanto a Roberto, que permaneceria no Rio apenas o tempo suficiente para tratar de assuntos ligados ao seu cargo — pois continuara desde os tempos antigos diretor da mesma escola, além de continuar dando aulas de aritmética e geografia —; Roberto, que não se sentia bem fora de sua cidadezinha miúda e provinciana, onde todos o conheciam e tinham com ele especiais deferências, mas que ali, no Rio de Janeiro, era totalmente desconhecido e seria tratado como pessoa comum, tendo mesmo de, nas repartições aonde se dirigisse, ficar na fila; Roberto, cuja filha não dera em grande coisa, cuja carreira não fora além daquela que tivera, cuja vida não decolara; Roberto sentiu maior sua solidão naquele quarto de hotel, sentiu-se torto como quem nasce com um aleijão, sentiu que sua vida — pensou em seus cinqüenta e oito anos — não tinha mais nenhuma perspectiva, e tudo isso resultava daquele reencontro. Dentro de si rompera-se também o liame que o prendia ao passado: de certa forma o velho professor Roberto alimentara durante aqueles anos a esperança de um reencontro com Helena, mas sonhador, esse reencontro seria de redenção, e ela seria sua enfim

como num conto de fadas; isso permanecia em suas expectativas mais bem guardadas, que mesmo a si era custoso revelar.

Dera-se o encontro quando não mais esperava por ele, e Helena já não era aquela que ele sonhara tomar outra vez em seus braços: não mais aquela jovem insegura e medrosa que partira um dia temendo as ameaças de uma gente insignificante, mas uma mulher altiva e segura, forte e realizada, vitoriosa.

Rompera-se para ele também o liame: e essa ruptura consistia na certeza de que da vida dessa outra Helena, que reencontrara e lhe fazia entrever um mundo vasto e rico de cores e de formas, ele, o velho professor Roberto estava definitivamente excluído.

30 de novembro de 1932

Seu Raposo, depois de lavar bem, enxaguava as duas melhores canequinhas de ágate de seu armazém sob a torneira da piazinha atrás do balcão, mas rabodeolhando não perdia de vista o casal que se acomodara na mesa do canto. Eram onze da manhã, fazia sol, não havia outros fregueses e a ruazinha defronte, que numa direção conduzia ao largo e ao centro do arraial e na outra seguia para fora, internando-se no campo, também estava deserta.

Fazia poucos minutos que os dois haviam surgido a cavalo defronte do armazém (as montarias eram duas, mas havia um terceiro animal carregado de malas e alforjes, decerto a bagagem) e, detendo-se ali, ainda sem desmontar, examinaram a casa um tanto destruída pelo tempo, as paredes que um dia haviam sido brancas de cal agora encardidas e esburacadas, e o interior exíguo, ao fundo o balcão e atrás deste as prateleiras com mantimentos e, num canto, as três únicas mesas cada qual com duas cadeiras cambaias. O homem havia dito então algo à jovem, que trazia na cabeça um grande chapéu de palha a fim de proteger-se do sol, e por fim apearam, deixando ali mesmo as montarias, que não pareciam preocupadas em escapar.

Logo que se aproximaram, ele na frente, ela permanecera do lado de fora por algum tempo olhando em volta como que alheia a tudo. O sujeito pedira que lhes preparasse algo para comer, pois haviam saído cedo e cavalgado toda a manhã sem pôr nada na boca. Seu Raposo prontificou-se, havia queijo e mortadela, e se "vossas senhorias quiserem, não me custa passar um café e esquentar o leite". O sujeito agradecera com um movimento de cabeça e, puxando a jovem pela mão, foram sentar-se numa das mesinhas, a mais afastada, e agora esperavam. Enquanto o homem (que mal-encarado!, pensou seu Raposo suspeitando por sua aparência que andasse foragido da Lei) procurava conversa com o dono do armazém, ela, os cotovelos apoiados na mesa, olhava para fora como se estivesse a léguas dali.

— Então esta é Cachoeirinha? — disse de lá o sujeito, chamando atenção do locandeiro.

— Sim, senhor — exclamou seu Raposo, solícito —, Cachoeirinha.

— É pequena — comentou o sujeito.

— Sim, senhor, muito pequena — confirmou seu Raposo —, mas até que há um povo por aí, não sabe?, bastante gente no sertão. O senhor precisa ver como fica o largo em dia de quermesse.

— Imagino — disse o sujeito com um movimento de cabeça. — E toca-se bem o negócio? — quis saber.

— Passa-se algum perrengue, sim senhor — disse o comerciante —, mas vai-se vivendo, não sabe?, vai-se negociando. O Sr… qual é mesmo sua graça?

— Pode chamar-me de Marinheiro, pois vivi no mar e do mar por muito tempo.

— Ah, sim… pois muito bem, Sr. Marinheiro, é como lhe digo, não sabe?, vai-se negociando…

O sujeito agora se curva na direção da jovem e parece comentar alguma coisa com ela enquanto seu Raposo permanece vigilante.

— Existe mais comércio cá em Cachoeirinha? — quis saber o sujeito.

— Sim, senhor — respondeu seu Raposo —, o armazém do Lero, no largo lá adiante. É bem grande, bem maior do que o meu, não sabe?, pois o Lero também trabalha com suprimentos de armarinho, e até uns tecidos ele negocia por lá.

— Ah — fez o outro, e mais uma vez parece confabular com a jovem.

Será filha dele?, especulava seu Raposo com o rabo do olho, pois esposa não podia ser: parecia moça demais, "terá o quê?" perguntava-se seu Raposo, "uns vinte anos, decerto não mais do que isso, já ele passa bem dos quarenta".

"É como é bonita a danada!" exclamava intimamente o locandeiro, esquecendo por momentos o sujeito e detendo-se no rosto da moça: pois em sua vida — e olha que já havia vivido bem seus sessenta e poucos anos, quarenta dos quais percorrera o mundo (pelo menos esses brasis afora, como costumava gabar-se, conhecia bem esses brasis, dizia para os fregueses que jamais haviam deixado aqueles boqueirões) para, por fim, vir instalar-se com seu comércio renqüém em Cachoeirinha, onde já negociava há uma dúzia de anos —, pois em sua vida, portanto, nunca se deparara com uma moça tão cheia de encantos: percebia-se, primeiro, que devia ser muito bem cuidada, "com todos os mimos, sim senhor!", já que a pele alva do rosto não trazia essas marcas produzidas pelo sol, pelo vento e pela vida dura da lavoura comuns à gente maltratada da roça; além do chapéu de palha, uma fina manta de seda e rendas posta sobre os ombros também lhe protegia os braços e as mãos pareciam delicadas em sua brancura, os dedos esguios com

unhas longas e bem feitas. O vestido bastante rústico que lhe cobria inteiramente o corpo adequava-se à jornada naqueles caminhos difíceis e não chegavam a enfear-lhe a figura, pois de corpo, alta e até um pouco magra, seria também muito bem arranjada. Mas o que lhe chamara atenção mais que tudo em sua figura seriam os traços de seu rosto, todo o conjunto daquela soberba cabeça: no rosto muito alvo, de proporções perfeitas e linhas puras, destacavam-se os olhos grandes de um azul tão intenso "que chegam a doer cá por dentro, que diabos!" dizia consigo seu Raposo num instante raro em que a jovem olhou-o de frente sem, contudo, parecer que o enxergava; os lábios carmim, como se fossem tingidos; e por fim os cabelos loiros — "pelo céu! Tão loiros que são quase brancos!" —, finos, longos e abundantes que desciam até a cintura.

No entanto… o que haveria de estranho com aquela moça?, ruminava consigo mesmo seu Raposo, pois apesar de tudo a jovem não parecia normal, era como se fosse meio apalermada, "meio lesa das idéias, não sabe?".

Seu raposo cortara fatias de pão, queijo e mortadela preparando uma vistosa bandeja e, indo para os fundos, pusera a água do café a ferver no fogãozinho a lenha na minúscula cozinha que havia ali. Depois retornara e começara a lavar as canequinhas, sempre trazendo sob vigilância o estranho casal, e cada vez mais lhe parecendo duvidoso o comportamento da jovem: pois o sujeito às vezes curvava-se em sua direção para falar-lhe em voz baixa (sem que o locandeiro conseguisse ouvir palavra), momento em que uma funda ruga vertical vincava-lhe a testa e ele, concentrando-se, fungava e piscava repetidamente, mas ela era como se não estivesse presente, sempre com aquele olhar distante, espiando para fora como para muito longe, o rosto imóvel a lembrar esses dias parados, quietos, sem vento e sem pássaros voando quando então nem uma folha nos ramos se agita…

Seu Raposo não cria que tal criatura fosse oriunda daqueles sertões: pelo que pudera entender — e faria essa pergunta em seguida — acabavam de chegar a Cachoeirinha, mas decerto teriam vindo de alguma cidade grande, e quem sabe — imaginava — a jovem não tivesse sido raptada de alguma família nobre por aquele sujeito!

— A senhorita é filha de vossência, pois não, Sr. Marinheiro? — perguntou, elevando um pouco a voz na direção da mesinha. — Decerto é a primeira vez por estas paragens…

O sujeito, que falava à sua acompanhante meio curvado na direção dela, ergueu a cabeça:

— Sim — confirmou —, a moça é minha filha. E também é a primeira vez que passamos pela região.

— E estão vindo de onde?

O outro não respondeu logo, deu de ombros, e por fim, sem se voltar para o locandeiro e com voz grave:

— Do mundo — disse, e após um momento: — Do mundo e para o mundo.

Tal resposta aguçou as desconfianças do locandeiro que, contudo, não tinha como tirar a limpo a história. Seu Raposo entrou, dirigiu-se à cozinha e verificou que a água já estava fervendo. Pôs a leiteira na trempe e enquanto o leite aquecia coou o café.

Retornava ao balcão, com o bule de café e a leiteira quando ouviu:

— Giovanna, preste atenção… vamos encontrar um lugar… um bom lugar para nós… confie em mim…

O sujeito falava à jovem e chamava-a de Giovanna.[4] Conquanto quase se debruçasse na mesa para falar-lhe bem de perto, em voz baixa, seu Raposo não deixou de ouvi-lo e entender que Giovanna era o nome da mocinha.

— A senhorita parece cansada, Sr. Marinheiro — disse, depositando na mesa o bule e a leiteira —, e não temos por cá nenhuma pousada. Parece uma moça fina, não afeita a essas jornadas — comentou.

— Decerto que não — disse o sujeito. — Mas ela acaba acostumando-se. De qualquer maneira não se esforça tanto assim, nunca anda a pé, por exemplo. E o cavalinho que escolhi para ela tem um andar macio e é muito manso.

— Como quadra a uma senhorita de estirpe — concordou seu Raposo com cortesia, levando para a mesa o açucareiro, as duas canequinhas de ágate muito limpas e a bandeja com fatias de pão, queijo e mortadela. — Muito bem, senhor, senhorita… é o que lhes posso servir. Não reparem, estão numa terra onde infelizmente não se encontram finezas…

— Ficamos muito satisfeitos, meu caro — disse o sujeito, apressando-se em servir a mocinha. — Estamos famintos, é o que importa.

O locandeiro voltou para trás do balcão.

— Procura algum lugar para ficar, Sr. Marinheiro? — perguntou de lá.

— Deixei o mar — respondeu o homem. — Cansei-me do mar, essa é que é a verdade. Pretendo instalar-me no interior.

— Ah…

— Será difícil? — o Marinheiro quis saber.

— Nem tanto… há por aí bons sítios à venda… retirados, se quer saber, mas…

— É o que nos interessa: retirados.

— Pois não será difícil de conseguir não, Sr. Marinheiro.

Nesse momento um menino de uns onze anos entrou no armazém:

— Bom dia, seu Raposo.

---

[4] O Marinheiro (ou o Marujo) e a adolescente Giovana (v. "Os que herdam a Escuridão").

— Bom dia, Joaquinzinho. Já acabou a aula hoje?

— Hoje saímos mais cedo, seu Raposo.

— Ah, sim, muito que bem, muito que bem… E como vai a mamãe e o papai?

— Estão bem, seu Raposo. Olha, eu quero um doce desse aqui, um desse, desse e desse — e o menino Joaquinzinho foi apontando detrás do vidro do balcão os doces que queria.

— Mas, ó menino, com tanto doce vai acabar tendo lombrigas. Será que a mamãe não vai se zangar?

— Não são todos para mim, seu Raposo. Vou levar alguns para o Olímpio de seu Isidoro, que está constipado. Pode pôr na conta de pai que depois ele acerta com seu Isidoro.

— Ah, sim, então sim… quer dizer que o menino Olímpio gripou?

— Sim, senhor, ficou até de cama. Daí que ele me pediu pra levar uns docinhos pr'ele.

— Muito que bem — seu Raposo embrulhou os doces e entregou o pequeno pacote ao garoto. Fez um embrulhinho separado: — Diga ao seu Isidoro que estes aqui são por conta da casa, para o nosso doentinho.

— Pode deixar, seu Raposo — disse Joaquinzinho já na porta, antes de sair em disparada. — 'Brigado.

— E os outros não ponha na conta — disse o marinheiro lá da mesinha, voltando-se para o locandeiro —, eu pago os docinhos do menino.

— Muito agradecido, Sr. Marinheiro — seu Raposo respondeu —, fico-lhe muito agradecido — e mais uma vez aproveitou para reparar na beleza da mocinha loira.

"Não" pensou ele consigo mesmo, "não são pai e filha, não são quem ele diz que são. Terá sido mesmo raptada? Mas se assim é, como é que o acompanha tão passivamente? Raios, se eu entendo patavina dessa história!"

25 de maio de 1970

Pancadas à porta do gabinete.

Marinho abre os olhos. Olha o relógio de pulso.

"Diabos! Duas da manhã, e eu ainda preso aqui…!"

As pancadas se renovam.

— Entre, caralho! Por acaso precisa bater?

Uma cara parda e franzina, um polícia novato, aparece no vão da porta entreaberta.

— Desculpe, inspetor, mas é que já é tarde.

— O sujeito falou?

— Nada, inspetor. Até agora nada.

"Puta que o pariu! Um desses durões!"

Esfregou o rosto com as mãos para espantar o sono que ameaçava dominá-lo. Levantou-se e assumiu ares de severidade.

— Vamos lá ver.

Encaminhou-se para a porta. O da cara franzina o precedeu ao longo de um corredor quase às escuras. Cruzaram uma área sem iluminação nos fundos do prédio, cercada por muros com proteção de cacos de garrafa e se aproximaram de uma portinhola. Desceram alguns degraus, e numa espécie de corredor subterrâneo onde uma lâmpada amarela coberta de pó e cocô de mosca aparecia como uma assinatura do horror viam-se meia dúzia de portas. Marinho empurrou uma delas e entrou num cubículo iluminado por uma luz forte que pendia do teto.

Embaixo da lâmpada, no centro do aposento estreito, um homem com um saco de pano na cabeça tinha os braços amarrados para trás e, sentado numa cadeira, encurvava-se para adiante, arfando e gemendo a espaços; dois outros de pé, recostados cada qual numa parede, pareciam exaustos e secavam o suor do rosto com a própria camisa.

— Então nada? — o inspetor perguntou.

— Nada, inspetor.

Marinho arrancou o saco da cabeça do homem. Segurou-o pelos cabelos e fê-lo aprumar-se.

O olhar do preso e o do polícia se encontraram.

O rosto ensangüentado mas não submisso de um, as feições indiferentes — exceto por um leve aborrecimento — e frias do outro.

— Então, meu filho, persiste em calar-se?

O preso não respondeu. Apenas encarou o polícia com seu resto de força, seu heróico mas inútil desafio.

O polícia moveu a cabeça. Largou os cabelos do outro, que tombou, voltou à posição de antes.

— Levem-no para a cela — ordenou. — Amanhã veremos.

— Amanhã? — disse um dos outros dois. Já é amanhã, inspetor, passa das duas.

Marinho fez um muxoxo, um gesto de impaciência com um olhar de contrariedade para o homem mas preferiu nada responder e abandonou o cubículo.

Em seu gabinete tirou a camisa suja e vestiu uma limpa apesar do corpo suado, o que não chegava a incomodá-lo — pelo menos fazia-o sentir-se mais bem disposto. Sem esperar mais, trancou o gabinete e saiu para a rua.

Do outro lado, um bar noturno abrigava uma caterva que ele conhecia bem mas que à proximidade da delegacia mantinha-se dentro de certos

limites, "se não o pau come" dissera certa noite ali, depois de quebrar os dentes de um sujeito metido a engraçadinho: "Ou se enquadram, ou vou descer a porrada em todo mundo", e todos se aquietaram. Desde então não houve mais problemas, pelo menos não que chegassem a ter gravidade.

Marinho passou de largo, entrava ali raramente para que não tomassem liberdades com sua autoridade de polícia, "tem gente que não conhece seu lugar" costumava dizer aos novatos, "por isso é preciso evitar certos ambientes, e no caso de estar num deles há que saber-se manter distância".

Já ia longe quando foi alcançado por uma voz:

— Inspetor!

Voltou-se. O novato da cara parda e franzina avançava em sua direção, acenando:

— Não quer companhia, inspetor? — disse ao aproximar-se. — Podemos comer qualquer coisa por aí, bater papo…

Marinho deteve-se, considerou o novato, irritou-se a princípio, mas condescendeu e voltou a andar.

— Tem um barzinho ali para o lado do cais… — começou a dizer o outro.

— Não — disse —, há um outro lugar… — mas não prosseguiu. Preferia estar sozinho com seus pensamentos, suas lembranças, mas não queria decepcionar o novato, percebia nele vocação para o ofício, devia aceitá-lo como acólito em vez de procurar afastá-lo.

— Esse é um dos durões de que o senhor falou outro dia, não é inspetor?

— Hum? — Marinho distraíra-se.

— Esse sujeito — o outro repetiu —, é um durão.

— Ah, sim — o polícia concordou.

— O senhor acha que ele vai falar?

— Hãm?… Ah, sim, fala, acaba falando.

— Mas e se ele não tiver nada para dizer, inspetor? Se tiver dito a verdade?

— Se tiver dito a verdade?

— Sim, se disse a verdade quando afirmou que não trabalha para nenhum grupo… que não tem ligações…

— Você acha que ele estava falando a verdade?

— Não sei, inspetor. Pelo que se vê… ele repete e repete que não tem nada a ver com essas conspirações… que não se mete em política… essas coisas…

— Todos dizem a mesma coisa, aprenda isso.

— Mas e se este…?

Marinho avançava, as mãos nos bolsos da calça, ouvia o novato com desatenção, tinha outras coisas no pensamento.

— Sabe, inspetor, eu no lugar dele já teria dito tudo.

— Você acha que diria?

— Apanhando do jeito que ele apanhou?… Puta merda, na primeira porrada eu já abria tudo, contava a história toda, inventava até mais coisas pra contar…

Marinho sorriu. Continuou avançando, as mãos nos bolsos, enquanto meditava numa resposta. Por fim:

— Você diz que abria tudo na primeira que levasse porque não acredita numa causa. Quando acreditamos numa causa, nós somos capazes de protegê-la com nossa dor, e mesmo com nossa vida.

— Será, inspetor?!…

— Pelo menos os durões são assim.

— Ah… bem… mas eu não sei se eu seria um durão… sou meio mole…

— Não pode ser mole se quer tornar-se um bom polícia — sentenciou Marinho voltando o rosto para o novato e encarando-o quase com indiferença.

— É por isso que gosto de conversar com o senhor, inspetor, pra ir aprendendo.

— Pois então aprenda: com os durões temos de ser mais duros, pois do contrário somos nós que perdemos.

O da cara franzina ouviu e olhou o inspetor com um sentimento de admiração. Isso sim era um tira de respeito, e daquela frase não se esqueceria, aquelas palavras ficariam gravadas em sua mente: quando ele fosse antigo e respeitado como o Inspetor Marinho (quando, como o Inspetor Marinho, ele tivesse trinta anos de polícia e muito sangue nas mãos) as repetiria para os novatos que o tomassem como instrutor, ou pelo menos como modelo: "Com os durões temos de ser mais duros, pois do contrário somos nós que perdemos".

…Mas ainda se perguntava se aquele sujeito não seria de fato inocente. Pensou em tocar outra vez no assunto, mas temia tornar-se desagradável, assim preferiu calar-se.

Marinho contudo como se tivesse lido seu pensamento disse:

— Já peguei alguns durões que se obstinaram em calar-se, em negar sempre, por mais que "cuidássemos" deles.

— E então, inspetor?

— Nenhum deles saiu caminhando daquele cubículo.

O novato da cara parda e franzina olhou o chefe com espanto.

— Nem voltou para casa — concluiu o polícia.

Passaram defronte aos armazéns, avançaram para as docas, depois Marinho cruzou uma rua em sentido contrário e meteu-se por um beco, saiu num largo. Vigiou o relógio de pulso: duas e quarenta. Pensou se não

devia despachar o novato da cara franzina e ir direto para casa, mas a verdade é que apesar do cansaço não sentia mais sono. A certeza de que queria ir lá uma vez mais, como vinha fazendo nos últimos anos, era a mesma que o conduzira até aquele ponto: fora parar ali porque sua intenção era ir até lá, e agora que estava tão perto não podia simplesmente despachar o outro e ir para casa.

"Mas de que adianta?" dizia consigo mesmo, pois, sim, de que adiantava se nos últimos anos passara por lá um sem número de vezes apenas para não encontrar aquela que se mantinha em sua mente, indene como lembrança, e em sua pele, em seus desejos como marca, mancha, queimadura? Quantas noites fora até aquele lugar com alguma desculpa, ou sem desculpa nenhuma pois afinal era um polícia, tinha por obrigação freqüentar tais lugares para mostrar-se, manter a ordem, obter — por que não — seu lucrozinho espúrio… Porém já nada disso interessava-lhe, e até mesmo o envelope que mensalmente o botequineiro lhe passava sub-repticiamente atrás do balcão deixara de ter importância e só o metia no bolso por hábito.

"Desapareceu" dizia consigo mesmo, "simplesmente desapareceu, e não vai voltar".

E ainda era com essa certeza — desejando ao contrário estar enganado, dizendo consigo mesmo que seu sonho maior era chegar ali uma noite e constatar que se enganara, que ela havia voltado, e por sua causa — que acabava de entrar, atrás de si o da cara franzina, que se apercebendo de que o chefe não queria muita conversa o seguia agora em silêncio.

O *barman*, o mesmo de outros tempos, aquele sujeito miúdo de juventude desgastada, cinco anos menos jovem, olheiras mais acentuadas e uma certa expressão de desencanto.

— Bom dia, inspetor — disse ao ver entrar o polícia seguido pelo novato.

— Bom dia, Júlio — respondeu, indo sentar-se em um dos tamboretes perto do balcão —, ou boa-noite. Não me acostumo com esse negócio de dizer bom dia a esta hora da madrugada.

— Está certo, inspetor. O que é que vai?

— Uma cerveja bem gelada. Está quente, afinal de contas, e depois de uma noite dessas… — e voltando-se para o novato viu que ele se detivera junto a uma parede espiando um quadrinho pendurado ali há anos.

Júlio trabalhava sozinho aquela noite, o balconista ficara em casa com caxumba, informou.

— Caxumba? — espantou-se o polícia.

— Pro senhor ver — empurra uma garrafa e dois copos na direção do polícia.

— E na idade dele…

— É… e dizem que se descer é um perigo, não sei se é verdade.

Marinho não respondeu, considerou a notícia e enquanto isso encheu um dos copos devagar, pondo nessa operação a atenção de um especialista. A portinha dos fundos abriu-se dando passagem a um homem baixo e obeso de cabelos ralos e um cigarro apagado no canto da boca.

— Boa noite, inspetor — disse o homem com voz catarrosa e expressão de cansaço na cara vermelha e rechonchuda.

— Boa noite, Tadeu.

— Por aqui a esta hora — disse ainda o obeso.

— Pra não perder o costume, Tadeu.

— É assim que se fala, inspetor — e para o *barman*: — Júlio, hoje vamos fechar mais cedo…

— Está certo, patrão.

— …de forma que já pode ir baixando as portas — e para o polícia: — Até amanhã, inspetor.

— Até amanhã, Tadeu.

O *barman* se afastara do balcão, e na madrugada silenciosa o estrondo das portas de aço parecia ter peso. Em seguida destrancou mas manteve encostada a portinhola do lado, por onde sairiam os últimos fregueses. Retornou para o balcão, sentou-se num tamborete do lado de dentro.

— Muito trabalho, inspetor?

Júlio era enxerido, no início Marinho aporrinhava-se com suas liberdades, depois acostumara-se com ele, não era um mau rapaz e chegou mesmo a ir em seu casamento.

— O de sempre, Júlio — suspirou. — O de sempre, o que na verdade já é muito. E a dona, como vai?

— Nervosa — disse o outro. — Ê mulherzinha, o senhor nem sabe…

E de súbito Júlio põe-se a lavar copos. O novato, que estivera olhando o quadrinho de vidro enegrecido aproxima-se do balcão e enche o outro copo para si.

— Inspetor — diz o da cara franzina em tom reservado — …esse sujeito ali do quadrinho…

— Sim, sim, é aquele mesmo…

— Mas o homem já está fora do país há… o quê? Um ano?

— Pouco mais, desde que foi chamado para depor.

— Ah… mas se ele se foi…

— Sim, ele se foi mas deixou seus rastros por aqui, rapaz, não tenha dúvidas. Há um núcleo a serviço dele por aí, cumpre-nos descobrir e desbaratar.

Fez uma pausa.

— Amanhã aquele sujeito vai falar — disse o inspetor. — Decerto tem ligação com o figurão ali.

— E esse quadrinho pode ficar pendurado ali, assim?

O inspetor fez um muxoxo, deu de ombros.

— A gente tem de ceder algumas liberdades — disse em tom confidencial para o novato —, porque isso nos traz certas vantagens, entende — e fez um gesto com os dedos.

— Ah — e o novato da cara franzina sorriu, exibindo precários dentes.

— E informação também — acrescentou ainda em tom confidencial para o novato. — Colhem-se informações em lugares como este.

— O chefe ia mandar tirar o quadrinho da parede — disse o *barman* —, mas tira não tira, acabou se esquecendo.

— Pode dizer-lhe que mantenha o quadrinho… aliás, venho escutando essa história e repetindo o que acabei de dizer há cinco anos… caralho, se tivesse de prender seu patrão por causa desse quadrinho, já o teria feito há muito tempo.

O salão estava quase vazio àquela hora. Habitualmente havia uma freguesia maior.

— Noite fraca, hem Júlio?

— Sei lá por quê… mas hoje não foi como de costume, inspetor.

Fez-se silêncio. A cerveja transpirava. Marinho bebia aos golinhos, com prazer, mas o novato virou o copo de uma só vez e mandou vir outra, "esta é por minha conta, inspetor".

— É por conta da casa — disse o *barman*. — Cerveja, o inspetor aqui não paga.

— Ah…

— Vai aprendendo — disse o inspetor para o novato, com uma piscadela.

Beberam em silêncio, saboreando.

Marinho soltou um longo suspiro e, curvando-se um pouco na direção do novato, confidenciou:

— Foi aqui, rapaz, neste mesmo bar, que uma noite há alguns anos eu conheci uma mulher…

Fez uma pausa encarando o outro, depois baixou os olhos.

— Rapaz, que mulher!…

— É, inspetor? — disse o novato, interessado.

Marinho moveu a cabeça com lentidão:

— Que mulher, rapaz!…

— E deu alguma coisa, inspetor?

— Se deu alguma coisa?… Ora, se deu…

— Caramba, inspetor!…

— A gente se encontrou algumas vezes… sem compromisso… Era uma mulher já bem madura… igual a mim, afinal já não sou menino… mas que carnes… que peitos, rapaz, que peitos… na idade dela, e ainda firmes, sabe?… E as pernas?… E que fogo na cama!, que fogo!

O novato bebia as palavras com um sorriso cariado.

Marinho agora calava-se para melhor gozar sua lembrança, e fitava não o teto encardido do bar, mas o indefinível que seus olhos não podiam contemplar.

— Luciana… Que mulher! — concluiu.

— Mas e depois, inspetor?

— Depois?… Depois… depois…

O polícia, a contragosto, sentiu um nó na garganta. Mas se manteve firme.

— Nós nos encontramos algumas vezes… depois ela se foi… Não era mulher de se prender a um homem… ela se foi e não a vi mais… faz bem uns cinco anos isso…

— E se ela voltasse, inspetor, e entrasse por aquela porta? — o novato parecia entusiasmado.

Marinho voltou-se para a portinhola, involuntariamente, e ficou olhando o retângulo escuro por onde ela poderia entrar a qualquer momento…

…porém o retângulo continuou vazio, e o ruído que se ouviu foi de um casal levantando-se de uma mesa para sair.

Marinho suspirou com tristeza.

— Ela não vai voltar, rapaz, sei disso, ela não vai voltar.

07 de outubro de 1967

Lenora levanta-se para ir ao toalete.

— Não me vá fugir, hein? — diz. — Fique aqui bem quietinho.

Faço-lhe um aceno, sorrio, suspiro fundo.

É seu hábito quando almoçamos fora, se tem de levantar-se para ir ao toalete brinca: "Não me vá fugir, hein?", quantas vezes já a ouvi dizer essa frase! Estamos casados há, quê?, vinte anos?… Vinte anos, como passa o tempo! — e que expressão mais lugar-comum essa de "como passa o tempo" com a costumeira variação "como passam os anos"!, podem ambas ser omitidas, afinal todos sabemos que o tempo invariavelmente passa, e sempre da mesma forma…

Bem, vinte anos, e nunca deixou de ser a mesma mulher-quase-criança que eu conheci numa tarde de verão, no auditório da empresa em que trabalhava à época, funcionária recém-contratada, e com quem eu estaria casado um ano depois.

O que me chamou atenção nela à época foi mesmo seu ar de, como eu chamo, mulher-quase-criança, conquanto já não fosse nenhuma garotinha: tinha trinta e quatro, dois anos menos que eu. Mas cortava os cabelos

bem curtos e pintava os lábios de cereja. Seu jeito de dar de ombros e sorrir olhando para cima a rejuvenescia, e o corpo miudinho e bem proporcionado tinha graciosidades envolventes.

Parecia não levar nada a sério, e para quem se insinuasse ela simplesmente sorria de um jeito capaz de desarmar os mal-intencionados.

Apaixonei-me? É certo que não, mas eu precisava casar, não sei bem como nem por quê, mas precisava. Mas não seria um desastre?, hão de perguntar aqueles que me conhecem, aqueles que sabem das minhas… predileções, que alguns chamam de pervertidas. Sim, seria um desastre, em outras circunstâncias, ou talvez noutros tempos, mas é verdade que há certas mudanças que… mas deixemos isso, vamos aos fatos.

A idéia de casar vinha me ocorrendo havia já algum tempo, e não apenas devido à insistência de meu pai — completamente grisalho — para que eu não me demorasse mais a apresentar uma noiva em sua casa, "afinal não é de hoje que venho falando isso" dizia com alguma contrariedade, mesmo não conseguindo demonstrar zanga; não, não era apenas por ele, para alegrá-lo, ou para alegrar minha mãe, que lhe fazia coro mas — ela sim — às vezes mostrando-se um tanto aborrecida, "pois afinal todas as minhas amigas já têm neto, e eu…".

Não foi apenas por eles que resolvi por fim casar-me e que me decidi por Lenora. O casamento foi resultado de um conjunto de causas, entre as quais no entanto não estava o amor por Lenora, e se eu não amava minha noiva e mais tarde esposa, sem nenhuma dúvida a estimava muito e em todos esses anos posso garantir que não me arrependi do passo que dei.

Minha preferência por meninos nunca arrefeceu, e em todos esses anos, se fui infiel a minha mulher — e é certo que fui —, não levei para a cama nenhuma outra mulher, mas tão só meninos de treze ou catorze anos que se mostrassem receptivos às minhas investidas, o que não é difícil quando se dispõe de algum dinheiro para gastar, pois, a bem da verdade, nessas questões o dinheiro sempre tem um poder irresistível, o que difere é apenas a maneira de conduzir-se e de usá-lo.

A idéia de casar-me, por absurdo que pareça, começou a despontar quando, morando sozinho havia algum tempo — desde os trinta deixara a casa paterna para ter meu próprio apartamento —, senti necessidade de companhia. Sentia-me só, às vezes, e essa solidão começara a incomodar-me. Mais incômoda se tornava quando, em casa de amigos com suas famílias numerosas, não só eles se punham meio a sério e meio brincando a provocar-me, "então, decidido mesmo pelo celibato?… Coitado, não sabe de nada", como eu próprio ficava a observar suas existências tranqüilas, equilibradas, plenas…

Visto está que esse "veneno" foi-me contaminando muito lentamente, e quando me apercebi de que meu apartamento me parecia muito vazio,

não pensei imediatamente numa esposa. Verdade é que tampouco me parecia viável levar para lá um adolescente, levava-os, é certo, mas apenas por horas. Não me ocorria também que amigos pudessem preencher esse vazio incômodo, e quanto a parentes… Além do mais, quando pensei pela primeira vez em casar-me não foi para ter uma família nos moldes acima descritos, conquanto a idéia de uma família já muito sutilmente principiasse por seduzir-me, mas para gozar de uma companhia que só uma mulher — talvez meio esposa, meio amiga — poder-me-ia propiciar.

A idéia de um desastre matrimonial ocorreu-me não só devido à minha preferência por garotos, mas também no caso de a escolha recair sobre uma pessoa inadequada, digamos alguém sobre quem eu fizesse uma idéia errada e as coisas saíssem "pelo avesso", mas se isso viesse a acontecer a separação não me parecia um problema, já que eu por nada deste mundo permaneceria — como muitos fazem — ligado a alguém que não me conviesse.

Quanto ao aspecto puramente conjugal, eu estava certo de não decepcionar minha futura mulher: apesar de minha inusual preferência, por último o contato físico com uma mulher tornara-se algo bastante aceitável, já que desde certo tempo eu passara a envolver-me também com elas, ainda que apenas casualmente e não com muita freqüência; decerto não sentia uma atração irresistível pelo sexo feminino, nesse sentido eu ainda me conservava hesitante, mas uma transformação, ainda que gradual e vagarosa, já começara a operar-se em mim.

Por essa ocasião eu vivia um verdadeiro drama íntimo, o qual não podia dividir com ninguém, mas ao conhecer Lenora e escolhê-la — mesmo sem saber se ela aceitaria meu pedido de casamento — me dei conta de estar no caminho certo e o drama pareceu subitamente chegar ao fim (conquanto *subitamente* não seja uma palavra muito exata, já que as grandes mudanças nunca se dão subitamente nem sem algum trauma).

Na noite em que a pedi em casamento, Lenora escutou-me com muita atenção e um risinho fugidio nos lábios. Quando me calei ela ainda pousava em meus olhos um olhar penetrante e impessoal, como se me tivesse ouvido apenas por educação, desejando que aquilo acabasse logo para poder ir embora. Estava com o queixo apoiado numa das mãos, numa atitude displicente que me desconcertou um pouco e preparou-me para ouvir uma recusa. Mas para minha surpresa ela disse "sim, eu aceito, eu quero muito casar-me com você", e aqui estamos, vinte anos depois.

Nesses anos criei minha família: dois filhos, que nos nasceram um após o outro para depois "encerrarmos a produção". Não deixei de enviar a Sandra, para o estrangeiro onde ainda vivia, fotos de minha família que ela recebeu e festejou com uma carta cheia de congratulações, ao fim da qual o marido gringo acrescentava de próprio punho uns "parabéns e felicidades".

Meus filhos cresceram, já saíram da adolescência e se encontram no caminho de se tornarem homens, um até já se apresentou para o serviço militar; eu me pus grisalho e ao chegar aos cinqüenta e seis a calva alcançou-me o meio da cabeça. Sempre fui um homem magro mas, por último, engordei um pouco e ganhei mesmo uma barriguinha, não muito protuberante, desaparece se eu a encolher — o que de resto faço para não parecer desleixado —, porém meu amor por meninos não arrefeceu.

Vi meus filhos chegaram àquela idade em que os filhos dos outros me encantam, e pus-me a imaginar qual seria minha reação se alguém como eu seduzisse um deles, como eu fizera tantas vezes. Olhei-me no espelho certa noite e me perguntei: "O que você faria se isso acontecesse?", mas não soube responder. Repeti a pergunta em quantas outras ocasiões, sempre encarando-me no espelho, sempre sem ter uma resposta. Chegava a considerar-me um canalha nessas ocasiões? Ou, de forma mais direta: em algum momento considerei-me um canalha? Os outros, esses eu sei o que pensariam se soubessem, mas e eu? Às vezes me ocorre: e se Lenora viesse a descobrir? Bem, imagino que isso seria o fim de nosso casamento, meus filhos decerto se insurgiriam contra mim… sei disso, tenho-o como líquido e certo, mas mesmo assim não me considero um canalha. Nem pervertido.

Mas Lenora volta do toalete na companhia de uma senhora que lhe fala com certa gravidade…

— …sim, foi intimado a depor…

…estou, porém, tão envolvido com meus pensamentos que de início não lhe apanho a não ser algumas palavras…

— …e nós que costumávamos freqüentar-lhe a casa, a senhora imagina que perigo — e abria muito os olhos, baixando a voz.

— Faço idéia, senhora — Lenora concorda, decerto mais para fazer-se simpática, conquanto o caso parecesse mesmo sério.

— Oh, ele também ia muito lá em casa… amigo do meu marido… espero que não nos comprometa…

— Esperemos que não — e Lenora sorriu-lhe com afabilidade.

— Por esses tempos, não é?

— Sim, sem dúvida, sem dúvida.

— Bem, não a incomodo mais…

— Imagina!

— …que tenho ainda de fazer umas comprinhas… um presentinho para o meu neto que faz aniversário amanhã.

— Felicidades para ele, quantos anos?

— Treze, um lindo menino.

"Um lindo menino… bem que poderia convidar-nos para essa festinha, já que resolveu falar de seus pavores…"

E se despede de Lenora, saindo em seguida.

— Então você não fugiu, hein?

E minha mulher, minha ainda menina apesar dos cinqüenta e quatro completados mês passado, senta-se ao meu lado.

— Quem é? — pergunto-lhe.

— Não sei, apenas começamos a conversar no toalete…

— E a quem se referia? Parecia assustada.

— Ora essa… um certo Olímpio, parece que deputado federal, foi intimado pela polícia… Conhece?

— Já ouvi falar…

— A pobre senhora está assustada porque freqüentava-lhe a casa, o marido e ele eram amigos, e parece que se meteu em complicações.

Neste momento entra no restaurante um senhor idoso acompanhado do neto adolescente (sei que é neto porque o ouço chamar de avô ao senhor idoso). Sinto um abalo por dentro, e para disfarçar aceno ao garçom, que se aproxima com solicitude.

— A conta, por favor.

E ponho-me de pé relanceando a vista pelo ambiente. O senhor idoso foi sentar-se nos fundos, o neto está de frente e posso olhá-lo direto no rosto. Encanto-me. O garçom retorna e eu lhe estendo a cédula.

— Guarde o troco.

O outro se curva com um sorriso, em sinal de agradecimento. Lenora toma-me o braço.

— Vamos?

Suspiro, lançando outra olhada para os fundos do salão.

— Vamos — digo e saímos do restaurante.

05 de dezembro de 1964

Restaurante no centro, meio-dia.

Repleto.

Todos falam ao mesmo tempo, em todas as mesas: *BRUAÁ*.

então eles nos disseram que
bem não há dúvida alguma
enfim sempre é necessário fazermos uma composição
aquela mesa está desocupada
porém resta a questão da comissão estrangeira
chegaram ontem pela manhã e já andam bisbilhotando
crianças, comportem-se que estamos em público
é bem provável que não chegue à final, mas se chegar
estive ontem com o Gaspar, anda um tanto acabrunhado
não, não teremos problemas de orçamento, pelo menos por enquanto
é hora de decisões, não podemos titubear

verdade, principalmente agora que as garotas estão prontas
as garotas? mas eu pensei
e parecem muito compenetrados
o pior são as caras amarradas, como se só houvesse criminosos
ah, eu pensava que
isto sim é que é
são aqueles problemas com a filha, parece-me que
viajar não é problema, vamos sempre a Salvador
então você pensa
sim, isso é que é, vai das palavras à ação
crianças, pelo amor de Deus, estamos em público
é desonesto pensar dessa forma, quanto mais fazer
não é possível ser honesto em tudo
bem, eu não trouxe guarda-chuva, e essas nuvens
deixe que bisbilhotem, não encontrarão nada
estivemos em Angra mês passado
se bem que eu prefira Cabo Frio
vejam que linda aquela menina
frutos do mar, é o que queremos
eu prefiro frutos do pomar
engraçadinho
então eles se comportaram mal
eles não, ela
mas se não chegar à final a culpa é da equipe como um todo
embora o técnico
ah, sim o técnico

— Quase não acreditei, pai…

Horácio recostou-se na cadeira, baixou a cabeça consternado. Com a ponta dos dedos fez girar o cálice sobre a mesa num movimento vagaroso, como se o próprio movimento reproduzisse a perplexidade com que recebia a novidade.

Levantou os olhos para a filha, o cenho franzido, e mordeu os lábios sem compreender.

— E ela não disse nada — murmurou.

A jovem moveu a cabeça.

— Ela… Eu a vi cruzando o saguão… por um instante julguei que me reconhecendo viria falar-me…

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Eu disse "mãe" e… nossos olhares se cruzaram…

Horácio abstraiu-se por um momento lembrando-se da mocinha com quem se envolvera. Deveriam ter viajado neste sábado, mas com o súbito reaparecimento de Luciana e o que acontecera em seguida (a filha queria vê-lo no dia seguinte, o que lhe dissera não encaixava bem em sua cabeça)

tivera de adiar, "viajamos no próximo final de semana, querida" dissera-lhe pelo telefone, "e então tirarei a sexta de folga para irmos um dia antes e termos mais tempo", e ouviu a garota fazer um muxoxo do outro lado da linha. "Mas vamos à noite ao teatro, que tal?" propôs a título de consolo, "depois damos uma esticada por aí, deve ter um bom *show* para assistirmos" e do outro lado a garota pareceu animar-se. "Combinado?" e na linha a voz da garota tinha uma entonação de alegria, "combinado" ela respondera, e quando pousou o fone Horácio sorriu: a coisa estava indo bem, mas de súbito esse imprevisto…

— Eu parei e disse "mãe"…

Lívia franzia o cenho como se ainda não acreditasse no que ela mesma relatava:

— Ela estava vestida… de forma extravagante… não que estivesse indecente, não é isso, mas…

Horácio escutava, penalizado.

— Não é mais ela, pai, não é mais minha mãe… não é mais a mulher com quem você se casou… não é mais… aquela pessoa que conhecemos e que amamos…

Pois Luciana cruzava o saguão e, em sentido contrário, avistara Lívia, a filha, depois de dez anos de ausência. Lívia a havia reconhecido, parara e dissera "mãe" encarando-a com um princípio de sorriso e os olhos muito abertos de espanto, e chegara mesmo a fazer um gesto em sua direção — se esse gesto tivesse encontrado uma aquiescência, Lívia ter-se-ia precipitado em sua direção, caído em seus braços, porém Luciana seguiu seu caminho, ignorou a presença da filha, fez que não a ouviu, passou por ela com a indiferença com que cruzava por estranhos em quaisquer lugares, a cabeça erguida, os olhos imóveis, com desenvoltura, feições impenetráveis, um rosto de pedra: passou pela filha, entrou no elevador e desapareceu.

Lívia permanecera parada no meio do saguão, assombrada, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas, nos lábios um só murmúrio: "Mãe…?".

Horácio curva-se para frente, estende as mãos, toma entre as suas as da filha em cujo rosto as lágrimas ainda persistem.

— Melhor é não pensarmos mais nisso, Lívia — diz.

E não se enganava, pois o melhor seria mesmo deixar para trás tudo aquilo, que já deveria estar se não esquecido pelo menos arquivado em algum escaninho pelos desvãos da memória: fazia dez anos, ela fizera sua escolha, escolha confirmada de forma inequívoca na véspera, e não havia mais por que amofinar-se.

Luciana, neste momento, atravessava o Atlântico em um vôo de primeira classe rumo a Paris, onde pretendia passar o *réveillon*. Na véspera passara por uma jovem mulher que a chamara de mãe, que chegara a fazer um gesto, mas ela simplesmente seguiu seu caminho, passou pela jovem e en-

trou no elevador. Não se sentira abalada com o fugaz momento do reencontro com a filha: não procurara mais por ela nem pelos outros, não sentira saudades, havia rompido todos os laços no dia em que deixara a casa e a certeza disso estava ali, em sua definitiva atitude: aquela jovem e linda mulher com quem cruzara na véspera, conquanto a tivesse chamado de mãe e feito um gesto em sua direção, era uma estranha e nenhuma fibra de seu coração estremecera — deixara-a para trás como a poeira das ruas.

Luciana tampouco lamentava por questões materiais: não ignorava a ascensão do marido, do homem próspero de dez anos atrás e que se tornara agora o dono único de um império financeiro, porém num curioso sentido de justiça nunca pretendera reivindicar aquilo a que julgava não ter qualquer direito. O que tinha lhe bastava: Luciana tornara-se uma mulher mundana, livre, sem obrigações que não fossem consigo mesma, e se agora estava em um avião a caminho de Paris, quem sabe onde estaria no mês seguinte?

Horácio aperta com carinho as mãos da filha:

— Você é uma mulher feliz, Lívia — ele diz, pois a filha era, sim, uma mulher feliz: casara-se com um homem bom, dera-lhe dois lindos filhos, viviam numa bela casa, isso devia bastar para que mitigasse a dor que de súbito se manifestava feito um espinho em sua carne. — Não deixe que nada destrua isso.

— Mas ela, meu pai, ela…

— O quem tem ela, filha?

— Será que ela é feliz?

Horácio suspirou, inclinou a cabeça, moveu-a numa breve negação.

— Como saber! — disse.

— E você, pai, que não voltou a casar-se… que não se fixa com ninguém…

— …e que agora se enrabichou por uma garota — e Hermínio sorri da própria brincadeira —, pode dizer, Lívia.

— Não o censuro por isso, pai, você sabe…

— Bem sei que não, filha.

— Só que… eu queria vê-lo feliz… mas…

— Mas a meu modo, Lívia, a meu modo…

As mãos se apertam sobre a mesa, os dedos se entrelaçam, os olhos se fitam, úmidos.

Pai e filha. Uma única dor.

ora, esse pessoal
deixemos como está, não há de ser nada
não, não consigo acertar com a receita
aposto como esse endereço que nos deram está errado
ora essa

sim, não há uma rua com esse nome
tive de mandá-la embora, andava furtando-me
e tem a doença do pai, dizem que é incurável
conseguiram o remédio?
crianças, por favor, tenham modos
é não trazer mais essas pestinhas
mas ainda acho que andam bisbilhotando demais
garçom, por favor
o garoto ingressou nas Agulhas Negras, mas a mãe não foi a favor
faltam ainda algumas encomendas
trouxeram as caixas que pedi?
o mar não está pra peixe, o governo vai de mal a pior
o problema é a situação econômica
ora, a indústria enche as prateleiras das farmácias de remédios
sim, amanhã pela manhã, pois mais tarde
bem, eu creio que
devemos acreditar na Palavra
bem, agnóstico não, mas
tampouco ateu, mas finge, acha que é moderno
ele chega pela manhã e deve esforçar-se para cumprir a agenda
os gastos, veja por exemplo os gastos com a mão-de-obra
será necessário tudo isso?
trata-se de uma questão científica, não são palavras à toa
bem, creio que as crianças querem ir ao parque à tarde
enfim, a costureira ficou de entregar-me o vestido ainda esta semana
íamos a Santos, à praia, mas com essa chuva
e o tempo não vai mudar tão cedo
somente pela Palavra, mas é preciso ter a mente aberta
mas entenda, se não houver uma transformação social
o pior é que temos de continuar no apartamento, mesmo em obras
vou ao estacionamento, creio que ficou no carro
ora, você vive se esquecendo
será mesmo que ele vai receber nosso representante
não duvido, o Dr. Olímpio é muito acessível

18 de fevereiro de 1982

Por fim consegui sair… a criança não pára de chorar… é irritante… e eu fico com os nervos à flor da pele… a cabeça parece que vai estourar… acho que não sirvo para ser pai… não, decididamente!… e com essa velha latindo nos meus ouvidos… sogra só serve mesmo é pra isso, pra infernizar a vida da gente… mas o pior é esse choro que não pára… tudo começou no outro dia… um chorinho miúdo e a febre… a Zilda oferecia o peito, o pequeno recusava… estava com febre, mas o que é que eu podia fazer?… está

certo… podia ir à farmácia… trazer um Melhoral Infantil… ou qualquer outra coisa… meti a mão no bolso, encontrei uns trocados, era o resto, não havia mais um tostão mas assim mesmo fui até a farmácia, voltei com o Melhoral Infantil… era de noite, e no dia seguinte não havia melhora nenhuma… continuava o choro e a febre não baixara… passou-se mais um dia… eu tinha o que fazer… andei de um lado para outro tentando vender uma peça que veio parar em minhas mãos… coisa boa, um toca-fitas National para carro, mas nem sempre é fácil achar um interessado… andei o dia todo e não consegui nada… voltei para casa com o toca-fitas embaixo do braço, embrulhado em jornal… já era noite… e a criança choramingando… então eu digo: devem ser os dentes… criança chora muito quando começam a nascer os dentes… mas a Zilda é teimosa… não, ela diz, não são os dentes… então o que é? eu dou um berro, a doutora sabe o que é?… e ela não são os dentes, é essa febre… ora, dentes também dão febre… mas não assim… não assim… e desanda a chorar também, e começa a injuriar-me… que eu sou um cachaceiro… um desalmado… porque se fosse para encher os cornos você saía à toda… mas como é para levar o inocentinho no pronto-socorro… e foi assim a noite toda… amanheceu e nada… tudo na mesma… então resolvo levar o pirralho no pronto-socorro… já passava do meio-dia quando resolvemos sair… você vai junto, mulher, tem de ir, afinal quem vai preparar uma mamadeira se for preciso?… é claro que eu vou junto, lá vou deixar o inocentinho com um merda feito você?… só não fui antes porque não tinha como pagar a passagem… vê se não começa, eu digo, eu também não tinha… tentei vender o toca-fitas, você sabe, mas não consegui nada… você nunca consegue nada ela diz… nunca consigo nada… e agora você tem dinheiro? eu pergunto… quer dizer então que agora tem?… e aonde você foi arranjar dinheiro?… andou rodando bolsinha?… devo ter rodado bolsinha sim, devo ter… não sou a desclassificada da sua mãe não, está ouvindo… não fosse uma remessa de roupa lavada que entreguei… resolvi contemporizar para a discussão não ir acelerando, quando começa assim é fogo, então resolvi amaciar, leva tudo, eu digo então, vê se não esquece nada, pra não dizer depois que eu não avisei… eu nunca esqueço ela diz, pensa que eu sou alguma desmiolada?… não é não, eu digo, sei que não… devo ter sido sim ela resmunga saindo com a criança nos braços, quando me juntei contigo… e assim saímos para o pronto-socorro… e chegamos… e encontramos uma fila dos diabos, porque quando a gente precisa é assim, parece que todo mundo escolhe o mesmo dia para procurar um médico… parece que todos adoecem ao mesmo tempo, só pra aporrinhar… a criança fica choramingando no colo da mãe enquanto eu faço a ficha… a atendente, uma mulher gorda de má cara, vai perguntando com rudeza o que quer saber… nome da criança, idade… quem são os pais… sou eu e a Zilda ali, eu digo… mas ela quer saber os nomes completos, ca-

ramba, não sei pra que tanta burocracia… depois manda-me assinar… eu garrancho meu nome, que assinar direito não sei, e a mulher olha meu garrancho com uma espécie de nojo… vai ver mesmo que está com nojo, vaca, escrota, por que não vai lavar o rabo gordo?… não posso odiá-la agora, devo deixar para depois… mas que é uma escrota é… viro as costas, pois ela com todo desinteresse do mundo manda-me esperar… arrisco uma pergunta, será que vai demorar, dona?… é que a criança está chorando muito… há dias… e a puta aponta para a multidão… não diz nada, nem é preciso, mas pelo menos podia ser mais cordial… viro-lhe as costas… vou pra junto da Zilda com a criança, que ainda choraminga no colo da mãe… um choro fraco… pergunto-me se não vai morrer antes de ser atendido… a Zilda começa a chorar também e a murmurar umas coisas… se pelo menos tivéssemos vindo antes… se pelo menos não tivéssemos demorado tanto tempo para procurar um médico… eu escuto suas lamentações com uma paciência de Jó… mas paciência tem limite, e uma hora dessas acabo estourando… queira Deus que não seja aqui mesmo, no meio de todo mundo… mas é preferível que eu me contenha… a situação não está boa, a criança continua choramingando, está muito vermelha e congestionada e não há o que possamos fazer… então escuto uma voz chamar um nome, e entra um velho apoiado numa muleta, um velho estropiado… que quererá esse velho no médico? eu me pergunto, pois afinal, velho assim só está é atrapalhando todo mundo… o que é que um velho como esse tem para vir ao pronto-socorro tomar o lugar dos mais novos… consertar mais o quê, em tamanha ruína?… mas o velho entrou, arrastando-se, apoiado na muleta, e não havia ninguém com ele… tampouco alguém quis ajudá-lo e eu vejo com satisfação sua dificuldade… se pudesse dava-lhe era um chute, passava-lhe uma "banda" na muleta, pra ele ver só… já estava lá pra dentro há tempos (antes tivesse morrido logo!) quando a mesma voz chama outro nome… e no momento em que o velho emerge da porta de entrada exibindo um papelucho, aproxima-se uma mulher gorda puxando um moleque perebento pela mão… depois é a vez de uma mãe com sua menina… a menina tem uns onze ou doze anos e é feinha, magrela, anêmica… então surge um caso de emergência, e uns enfermeiros saem conduzindo uma maca, e voltam um minuto depois com uma velha esquálida horrível estirada, branca como cera, às portas da morte… deixá-la morrer seria um favor, mas essa gente é cruel, vão fazer de tudo para salvá-la… só para que continue mais algum tempo na Terra, penando… que inferno… e assim vai… a tarde avança… a cada nome que é chamado aparece um infeliz que procura um jeito de consertar algum defeito no corpo… por fim chamam o meu nome… ou melhor, o nome da criança… e a mãe se põe de pé compondo o melhor que pode o embrulho… o cobertorzinho em volta do corpinho mirrado… eu acompanho… na porta querem impedir-me de entrar, só é permitido um acompa-

nhante, dizem, mas eu encrespo… então é assim? eu esbravejo… fico aqui a tarde toda esperando e ainda não posso ver o médico atender meu filho?… pois saibam que eu sou o pai, preciso estar lá… e se o médico pergunta alguma coisa que a mãe não sabe responder?… e isto e mais aquilo… por fim cedem, que entre… e eu entro, mas a essa altura o médico já está escutando as costas do bebê… parece atencioso… vira a criança de lado… vira de costas… escuta que escuta… e a criança não pára de choramingar… a Zilda tampouco está calma… tem o nariz vermelho como um pimentão, e vez por outra esfrega a cara com o lenço… por fim o médico assume um ar mais sério… eu me preocupo… não deve ser coisa boa… certamente não é coisa boa… e a palavra pneumonia a princípio parece não ter qualquer significado… daremos uma injeção agora, diz o médico, pra começar a debelar a febre e a infecção… vou passar uma receita para que vocês comprem o remédio ainda hoje… é preciso dar uma segunda dose às onze… e assim por diante… prestem muita atenção, que a coisa é séria, essa criança corre risco de vida… e voltamos para casa sem saber o que fazer… a receita está no meu bolso mas eu não tenho dinheiro para comprar o remédio… os últimos tostões gastamos com o ônibus… é o dinheiro dela, da remessa de roupa lavada que a Zilda entregou, pois quanto a mim… o que é que me sobrou no bolso?… só umas moedinhas, não dão pra nada, mas pra nada mesmo… onde vou arranjar dinheiro?… posso por acaso assaltar um banco?… mulher, eu digo, onde vamos arranjar dinheiro pro remédio?… eu não tenho um tostão… e quem vai emprestar?… dá-se um jeito, ela diz, vou pedir a alguém, Deus há de ajudar, pois então peça eu digo, peça… explica pro que é… sendo um caso desse sempre alguém ajuda… mas não foi preciso… quando chegamos encontramos minha sogra, dona Matilde, que viera visitar a filha… fica sabendo do sucedido e entrega à filha algumas notas amarfanhadas que tinha na carteira… pro remédio dá, minha filha, ela diz sem olhar na minha direção, manda o estafermo ir, que eu estou que não posso com essa perna… dona Matilde tem um inchaço na perna que mal lhe permite andar… mora na Barra, não é perto, tem de andar um bocado até o ponto do ônibus… e aqui ainda tinha a ladeira pra subir… agora está derreada no sofá quase sem se agüentar de pé… por mim não se levantava mais, velha caninana, mas pelo menos serviu para nos tirar do aperto… e começou a jogar indiretas… que tem homem que devia envergonhar-se, arranjar um serviço, mas vergonha na cara não é pra qualquer um… quem tem tem, quem não tem… ah… porque assim é fácil botar filho no mundo, fica tudo nas costas da mulher… e por aí afora… e eu escutando… escutando minha sogra e escutando a criança que recomeçara a chorar… e então eu sinto uma revolução nas tripas e me dá uma vontade de cagar dos diabos… corro pro banheiro… está escuro porque a lâmpada queimou e não tem outra pra trocar, e que fedor!… é que o encanamento está entupido e a água do ralo

costuma voltar e alagar tudo… já tentei desentupir, na semana passada mesmo enfiei no encanamento um arame grosso pra ver se desentupia, e nada… quando entro enfio o pé numa poça dágua, sim, numa poça, pois o piso está cheio de buracos… solto uma praga… sinto as tripas se revirarem na minha barriga, acho que vou ter uma disenteria… dito e feito… quando sento no vaso solto de um jato só… xóóóóóóóó-tu-tu-tu-tu… e comigo mesmo eu digo ah se fosse na cara dessa velha… pensei que tinha saído tudo, mas novo revertério do organismo… xóóóóóóóóóóóóóóóó-tu-tu-tu-tu-tu-tu… faço força pra ver se sai mais alguma coisa, não sai… acho que é o fim… foi uma disenteria súbita, eu não estava sentindo nada até agora… a velha é que é a culpada… com essa cara de cangaceira que ela tem… acho que caguei por uma semana inteira… tenho de comer um boi pra encher as tripas de novo… xóóóóóóóóóóóóóóóóóóóóó… puta que pariu… xóóóóóóóóóóóóóóó-tu-tu-tu… acho que vou secar por dentro, porque é só água que está saindo… vai ver foi alguma coisa que comi… xóóóóóóóóóóóóó… mas eu sei que não… é de raiva de escutar essa velha falar merda… fico ainda uns dez minutos sentado no vaso, mas agora estou certo de que não vai sair mais nada… então passo uma folha de jornal no rabo… limpo-me como posso… puxo a descarga, mas nada, nem uma gota dágua, eu não havia consertado a caixinha e não tinha água, é preciso apanhar com um balde no poço… saio do banheiro, a casa toda recende, bem feito, eu penso, pelo menos jogo esse cheiro de merda todo na cara da desavergonhada dessa velha… volto com o balde, mas um balde só não basta… trago outro balde… e agora as coisas estão pior porque o pirralho está chorando alto, vermelho feito pimenta… eu ponho a mão na testa… parece que está pegando fogo… passa um pano úmido na testa do menino, mulher, eu digo… é um expediente… pode dar certo… pelo menos traz algum alívio, sei lá… e a velha recomeça sua ladainha… que eu isso, que eu aquilo, e não sei que mais… que vontade de dar-lhe um sopapo na cara para que deixe de ser chata, porra, velha, vai chupar um prego!… por que tem de vir me aporrinhar?… já deu o dinheiro, pode ir embora que não vai fazer falta nenhuma… mas ela não vai, eu sei que não vai, é capaz de ficar aqui uma semana inteirinha me pentelhando… é sempre assim essa alma penada… e o pior é que eu não posso falar nada, tenho de escutar sua ladainha calado para não piorar as coisas… deixa a velha falar, quando eu sair não escuto mais aquela matraca dos infernos… estou tentando me arrumar, também não posso sair de qualquer jeito, pelo menos uma camisa limpa… a farmácia não é perto… mas não há pressa, porque a segunda dose do remédio é só às onze e ainda não são nem oito… vê se não demora, homem, Zilda diz, está levando a receita?… claro, mulher… você esquece tudo, não vá esquecer a receita também… dou de ombros e saio… ufa!… enfim estou livre… estou na rua e já não escuto a voz de taquara rachada da velha injuriando-me

com suas indiretas… e não escuto mais aquele choro interminável… é triste dizer isso, mas o que posso fazer?… não suporto ouvir criança chorando, ainda mais assim, de um jeito que não tem santo que faça parar… arre!… está bem, o menino está doentinho, pneumonia, e dupla ainda por cima… e está com febre alta… tomou a primeira dose no hospital e ainda não teve sinal de melhora… mas o que é que eu posso fazer?… não sou médico… além do mais dá-me nos nervos, eu não agüento, Deus do céu!, eu não agüento… agora na rua não, que tranqüilidade, corre até uma aragem fresca… vou descendo, falo com um, falo com outro, apalpo o bolso da calça, o dinheiro está aqui, a receita também, eu não ia esquecer logo a receita, a Zilda tem cada idéia… dizer que eu esqueço tudo… passo pelo boteco do Atílio e resolvo entrar… ainda é cedo, tem tempo… apalpo mais uma vez o dinheiro no bolso… paro antes de entrar e dou uma espiada pra ver quanto é que eu tenho… conto as notas… a velha parecia que estava adivinhando quando veio hoje, para alguma coisa serviu aquela jararaca… então eu entro no bar… é que me veio a vontade de tomar uma "dose"… uma dosezinha só, mas preciso saber se não vai faltar pro remédio… não, não vai, pra uma dose dá e eu vou logo chamando pelo Atílio, passa a régua Atílio, eu digo, passa a régua que eu estou com sede… o Atílio é um bom sujeito… e enquanto ele me serve eu lhe pergunto se ele não quer comprar uma certa peça… e do que se trata, homem? ele pergunta, e eu explico… um toca-fitas National, olha que é coisa boa, National, auto-reverse e o caralho… e é coisa limpa?, ora se é, então eu ia vender sujeira, coisa ruim pra um amigo?… ô Pereira, eu quero dizer se não é roubo?… mas claro que não, eu exclamo arregalando os olhos, é limpeza, eu lá me meto com roubo, Atílio?… então traz amanhã pra eu ver, se me agradar eu fico… pode deixar, Atílio, eu trago, e estou certo que você vai gostar, é coisa boa, National, então eu pago e saio do bar, seguro de ter feito negócio… finalmente eu ia me livrar do aparelho e meter uns mangos no bolso… dá até pra comprar uma carne pra um churrasco e uma garrafa da boa, o final de semana está aí mesmo… Atílio fala, mas não se importa muito de onde veio a peça, desde que seja coisa boa, claro… e isso é… ele vai gostar… de repente bota até no fusquinha dele… vai fazer figura… depois é só botar também umas caixas de som atrás, vai ficar chique que só… êh, Dalvinha! eu digo… é que quem está vindo é a Dalva, essa negrinha saliente que me esquenta o sangue… oi, seu Pereira, ela diz, eu paro, seu Pereira nada, Dalvinha, pra você é só Pereira, ora essa!, a amizade não conta?… é por respeito, seu Pereira, ora essa Dalvinha… e eu a seguro pelo braço, a menina está uma formosura, sabia?… ui, seu Pereira, toma tento que se a dona Zilda vê o senhor com essas liberdades… que nada, Dalvinha, a Zilda a esta hora está em casa, não tem perigo… olha lá, seu Pereira… e então dou um abraço na negrinha e tento morder-lhe o pescoço… quê que há, seu Pereira, pensa que é as-

sim?… assim como, Dalva do meu coração?… eu não estou aqui pra qualquer um botar a mão não, o senhor por exemplo nunca me deu uma prenda… ah, é isso?… e não…? quem cuida de mim sou eu, meu caro!… então você quer uma prenda?… e estou errada, seu Pereira?… não, não está não… eu tenho uma prenda pra você… tem?… está aí?… não, aqui comigo agora não, mas amanhã eu lhe dou… amanhã, seu Pereira?… o senhor está mangando comigo… tô não, Dalvinha… e o que é?… um toca-fitas novinho desses de carro… da National… auto-reverse e o caralho… coisa daqui, ó… ah… e pra que é que eu quero um toca-fitas de carro se eu nem carro não tenho, homem?… você pode vender, apurar uns mangos com ele… humm, o senhor está me enrolando, seu Pereira… anda logo, Dalvinha, deixa de coisa… então tento abraçá-la outra vez e tascar-lhe um beijo na boca… aqui não, seu Pereira, pode vir gente, onde então, Dalvinha, você faz meu sangue ferver… eu faço nada, o senhor é que é assanhado, seu Pereira, vem cá, Dalvinha… então eu arrasto a negrinha pra trás de um muro… fica nos fundos de uma casa, mas está tudo escuro lá dentro, se tem alguém está dormindo… olha lá o que o senhor vai fazer, seu Pereira… fica quieta, Dalvinha, fica quietinha… e então levanto o vestido da negrinha, puxo a calcinha dela e boto o pau pra fora… a negrinha é quente que nem um braseiro… e rebola bem… dá uns suspiros que até parece que está morrendo… empina a bundinha e pede mais, bota mais, seu Pereira, enfia tudo… se quiser pode botar atrás também, que eu gosto… você me deixa maluco, Dalvinha, ah, seu Pereira, a dona Zilda é uma mulher de sorte, que competência o senhor tem… e daí eu acerto o rabinho dela com gosto… e ela rebolando… até que vamos sossegando, os dois, a respiração está mais calma, o coração bate mais devagar… eu ainda dou uma chupada no cangote da negrinha e então nos recompomos… saímos de novo para a rua… a gente tem de se ver mais, Dalva… você não quer?… quero, seu Pereira, quando o senhor quiser… só não pode esquecer o que me prometeu… o quê, Dalvinha?… a prenda… já é sua, mulher… só quero ver, seu Pereira… mas Dalva… hein, seu Pereira?… pára de me chamar de senhor… e ela se foi… eu continuo descendo o morro… tem hora que eu penso em largar a Zilda e colar com a Dalvinha… assim eu me via livre da velha de uma vez por todas… é que eu tenho pena da Zilda, é uma boa mulher, limpinha, cuida bem da casa, trabalha bastante… e na cama também não é de se reclamar não… sei não… posso até continuar com a Zilda, mas de vez em quando vou dar um pega nessa Dalva… eta negrinha no jeito!… mas ali adiante está essa gente da política pedindo voto… não gosto dessas coisas, esse pessoal só sabe pedir voto, mas não faz nada quando a gente precisa… se eu for lá e pedir um emprego eles não me dão, mas o meu voto eles querem… está bom… vão ter… ei, moço, dá um voto pro nosso candidato aqui, é gente boa, vai fazer muito pela comunidade… é o que sempre dizem,

o cara é gente boa, vai fazer muito… vai porra nenhuma, não faz nada, ganha, sobe no poleiro e nós aqui, ó… e me entregam um papelzinho… e vão falando enquanto eu ando, não paro e eles me acompanham um trecho, sempre falando de seu partido e de seus candidatos… e pra senador, moço, vota no Olímpio… eu sigo adiante amarfanhando o papelzinho e jogando-o numa vala… eu lá quero saber desse tal de Olímpio que eu nem sei quem seja… foda-se ele e todo o resto… mas ali adiante o pessoal se reúne pra um joguinho… roleta… é divertido… fica nos fundos de um quintal, embaixo duma coberta onde também funciona a birosca do Tavinho, enquanto que no barraco da frente mora uma família… pra chegar lá é por este portãozinho, depois vem um corredor que está sempre escuro e dá para um largo onde o povo dança no que a noite vai indo… a roleta fica lá para trás, bem escondida… esses cuidados são necessários porque se a polícia pega esculacha com todo mundo… da rua ninguém vê, só vai lá quem já conhece o ponto… eu passo por lá de vez em quando, se tenho uns trocados costumo arriscar… perco, ganho, não importa, o que vale é a diversão… bem que hoje eu podia tentar a sorte… estou mais do que necessitado, hoje eu tenho mesmo é de ganhar… então resolvo dar mais uma conferida no dinheiro que tenho no bolso… se eu tirar só uns trocados dá pra arriscar… se perder não vai fazer falta, pois sobra pro remédio do pirralho… e amanhã eu pago a velha quando o Atílio me der o dinheiro do toca-fitas… quando chego o pessoal todo se volta, só pra conferir… já me conhecem, não ligam pra minha presença… então eu me aproximo, as apostas estão sendo feitas… faço um sinal, vou apostar, alguém troca essa nota pra mim?… um sujeito tira do bolso um maço de cédulas e conta algumas das mais miúdas, entrega-me, entrego a nota pra ele… boto lá no vermelho uma notinha pequena… não posso arriscar muito… afinal, o dinheiro é pro remédio do pirralho, e o que sobrar tenho de restituir à jararaca… diabos, mas que azar… logo de cara eu perco, saiu o preto, apostei no vermelho e sai o preto… caramba… o que faço?… tento recuperar ou vou embora?… mas ir embora depois de uma apostazinha de nada não tem graça, e de qualquer forma o dinheiro basta para o remédio… vou tentar mais uma vez… se eu ganho recupero o que perdi… lá vamos nós… vou insistir no vermelho… deve dar agora, se não der… vamos ver, a bolinha parece doida, pula que pula de casa em casa… e vai pulando, e vai parar… vai parar… parou… caramba, deu vermelho!… pronto, recuperei a parada anterior, estou no zero a zero… agora posso arriscar de novo… vou tentar mais uma vez… mas não… é preferível observar um pouco… então eu me ponho a observar, a ver a seqüência de pretos e vermelhos… por enquanto não quero arriscar nos números… apalpo o bolso enquanto as apostas vão se sucedendo… não perdi nem ganhei nada, portanto não é preciso ter medo, pelo menos por enquanto não é preciso ter medo… então resolvo apostar de novo e escolho

o preto porque vi saírem três vermelhos… é possível que agora eu ganhe… então coloco o dinheiro sobre o preto, só um pouquinho, a reserva, porque se eu perder não falta pro remédio… se eu perder eu vou embora e pronto… e então espero a bolinha parar… e arrecado o que é meu… aprendi, tenho de olhar, ver a cor que repete e jogar só na certa, naquela que não sai há várias rodadas… sei que é aposta de medroso, mas é melhor do que arriscar muito e não ganhar nada… e o preto sai uma, duas, três, quatro vezes… acho que agora eu ganho de novo, vou botar um pouco mais de grana agora, arriscar pode ser aconselhável em alguns momentos… confiro o dinheiro, posso arriscar o que já ganhei e um pouco mais… agora é certo que vai dar o vermelho, vou ganhar na certa, já cinco vezes o preto… ou foram quatro?… não lembro, quatro ou cinco tanto faz… então separo metade do que tenho no bolso… sei que estou avançando no que falta para a farmácia, é perigoso, mas quem não arrisca não petisca… vamos ver, seja o que Deus quiser, fiz a aposta e não posso voltar atrás… anda, bolinha, pára logo de uma vez… vai parar… vai parar… Deus do céu, vai parar no… caralho!… ganhei de novo!… e não foi pouco… puxo o dinheiro e, mesmo sem contar, faço uma bola, amasso e meto no bolso… afasto-me… vou pra debaixo de uma lâmpada ver quanto ganhei… quem insistiu no preto achando que ia dar de novo se ferrou… sim, agora eu tenho o dobro do que tinha antes de começar a jogar… mas não convém arriscar mais, acho que vou andando, passo na farmácia, compro o remédio… cadê a porra da receita?… ah, está aqui, no bolso de cá… então é isso, passo na farmácia, compro o remédio e volto… então sim, posso arriscar mais um pouco, porque se perder pelo menos o remédio já está garantido… vou andando, atravesso o corredor e saio para a rua… sinto-me aliviado, se eu continuasse lá iria apostar de novo… podia ganhar, mas também podia perder… jogo é assim, você não sabe, não tem como saber… mas hoje foi meu dia, que alívio, e eu fui esperto… parei na hora certa… é preciso ser esperto nesse negócio de jogo de azar… e então eu paro… será que eu fui esperto mesmo?… parar de apostar quando se está com sorte?… não é boa coisa, pode atrair o azar… e se eu fizesse mais uma apostazinha?… sim, por que não?… mas vou em frente, dou mais alguns passos ladeira abaixo… vou lá e fico espiando, eu penso cá com meus botões, que nem antes, aguardo pra ver a cor que vai se repetir… então, zás, meto o dinheiro na outra cor… é ganho certo, ora essa, já pensou quando eu chegar em casa e botar essa grana toda na mão da Zilda?… devolvo o dinheiro pra jararaca e ainda dou um presente à mulher, digo é pra você, minha flor, comprar um vestido novo… que coisa boa… então, por que não?… então eu paro de novo, penso, vou o não vou?… dou uma espiada na direção do portãozinho… começo a andar devagarinho na direção dele… pode ser, eu penso, pode dar certo… daí que meio na dúvida eu volto até a roleta… o pessoal tá animado, jogo é assim mesmo, animação

não falta, nem dão pela minha chegada de volta… acho que nem viram que eu tinha ido embora, pensaram que fui só mijar… bem, vamos ver, o que é que deu agora?… fico vigiando o jogo, a dança incerta da bolinha, a danada pula feito cabrito… então sai o vermelho, o preto, o vermelho… agora se alternam, não se repetem muito e eu preciso ficar um bom tempo vigiando… até que vem uma sucessão de vermelhos… uma, duas, três, quatro… quatro vezes deu o vermelho… aposto agora no preto ou espero?… não, vou esperar pra ver… e sai mais uma vez o vermelho… eu me seguro, pois tenho ganas de botar tudo lá… vou fazer uma loucura… boto tudo… ou quase tudo, pelo menos… mas não, eu me seguro ainda uma vez, só pra ver… só pra ver… conforme for eu nem jogo mais, só vejo o que vai dar agora e depois vou embora… estou curioso, alguma coisa me diz que não vai dar o preto ainda, que o vermelho vai repetir… e… aí está!… viu?… não falei que era o meu dia de sorte?… se eu jogo no preto agora tomava um ferro dos diabos, o vermelho saiu pela sexta vez seguida… agora vem o preto, é certo, depois de seis vermelhos não é possível que… o que faço?… tenho chance de dobrar o que tenho no bolso… a mulher vai ficar feliz com o vestido novo… até a jararaca vai amaciar um pouco… vai ver que homem eu sou, um marido de responsa pra filha dela, o que é que ela está pensando?… bem, tudo não… vamos ver… então eu começo a contar o dinheiro, separo o que ganhei… vou jogar todo mais metade do que a jararaca me deu… não, dois terços do que ela me deu… é certo que eu ganho agora e então vou embora… vamos ver, caso uma bolada no preto, apostas encerradas, a bolinha pula feito pipoca… pula, pula… e pára… então eu sinto um gelo no corpo, minhas vistas se turvam… não é possível… não é possível… diabos!… o vermelho repetiu pela sétima vez… e agora?… agora não dá mais… não posso continuar nem que quisesse… e o que foi que sobrou… conto… um terço do que a velha me deu pra farmácia… não basta para o remédio… fazer o quê?… porra, porra… vou andando, estou tonto ainda, adeus vestido novo, adeus remédio… não, o remédio do pirralho… eu penduro, eu tenho crédito nessa porra de praça ou não tenho?… acho que tenho… sei lá… tenho ou não… e aquele ali, quem é?… ah, é o Jesuíno, vem meio sambado, parece que não se segura muito bem nas pernas, o Jesuíno é assim, homem de raça, mas gosta de beber um pouco além da conta… e aí, Jesuíno?, eu pergunto, e ele pára, olha-me com uma cara engraçada, como se não me reconhecesse… por fim me estende a mão com apreço, está bambo, a voz pastosa, pergunta-me pela família, como é que vai a cambada, Pereira?, tudo bem, Jesuíno, eu digo, só o menino que está um pouco doentinho… mas o Jesuíno é muito prático, isso não há de ser nada, homem, criança é assim mesmo, uma hora está pulando, outra hora amuadinha… e então me convida para acompanhá-lo até o Baiano: Pereira, ele diz, você conhece a cachaça de lá, é da boa, e exclama eu pago, porra!…

então eu vou com o Jesuíno… o Baiano a essa hora está cheio… freguesia certa… Baiano!, o Jesuíno grita, bota duas aí, uma pra mim e outra pro nosso amigo aqui… eu sou conhecido de todos, sabem que não sou de sair do sério, mas os pifões do Jesuíno todos já conhecem… quem vai pagar?, pergunta o Baiano, já imaginando que o Jesuíno está sem um tostão… eu pago!, berra o Jesuíno, e bate no bolso arregalando os olhos, pensa que eu não tenho com quê, ô Baiano?… quero ver o dinheiro, diz o Baiano irritado, não estou aqui para sustentar vício de vagabundo… assim você me ofende, Baiano, diz o Jesuíno com cara de quem sofreu um golpe, então eu lá sou homem de… e puxou do bolso uma cédula… caramba… ele está mesmo com dinheiro hoje, eu penso, enquanto ele exibe o dinheiro… daí o Baiano amacia, é assim que eu gosto de ver, diz condescendente, ri e serve a bebida… bebemos dum gole… Baiano, mais uma!, berra o Jesuíno… e então vem mais uma, e depois dessa mais outra, e o Jesuíno começa a lacrimejar… é sempre assim… parece choroso, diz que não suporta mais a vida sem aquela cadela, aquela puta… está bêbado que só, se lamuria e invectiva a mulher, que o trocou por um alfaiate lá dos lados da Barra… ela era uma puta, Baiano, ele diz, e o Baiano sorri… eu já estou meio zonzo, mas não perdi o tino nem enjeito outra dose… afinal a vida é uma tristeza mesmo, eu digo pro Jesuíno, veja você amigo, meu menino doentinho e a jararaca ainda chega lá pra atazanar nossa vida… quem, homem?… minha sogra, quem haveria de ser!… a jararaca… já comigo foi a puta que me largou, ele diz, e baixando a voz numa confidência, escuta aqui, Pereira, você é meu amigo do peito… você sabe… aquela mulher era uma puta mas eu gostava tanto dela… aquilo na cama, Pereira… você não sabe o que era aquela vaca na cama… por que achou de ir embora, Pereira, por quê?… e desatou a chorar, mais uma, Baiano… e o Baiano, certo de que vai receber, afinal o Jesuíno tinha mostrado o dinheiro, vai servindo mais uma, mais duas, mais não sei quantas… agora está tudo rodando… quantas eu bebi?… não sei, só sei que não sei mais onde é que eu estou… afasto-me do balcão e me encosto numa parede… que lugar é este?… de repente a coisa vira uma barafunda só, escuto o Baiano berrando com o Jesuíno, dizendo que aquele dinheiro não valia nada, seu filho-da-puta… o Baiano parece dizer que a nota é falsa mas não consigo entender direito… parece que botam o Jesuíno pra fora a safanões, e sobram algumas sacudidelas pra mim também porque cheguei ali com ele… e como estou que não me agüento vou sendo arrastado pra fora seguro com força pela roupa, agarram-me como se agarrassem um boneco de trapo… quando abro os olhos já é dia… o Sol está alto… estou num beco, estirado no chão ao lado de um latão de lixo, e daí avisto o Jesuíno caído mais adiante, roncando feito um porco… custo a me recuperar e entender o que está acontecendo… estou ainda um pouco tonto e todo vomitado, acho que até me caguei também… não sei… esse cheiro…

não, a merda não é minha, me lembro de que tinha esvaziado as tripas na véspera, não restava mais nada pra sair… a não ser água… acho que caí num monte que alguém tinha largado aqui no beco antes de me arrastarem para cá… puta que pariu, estou todo cagado e vomitado… levanto-me a custo… aos poucos vou me lembrando… o remédio do menino… o dinheiro… apalpo os bolsos, nem um tostão… foi o Baiano, na certa, agora me lembro da gritaria, a nota novinha do Jesuíno era falsa e o Baiano achou de se ressarcir com o que eu tinha nos bolsos… agora não dá mais… não adianta ir à farmácia, eu lá tenho crédito em algum lugar?… vou pra casa, é melhor, devagar vou subindo a ladeira, comprida que é o diabo… me esfalfo na subida, o inferno deve ser assim, subir, e não descer, quem desce desce pro céu, que sobe sobe pro inferno… deve ser assim mesmo… mas vou chegando… tem umas pessoas entrando e saindo… que terá acontecido?… acho que do jeito que estou não posso entrar pela frente, vou pelos fundos, mas assim mesmo o povo me vê… escuto um zunzunzum, todo mundo me olha e cochicha, balançando a cabeça… devem estar assombrados… até eu estou… nos fundos deparo com a velha, a jararaca… então já nem consigo explicar o que se passou em seguida… impropérios, tabefes pela cara, um balde dágua suja que a caninana me joga em cima, bêbado desgraçado, ela grita, gastou meu dinheiro na bandalha, seu sujeito imundo, irresponsável, teu filho tá lá dentro morto e tu aí, podre, vagabundo dos diabos, e por aí vai… então consigo entender o que estava acontecendo e o que fazia aquela gente toda na casa… o menino, coitadinho… enfim, o anjinho descansou… foi melhor pra ele, pobrezinho, crescer nesse mundo de merda… pra quê?… inda mais com uma avó dessas!… meio aos tropicões… até chute a jararaca me acerta na bunda, vai ver a desgraçada andou aprendendo karatê… pra isso a perna da cretina não está ruim… meio aos tropicões entro no banheiro… abro o chuveiro antes mesmo de tirar a roupa… depois começo a me despir… fico meia hora embaixo da água morna, esfrego o corpo com bucha e sabão de coco pra sair a catinga… maldito o cu que fez aquela merda lá embaixo, eu penso… enxugo-me, diante do espelho penteio o cabelo, reparto de lado, agora estou bem de novo, faço uma cara de contrição, de seriedade, abotôo a camisa até em cima e dobro os punhos até o meio do antebraço… dá mais aparência… bochecho um pouco de pasta de dente pra fazer espuma e tirar o cheiro do álcool… e saio do banheiro… na sala estão alguns vizinhos… uns de pé, outros sentados… todos me olham sem dizer nada, devem estar espantados com a transformação… mas não dizem um "a"… finjo que não vejo ou que não conheço ninguém, embora cada uma daquelas caras seja mais conhecida que moeda de dez centavos… a Dalva está de pé num canto… olha pra mim mas está séria… não fala nada… eu, nem é comigo, finjo que não vejo… a noite passada não me sai da cabeça, mas agora não é hora… no quarto preparam o caixãozinho… a

Zilda está sentada na cama chorando baixinho, fungando com o lenço no nariz, não levanta a cabeça, não olha pra mim… aproximo-me com as mãos nos bolsos, o menino está afogado no meio das flores e agora dão os últimos retoques… uma moça magrinha que estava curvada ajeitando a touquinha se vira para mim e sorri com tristeza… eu me afasto pra ela passar… olho em volta… espio pela janela… a Zilda ainda está choramingando, e agora nossos olhares se encontram… que lástima… ela não me recrimina, nem com o olhar, e eu não encontro um jeito de lhe explicar o que aconteceu… que eu não tive culpa, foi tudo obra do destino, e então já até ensaio uma justificativa, contra o destino quem tem força?… a caninana entra no quarto, não me olha, tem gente que não tem consciência nem vergonha na cara, resmunga se aproximando da filha, era melhor que nem voltasse pra casa… pra lá mesmo ficasse… não fazia falta nenhuma… de uma bisca assim, quem se livra sai ganhando… e vai resmoneando com a voz áspera e surda, uma cara que até parece o coisa-ruim… as outras mulheres erguem o caixãozinho e levam pra fora… eu ainda bobeio por ali, depois saio, passo para a sala, puseram o caixão na mesinha de centro e a puxaram para perto da parede, arredaram o sofá prum canto, o caixote com a televisão em cima pra outro pra liberar espaço… raspo a garganta, olho aqui e ali, não fito ninguém, estou na minha casa eu penso, aqui ninguém canta de galo, quem quiser me reparar que vá pra puta que o pariu… levanto o queixo com arrogância, estou na minha casa, mas ninguém escuta porque eu não digo nada, só penso… chegam mais umas pessoas, tudo gente das redondezas, alguns vêm cumprimentar-me, dar-me os pêsames, esses não me viram chegar no estado que cheguei… agradeço com um movimento de cabeça, ar circunspecto como deve ser… passo para a cozinha, a jararaca está ali, mexendo uma panela no fogão… eu me aproximo… dona Matilde, eu sofri um acidente, fui assaltado… e ela me olha com espanto, a boca aberta e uma expressão malévola na cara horrorosa… não fala nada, a cara já diz tudo… eu fungo, faço um bico, esforço-me por parecer sério… eu sofri um acidente, mas a senhora não vai ficar no prejuízo não… ela continua me olhando com espanto, enquanto mexe a panela… a cara dela é a estampa do diabo, mas eu não posso fraquejar… tenho de mostrar a ela que não sou homem de ficar devendo favor… não estou agora com o dinheiro da senhora, mas tenho aí um toca-fitas National… coisa boa, lhe garanto… auto-reverse e o caral… âââh… auto-reverse e o escambau… a senhora ainda sai na vantagem…

21 de março de 1944

Foi quando eu disse ao Daniel que o Olímpio talvez nos ajudasse com

a matéria que o vi: notei seu olhar em nossa direção e, já na rua, percebi que ele saía da confeitaria e passava a nos seguir. No momento em que paramos relendo nosso trabalho de casa vi de relance que ele também parou e fingiu-se distraído diante de uma vitrine, e um pouco mais adiante, no cruzamento, ele se aproximou, adiantou-se enquanto esperávamos passar os carros… foi só por um instante, mas ele olhou para mim… Daniel estava preocupado com a matéria e falava o tempo todo, por isso não percebeu nada…

Depois deixou-se distanciar… ficou para trás e por fim não o vi mais: já não nos seguia.

Mas dois dias depois ei-lo do outro lado da rua, em frente ao portão da escola — então eu soube que ele viera por minha causa.

Não fez nenhum gesto, parecia desatento conquanto decerto esperasse pela saída dos alunos, depois viu as horas no relógio de bolso e fingiu preocupação, olhando para um lado e para o outro como se estivesse à espera de alguém.

Eu nem levantei o rosto ao atravessar a rua e passar perto dele, tinha as faces em brasa e por nada deste mundo seria capaz de encará-lo. Mas esperava que ele me seguisse, que me abordasse em algum lugar menos movimentado, por isso dispensei a companhia do meu amigo, "estou com pressa agora, Daniel, à noite vou à sua casa" e, me afastei rapidamente deixando-o plantado lá, no meio da rua, sem entender nada — já que todos os dias voltamos juntos para casa e fazemos o trajeto a pé. Entrei rapidamente por uma ruazinha deserta, mudando de itinerário para que Daniel não me alcançasse, e então passei a andar devagar, algumas vezes até parei, pondo-me a esperá-lo, mas foi inútil…

Eu me havia enganado então? Ele não fora até a escola por minha causa? E naquele dia ele de fato não nos havia seguido rua afora?… Teria sido tudo imaginação minha?

(Mas afinal, por que motivo ele estaria à minha espera na saída da aula?… Talvez quisesse uma companhia, eu pensei… Não consigo explicar a impressão de que ele é uma pessoa solitária à procura de um amigo, essa mesma a impressão que tive naquele dia, quando o vi fingindo-se distraído diante da vitrine: um homem solitário que só queria um amigo, seria capaz de jurar que seus olhos eram grandes e tristes, e quando ele me olhou rapidamente no cruzamento foi assim que me pareceram… ele só buscava um amigo, buscava a mim, por isso estava à minha espera na porta da escola à hora da saída… Mas agora eu percebo que talvez tenha me enganado…)

À noite aborreci-me por duas horas com o Daniel, um chato, que foi até minha casa (pois era certo que eu não iria procurá-lo como havia prometido) para estudarmos juntos. Estivemos repassando a matéria, relendo os tópicos, fazendo anotações, mas minha atenção não estava ali e em certo

momento ele reclamou dizendo que eu parecia distraído, "Lu, você está se sentindo mal?". Meu nome é Luís, mas todos me chamam de Lu.

Não, eu lhe disse, só distraído, "não sei por quê, mas não consigo concentrar-me hoje, é melhor deixar tudo isso para sábado, ou, sei lá… outro dia qualquer". Daniel insistiu perguntando sobre minha saúde, ou se eu havia brigado com Janice (ele costuma dizer que Janice é minha namorada, mas nem eu nem ela estamos muito certos disso) ou se estava chateado com ele, "afinal você hoje me deixou para trás sem mais nem menos", mas outra vez eu disse que não era nada, "só estou indisposto hoje" expliquei, "cansado de estudar".

Eu gosto do Daniel, é o meu melhor amigo na escola (além de Janice); os outros alunos são apenas colegas, nós nos damos bem, mas é só. Com o Daniel foi diferente: a gente se conheceu quando minha mãe me matriculou naquela escola, eu tinha dez anos e o Daniel — que já estudava lá desde o ano anterior — doze.

Naquela época eu ainda morava com meus pais, mas no ano seguinte minha mãe foi embora com o namorado deixando meu pobre pai arrasado. Então meu pai achou melhor que eu fosse morar com minha avó, num apartamento grande e antigo, com móveis e tapetes antigos, por cima de uma loja de quinquilharias. "Não tenho como cuidar de você, o trabalho toma-me todo o tempo, seu irmão também trabalha e tampouco lhe sobra tempo. Além do mais mamãe gostaria muito que você fosse, pelo menos ela teria uma companhia".

Foi assim que me mudei para a casa de vovó, aonde meu pai e meu irmão (que já era adulto e trabalhava num escritório de contabilidade) iam almoçar aos domingos. Iam, vão ainda, pois o almoço dos domingos com vovó tornou-se um hábito depois que fui para lá, e às vezes Daniel também aparece para o almoço, quando então aproveitamos a tarde para espairecer num parquinho infantil que existe ali perto, com muitos brinquedos e carrocinhas de comes e bebes, e onde meninos e meninas se reúnem para confabular.

Logo que nos conhecemos, eu e o Daniel, surgiu entre nós uma ligação muito forte e como ele fosse muito estudioso acabei por imitá-lo e passamos a estudar juntos… no começo era mais brincar do que estudar, mas depois a gente foi crescendo e as matérias foram não só aumentando como também se tornando mais difíceis, exigindo cada vez mais, então passamos a estudar *mesmo*. Agora eu tenho treze (na verdade, treze mais dois meses) e ele quinze, continuamos amigos como sempre, mas ele é meio pateta às vezes, só pensa em estudar, estudar, estudar… acaba me aborrecendo.

A semana chegou ao fim: o dia seguinte era uma sexta-feira e ele não reapareceu, tampouco reapareceu na segunda, o que me fez ter certeza de que eu me havia enganado: ele não fora até a escola por minha causa…

Por um instante pensei que ele talvez quisesse ser amigo do Daniel, afinal o Daniel ficara lá — melhor dizendo, eu o havia deixado lá, plantado, enquanto saía correndo —, mas depois essa idéia me pareceu ridícula: por causa do Daniel não, e para ter certeza disso fui olhar-me no espelho do banheiro: não, por causa do Daniel não poderia ser, a idéia não era apenas ridícula, mas absurda. Não que ele seja antipático, mas é um tanto magrelo e corta o cabelo feito um soldado, quase raspando a parte de trás da cabeça… não me agrada o jeito que o Daniel corta o cabelo… eu sei que sou bem mais simpático… tenho o sorriso mais alegre… e meu cabelo, se bem que seja curto (porque os alunos sempre têm de cortar o cabelo), é assim cheio, tem volume, e é tão pretinho que até brilha…

— O que há com você, Luís? — Daniel perguntou na segunda-feira à noite, quando apareceu em minha casa para estudarmos (tínhamos prova de matemática no dia seguinte). Havia notado meu mau humor. — Você anda esquisito.

Dei de ombros.

— Não é nada — respondi, e abrindo o caderno esforcei-me para prestar atenção aos cálculos. Acho que consegui, pois o Daniel não fez mais nenhuma pergunta.

Mas hoje, na hora da saída, eu o avistei: estava no mesmo lugar do outro dia como se esperasse por alguém. De imediato aborreceu-me a companhia do Daniel, que vinha ao meu lado tentando explicar-me um caso de análise sintática ("A oração coordenada explicativa…" dizia ele) no qual eu decididamente não estava interessado naquele momento. Então parei na beira da calçada e fingi concentrar-me na explicação do Daniel; enquanto isso podia vigiar dissimuladamente o outro lado da rua. Ele olhava diretamente para mim, mas eu não demonstrei ter percebido sua presença; Daniel abrira o livro e me mostrava umas frases tentando fazer-me compreender a diferença sintática entre elas, e conquanto eu me curvasse um pouco sobre o livro que ele mantinha aberto nas mãos, com o rabo do olho vigiava o outro lado da rua…

— Você entendeu a diferença? — Daniel perguntou.

— S-sim… isto é… mais ou menos… mas agora acho melhor irmos andando… em casa vou reler essa parte para entender melhor…

— Sim, vamos — e avançou para o meio da rua.

Mas eu fiquei no mesmo lugar e, levantando o rosto, olhei diretamente para ele, que não tirava os olhos de mim, e assim, por alguns momentos nos encaramos quase como num desafio para ver quem desviaria o olhar primeiro. Eu cedi, e atravessei a rua de cabeça baixa, quase colado com o Daniel que, subitamente apressado, andava a passos rápidos. Quando passamos rente a ele levantei novamente o rosto em sua direção e senti minhas faces em brasa quando nossos olhares se encontraram. Não me detive, mas enquanto seguia rua afora voltei-me duas ou três vezes…

…E ele, dissimuladamente, as mãos nos bolsos e andando devagar, pôs-se a seguir-nos de longe.

Após cruzarmos algumas quadras chegamos à casa de Daniel, que em vez de entrar se propôs a me acompanhar pois pretendia continuar estudando comigo durante a tarde, "ambos temos alguma dificuldade nessa matéria e seria bom tentarmos tirar todas as dúvidas" ele disse, mas aquilo me deixou chateado de verdade, "não, Daniel" eu disse, "hoje não", "mas por quê? Semana que vem teremos prova", "não estou com ânimo para estudar mais hoje" expliquei, e resolvi acrescentar uma mentira: "acho que minha avó vai precisar de mim durante a tarde, para uns mandados". Daniel pareceu decepcionado, "e de noite?" quis saber, "talvez de noite…" mas eu repliquei: "eu te ligo lá pelas seis… se eu estiver com ânimo… mas não sei… estou mesmo desanimado para estudar hoje".

— Pode entrar — eu disse sorrindo-lhe —, daqui eu vou sozinho. Talvez seja melhor marcarmos para amanhã, creio que nem hoje à noite estarei disposto… Já sei que vou chegar cansado dos mandados de vovó, ela sempre me incumbe de tanta coisinha!

Daniel encarou-me com desapontamento e curiosidade, pensei que fosse perguntar-me se eu estava bem, dizer que desde a semana anterior eu parecia estranho, coisas assim, mas calou-se.

— Está bem — disse, empurrando o portãozinho de madeira —, mas, Lu, se você mudar de idéia, liga à noite que eu vou até sua casa para revermos os pontos de análise sintática.

Abri-lhe um largo sorriso de alívio, fiz um aceno e avancei calçada afora. Olhando para trás notei que Daniel acabava de entrar, e o outro, ainda caminhando devagar, seguia-me.

Então dobrei uma esquina tomando outro caminho: não, eu não iria para casa, não podia ir para casa agora, passar a tarde debruçado sobre livros e cadernos era a última coisa que poderia acontecer-me naquele dia, e lembrando-me da insistência do Daniel cheguei a sentir-me irritado, "mas que maçante" murmurei com raiva para em seguida arrepender-me, pois ele é meu amigo de verdade e sempre se interessou por meu aprendizado.

Cruzei outras ruas, afastando-me cada vez mais e sempre certificando-me de que ele me seguia a certa distância, embora agora estivesse mais perto. Decidira ir até o parque, que não é distante; é bonito o parque, com as árvores e a fonte e os bancos onde as pessoas costumam sentar-se para ler ou descansar. Segui então até o elevado, pus a pasta sobre a mureta e debrucei-me nela olhando para baixo: havia poucas pessoas, algumas nos bancos sob as árvores, outras junto à fonte, outras simplesmente atravessando a esplanada.

Então ouvi passos, senti sua presença, ele passou às minhas costas rente a mim e foi também debruçar-se sobre a mureta a alguns passos de distância.

O que eu esperava dele, afinal?

Pois o Daniel não estava inteiramente errado (nem inteiramente certo) quando dizia que Janice era minha namorada. Janice tem quase a mesma idade que eu, crescemos juntos pois nossas mães eram amigas desde antes de se casarem e se visitavam com freqüência — pelo menos antes de mamãe fugir com o namorado. Algumas vezes eu convido Janice para ir comigo à matinê, ou então a levo ao parquinho perto da casa de minha avó, e então caminhamos de mãos dadas; aos sábados e domingos, p. ex., estamos quase sempre juntos; às vezes nos reunimos os três, eu, ela e o Daniel para estudar e nessas ocasiões ela, sem nenhum embaraço, senta-se ao meu lado, recosta-se a mim e deitada no tapete pousa a cabeça no meu colo, distraída com a leitura da matéria… Mas isso será namoro? Nunca houve um beijo entre nós, e acho que ela se sentiria embaraçada se eu tentasse beijá-la; mas a verdade é que, apesar do grande carinho que há entre nós, eu não sinto vontade de beijá-la, ela às vezes é como uma irmãzinha um pouco mais nova…

Pois eu não tenho irmã, só esse irmão que já é adulto e com quem vez por outra me aborrecia pra valer quando ainda éramos uma família.

Meu irmão tem catorze anos mais que eu, agora está para casar-se, e antes era sempre muito ríspido comigo. Aliás ele era ríspido com todo mundo e meu pai vez por outra lhe chamava a atenção: "tenha mais educação, rapaz" dizia ele com sua natural gravidade, seu tom de voz tranqüilo mas seguro, de uma severidade branda mas firme, "nem todo mundo está disposto a tolerar malcriações"; nessas horas meu irmão baixava a cabeça e não replicava, mas nunca tomava jeito. É assim que ele é, e eu não gosto: sempre que meu irmão me passava um pito eu ficava fulo de raiva, pois quem era ele para ralhar-me? Às vezes eu respondia, mandava-o às favas, só para ele ver que não tinha poder sobre mim, e então ele dizia "vou contar tudo pro nosso pai", e eu "pois conte, se quiser, que se dane", e saía de perto.

Agora que só o vejo uma vez por semana, aos domingos, ele me parece mais educado, mas não sei se é só porque não nos vemos com freqüência ou se de fato ele se emendou.

Talvez seja por isso: porque nossa mãe foi embora e nossa família se desmanchou, porque meu irmão não é muito meu amigo, porque o Daniel não conta, já que é só um garoto e Janice apenas uma menina, que eu sinto falta de um amigo de verdade. E quando penso nesse amigo me dou conta de que se parece com "ele", de que é desse mesmo jeito que o vejo…

Então naquele dia percebi que ele nos viu saindo da confeitaria e passou a nos seguir. Eu o vi apenas de relance e segui em frente com o Daniel… e no cruzamento, enquanto esperávamos para atravessar a rua, tampouco olhei diretamente para ele… mas fiquei triste quando olhei para trás e não o vi… e pensei que não o veria mais…

Sim, eu preciso de um amigo que não seja o Daniel, que é tão menino quanto eu; um amigo mais velho… de olhos como os "dele", como eu os vi naquele dia, e como me parecem agora… estou certo de que ele também quer ser meu amigo, por isso seguiu-me, por isso está a poucos passos de mim agora, debruçado na mureta…

Então ele volta o rosto na minha direção e me pega olhando-o disfarçadamente, e sorri…

…Mas eu não contei a história toda.

O fato de que eu já o conhecia, por exemplo…

Eu não sabia o nome dele, mas já o conhecia de vista. Vira-o pela primeira vez alguns meses antes, na rua, quando passou na companhia de amigos; conversavam, e ele não me viu. Por que haveria de ver-me? Como iria perceber um simples garoto com uniforme de escola de pé na calçada oposta, imóvel…? Depois disso avistei-o de longe mais duas ou três vezes, mas com um intervalo de tempo tão grande entre essas ocasiões que era como se não fosse vê-lo de novo.

Naquele dia voltávamos da escola eu e o Daniel e, quando passamos defronte à confeitaria, eu o vi pela vidraça sentado a uma das mesas. Então disse ao Daniel para entrarmos pois queria comprar alguns doces. Queria que ele notasse nossa presença e olhasse para nós, só assim perceberia minha existência, embora eu não pudesse prever sua reação: talvez me encarasse por alguns segundos e em seguida desviasse os olhos com desinteresse, e se fosse dessa maneira que esperanças eu teria de…? De quê, afinal? Eu não sabia ao certo, não formara ainda nenhuma idéia a respeito do que eu de fato queria… Um amigo?… Seria isso mesmo?… Não, em absoluto eu não tinha a menor idéia…

Entramos na confeitaria, eu na frente… mas a timidez me tolheu, com hesitação me aproximei de um dos balcões e pedi — em voz baixa, pois a voz agora saía com dificuldade — alguns doces que ali mesmo dividi com Daniel. Foi somente no momento em que saíamos que eu consegui falar de modo a ser escutado por ele… Daniel pensou ter esquecido alguma coisa no balcão e se virou, como se fosse voltar… minha voz saiu então com muita segurança e clareza… eu mesmo não compreendi como pudera fazer isso, mas senti-me estremecer por dentro quando ele olhou em nossa direção e seus olhos cruzaram rapidamente com os meus. Apressei-me em arrastar o Daniel para a calçada, e foi ainda trêmulo que percebi — com o rabo do olho — que ele saíra da confeitaria e passara a seguir-nos…

Está visto que enquanto caminhávamos devagar examinando as questões do trabalho de casa, e que nos parecia tão difícil, eu não enxergava nenhuma palavra, as linhas tremiam sob minhas vistas e não me lembro de mais nada do que dizíamos…

Foi assim que começou.

E agora ele estava ali, a poucos passos de mim… então, com mais uma olhada de esguelha e um meio sorriso, apanhei a pasta e caminhei ao longo da mureta, descendo em semi-círculo na direção do parque e deixando-o para trás, para ver se ele iria seguir-me mais uma vez… ele pôs-se a caminhar também ao longo da mureta mas em sentido contrário, percorrendo o semi-círculo oposto… embaixo eu avancei — ele avançou — em direção à fonte, e paramos um de cada lado, o jato vertical de água entre nós, e nos encaramos momentaneamente pois eu de imediato baixei as vistas com um sorriso encabulado… caminhamos devagar em volta da fonte, não nos perdendo de vista, se bem que eu me mantinha de cabeça baixa todo o tempo, sem coragem de encará-lo diretamente… "Como é o seu nome?" eu o ouvi perguntar, "Lu" respondi, "Eu gosto" ele disse e eu me senti confuso… então me afastei tomando o rumo da via principal entre as grandes e velhas árvores do parque, e ele também se encaminhou — dois ou três passos à minha retaguarda — para a via… daí segui por uma viela secundária que levava para o fundo do parque, onde as árvores são mais densas e raramente há alguém a essa hora… avancei rapidamente pela viela, contornei uma sebe, segui em frente… ele também entrou pela viela e contornou a sebe… eu o ouvi caminhando à minha retaguarda e diminuí meus passos… então parei e voltei-me para ele… e ele também parou… estávamos ali só nós dois… então nos encaramos pela primeira vez sem qualquer constrangimento… e lhe sorri agora sem medo ou vergonha… e ele veio até mim e tocou minhas faces com a ponta dos dedos… fez-me uma carícia nos cabelos metendo os dedos entre eles… e depois seus dedos percorreram-me o pescoço… daí ele segurou delicadamente meu rosto entre as mãos… e então eu senti meu corpo todo estremecer… foi como se o chão se abrisse aos meus pés e eu, em vez de cair, flutuasse…

17 de maio de 1938

A agonia era lenta.

No quarto estreito e abafadiço, onde a chama vertical e imóvel de uma vela insinuava uma claridade incerta, a doente respirava com dificuldade e vez por outra abria muito os olhos numa ânsia aflitiva provocada pela falta de ar.

A doença, que se mostrara hesitante no começo, desde há pouco mais de um ano, progredira rapidamente nas últimas semanas quando a tosse se intensificou e começaram as golfadas de sangue: então já não havia qualquer esperança. Quando a doente enfim recolheu-se à cama, já sem forças para o serviço doméstico, não se levantou mais e se deu conta de que o fim estava próximo.

Dias e noites transcorriam assim na espera da morte, revezando-se à sua cabeceira o marido com as feições maceradas e os olhos aflitos e a filha, essa menina magrinha de dezessete anos que progredia numa gravidez solitária a arrastar pela casa de cômodos pequenos, chão esburacado e paredes encardidas os chinelos e a enorme barriga onde alguma coisa agitava-se na expectativa da vida…

A tarde transcorrera azul e sem vento, o dia fora quente embora o outono avançasse na direção do inverno, e o sol propunha um crepúsculo de cores vivas e intensas…

Um brisa quente agitou as folhagens no quintalzinho e na rua defronte — onde uma mulher negra e gorda, lenta como uma locomotiva e seguida por uma criança esquálida e feia, passava com uma trouxa na cabeça — as sombras alongavam-se…

A menina, sentada no degrau, na porta da frente, ouviu a voz enfraquecida de sua mãe no quarto:

— Marlene…

Não respondeu. Escorando-se com uma das mãos no chão e com a outra apoiando-se no batente conseguiu, a custo, pôr-se de pé. Arrastou os chinelos na direção de uma portinha nos fundos do cômodo, que permanecia a maior parte do tempo fechada.

Abriu a porta, entrou no quarto, deixou os olhos acostumarem-se à penumbra.

— Mãe?

— Leninha, vem aqui…

— A senhora quer alguma coisa?

— Quero falar com você, minha filha…

— Estou aqui, mãe — sentou-se na cama, tomando as mãos da doente entre as suas.

— …enquanto posso, Marlene, pois logo… logo…

— Não fale assim, mãe…

— Escuta, minha filha, escuta tua mãe…

— Pode falar mãe, mas a senhora não deve se cansar, para melhorar mais rápido…

A doente sorriu, os olhos brilhando no fundo escuro das órbitas:

— Nós sabemos que eu não vou melhorar, Marlene, nós sabemos…

— Não diga isso, mãe, que a senhora assim me deixa triste…

— Não… não é hora para ser fraca, minha filha… é hora para ser forte… não por mim… mas por essa criança… faça tudo por ela… por um filho faz-se tudo…

— Eu sei mãe… eu farei tudo pelo meu filho…

— Você terá de criá-la sozinha… terá no máximo… teu pai para ajudá-la…

— Eu vou conseguir, mãe, juro!

— Vai… eu sei que vai… porque você é forte… é minha filha, é filha de seu pai… por isso é forte…

Tossiu. Arregalou os olhos quando lhe faltou o ar. A filha apavorou-se, apertou-lhe as mãos, curvou-se sobre ela como se com isso pudesse salvá-la… mas pouco a pouco a doente acalmou-se, e ainda arfando prosseguiu:

— Ele… aquele moleque… ele não é digno do filho… ele não a ama, pois se amasse…

— Eu sei mãe, não vou esperar nada dele…

— Não espere… não espere… é um patife…

— Agora descanse, mãe, a senhora não pode cansar-se…

— Deixe… deixe-me falar, Leninha, enquanto posso preciso falar…

— Estou ouvindo, mãe…

— Quero te pedir uma coisa… duas coisas…

— O que for, mãe…!

— Eu morro sem rever minha mãe… viemos pra cá, você era pequenina… tantos sonhos, minha filha, tantos planos… mas nada deu certo para nós… foi tudo… em vão… todos os nossos esforços… toda nossa luta… seu pai, coitado… seu pai não conseguiu… e ficamos… e os dias foram se passando… e não voltamos…

Leonor calou-se, respirou fundo para que o ar não lhe faltasse outra vez, prosseguiu:

— Enfim… foi essa a nossa vida… se foi a vontade de Deus… se foi o destino… se foi apenas a vida… não sei… também para mim já não adianta nada saber… esse mistério que é passar pelo mundo…

— Oh, mãe…!

— O que eu quero lhe pedir… prometa que fará… não há de ser difícil para você que é nova e tem saúde…

— Diga, mãe, eu juro que… juro que… — a menina já não continha as lágrimas, apertava as mãos da mãe como se pudesse imprimir-lhe a sua própria vida.

— Continue indo ao Dr.… seguindo as prescrições dele… pra garantir que você não pega o mal que eu tenho… isso em primeiro lugar…

— Eu sei, mãe, ontem mesmo eu fui… está tudo bem comigo…

— Que bom, filha… Deus é bom… — a doente respira fundo, cala-se por alguns segundos para descansar. Continua: — Agora, presta atenção… Quando o neném nascer… e estiver mais fortezinho… e você já puder sair… vai a Cachoeirinha… procure sua avó, se for viva ainda… deve ser, ela era uma velha muito forte, uma saúde de ferro… fale-lhe de mim… de nós… de tudo que passamos… peça-lhe perdão por mim… pois ela sempre me quis ao seu lado e eu… eu…

— Eu vou, mãe… vou sim… eu ainda lembro dela… eu também quero revê-la…

— Ela vai ficar feliz em conhecer o bisneto…

— Sim, mãe, vai… por certo que vai…

— Quero te pedir ainda outra coisinha…

— ?

— Se for menina… ponha o nome de Eunice…

— Eunice?… Sim, mãe, eu ponho, se for menina vai se chamar Eunice, pode deixar…

— É um nome que eu gosto muito… parece-me tão bonito…

— É sim, mãe…

— …se eu tivesse outra filha iria se chamar Eunice… mas como não tive… então no caso de ter uma neta…

— Sim, mãe, se for menina vai se chamar Eunice, prometo.

Um breve sorriso e o olhar tranqüilo denotavam que a doente estava em paz.

A agonia, contudo, prosseguiu — lenta, lancinante.

Mas passou. A morte veio de mansinho numa madrugada calma e fresca: em silêncio veio, e partiu.

Mas a vida não sucumbe assim, e daí a alguns dias, também numa madrugada fresca — não tão calma, pois as dores do parto provocam espasmos e gritos — a vida se fez, e Eunice nasceu…

08 de dezembro de 1969

— Ah, a televisão… sim, um grande invento, e de futuro! — disse o Sr. Comendador Nogueira em resposta a uma observação da Srª Neves, que acabava de recolher da bandeja um biscoito de polvilho. — E digo mais — acrescentou o comendador: — Ainda está em seus primórdios, mas eu prevejo que à medida que o tempo passe se transformará num veículo de comunicação altamente educativo, que é do que uma sociedade precisa para desenvolver-se: educação!

— Concordo com o senhor, Sr. Comendador — disse a Srª Magalhães ajeitando-se melhor na poltrona —, principalmente com tantos mal exemplos para a nossa juventude… veja por exemplo esse movimento *hippie*…

— É o fim do mundo, minha senhora — disse o Sr. Comendador alvoroçando-se na poltrona enquanto segurava o copo de refresco com as mãos rechonchudas, de dedos curtos e unhas bem cuidadas —, é o fim do mundo — e baixando ligeiramente a cabeça, como se se concentrasse: — Vejam as senhoras a divisa dessa gente — e pondo-se vermelho baixou a

voz com indignação, curvou-se muito na direção das outras: — Sexo, drogas e *rock-and-roll*!

— Oh, Sr. Comendador — e a jovem senhora Menezes subitamente ruborizada levou uma das mãos ao rosto enquanto com a outra segurava seu copo de refresco —, e pensar que eu tenho uma filhinha de onze anos… Que mundo é esse em que ela vai crescer!…

— Uma criança encantadora, minha senhora — comentou o comendador, tomando um farto gole do refresco, pois a tarde estava muito quente e o sol refletia impiedosamente nos cristais e atravessava com furor as amplas portas de vidro que davam para o jardim.

— É por isso que o Nogueira insiste tanto em educação — disse a esposa do comendador, Catarina Nogueira. — Em seus discursos na assembléia, por exemplo…

Pois o já grisalho Comendador Nogueira, com seus bigodes grossos e brancos, também ocupava o cargo de Deputado Federal, e eram comuns seus discursos inflamados em prol da elevação de qualidade no ensino público.

…assistam amanhã em capítulo especial da novela O Direito de Nascer…

(num canto da enorme sala de estar a televisão, cujo volume fora diminuído para não interferir na conversa, anunciava a programação do dia seguinte)

Pois naquela tarde de domingo, na sala de estar do casal Nogueira, estavam reunidas num agradável bate-papo a Srª Neves, de cinqüenta anos, esposa do empresário de laticínios Urbano Neves; a Srª Magalhães, de sessenta anos, viúva e sem filhos que herdara do falecido uma rede de hotéis com hotéis espalhados por várias capitais do país; a jovem senhora Menezes, de trinta e um anos, casada há onze com o jovem e promissor Leandro Menezes, que herdara de seu pai um pequeno negócio e, após dez anos de trabalho duro, o transformara numa rendosa empresa de importação e exportação; por fim, acabava de chegar a Srª Marcondes Ferraz, de sessenta e oito anos, esposa do político aposentado Antenor Marcondes Ferraz que ocupara vários cargos eletivos ao longo de sua vida e finalmente se retirara por motivos de saúde.

A Srª Marcondes Ferraz foi recebida com muita alegria e a anfitriã, Catarina Nogueira, levantou-se e foi pessoalmente chegar-lhe uma cadeira:

— Sente-se aqui, querida, estávamos falando do papel da televisão na educação da nossa sociedade. Aceita um refresco?

— Sim, Catarina, se não for incômodo. Nossa, que calor está fazendo hoje!

— Incômodo nenhum, querida — retrucou a anfitriã balançando uma sineta que estava sobre a mesinha. — Joana, traga-nos mais refresco e biscoitos, e também mais um copo — disse Catarina quando a criada se aproximou.

— Comentávamos — disse a Srª Neves curvando-se ligeiramente na direção da Srª Marcondes Ferraz, a fim de inteirá-la melhor do assunto — que há muitas más influências sobre os nossos jovens hoje em dia, como esse movimento *hippie* por exemplo — e num cochicho: — Essa coisa de "sexo, drogas e *rock-and-roll*"…

— Oh, minha querida, nem me fale — e a Srª Marcondes Ferraz pareceu escandalizada. — No meu tempo…

— No nosso tempo, minha senhora — corrigiu-a o Sr. Comendador com um sorriso, e suspirou. — No nosso tempo isso seria combatido com mais vigor, sabem? Penso que até mesmo uma intervenção do governo… afinal não é certo que a melhor sociedade se veja exposta a essa horda de desocupados… pois é isso o que são, não há outra palavra… desocupados!

— Sim, meu caro comendador — a Srª Marcondes Ferraz gozava de grande intimidade com o comendador & Il.ma família, já que ele e o marido haviam labutado juntos por muito tempo na arena política —, uns desocupados! Ah, mas o governo tem de tomar uma atitude!

— Pois estejam certas, minhas senhoras, que atitudes têm sido tomadas… e com rigor… nossos militares são um grande exemplo, no entanto… os tempos mudam, as senhoras sabem, e os métodos têm de acompanhar as mudanças… ainda que se use de rigor, é necessário também adequar-se aos tempos…

— Compreendemos, Sr. Comendador — disse a Srª Neves —, sabemos o quanto o governo se esforça. Entendemos que os encargos são muito pesados, afinal, administrar um país como o nosso não é uma tarefa simples.

— Sim — concordou a jovem senhora Menezes —, mas vejam bem… eu tenho uma filhinha de onze anos…

— Ah, sim — disse a Srª Marcondes Ferraz, vivamente interessada — , e como vai a pequena Lúcia?

— Muito adiantada nos estudos — apressou-se a informar a jovem senhora Menezes com orgulho —, muito inteligente, precisam ver…

— Folgo em saber — disse a Srª Marcondes Ferraz. — É uma criança tão encantadora…

— …mas eu às vezes me pergunto o que estará reservado para ela… e, claro, para os filhos das boas famílias que estão crescendo num mundo às avessas como esse…

…e agora, caros telespectadores, dando prosseguimento à programação, teremos a apresentação da jovem caloura…

(o apresentador de um programa de variedades anunciando um nome desconhecido, uma quase adolescente que por certo tinha esperanças de fazer carreira como cantora, mas que se mostra muito tímida diante das câmeras)

— Minha querida — disse a Srª Magalhães —, nós compreendemos

e, direi mais, participamos de sua apreensão. Mas esteja certa de uma coisa: pelo menos o nosso amigo aqui — e indicou o comendador, num gesto de ingênua bajulação — está lutando para que o mundo em que sua Lucinha vai crescer seja melhor.

— Oh, senhora, sinto-me lisonjeado. Mas não tenha dúvida, esforços são empreendidos. Na semana passada mesmo… — e seguiu contando como na semana anterior pugnara bravamente na câmara com veemente discurso acerca da necessidade de lançar-se uma campanha nacional para a moralização das massas e preservação dos bons costumes, concluindo que somente dessa maneira a sociedade se mostraria fortalecida diante das adversidades "que os nossos bravos militares vêm enfrentando com denodo" ao combater a ação daqueles que "pretendem a derrocada de nossas instituições" etc. etc.

— O que sempre me surpreende, Sr. Comendador — comentou com admiração a Srª Magalhães — é o seu ânimo, sua disposição. Até parece um garoto.

O comendador impou de satisfação, e Catarina, olhando com ternura para o marido, disse:

— O Artur não faz por menos… não é, querido?

— Bem, minhas senhoras… a verdade é que eu não me troco por muito moço que anda por aí… e olhem que eu já completei sessenta e sete…

— O Antenor não se cansa de elogiar o nosso caro Artur — disse a Srª Marcondes Ferraz —, lembra-se dos debates em plenário, de como lutaram juntos por muitas idéias, muitos avanços que deveram à influência de ambos, e também não se esquece das ocasiões em que estavam em campos opostos. "Mas o Artur" meu marido sempre reconhece, "nunca deixou de atuar com nobreza e retidão, mesmo quando nossas idéias se antagonizavam", e sempre conclui dizendo que "ali está um grande servidor da nação".

O Sr. Comendador sentiu-se tocado e a princípio não teve palavras, porém a custo conseguiu dominar-se fazendo um bico e fungando com força, pondo-se ruborizadas as bochechas luzidias (embora em sua maior parte tudo aquilo não passasse de encenação, pois afinal fora elogiado por uma senhora e devia representar um pouco, fingir um embaraço que não sentia, um orgulho que já não lhe tocava, pois se era certo que em muitas ocasiões ele e Antenor Marcondes Ferraz estiveram juntos em defesa de numerosos projetos, em outras foram ferrenhos adversários, quando então se atacavam com energia e não raro um acusava o outro de ilicitudes e desonestidades. Tudo isso, contudo, fora esquecido, perdera-se no tempo):

— Não posso negar — disse — que eu e o Antenor formamos uma dupla, e que dupla!… Muito me orgulham tais elogios, mormente provindo de um homem como o Antenor — e diretamente para a Srª Marcondes

Ferraz: — Alzira, dê um abraço especial no seu marido e diga-lhe que da próxima vez a acompanhe.

— Oh, Sr. Comendador, o senhor nem imagina… bem que o coitado têm às vezes vontade de sair… mas o coração… enfim, aos setenta e nove… Creio porém que podemos programar uma *soirée* em nossa casa, assim o senhor e Catarina nos dariam o gosto de sua presença… — e voltando-se para as demais: — Claro que as amigas estão desde já convidadas.

Nesse momento a criada entra fazendo um imperceptível sinal ao patrão. Nogueira manda que se aproxime e a criada, inclinando-se em sua direção para ser discreta, anuncia sem elevar a voz que "alguém ao telefone pergunta pelo senhor".

— Ah, agradecido, Joana… a pessoa disse o nome?

— Sim, senhor, é um certo Sr. Gouveia, acerca de uma mercadoria que o senhor teria encomendado, mas não disse mais nada.

— Pode deixar, Joana, já vou atender — e pondo-se de pé: — Senhoras, o dever me chama…

— Esteja à vontade, Sr. Comendador — disse a Srª Neves com um largo sorriso, e quando ele se afasta: — Seu marido ainda tem fôlego para os negócios, Catarina!

— Ah, está sempre envolvido com os negócios. São as atividades políticas, são os negócios, a empresa, fora outros compromissos… ele não pára!

No corredor, o comendador Nogueira leva o fone ao ouvido:

— Alô!

— *Seu Nogueira? Aqui é o Gouveia, da Casa das Flores.*

— Pois não, Sr. Gouveia. Estou ouvindo.

— *A mercadoria chegou.*

— Ah, sim… e para quando?

— *Pra hoje, seu Nogueira, pr'agora mesmo se o senhor quiser.*

— Está certo… está visto que o tempo urge… negócios são negócios. O Sr. pode me adiantar alguma coisa acerca do produto?

— *Pelo jeito do senhor falar deve estar com gente por perto, né seu Nogueira?*

— Eu sei, Sr. Gouveia, que o senhor é um empresário inteligente e perspicaz, mas interessa-me previamente saber alguma coisa acerca do produto. Espero que esteja tudo a contento, como combinado.

— *Está sim, senhor… conforme combinado… tem dez anos, é bem novinha… loirinha de olhos azuis… muito engraçadinha… até que de aparência o senhor não vai ter motivo de queixa…*

— Sim, entendo. Continue.

— *A mãe trouxe a garotinha pouco antes do meio-dia… a gente então deu um banho nela, botamos água-de-cheiro e até uma roupa de acordo com o cliente…*

— Bem, é conveniente…

— Ah, e nessa idade é cabaço… a mãe garantiu… está do jeito que veio ao mundo… e conforme a preferência do cliente…

— Certo. É um requisito importante, sem dúvida.

— Mas nessas condições o preço é alto, o senhor sabe… o custo de vida… a carestia… e aqui, a Casa das Flores ainda vai a meio nas obras de reforma… está ficando um luxo, o senhor sabe, e o quarto que o senhor vai utilizar já está todo instalado… uma belezura, mas não está sendo fácil não…

— As condições interessam-me, Sr. Gouveia. É melhor falarmos pessoalmente, por isso peço que me aguarde um pouco…

— Tá bom. Nós aqui já acertamos o preço com a mãe e pagamos a ela. Também não foi pouco, a dona não se negou em fornecer a garota, mas cobrou o olho da cara… pessoalzinho explorador, seu Nogueira, só vendo! Em que mundo estamos! Até pra se trabalhar honestamente está difícil!

—Tudo bem, Sr. Gouveia. Sempre temos de ter um pouco de compreensão e paciência. Pessoalmente conversaremos melhor. Até já — e o Il.mo Sr. Comendador Nogueira desligou o telefone, retornando à sala de estar: — Minhas senhoras, não me enganei: os negócios são impiedosos às vezes, e mesmo numa tarde de domingo com essa, em que podíamos ficar entretendo um tão salutar bate-papo, vejo-me na necessidade de estar pessoalmente com um fornecedor.

— Lamentamos, Sr. Comendador — disse a Srª Neves —, é uma pena que não possa ficar. De qualquer forma, sucesso no seu empreendimento.

— Agradecido, senhoras. Com licença.

— Vai com Deus, querido — disse Catarina acompanhando o marido com os olhos enquanto este se dirigia à escada para o térreo.

— …e vamos ouvir agora a opinião da jurada Denise Duarte. Ex-Vilar, não Denise?

— sim, ex-Vilar

— para os telespectadores que não sabem, nossa jurada convidada de hoje, Denise Duarte, é a ex-esposa do deputado Olímpio Vilar, que se encontra fora do país. Separados há muito tempo, Denise? Ou prefere não falar desse assunto?

— oh, não, não há nada demais. Fui casada com o Olímpio por doze anos e nos desquitamos há menos de um. Mas preservamos um bom relacionamento, sabe, somos amigos, e temos um filho lindo

— e como se chama o garoto?

— Carlo. Está com doze anos… é um ótimo menino, estudioso… e muito adiantado… enfim, é isso…

— está certo. Um forte abraço para o Carlo, e é isso mesmo garoto: seja sempre estudioso e um bom filho para a alegria de seus pais, é a mensagem do nosso programa para você. Bem, Denise, agora nos diga o que achou do nosso terceiro candidato de hoje

(e o programa de variedades continuava com seu muito concorrido quadro de calouros)

— Vejam, amigas, que horror — disse Catarina agora prestando atenção à TV —, ex-esposa de um deputado num programa de variedades.

— Inacreditável — comenta a Srª Magalhães —, e fala com tal naturalidade da separação… afinal, não estará estimulando a dissolução da família?

— Mas não há dúvida quanto a isso, minhas queridas! — exclama a Srª Neves. — Um verdadeiro escândalo!

— Se bem que se trata de um ex-deputado — comentou a Srª Magalhães —, que está fora do país porque se meteu em encrenca e se viu obrigado a fugir…

— Será que ele é mesmo comunista? — perguntou a jovem senhora Menezes.

— E você duvida disso, minha querida? — disse a Srª Magalhães.

— Devia ser proibido o desquite entre os casais — diz taxativamente Srª Marcondes Ferraz. — Podem me chamar de antiquada, mas ainda acho que o casamento tem de ser para toda a vida. E dou exemplo, jamais pensei em separar-me do Antenor, jamais fui infiel…

— Um exemplo, Alzira — comenta Catarina —, mas poucos o seguem. Sabem?, essas coisas deixam o Nogueira indignado.

— Qualquer pessoa de bem — assevera a Srª Marcondes Ferraz —, com uma conduta ilibada feito o comendador, fica indignado diante de tanta pouca-vergonha.

A jovem senhora Menezes suspira com desesperança: em que mundo sua filhinha estava crescendo! Enquanto isso, em seu trajeto para a Casa das Flores onde iria receber a mercadoria que lhe fora reservada, e que ele encomendara havia já quase um mês, o Sr. Comendador Nogueira ia pensando na filha da Srª Menezes, a pequena Lucinha, de onze anos, que também estava um petisco!…

03 de abril de 1973

E naquela manhã, uma terça-feira cinzenta que prenunciava chuva para a tarde, a garota magrinha despediu-se de Luísa na rodoviária. Embarcava para o interior. Tinha nos olhos uma expressão de tristeza e decepção, pois na véspera saíra a lista dos aprovados, mas seu nome não estava nela.

Depois da prova haviam se encontrado algumas vezes, no domingo anterior saíram juntas para um passeio pela Quinta da Boa Vista e se detiveram numa sorveteria enquanto observavam o passeio ondulando ao sol. À noitinha nuvens se haviam avolumado mas a chuva não caíra — no meio da noite o céu estava límpido e o calor recrudescera.

Tampouco chovera na véspera, mas naquela manhã uma aragem fria e úmida percorreu as ruas, fustigou os toldos com alguma violência, amainou um pouco mais tarde; o céu porém estava escuro: choveria sem dúvida, antes do anoitecer a cidade estaria lavada pelas águas, e as pessoas mais experientes temiam uma enchente.

As duas amigas, no entanto, não se preocupavam com o tempo, a não ser para comentar que estava bem melhor assim. Vera Lúcia moveu a cabeça, admitindo que preferia viajar com um aguaceiro a enfrentar três horas dentro de um ônibus abrasador.

— Então você volta no próximo ano — Luíza disse.

Cabisbaixa, segurando sua exígua maleta, a garota magrinha deu de ombros. Custava-lhe falar daquilo, lembrar-se de seu fracasso, da decepção que levaria para os pais. Nem tivera coragem de telefonar informando-os do resultado.

— Vou me preparar melhor — disse —, comprar alguns livros… em suma…

E seus olhos se fixaram num ônibus que entrava na rodoviária, vagaroso, pesado, e ia parar no fim da plataforma. Ainda não era o seu.

— Eu tenho livros de sobra — disse Luísa —, posso lhe enviar pelo correio os de que mais precisar…

— Ficaria muito grata… a grana anda curta, e os livros tão caros!… Mas e você?

— É como eu disse, eu tenho de sobra… além do mais aqui há boas bibliotecas, não me farão falta.

A garota magrinha sorriu brevemente numa aquiescência, sim, ficaria feliz em receber os livros, e também daria um jeito em sua cidadezinha de procurar outros estudantes que estivessem preocupados com o vestibular: poderiam formar um grupo de estudo…

— Aliás, tenho até uma idéia melhor: venha ficar conosco — Luísa convidou. — Eu falo com minha mãe, tenho certeza de que ela concordará. É que somos só nós duas e a casa é grande. Então você faria um bom curso…

— Bem, talvez fique dispendioso…

— Nem tanto… você não terá de pagar um aluguel, se é o que a preocupa… Suas únicas despesas seriam as pessoais e com o curso.

— Sério?

— Claro, por que não?

O rosto da garota magrinha iluminou-se:

— Talvez seja uma boa solução… eu aceitaria, sem dúvida…

— Então está combinado!

— …mas você deve confirmar primeiro com sua mãe… afinal, ela precisa concordar… e eu tenho de falar com os meus pais também…

— Pois fale com eles, e quanto a minha mãe, estou certa de já concordou — e sorriu.

— O que você está lendo? — Vera Lúcia perguntou, notando a ponta de uma lombada pelo fecho entreaberto da bolsa que Luísa trazia a tiracolo.

— Hein?… Ah…

E Luísa sacou de dentro da bolsa um pequeno volume de capa verde, bastante desgastado e cheio de orelhas.

— "Da interação social, cultural e comercial entre os povos" — Vera Lúcia leu. — Olímpio Vilar… Ah… Nunca ouvi falar nesse autor…

— Não é popular. É teoria política. O autor é interessado em diplomacia e ex-deputado federal… encontra-se exilado devido a perseguições… por suas idéias, você entende…

— Subversivo?

— Algo assim…

— E você se interessa por essas questões?

— Antes não, mas agora… — e referiu a frase que vira escrita na carteira do colégio, no dia da prova. Encontrara o livro casualmente num sebo, após procurar por várias livrarias da cidade: diziam que estava esgotado e fora informada também de que poderia ter problemas se fosse pega lendo um livro escrito por alguém que estivera "na mira dos milicos".

— Você não tem medo? — perguntou Vera Lúcia com uma expressão de dúvida.

Luíza deu de ombros:

— Quem vai se importar em revistar a bolsa de uma estudantezinha da classe média? — disse. — Mas, de qualquer forma, já terminei de ler… vou deixá-lo em casa — e esconde o livro bem no fundo da bolsa.

Mas Vera Lúcia volta a pensar na prova e em seu fracasso, e olha para os lados com impaciência. Ainda faltava meia hora, mas era como se o ônibus já estivesse atrasado.

— Você é que é feliz — disse olhando Luísa de relance, com um sorriso breve e sem graça. — Pelo menos foi aprovada, não precisa mais enfrentar essa barra pesada de provas e tudo mais…

Luísa pôs os óculos escuros, que por costume deixava pendurados na gola da camiseta de malha.

— Já se decidiu o que vai estudar?

Luísa move a cabeça, "ainda não" murmura olhando para o chão. Letras… Direito… uma coisa ou outra… do que gostava afinal?

Veio um vento forte que levantou poeira num breve redemoinho, uma sombrinha foi arrancada das mãos de uma velha que seguia pela plataforma — e Luísa não conseguiu deixar de rir da velha, que saiu correndo com passinhos curtos atrás da sombrinha que o vento teimava em arrastar para longe —, e um ônibus deixou a rodoviária nesse momento. "Por que as

pessoas têm sempre de ir para algum lugar, ou voltar de algum lugar" Luísa pensou, "por que isto e aquilo?" pensou ainda, "por que não morremos todos?", sentiu uma súbita revolta dentro de si, sem saber ao certo por quê. "Esse mundinho de merda…"

Mas a garota magrinha afirmara que ela era feliz porque fora aprovada no vestibular. "Isso basta para alguém ser feliz?" perguntou-se em silêncio enquanto continuava olhando para a velhota que retornava de sua gloriosa luta contra o vento: havia recuperado sua sombrinha e sorria, conquanto não fizesse nenhum sentido carregar uma sombrinha aberta num dia daqueles, em que o Sol fora obscurecido por grossas nuvens de chuva, mais ainda dentro da rodoviária.

— Isso basta…? — ela começou, mas deteve-se.

— Hein?… O que é que basta? — Vera Lúcia perguntou.

— Você disse que eu é que sou feliz porque fui aprovada. Então eu pergunto: isso basta para eu ser feliz?

A garota magrinha baixou de novo as vistas, o rostinho miúdo mantinha a máscara do desapontamento.

— Para mim, talvez — disse com insegurança. — Se eu tivesse passado não precisaria voltar para o interior…

— Eu, no entanto… — Luísa disse pondo a mão sobre a barriga que ainda não começara a avolumar-se.

A garota magrinha percebeu que não era a única a ter um problema a enfrentar.

— De quanto tempo?

— Três meses ontem.

— E sua mãe, o que disse?

Luísa entrecruzou os dedos, estalando-os, mudou a bolsa de ombro, deu um passo para lá, outro para cá, parou.

— Ela ainda não sabe.

— Não? Não vai contar?

— Acho que terei de contar, não é?

— Você acha que ela vai brigar com você?

Luíza deu de ombros.

— E ele?

— Ele?… Ora, ele… Já está com outra.

18 de fevereiro de 1949

Jurandir, à porta do Estrela Dalva, viu quando o professor Roberto desceu do ônibus e atravessou o largo defronte, numa das mãos a maleta de couro, na outra um pacote embrulhado em papel pardo.

Eram quatro da tarde, e o sol se mantinha com pertinácia bem acima do horizonte, pois era verão, com dias quentes e longos durante os quais a pequena cidade parecia flutuar, dissolver-se em luz.

Jurandir voltou-se para dentro, para o caixeiro:

— Orlando, o professor Roberto chegou e vem para cá. Tem alguma encomenda para ele?

— Não, seu Jurandir.

— Ele não deixou nenhum pedido pendente quando partiu?

— Não, seu Jurandir.

— Presta atenção, Orlando.

— Estou prestando, seu Jurandir, não há nada.

Jurandir fungou, aborrecido. Desejava que tivesse alguma coisa para o professor, pelo menos para agradá-lo: apreciava o homem, que dirigia com firmeza e equanimidade o grupo escolar e por sua influência a escola tinha agora melhores instalações. Mas não era só por isso que simpatizava com ele: o próprio Jurandir tinha filhos que estudavam ali, e inchava de orgulho quando o professor elogiava o desempenho dos meninos.

— Boa tarde, professor — disse Jurandir quando o gordo mestre a-chegou-se.

— Boa tarde, Jurandir, Deus do céu!, que calor está fazendo!

— Entre e refresque-se, professor. Temos alguma coisa gelada.

— Agradeço, Jurandir. Cheguei aqui pra isso mesmo: um refrigerante vai bem com esse tempo.

E o Jurandir para dentro:

— Orlando, um refrigerante e um copo limpo para o professor.

— É pra já, seu Jurandir.

— Lave bem o copo, Orlando, você tem-se mostrado relapso ultima-mente.

— Eu, seu Jurandir?

— Você mesmo, Orlando, você mesmo. E lerdo também. Ande lá com isso.

Jurandir fazia por mostrar-se severo, um patrão de costumes rígidos, mas aquilo era só a casca, por dentro não passava de um bonachão — e tanto o caixeiro quanto o professor sabiam bem disso.

— Então chegando de viagem, professor — Jurandir comenta.

— Do Rio, Jurandir, que está pior do que aqui.

— Faço uma idéia, aquilo lá é um forno. Mas decerto o senhor fez boa viagem, e terá conseguido resolver tudo…

— Sim, Jurandir, não posso me queixar. A viagem tem suas mazelas, são quase quatro horas num ônibus horrível, sacolejando por uma estrada que é só buraco e poeira, mas tendo ido e vindo já é alguma coisa.

— Sem dúvida, professor — e Jurandir fez-se de entendido. — Tam-

bém lá estive há tempos, ano passado, se bem que no inverno, mas mesmo assim…

O caixeiro trouxe o copo numa bandeja, e a garrafa de refrigerante, que abriu na hora sobre o balcão.

Fez-se então silêncio. O professor Roberto levou o copo aos lábios com prazer enquanto espiava para fora, para o largo, de onde o ônibus acabava de partir. Outros passageiros que haviam saltado com ele dispersaram-se e o largo agora estava deserto. Jurandir erguia-se vez por outra na ponta dos pés, com importância, íntimo do diretor do grupo escolar, que acabara de chegar do Rio e decerto trazia novidades.

— Alguma novidade, professor? — perguntou por fim.

— Qualquer coisa, Jurandir — respondeu o professor secando os lábios com um lenço que tirara do bolso da calça e aproveitava para passar por todo o rosto. — Consegui algumas aquisições, nossa escola precisa, e se eu não me empenho…

— Eu sempre digo que não teremos outro diretor como o senhor, professor, quando se aposentar.

— Ah, que nada, Jurandir, ninguém é insubstituível.

— Insubstituível não digo, professor, mas com o mesmo interesse que o senhor…

Vindo de dentro, apareceu a Dorinha detrás do balcão:

— Boa tarde, professor Roberto, fez boa viagem?

— Na medida do possível, dona Dorinha, a senhora sabe, a estrada ruim, os buracos, a poeira…

— Bem imagino, professor.

— A verdade, dona Dorinha, é que estou velho e o Rio… bem, não é só o Rio, é qualquer cidade grande… não tem atrativos para mim, só viajo obrigado.

— Do que o professor gosta mesmo e cá do recanto — comentou Jurandir.

— E eu lhe dou razão, professor Roberto — disse Dorinha —, eu também não arredo pé… Mas se me dá licença…

— À vontade, dona Dorinha, à vontade.

E a Dorinha voltou para dentro.

O velho professor Roberto, levando o copo aos lábios viu a Dorinha afastar-se e desaparecer no interior do estabelecimento e não pôde evitar um pensamento malicioso: a mulata continuava bonita, e que ancas!, pensou, que ancas!, e tudo aquilo pertencia ao Jurandir, que soubera conquistar os amores da crioula. Enquanto bebericava o gelado ia pensando em sua própria vida e comparando-a com a do Jurandir. Concluiu que é preciso às vezes atirar-se. "Atirar-se é o segredo" pensou, e foi justo o que ele não soube fazer: ali estava o Jurandir, que se atirara e agora era o dono do Estrela

Dalva, já ampliado e muito mais sortido; o Jurandir, que soubera atirar-se e largara a mulher, com quem era casado havia dez anos, conquistando a mulata de seus sonhares e vivendo com ela em plena luz do dia numa bonita casa que mandara levantar nos fundos do armazém, sem temer a reprovação desse povinho miúdo e sem valor: atirara-se e era feliz com sua Dorinha que o amava, com os meninos, que se saíam bem na escola, com a prosperidade do armazém… E ele?

Depositou o copo no balcão, empunhou a maleta e o pacote, despediu-se do Jurandir agradecendo-lhe a atenção e, atravessando o largo, dirigiu-se para casa, onde vivia só. Enquanto caminhava refazia-se a pergunta funesta, "e ele?": pois ali estava ele, velho e solitário, decepcionado com a filha "que não deu em coisa que prestasse", insatisfeito com o bom nome que cultivara entre aquele gente provinciana e de horizontes estreitos (se é que havia mesmo qualquer horizonte), desgostoso com o sucesso que obtinha como professor e diretor do grupo escolar que, sob sua administração, em todos aqueles anos, crescera a olhos vistos, um modelo de educandário — sim, desgostoso pois, conquanto se lhe pudessem creditar os méritos de tal sucesso, nada daquilo lhe satisfazia, nada era suficiente para atenuar a frustração de não "ter-se atirado", de não ter empreendido uma guerra de vida e de morte contra os moinhos de vento da estupidez, de ter deixado passar a grande oportunidade de sua vida, consciente agora de que não havia mais remédio para seu mal.

Jurandir viu o professor Roberto cruzar o largo, atravessar a rua do outro lado, seguir em frente até o fim e dobrar à esquerda, desaparecendo no desconhecido.

"Um grande homem" disse consigo mesmo, e pensou em si: sabia ler e escrever, fazia conta de cabeça, e só; pois não tivera oportunidade de estudar, enquanto o professor Roberto se graduara, era instruído, um educador brilhante, e se a ele, Jurandir, restavam esperanças de instrução, "pois a leitura é tudo nessa vida"; se, portanto, lhe restavam esperanças, era para os filhos.

"Um grande homem, enquanto eu…"

Suspirou. Ergueu-se na ponta dos pés e recaiu nos calcanhares com um pequeno ruído dos saltos dos sapatos.

Lembrou-se de que no dia seguinte, sábado, chegariam as encomendas, e voltou-se para dentro:

— Orlando, tens aí à mão o rol dos pedidos?

— Sim, seu Jurandir. Quer que o leve?

— Não é necessário. Amanhã chegam as encomendas, é só para tê-lo à mão na hora de conferir.

— A freguesia tem feito muitos pedidos, seu Jurandir.

— Melhor assim, quanto mais melhor, é preciso negociar.

Encaminhou-se para o balcão, apanhando na gaveta o caderno de assentos. Lembrara-se de uma conta que virara o mês sem ser paga e foi passando as páginas.

De entre as páginas apanhou, casualmente, um papelucho antigo que, sem saber por quê, guardara todos aqueles anos, passando-o de um para outro caderno de assentos: uma pequena nota em que ele mesmo lançara, cerca de quinze anos antes, uns doces que o filho de seu Isidoro Vilar havia comprado e não pagara. Ali estava o papelucho ainda: lembrou-se do velho Lucas, de quem acabara por comprar o Estrela Dalva, o velho Lucas que o admoestara dizendo que ele, Jurandir, teria de arcar com aquela pequena dívida.

"Coitado do seu Lucas…"

Pois o comerciante aborrecia-se com aquilo: contas, compras a fazer, dívidas a saldar, mercadorias a fiscalizar, entregas a receber… por fim decidira livrar-se daquela trabalheira para a qual não estava talhado, vender o comércio e ir embora. Jurandir, que ao longo dos anos fizera seu pé-de-meia, tornara-se — lá pelos idos de 42 — o novo dono.

Nessa época o Jurandir já se havia "atirado": fazia três anos que largara a mulher e fora viver com a mulata; agora atirava-se de novo: comprava o Estrela Dalva.

E fora aquela pequena mágoa de não ser "um grande homem" como o professor Roberto, era um homem feliz, plenamente feliz, em quem a ligeira proeminência da barriga indicava bem-estar e satisfação com a vida.

Lançou mais uma olhada no papelucho antes de guardá-lo outra vez entre as páginas do caderno de assentos:

"Onde andará seu Isidoro? E o garoto dele? Ah, agora já será um homem…"

22 de abril de 1939

O jovem Antenor assumia agora uns ares arrogantes, empinava o queixo, metia as mãos nos bolsos da calça e andava de um lado para outro como que a não lhe dar qualquer atenção, conquanto tivesse ouvido muito bem o que Vitória lhe havia dito.

Espiou ao comprido do parque, pelo qual transitavam pessoas naquele fim de tarde ameno, e recusou-se a sentar-se ao lado dela: pois se mesmo de pé a ouvia com clareza, por que haveria de sentar-se?

— Então já não me ama — ela disse, a voz embargada, olhando-o com timidez de baixo para cima.

— Talvez tenhamos nos equivocado, Vitória — ele respondeu sem encará-la. Continuava de pé olhando em volta, sobranceiro, quase lhe dan-

do as costas. Então curvou-se um pouco, com certa displicência, e pôs-se a examinar a ponta dos sapatos como se tal exame fosse algo de suma importância.

— Eu não me equivoquei, Antenor — murmurou Vitória. — Sempre estive certa do que sentia por você.

Calou-se. Acrescentou:

— Do que ainda sinto.

Antenor não respondeu.

— Você gosta de outra agora?

Antenor agitou os braços, deu um passo, voltou-se para ela por um momento mas, em seguida, voltou a olhar direto para frente. Nos sábados o parque enchia-se de gente, senhores e senhoras que vinham tomar a fresca e contar e ouvir as novidades da semana; crianças pela mão das amas, que levavam uma bola, uma peteca para distrair os petizes; moços e moças que aproveitavam aqueles momentos de liberdade para se encontrarem, gozarem a presença um do outro em seus namoros públicos e talvez castos (mas não muito)…

— Não há ninguém, Vitória — ele por fim condescende em responder, mas logo em seguida arrepende-se, pois lhe parece que está dando satisfações à jovem quando não tem nenhuma obrigação de fazê-lo. É ainda a contragosto que prossegue: — Apenas não quero compromissos agora.

E gira sobre os calcanhares, dando-lhe as costas.

— Além do mais…

Vitória, que se mantinha de cabeça baixa, tímida, amedrontada, soergue os olhos mais uma vez, espera o que virá.

— Sempre fui honesto com você.

Bem, estava certa de que ele diria aquilo. Dizia-o como numa demonstração de idoneidade, a fim de parecer um homem correto, cumpridor de seus deveres, respeitador.

Ela tinha de reconhecer que, apesar de sua intenção um tanto mesquinha, de certa forma ele se portara como um cavalheiro evitando seduzi-la — e Vitória se recorda de certa noite em que esteve em seus braços mas ele recuou a tempo. Era mesquinha sua intenção porque não recuara por idoneidade, mas pelo simples receio de complicar-se: afinal pertencia a uma família de certa prosápia e Vitória não passava de uma qualquer do povo, uma menina pobre, sem nome, sem bens, sem futuro.

"Então nem pra isso eu sirvo" ocorreu a Vitória, que, no entanto, logo se deu conta do erro em que incorria. Ouvira-o aludir ao seu nome de família, à impossibilidade de continuarem…

— Não, eles são do interior — disse alguém ali perto com voz firme e sonora, e Vitória olhando viu dois rapazes que passavam. Conversavam animadamente. — Trata-se de uma família simples, mas pessoas excelentes.

— E estão morando…?

— Numa de nossas casas — tornou o primeiro. — Cobramos um aluguel bastante módico…

…e sentiu-se envergonhada, pequenina. Por um momento considerou a si mesma e viu que não valia grande coisa: diante de si estava aquele moço de família tradicional, com um futuro promissor, que deveria casar-se entre os seus, e quanto a ela restava-lhe apenas aceitar. "Sou tão pouca coisa" pensou, pois a figura elegante e altaneira do jovem Antenor agora intimidava-a um pouco.

— Deve ingressar no curso preparatório — o primeiro dos dois rapazes prosseguiu, já mais adiante —, é um garoto bastante inteligente.

— Ah…

— Bem — e Antenor agora curvou-se ligeiramente em sua direção, encarando-a —, é hora, devo ir. Peço-lhe desculpas, mas…

E ainda mais afastada, a voz do primeiro dos dois rapazes já se diluía no burburinho do parque:

— Sim, Olímpio… quinze anos…

E Vitória, que teve sua atenção atraída para os dois rapazes que conversavam em tom de franca animação, quase se assustou com a despedida de Antenor. Levantou-se um tanto confusa, arrancada dessa maneira de sua momentânea distração.

Por um instante não compreendeu que Antenor lhe dizia adeus, mas no momento seguinte deu-se conta de que não havia mais nada para dizerem um ao outro. Ainda sentindo-se pequena em sua presença olhou-o de relance e baixou os olhos, segurando a bolsa à frente do corpo. Não soube o que responder, preferiu não dizer nada, e quando levantou os olhos outra vez Antenor já se afastava. Pôs-se então a olhá-lo, pois dessa maneira não se sentia intimidada: olhava-o pelas costas, que se afastava, partia, ia.

E por fim desapareceu de suas vistas atrás de umas sebes.

O sol não tardaria a pôr-se, pássaros cantavam nos ramos e as cores do céu seriam música, uma sinfonia intensa e poderosa, se pudessem ser ouvidas como se ouvia uma orquestra…

Vitória sentou-se outra vez, um tanto desorientada, manteve a bolsa no colo como que a arrimar-se nela, e esteve imóvel por algum tempo olhando fixamente para o chão. Então era verdade: ele partira, fora embora, não a queria mais, iria casar-se com alguém de seu nível social, tinha um futuro brilhante enquanto que ela… Pois então ela não havia percebido isso desde o começo? Como pôde manter esperanças em tais condições? E ele? Por que aproximar-se dela e despertar-lhe sonhos que em outras circunstâncias não teria coragem de sonhar? Não teria ele também culpa naquela história? Por que somente ela…?

— Senhorita…

Por que ela somente…?

— Senhorita…

E Vitória percebeu que falavam com ela, mas… quem falava? Quem estava ali?

E levantou os olhos. E levantando os olhos viu outro par de olhos, tão azuis quanto os seus, como os seus ofuscantes, e um sorriso feito um alvorecer.

Vitória não conseguiu responder, embasbacada olhava o moço que se dirigira a ela.

— Parece-me triste, a senhorita — continuou o rapaz. — Algo a aflige?

— Eu? — balbuciou. — A mim?… Oh, eu… eu…

— Permite-me?

Ele se sentou ao seu lado e pareceu muito à vontade, muito franco e jovial, uma expansão de alegria e segurança em suas palavras, e pôs-se a dizer coisas que ela mal compreendia, e comentou sobre o parque e sobre as pessoas que freqüentavam o parque, e como era aprazível aquela hora, pois aos sábados, dizia, o parque estava sempre cheio de pessoas, cheio de crianças, e afirmava gostar de crianças e que era um sonho seu ter filhos, pelo menos dois ou três, e se dizia encantado em encontrá-la, alguém que tinha olhos iguais aos dele…

…e escutando-o, mas ainda sem poder responder, sem ter voz, sem ter forças para responder, Vitória sentiu que seu coração se expandia, uma onda de calor envolveu-lhe todo o corpo, e ela sorriu — sorriu de uma forma que não imaginava ser capaz de sorrir.

19 de março de 1989

Mulher com ciumeira é coisa que não tolero… ciumeira a essa altura, feito uma menina de escola… uma dessas molecotas cheias de frescura… não, comigo não… está certo que eu fui visitar a Zilda, vou lá às vezes… afinal a gente viveu junto um bom tempo… uns anos, a bem dizer, e até tivemos um menino… um anjinho que Deus levou… coitadinho… melhor lá do que aqui… a gente até sente, mas acaba aceitando… esse mundo não é grande coisa para esses pobres inocentinhos… então eu vou ver a Zilda, coitada, dar um apoio moral… prosear… a Zilda ficou uma fúria comigo, e a jararaca da mãe faltou pouco me despejar óleo fervente no ouvido… eu dormia com um olho aberto… até que resolveram expulsar-me… foi merecido, eu sei… o que eu fiz foi muito errado, mas se tivesse dado certo… se as coisas tivessem saído como eu queria, aí… aí a Zilda diria de mim com orgulho o Pereira, sim, como o Pereira não tem e até a jararaca me alisaria o

pescoço… se tudo tivesse dado certo o nosso anjinho… que Deus o tenha… não teria sido levado… mas Deus sabe o que faz, e vai ver até que foi ele que me fez fazer aquilo… aquela besteirada toda… pra dar no que deu e ele ter mais uma vozinha no coro dos anjos… vai ver que ficou com pena de ver aquela criança tão fraquinha passando trabalho aqui na Terra… daí pensou vou trazer o menino pra cá… mas a jararaca não quis saber… eu tinha um toca-fitas National, coisa boa, auto-reverse e o caralho… fui oferecer pra ela pra compensar o prejuízo… era o que eu podia fazer, afinal de contas… mas a velha pareceu endemoniada… tomou o toca-fitas da minha mão e lascou com o coitado no chão… espatifou duma só… e ainda sapateou em cima… com certeza ela não estava sozinha aquela hora… espumava nos cantos da boca… os olhos duas brasas lançando faíscas… os cabelos ralos e meio que brancos alvoroçados, uma nuvem… e a pobre da Zilda choramingando pelos cantos… pior foi de noite, quanto todo mundo já tinha ido embora… o anjinho debaixo da terra… a casa parecia vazia… que falta fazia a criança… antes a gente às vezes nem sentia sua presença, sempre quietinho no berço… pois verdade seja dita, era um menino bonzinho… não era chorão, não fazia pirraça… se já lhe tivessem dado a mamadeira, dormia feito um leitãozinho… mas mesmo estando quietinho no berço enchia a casa… depois aconteceu aquilo… pegou a chorar, chorar, chorar sem parar!… e então… mas nem quero lembrar… o que me deixa aporrinhado é saber que a Zilda foi muito ingrata comigo… achar que eu não estava ligando… quando penso nisso ainda hoje, tanto tempo depois… anos depois… diabos… e a jararaca da mãe dela?… sapateou em cima dos cavacos do meu toca-fitas, não quis nem saber… e me botaram pra fora de casa… aqui você não bota mais os pés berrava a Zilda na manhã seguinte… parecia fora de si, e nas suas costas a velha dando apoio… é isso mesmo, minha filha, viver com um traste desses? Melhor sozinha… não quis teimar… o barraco também era meu, mas preferi sair por bem… antes sair por bem do que com óleo fervente na cova do ouvido… apanhei minhas tralhas e saí… até o meio da tarde andei de um lado pra outro, subindo e descendo a Toca sem saber o que fazer… foi quando encontrei a Dalva… aquela negrinha cheirosa que bulia comigo e com quem eu tinha me esfregado na antevéspera… e ela me disse fazendo o que por aí, seu Pereira, com essa trouxa?… e eu disse não tenho mais casa, Dalvinha, não tenho mais nada… que foi que aconteceu, seu Pereira?… a Zilda correu comigo, Dalva do meu coração, disse que lá eu não entro mais… hum, vai ver que nem almoçou, tá com uma cara de fome… e não almocei mesmo, Dalvinha, mas vê se não me chama de seu Pereira… é só Pereira… pra você, Pereira e pronto… tá bom, seu Pereira… vamos até lá em casa que eu lhe arrumo uma bóia… e eu fui, isto é, vim… vim, almocei, fiquei aquela tarde, passei a noite… fui ficando… fui ficando… e por fim eu e a Dalvinha nos acerta-

mos… valeu a pena… a Dalvinha é um estouro de mulher… e eu não faço por menos… material feito esse a gente tem de tratar na responsa… não pode bobear senão gavião acaba pousando no telhado… mas quanto a isso… não é por me gabar não… o trato que eu dou na Dalvinha é de arrochar… mas o diabo é essa ciumeira doida que ela tem de mim… porque, apesar do que aconteceu, eu e a Zilda não ficamos inimigos… pouco tempo depois, com a poeira baixando… e principalmente com a jararaca longe… a gente voltou a se falar… sempre restava alguma coisa… uma vivência de anos não se apaga assim… mas era só amizade, juro por Deus… não tinha nada demais… pois eu sempre fui muito respeitador, não sou desses de achar que mulher, por já ter sido minha, tem de me aceitar de volta… prum divertimento, um enroscar-se de pernas… não, isso não… pois certo dia eu procurei a Zilda lá no alto… queria saber como ela estava… não era saudade de conchego com ela não, era afeto mesmo… de verdade… então fui lá pra ver se ela precisava de alguma coisa… mulher boa de coração a Zilda… apesar da tristeza não guardava rancor nenhum e me recebeu bem… com alguma cerimônia… já fazia dois meses que não nos víamos… mandou-me entrar e sentar… coou um café na hora e botou na mesa, pão, manteiga, queijo… perguntou como eu estava… estou indo, Zilda, como Deus quer respondi, e você?, bem, Pereira ela disse, e baixou um pouco a cabeça… a conversa parecia não deslanchar… tanto eu quanto ela ainda um pouco embaraçados… o que é natural depois de tudo que aconteceu… agora você está vivendo com a Dalva ela disse depois, é, a Dalva aceitou minha proposta… e vocês estão se dando bem?… sim, a gente se dá bem… e a conversa foi morrendo… acabei de tomar o café e me levantei para sair… se precisar de alguma coisa, Zilda… não, Pereira, por ora não preciso de nada não… e ficou por aí… a Dalva soube dessa visita… não sei como, mas soube… alguém deve ter-me visto lá em cima e foi buzinar no ouvido dela… aí o bicho pegou… se eu não corro para o terreiro até com panela de pressão nas costas eu tinha levado… naquela noite não me deixou entrar em casa… no dia seguinte consegui ir amansando a fera… não tem nada não, meu amor fui dizendo de mansinho, só fui lá pra ver se ela precisava de alguma coisa… e ela nada, cabeça baixa na pia da cozinha lavando arroz… ela parece até que já vai casar eu menti… é que a gente viveu junto, ficou a amizade, não há motivo pra gente ter raiva um do outro… tudo que eu tive de dizer!… minha garganta já estava seca… fiquei ali umas duas horas na engabelação… e quando pensava que ia conseguir dobrar-lhe o espinhaço, ela se arrepiava toda e eu me esgueirava de olho na ponta da faca… por fim ela cravou em mim aquele par de olhos que valha-me Deus… escuta aqui, Pereira, esteja certo de uma coisa, e eu estremeci, se eu souber que você anda arrastando asa pro lado da Zilda pode ter certeza que botar você pra fora de casa eu não ponho não, você é mesmo muito boa, Dalvinha do meu

coração, eu sabia que…, vivo! ela berrou apontando-me a faca, entendeu bem?… entendi, Dalvinha, mas não tinha entendido nada por enquanto… pois é isso aí: eu não te ponho pra fora desta casa não, vivo não, te mato primeiro e depois empurro tua carniça ribanceira abaixo… minhas pernas bambearam e eu caí sentado na cadeira, escorando-me na mesa da cozinha pra não me esparramar no chão… então ela veio e botou um prato na minha frente… e me serviu uma comida bem temperada… eu devia era botar veneno pra você, Pereira, disse me encarando feito uma cobra… mas eu sabia que fora perdoado… agora eu não podia mais procurar a Zilda… não que eu quisesse alguma coisa com a Zilda de novo… estou sendo sincero nesse ponto… era só mesmo pra estar com ela, bater um papo… matar a saudade… mas nada de cama… pelo menos no começo era assim… eu tinha as melhores intenções… nada de safadezas, porque a Zilda sempre foi uma mulher muito séria… mas agora se eu fosse procurá-la em casa minha vida estaria por um fio, pois a Dalvinha não era de brincadeira não… era bem possível que cumprisse o prometido… e me imaginei rolando ribanceira abaixo… mas fomos vivendo bem… tirando o ciúme despropositado, a Dalva tem seus encantos, seus carinhos, e na hora H é um tanque de guerra… eu fico derreado, e olha que não sou de dar pra trás não… e o tempo passou… ver a Zilda por aí, subindo ou descendo a Toca, eu sempre via… calhava às vezes passar um pelo outro e cumprimentar… a gente nem parava pra uma conversa, saber da vida um do outro… nada… era só um bom-dia, boa-tarde, como vai? vou bem… por fim soube que a Zilda estava amasiada com um sujeito lá da Baixa, nem conhecia bem o tipo porque era novo no pedaço… e também eu nem ando muito por lá… então eu falei pra Dalva tá vendo? Ciúme bobo, a Zilda já está de compromisso, e ela ciúme, eu? De você? Não vê! e me deu as costas numa rabanada, orgulhosa… depois ela pegou a botar barriga… era Deus no meu caminho, abençoando… tinha me tirado um, mas me daria outro, que o poder de Deus o homem não alcança… e a barriga da Dalva cada vez maior… ela sacudidona, as bochechas coradas… vai ser um lutador de boxe eu dizia, e ela impada de satisfação vai ser menina, e passista da Mangueira… seja o que for, meu amor, o importante é que venha com saúde eu respondia com prática da vida, e ela amém… e assim foi… nasceu o moleque… passista da Mangueira até poderia ser… mas com seus quase quatro quilos estava mais pra lutador de boxe… e eu confesso que já via aquele homenzarrão entrando no ringue e arrebentando tudo quanto fosse adversário que lhe botassem na frente… e de lá acenando para mim, jogando-me um beijo… e eu apontando, vaidoso, aquele é meu filho!… e o moleque t'aí… Jair… a Dalva que escolheu o nome… eu gostei… Jair… Jairzinho… seis anos este mês, é fortezinho como quê, só que é mais pra claro, na cor saiu mais pra mim… bonito… que filho nosso tinha de sair bonito… não que eu seja apresentável,

se me puxasse de cara não prestaria na aparência, mas a Dalva é uma belezura e o menino é todo ela… as mesmas graciosidades… uma coisa!… e tudo vai bem, corre pelo melhor… mas a ciumeira da Dalva é que me desacerta… afinal eu e a Zilda tivemos uma vivência… foram anos… sempre fica um afeto, não é mais que isso, e de vez em quando vem a saudade de uma prosa… nada mais, que a Zilda é mulher muito direita… pelo menos no começo, pois ela sabendo que eu estou com outra não consentiria em nada… mesmo não tendo dado certo com aquele tipo novato aqui na Toca… que os dois ficaram juntos por um tempo, mas o sujeito era muito estourado e a Zilda não tolerou… ela e jararaca botaram o sujeito porta afora atirando-lhe nas costas a mala, as roupas, a tralha toda… que a Zilda precisando, a jararaca aparece feito uma vaca desembestada… o tal sujeito ainda quis cantar de galo, alegando que tinha feito melhorias na casa, comprado isso e aquilo… mas adiantou? Teve de meter a viola no saco e picar a mula… daí que, coitada, a Zilda não deu muita sorte com homem não… eu vez por outra, na surdina, subia o morro pra estar com ela um pouco, levar uma palavra de conforto… ela sempre me recebendo daquele jeito embaraçado… coando um café na hora… botando a mesa… e o menino, como vai? ela perguntava, e eu ah, vai bem, graudão… e a Dalva?, sacudida… saúde boa, e trabalhadeira que só… então a Zilda suspirava espiando janela afora o escoamento do dia… eu não dei sorte com homem dizia, e aquilo respondia cá dentro com uma aflição… pois de fato não tinha dado certo com homem, pois comigo fora aquilo; com o outro, o novato, a coisa correu de mal a pior… depois apareceu um senhor de mais idade, mas bem apessoado e com boa situação financeira… calculei que a Zilda por fim se acertava, mas… qual o quê!… o tal era boiola, viadão mesmo, queria casamento apenas pra disfarçar, e a Zilda não seria mulher de se sujeitar… daí foi ficando sozinha… então eu ia lá conversar, levar-lhe um pouco de ânimo… escolhendo os dias em que a jararaca não estava… e sempre na surdina pra Dalva não saber… mas tudo não passava de amizade… pelo menos no começo, amizade onde não tinha espaço pra pouca-vergonha… e assim o tempo foi passando… daí que ontem estive lá mais uma vez, a Zilda falava mais animada de um rapaz que havia conhecido na praia… combinavam a idade… e ele prometendo levá-la para o asfalto… disse que era dono de comércio e queria compromisso sério… mas até tenho medo, Pereira, pois eu não dou sorte, ao que eu disse que nada, Zilda, você é mulher nova, de aparência, há de encontrar alguém sim… você acha mesmo que eu sou de aparência, Pereira?, então não, Zilda?… que nesse quesito eu não podia deixar de reconhecer: a Zilda, mesmo não sendo mais muito nova, pois já andava pelos trinta e sete, era bem conservada, jeitosa de cara, cabelo bom, ainda que mulata, corpo bem cuidado… é bom escutar isso, Pereira, tem gente que não diz, a gente fica sem saber se agrada… disse isso e se levan-

tou pra ir até a cozinha trazer outro café… então eu dei uma espiada nas pernas dela… pelas costas… não sei o que deu em mim, que fogaréu se acendeu… alcancei a Zilda perto do fogão e ali mesmo levantei-lhe o vestido… ela ajudava a arrancar a calcinha… abriu-se feito uma flor, e gemeu como se tivesse com dor em todos os dentes… mas não era dor… quanto tempo ficamos naquilo?… nem sei… depois que ela se desencostou do fogão, arrastou-me para o quarto, deitou-se de bruços, vem, Pereira, não me deixa agora não… não era nem preciso pedir, que passamos a tarde juntos, e só saí no comecinho da noite… pra Dalva não desconfiar, Zilda, é melhor que ela não desconfie, você entende… entendo, Pereira, é melhor mesmo que ela não desconfie, pode pegar mal pra mim… e a Dalva não desconfiou, na verdade ela descobriu… e daí o inferno se derramou de dentro do caldeirão…

16 de março de 1951

— E havia também o menino Olímpio…

Mas o Dr. Hermínio mal ouvira a mulher, que, enquanto folheava à luz do *abat-jour* uma revista de moda sentada no sofá da sala de estar, recordava os tempos antigos de professora naquela cidadezinha… Mas qual era mesmo a cidadezinha? E o que tinha esse menino, Olímpio, de especial para que ela o nomeasse?

Hermínio reclinara para trás e fechara os olhos, enquanto do charuto entre seus dedos subia no ar uma fumacinha aromática. Escolhera sentar-se longe da luz, e assim, da penumbra podia vez por outra vigiar o rosto delicado da esposa.

"Uma mulher ainda bela" pensou, pois Helena completara quarenta e um há pouco, cuidava-se, fazia exercícios…

Mas agora, de olhos fechados, fugindo-lhe a visão da esposa uma outra se impunha, a ele, homem passado dos cinqüenta (conquanto não tivesse ainda chegado aos cinqüenta e cinco), uma outra — mais sedutora, mais envolvente, mais plena talvez também de falácias…

"Deus do céu, uma menina, só uma menina!…"

— Mas o Professor Roberto conseguia mantê-los na linha — dizia Helena agora, levantando os olhos e dirigindo o olhar para aquele recanto no escuro onde o marido parecia dormitar. — Hermínio!

O Dr. Hermínio abriu os olhos:

— Sim, Helena?

— Eu aqui falando e você nem prestando atenção!

— Desculpe-me, querida, eu… distraí-me um pouco… do que mesmo você falava?

— Deixa pra lá — e Helena parecia contrafeita, porém era só apa-

rência, na verdade divertia-se com esses alheamentos do marido. — Vou à cozinha preparar um chá, você quer?

— Hum?… Chá?… Oh, sim, querida, seria bom… seria bom…

E mais uma vez consigo mesmo — e agora sozinho, pois Helena se levantara e fora à cozinha — o Dr. Hermínio fechou os olhos…

E o homem maduro, de ares sérios e compenetrados, com um alto cargo no governo e cuja mulher liderava importantes projetos na Secretaria de Educação do Estado, feito um menino entregava-se a esse sonho, menos sonho que desvario, essa paixão outonal por uma garota de quinze anos que conhecera no *réveillon* e não hesitara em ir para a cama com ele uma semana mais tarde…

A aventura permanecia em sua lembrança, agarrava-se aos pormenores daquela noite e do que sucedeu depois com medo de que se eles se perdessem tudo mais também se perderia, diluir-se-ia como fumaça ao vento - — esse pormenores a teia em que prendia, a renda que compunha sua história, a trama de seus devaneios implausíveis…

Naquela noite, enquanto Helena descia para o passeio com os demais a fim de assistir à queima dos fogos do meio da multidão, Hermínio retornou ao apartamento pois havia esquecido sua câmera. Já não havia quase ninguém no prédio, e quando, empunhando a câmera, descia novamente de dois em dois degraus, impaciente para esperar o elevador e também desejoso de movimento, cruzou com ela no patamar do segundo pavimento, ela, a menina, que subia…

Deteve-se, voltou-se olhando-a subir no mesmo ritmo com que ele descia: de dois em dois degraus. Mas a menina também havia parado e olhava para ele sem importar-se com o fato de estar vestindo uma saia e que suas pernas estivessem à mostra e num ângulo bastante ousado: ele, quatro ou cinco degraus embaixo olhando-a, quatro ou cindo degraus acima…

O Dr. Hermínio fez um gesto vago, menção de que continuaria a descer mas parou, olhou-a mais uma vez que recomeçara a subir, porém devagar e olhando para trás, para baixo, para ele…

Sorriu-lhe. A menina também sorriu, e parou.

Hermínio levantou as mãos espalmadas num gesto de desprendimento, deixando os braços penderem ao longo do corpo. Perguntou:

— Quer ajuda? Precisa de algo…?

Por que fizera tais perguntas? Que ajuda ela poderia querer, e o que teria ele para oferecer-lhe então?

— Não — ela disse, brejeira —, vou ao apartamento de minha amiga trazê-la para baixo.

— Ah… bem… então — continuaria a descer, porém alguma coisa o reteve: — E em que andar ela mora?

— No quinto.

— Hum… e eu no sexto. No 611. Mas… quer companhia para subir? Está tudo deserto…

— Não é preciso. Não há perigo.

— Ah, isso… claro, é um prédio seguro. Mas…

— …?

— Você, como se chama?

— Priscila.

— Ah… bem… eu sou Hermínio…

— Legal, Hermínio.

Ele já começava a sentir-se um menino.

— Bem… vou descer…

— Tá.

— A gente se vê por aí?

— Sim, por que não?

E ele sorriu, um franco sorriso de entrega.

— Tchau — ela disse, e voltou a subir a escada de dois em dois degraus.

Voltou a encontrá-la ainda naquela madrugada.

Junto à orla, reunidos e tomando aperitivos, ele, duas irmãs com seus maridos, um casal de amigos que viera passar a última semana de dezembro em sua casa, Helena, o filho, amigos do rapaz…

E a menina passou do outro lado da rua sozinha.

Viu-a. Viram-se. Alguém teria percebido um sutil aceno? Mãos nos bolsos Hermínio afastou-se com a displicência de quem passeia ao acaso.

A menina entrara por uma transversal, Hermínio seguira-a — sempre andando do mesmo jeito, ora parando como a olhar o movimento, ora seguindo em frente, e foi encontrá-la à sua espera do outro lado.

Aproximou-se.

Encararam-se.

Então ele tomou-a pelos ombros e a levou para um recanto onde a luz não chegava e beijou-a…

— Seu chá, querido.

O Dr. Hermínio abriu os olhos na penumbra da sala. Diante de si, com um sorriso, Helena estendia-lhe a xícara.

Hermínio ajeitou-se na poltrona, "obrigado, Helena" disse, e pôs-se a tomar o chá aos golinhos.

— Algo o preocupa, Hermínio?

— Ora… não, por quê?

— Parece-me pensativo… muito quieto, isso é sinal de preocupação. Pensa que não o conheço?

— Bem, pequenas coisas — mentiu —, quem ocupa um cargo como eu… enfim, como nós, pois você também…

— É verdade… mas é melhor deixarmos a preocupação para depois. Amanhã é sábado, temos o final de semana para relaxar.

— Você tem razão, querida — e ele sorriu entregando-lhe a xícara. — Acho que vou deitar-me. Você vem? Amanhã, se quiser, poderemos ir à praia. Com esse calor…

Helena curvou-se e o beijou nos lábios:

— Ótima idéia, querido. Vamos sim — e saiu.

Helena, como de hábito, ainda haveria de demorar-se, nunca se recolhia antes das dez e meia.

Hermínio deitou-se e a lembrança de Priscila encheu o quarto.

A notícia que recebera pela manhã da boca da própria garota — "Velhão, estou grávida de você" — fê-lo estremecer, não sabia se de prazer, se de medo.

Helena, na cozinha, abriu a torneira e pôs-se a lavar as xícaras.

Uma ruga de preocupação vincou-lhe a testa.

"Hermínio estará tendo um caso?" ocorreu-lhe, lembrando-se de que o vira duas vezes conversando com uma menina que costumava freqüentar o prédio.

"É uma quase criança…" pensou. "Será…?"

Fechou a torneira. Guardou as xícaras no guarda-louça.

Com um suspiro recolheu-se para a sala de estar.

Ainda era cedo. Apanhou a revista de moda que lia há pouco e continuou a folheá-la displicentemente.

28 de outubro de 1985

— A verdade é que eu estou passado — e o velho policial estirou as pernas para adiante, olhou à sua volta com um certo ar de desânimo, concluiu: — Tudo passa, eu também passei, ora essa!

— Mas inspetor, o senhor hoje é uma instituição dentro da instituição policial — quem falou foi um jovem detetive desejoso de parecer inteligente e simpático ao mesmo tempo —, e isso não é pouca coisa.

Marinho suspirou, olhando reto para frente.

A polícia, ele a conhecia 'de cor e salteado', como costumava dizer. Vira de tudo: a vitória e a derrota do crime, os sucessos e insucessos do Estado, a justiça e a injustiça, e esta, como aquela, prevalecer, porém aquela nem sempre de forma idônea ("idoneidade" pensava, "que grande falácia!"); vira rolarem cabeças, nem sempre as que deveriam de fato rolar, gozara os momentos de glória (e sobre essa glória achava melhor não pensar muito, bastava tê-la na lembrança mas nunca escarafunchar demais para que a ilusão permanecesse) e chorara nos fracassos e nas humilhações. Não fora

um 'modelo', nem sempre agira de maneira 'impecável', não chegara porém até ali sem seus méritos: em toda a sua vida tinha sido não mais que um tira, era simplesmente um homem.

Olhou os companheiros que o festejavam no gabinete exíguo, a mesa capenga, a cadeira com o encosto em frangalhos, o sofá rasgado, a máquina de escrever na qual faltavam duas ou três teclas… aquilo era a polícia, a sua casa, aquele era o seu término de carreira… Então pensou que se ele havia se tornado uma instituição dentro da instituição policial não se tornara, no fim das contas, uma grande coisa…

— Quarenta e cinco anos — murmurou olhando ora um, ora outro —, já passei do tempo… Tudo tem seu tempo, eu tive o meu, acabou, e amanhã já não estarei mais aqui…

Fez uma pausa, baixando a cabeça por alguns momentos, concentrando-se.

— Aliás — disse erguendo outra vez o rosto e olhando os colegas um por um —, hoje é meu último dia nesta cadeira, mas acabar já acabou mesmo faz quinze anos…

— O senhor simplesmente não quis se aposentar antes? — o jovem detetive perguntou.

— Nessa casa vocês devem aprender uma coisa… digo vocês os mais moços, que estão no começo, porque os cascudos… Nessa casa há dois tipos de gente: o funcionário público e o tira. O funcionário público é um burocrata, e é para a burocratização da polícia que estamos caminhando… quem viver verá… O segundo tipo é o tira, e esse…

Marinho se levanta e vai até a janela, espia para fora, volta-se, recosta-se no peitoril:

— O tira tem a polícia no sangue… sabem, se fizer um exame de sangue no sujeito vão encontrar lá o nosso escudo… eu sou desses, meus caros, não sou melhor nem pior que ninguém, não errei nem acertei mais do que ninguém, mas uma coisa eu fiz mais do que muitos: amei essa casa como quem ama uma velha mãe. Talvez pareça exagero… retórica… mas não… é sentimento… Eu sou desses… por isso fui ficando… fui deixando o tempo passar… parecia-me que se eu saísse… se eu pendurasse as chuteiras… parecia-me que eu chegaria em casa e não teria futuro: poderia chegar, deitar diante da televisão e esperar a morte… e certamente ela viria muito rapidamente… por isso resolvi viver um pouco mais… e vivi…

— E por que agora, inspetor? — um papiloscopista velho, também já perto de aposentar-se e que passara a vida colhendo digitais, encarou o colega com solenidade como o momento pedia.

Além deste e do detetive jovem estavam na sala um carcereiro, um fotógrafo e um motorista policial, todos com largo tempo de profissão.

Marinho caminhou outra vez da janela para sua mesa e sentou-se:

— Vou completar setenta em breve… antes do final do ano… está na hora… agora está na hora… o corpo já não ajuda, a saúde já não anda boa como antes… os anos começam a pesar… o mundo se transforma… pressinto isso… os mais novos não conhecerão a polícia que eu conheci… serão outros tempos e, mesmo que eu fosse mais moço, não ficaria… não poderia enquadrar-me… se hoje eu estivesse para completar, digamos, vinte anos de casa, diante do que penso que será daqui para frente já estaria ansioso por fechar meu tempo e ir embora…

Alguém acabava de chegar, e de fora vieram algumas vozes:

— E o que você achou?

— Do discurso? Foi de coragem…

— Repercutiu, hein?

— Repercutiu.

E os dois recém-chegados entraram na sala do inspetor Marinho:

— Bom dia, inspetor, creio que chegamos em tempo.

— Em tempo?

— Sim… não tem uma festinha hoje de despedida?

Marinho pareceu não compreender. Os demais cutucaram-se, procurando disfarçar.

— Mas… o que é isso…?

— Bem, bem… não dá mais para esconder — disse o papiloscopista —, tragam o bolo.

— E o vinho — exclamou o detetive jovem.

— E os pastéis — berrou o fotógrafo.

Então os outros saíram, retornaram com os comes e bebes:

— Inspetor — disse o carcereiro —, era pra ser uma surpresa, mas esses dois idiotas…

Marinho emocionou-se.

Aquele era o dia de sua despedida da polícia: já empacotara suas poucas tralhas e quando saísse por aquela porta seria apenas um policial aposentado, estaria cedendo seu lugar a gente nova, àqueles que trariam sangue jovem à causa policial. Claro que poderia aparecer de vez em quando para um bate-papo, rever os que ficavam, ouvir as novidades do crime, mas já não seria a mesma coisa e ele estava consciente disso.

A festinha planejada pelos colegas sensibilizara-o e o homem duro, enrijecido no dia-a-dia do combate ao crime, que trazia marcas de bala no corpo e lanhos de remorso na alma, sentiu os olhos umedecerem-se.

— Inspetor — disse um dos recém-chegados —, falávamos há pouco sobre a repercussão do discurso do senador Vilar…

— Senador Vilar? — disse o velho inspetor. — Sim, ouvi qualquer coisa, mas não cheguei a ouvir o discurso…

— Olímpio Vilar — disse com gravidade o fotógrafo —, um político às direitas…

— Não é um desses anistiados? — quis saber Marinho.

— Sim — confirmou o motorista policial —, parece que sim, é um dos anistiados.

Marinho mordeu uma fatia do bolo enquanto segurava um copo de refrigerante, olhando perdidamente além da vidraça.

— Ora, esses políticos — disse. Foi seu único comentário. Se era um dos anistiados talvez tivesse estado sob sua mira no tempo em que trabalhava na repressão. — Mas eu estou me lembrando desse nome… acho que era deputado federal quando saiu do país, ali por volta de 67, 68…

— 68 — disse o fotógrafo policial —, eu me lembro do caso. Havia suspeitas de que estava envolvido em alguma conspiração comunista…

— Sim, eu me lembro — confirmou o Inspetor Marinho. — Bem, é mais um, só mais um…

Um homem jovem e vestido com elegância apareceu à porta. Teria vinte e seis anos, a face raspada e usava óculos. A camisa social branca, impecável, rebrilhava, e o dourado das abotoaduras, do prendedor de gravata e do anel no anular esquerdo refletia a luz que entrava pelas vidraças empoeiradas.

Olhou com um ar de claro desdém o grupo reunido na sala estreita, insinuando-se-lhe nos lábios um sorriso sutil de ironia.

— Então amanhã teremos menos gente morta nas ruas — disse.

O papiloscopista e o carcereiro olharam-se sem responder; um levou à boca o copo de refrigerante e o outro mordeu o sanduíche de mortadela avançando para a janela, dando ostensivamente as costas para a porta.

Os demais procuraram disfarçar o mal-estar que se formou entre o grupo, e Marinho olhou o janota evitando demonstrar aborrecimento. Pusera-se sério, no entanto, pois a insinuação do outro atingira seu alvo.

— Meus amigos — ele disse, os cotovelos apoiados sobre a mesa — eu lhes dizia ainda há pouco acerca da burocratização da polícia. Como podem ver, é para lá que estamos caminhando.

O outro pareceu não se importar. Sorriu com displicência, entrou e avançou até o meio da sala, parou defronte a mesa e olhou em volta. Por um momento baixou a cabeça e pareceu considerar a situação e o que iria fazer em seguida, então voltou a olhar em volta e levantou as mãos espalmadas:

— Vejam — e sempre olhando um por um dos presente exibia as mãos espalmadas, movendo ligeiramente os dedos —, estão limpas. — fez uma pausa, e antes de se encaminhar para a porta: — Sim, se isso significa ser um burocrata…

Marinho conteve sua irritação contra aquele sujeito metido a besta, com ares de almofadinha:

— Talvez amanhã tenhamos menos gente morta nas ruas, meu amigo — disse sem elevar a voz —, mas os que estiverem mortos talvez não o mereçam… Suas mãos estão limpas? Imaculadas?… Talvez as únicas manchas que ostentam sejam de tinta… caneta-tinteiro às vezes derrama e mancha as mãos, e até a roupa… — Fez uma pausa enquanto apanhava um palito de uma caixinha de fósforos que havia em cima da mesa: — Pois eu tenho, sim, sangue nas minhas — levou o palito à boca e pôs-se mascá-lo —, e sabe por quê? Porque não se combate o crime sem sangue, e não existe guerra sem sangue… Tomara que você, quando compreender isso, ainda esteja respirando — e cuspiu o palito.

O outro o olhou e sentiu que o velho policial o desprezava.

Notara esse desprezo desde o começo, desde que fora destacado para aquela unidade, e por quê? Por vestir-se bem? Por ter cursado uma faculdade, coisa que o outro não fizera? Por acreditar que a polícia não era formada apenas por homens que só conheciam a linguagem da violência? Principalmente por acreditar que a mudança começara e era inevitável, e que ele faria parte dela, ao passo que o outro, mesmo antes de deixar a casa já fora excluído? Porque em breve seria delegado, um jovem delegado com uma carreira garantida, promissora, enquanto o outro…?

Percebeu que todos o olhavam com reprovação. Não compreendia bem isso porque, afinal, ali estavam os velhos — o inspetor, o motorista, o fotógrafo e o papiloscopista —, mas também alguns novos, que ainda tinham pela frente uma escolha e um caminho… tudo não passava de uma questão de escolha, dizia consigo mesmo, então por que aquele que escolhe o melhor acaba por ser criticado?

Pôs-se sério, não respondeu, ajeitou a gravata, saiu.

O papiloscopista ia dizer alguma coisa, chegou a fazer um gesto de aborrecimento — pois aquele sujeitinho também não lhe passava na garganta —, mas um outro novato entrou nesse momento:

— Podiam pelo menos ter-me esperado! — exclamou.

A chegada do novato desanuviou o ambiente e todos outra vez se sentiram à vontade:

— Ora, vejam só o topete do garoto! — disse o fotógrafo. — Sua excelência queria que o esperassem.

— E por que não? — brincou o outro. — Inspetor, meus parabéns, hoje é um grande dia e por isso venho convidá-lo para uma despedida em regra: um local, aceita?

— Local?

— Uma execução. Não tem dez minutos, ali no começo do viaduto. Vamos?

— Assalto?

— Não se sabe. Pode ter sido execução mesmo. A PM está isolando o local.

Todos apoiaram e fizeram festa. Marinho acenou com a cabeça: sim, senhor, seria pelo menos uma despedida digna de um tira, "peçam perícia pro local" disse num assomo de importância: era seu último dia naquela cadeira afinal, precisava fazer valer a pena.

E agora o velho inspetor observava o corpo na beirada da pista. A perícia já se retirara, o trânsito fora restabelecido e alguém acendera uma vela perto da cabeça do morto, cobrindo-lhe o rosto com um lenço.

Marinho abaixou-se, retirou o lenço, "quase um garoto" disse consigo mesmo.

— Encontraram documentos?

Um policial militar aproximou-se:

— Esta carteira estava no bolso dele, inspetor. Parece que os documentos estão em ordem.

Marinho examinou a carteira, leu o nome na identidade, registrou na memória o endereço de uma conta de luz amarfanhada e suja, "o nome bate com o do documento" pensou.

— Novo, inspetor — comentou o PM.

— Vinte e dois anos — Marinho completou —, um garoto.

— Parece que foi execução — o PM esclareceu. — Pelo menos é o que ouvi dizer. Estava metido com o tráfico.

— Testemunhas?

— Bem, não será fácil. O povo comenta, mas na hora de botar no papel ninguém sabe, ninguém viu.

— É o diabo! — resmungou Marinho.

— Pois é, inspetor…

Marinho respirou fundo. Meteu a mão nos bolsos. Olhou por cima da mureta os terraços ao longe, roupas em varais, um colorido encardido sobre a paisagem urbana suja e feia.

O rabecão acabara de chegar.

— Vamos até esse endereço — disse para o fotógrafo, que finalizava a série de fotos —, deve ser da residência. Deve haver alguém lá… enfim, é preciso dar a notícia e convocar alguém pra depor…

E enquanto a viatura rodava pelas ruas, Marinho recostou-se no banco e fechou os olhos.

Por alguns momentos lembrou-se do almofadinha e de sua insinuação maldosa… "Maldosa…" e moveu a cabeça numa desaprovação de si mesmo. Sabia que o outro "apesar de tudo" não se enganava. Chegava mesmo a compreendê-lo: um sonhador, acreditava em "papai-noel", na sua opinião a polícia seria ao mesmo tempo *politicamente correta* e eficiente,

era — como ele gostava de classificar esses tipos — um burocrata… Marinho sorriu, às vezes duvidava de seus próprios métodos, às vezes perguntava-se se em sua longa carreira não poderia ter evitado matar tantos quantos matara… aquela era uma lista mesmo muito longa, a dos que havia mandado para o inferno… Mas a verdade era uma só: vivera sua vida em guerra, essa era uma certeza que o acompanharia sempre, e uma guerra — fizera o almofadinha engolir sua arrogância, lançara-lho em rosto, mantê-lo-ia enquanto vivesse por acreditar naquilo — não se faz sem derramar sangue…

"Sim, eu matei… para combater o crime tive de associar-me a ele… Fiz minha guerra particular ao longo desses anos lutando nas duas frentes… e sempre olhei nos olhos dos condenados porque eu não tinha dúvida nenhuma…"

Respirou fundo.

"Poderia ter sido de outra maneira?…"

Ao leve rolar dos pneus no asfalto irregular relaxou, sentiu o corpo amolecer, parou de pensar, mas não dormiu… Sobreveio uma lembrança muito cara… Um rosto foi-se formando devagar em sua memória: um rosto de mulher, e um nome veio ressoando como um eco nas paredes do tempo: Luciana.

Fazia vinte anos… aquela mulher misteriosa que fora sua por tão poucas vezes, que ele teria tomado para si se tivesse tido oportunidade, aquele amor que persistira em seu coração de pedra… aquela que ele nunca mais vira também estava ali, para despedir-se dele…

04 de março de 1950

— A verdade — Paulo diz, fazendo um gesto com a mão que segurava o copo — é que não sou afeito a comemorações…

— Mas cinqüenta e cinco, Paulo… meio século mais meia década… uma idade bonita!

Quem respondeu foi um sujeito alto e magro, de meia calva com os cabelos crescidos na parte de trás sobre o colarinho do blusão.Tinha a cara lisa e branca, e usava óculos, uns óculos redondos e pequenos de lentes incolores.

— Ia passar em branco, Arthur — intervém Sônia, a esposa, uma mulher de ares joviais, o rosto moreno e um sorriso amplo, talvez um pouco rechonchuda mas ainda assim graciosa apesar de já passar também dos cinqüenta. Paulo ocupava uma das cabeceiras da grande mesa no centro da sala de jantar; Sônia a outra. — Então eu insisti. Nada disso, eu disse. Por fim resolvemos reunir uns amigos.

— Eu penso que você fez muito bem, Sônia — diz Souza Sobrinho em tom de aprovação.

— Depois de uma certa idade — Paulo comentou — comemora-se apenas o envelhecimento — e sacudiu os ombros como que aceitando com uma resignação afetada a idade que avançava. Diante do inelutável via-se na contingência de representar: — O tempo não nos poupa.

— O Carlos diz que você fez muito bem, Sônia — Dina intervém indicando o marido com um movimento de cabeça —, mas ele também é assim: nem gosta de lembrar-se do dia de seu aniversário.

— Verdade?

— É por isso que está sempre só — acrescenta. — Trabalha além da conta.

— O Sr. é tradutor, não? — disse o da calva com seu ar circunspecto, voltando-se para Carlos.

— Ah, sim, é o que faço…

— Quanto ao tempo — é uma mulher de aparência devastada, envelhecida antes da hora, seca de rosto e de corpo, olhos tristonhos e lábios descorados quem fala —, estamos todos no mesmo caminho, mas estando-se com saúde…

— Alguns achaques, Marta — Paulo reclamou com um sorriso, cofiando o bigode. Levanta-se para abrir o vinho. Fez um esforço, a rolha resistia, o saca-rolhas vence a resistência. — Alguns achaques para nos lembrar de que se ainda não somos corocas, também já não somos guris. No mais…

— Atualmente ocupa-se com quê? — tornou o homem da calva para Souza Sobrinho.

— Passe-me a salada, Dina, por gentileza — disse uma mulherzinha magra de quarenta anos que trazia o da calva de olho desde que havia chegado. A mulherzinha soergue-se um pouco para receber a travessa.

— Faulkner, Arthur — respondeu o outro. — Quase não há traduções de Faulkner para o português.

— Bem, espero que esteja a gosto — disse a anfitriã. — Como tudo foi preparado meio de improviso…

— Está tudo ótimo, Sônia — tornou a mulherzinha com um sorriso miúdo —, você sabe improvisar como ninguém.

— Entendo… Faulkner deve ser um problema para tradutores — o da calva acrescentou. — Eu não sou versado nessas questões, porém ouvi dizer que… Eu mesmo li um livro dele, uma edição portuguesa, ao que parece…

— Sim, há uma ou duas edições portuguesas da obra dele. Mas sem dúvida é um desafio…

Na ponta da mesa, porém, um homem de seus setenta anos pigarreou forte e sacou do bolso um lenço quadriculado.

— Bem, Paulo, cinqüenta e cinco — e jogou ligeiramente o corpo para trás, recostando-se no espaldar da cadeira e estirando os braços sobre a mesa —, é uma bonita idade, mas eu tenho quinze a mais que você… quinze a mais… e lhes digo, meus amigos…

Interrompeu o que ia dizer para correr os dedos entre as repas escassas e grisalhas enquanto parecia concentrar-se, baixando ligeiramente a cabeça.

— Enfim, lhes digo…

E novamente calou-se. Fungou. Levantou o rosto.

Souza Sobrinho o contemplava com um ar divertido, o da calva parecia esperar com indiferença o que o outro teria a dizer e Paulo sorria brevemente.

Um homem de uns trinta e seis anos, sentado defronte e vestido com desleixo, comentou:

— Já imagino o que irá dizer, titio.

— Ora, Juvenal, você está sempre me interrompendo — disse o tio em tom de desaprovação.

— Já o conheço bem, titio, irá dizer que apesar de tudo vale a pena viver.

— Isso mesmo, e não vale? — tornou o das repas grisalhas.

Todos riram.

— Mas na verdade não era isso que eu pretendia dizer. Esse meu sobrinho acha que sabe tudo de mim, porém às vezes se engana.

— Pois estamos a ouvi-lo, Dr. Sobreira — disse a mulherzinha magra. — Não ligue para o Juvenal.

Uma velha senhora de maneiras simples, vestida porém com muito bom gosto, que se encontrava sentada em frente de José Carlos, não deu tempo ao Dr. Sobreira:

— Quanto a isso, sabem?, não há porque uma pessoa constranger-se com a idade que tem. É uma graça que recebemos, uma dádiva. Saiba que estou para completar setenta e oito, e no entanto…

Calou-se com ar pensativo, e o Dr. Sobreira aproveitou a deixa:

— Mas era exatamente isto, minha senhora, era exatamente isto o que eu queria dizer até ser interrompido — e lançou um olhar de bem-humorada reprovação ao sobrinho.

— Mas a senhora nem aparenta essa idade, dona Clara[5] — disse a mulherzinha magra, que não perdia de vista o homem da calva. Parecia interessar-se por ele e fazia o possível, sem no entanto exceder-se, para chamar-lhe a atenção.

— Está muito bem — observou a mulher de rosto devastado.

---

[5] Clara, colega de internato de Ana Carolina Brito (v. "Sinfonia Inacabada").

— Será por ter vivido no campo, senhora? — comentou Dina.

— Ah, não há como viver no campo — suspirou Sônia —, vivo dizendo isso ao Paulo…

— Ah, senhora — disse o Dr. Sobreira —, então a senhora viveu no campo?

— Nós temos um sítio — informou o sujeito vestido com desleixo. — Não é extenso, porém muito boas terras.

— Ora, Juvenal, um pobres alqueires…

— Titio, não são muitos, eu bem o disse: não é extenso, porém é muito boa terra…

— Boa terra… vá lá que o seja, vá lá… Com efeito, admito que são terras muito boas… Mas então a senhora vive no campo — acrescentou o Dr. Sobreira voltando-se para a septuagenária.

— Oh, não é bem assim — respondeu Clara —, foi uma confusão de nossa querida Dina.

— Então explique-nos — Dina olhava em volta à procura de uma taça. — Julguei tê-la ouvido mencionar uma fazenda…

— Sim, da minha família, porém íamos apenas passar temporadas. Breves temporadas, para ser precisa. Uma vez ao ano, na minha adolescência, com minha mãe… oh — e a velha Clara sorriu —, é uma história tão antiga…

— Se não se importar em no-la contar — disse o da calva, condescendente, sorrindo-lhe com afabilidade. Sentia um grande respeito pelas mulheres idosas, mais que pelos homens, e aquela senhora chamava atenção pela distinção de suas maneiras.

— Sem dúvida — apressou-se a dizer a mulherzinha magra, fazendo-lhe eco e querendo parecer-lhe simpática.

— Minha mãe na verdade não era minha mãe, fui criada por uma senhora cuja família tinha uma fazenda… Terras extensas, cultivavam café, criavam gado… Íamos para lá nas férias… Devo-lhes dizer que eu estudei em um internato com uma ala para meninas e outra para meninos. Um bom internato, por sinal, creio que não existe mais.

— A senhora então não se fixou no campo — Souza Sobrinho adiantou.

— Não. Mamãe gostava de viajar, e viajávamos muito. Depois sobreveio o acidente… estávamos no Cairo…

— Acidente? — disse o homem vestido com desleixo.

— Quando mamãe morreu de uma queda… Eu era muito jovem, imaginem o abalo ao me ver sozinha num país estranho…

— Oh, não podíamos imaginar — comentou Dina.

Um jovem com não mais de vinte e dois anos que se encontrava ao seu lado e permanecia calado quase todo o tempo voltou-se para ela com ar

de curiosidade sem, contudo, dizer coisa alguma. Uma mulher de peruca loira e já bem passada dos quarenta, rosto corado e maneiras bruscas ao lado de Sônia olhou-a com um ar desagradável de interrogação, franzindo o cenho. Uma criada entrou nesse momento com uma travessa.

— Enfim, ela caiu de uma escada no hotel… Oh, mas essas más lembranças…

— Não, não — exclamou o Dr. Sobreira —, o que não lhe for conveniente referir passe por alto, minha senhora. Fale-nos apenas do que é agradável, afinal a vida nos prega peças, e das boas, ora se não!…

— Com certeza, Clara — reforçou Souza Sobrinho com um sorriso.

Clara não era conhecida de todos à mesa, mas ele a conhecera ao ser contratado pela editora P…, na qual ela parecia ter alguma participação, e agora para sua surpresa a encontrava em casa de Paulo.

— Daí então — disse o homem da calva — a senhora nunca chegou a fixar-se no campo.

— Não, porque eu também tomara o hábito das viagens, e assim continuei, ora aqui, ora ali… acabei conhecendo o mundo.

— Viajar — disse a mulher da peruca loira —, eu desejo viajar, mas a questão econômica… enfim, vejo-me totalmente impossibilitada…

— Na juventude eu fiz algumas viagens — disse a mulher do rosto devastado, e indicou o jovem de vinte e dois anos —, o Lucas era ainda bem pequeno. Mas depois…

— Só vim a fixar-me mesmo aqui em São Paulo de uns cinco anos para cá — continuou Clara —, e para ocupar o tempo trabalho como revisora de arte na P… Editora, justamente onde vim a conhecer o nosso amigo aqui — e indicou Souza Sobrinho.

— E parece que temos por lá uma grande profissional — ele disse voltando-se para os demais.

— Ora essa, Sr. Carlos — retrucou Clara com modéstia —, nem tanto, é apenas para ocupar o tempo. Afinal, não se pode parar, não é mesmo? — e sorriu para os presentes. — Não se pode fazer da velhice um obstáculo para a vida.

— Oh, senhora — exclamou encantado o Dr. Sobreira —, dê-me licença de anotar essa frase, é sua, pois não?… Pois é brilhante. "Não se pode fazer da velhice um obstáculo para a vida." Posso usá-la?

— Fique à vontade, Sr. Sobreira — disse Clara erguendo uma taça de vinho, com um sorriso de condescendência. — Use-a como se fosse sua.

— Mas não — disse o outro —, não chegaria a tanto, seria um abuso — e sorriu. — Mas quero anotá-la… mais tarde, no meu caderninho… saiba que tenho um caderninho onde anoto as coisas importantes que observo… para desenvolver mais tarde as idéias, se calhar…

— Então o senhor escreve? — disse o homem da calva, mantendo sua atitude circunspecta sem conseguir evitar um certo ar de descrédito que, no entanto, deve ter passado despercebido: esses tipos não lhe eram desconhecidos, passavam-se por escritores, no final revelava-se que tão só rascunhavam algumas tolices que não mereciam publicação nem mesmo num jornal de bairro. Afinal, "era doutor em quê?" perguntava-se.

— Tem algum livro publicado, Dr. Sobreira? — quis de imediato saber a mulherzinha magra de quarenta anos.

— Oh, minha cara, infelizmente não… minhas anotações são só minhas, um gosto pessoal apenas, sem nenhuma pretensão.

— Mas que pena — tornou a mulherzinha magra —, devia publicar… Talvez seja de conteúdo filosófico o que escreve…?

O Dr. Sobreira ficou interdito por momentos. Nunca cogitara em filosofia, tão só tomava umas notas — e durante alguns demorados segundos fitou a carinha magra de sorriso miúdo que lhe sugeria tal idéia.

— Mas, minha cara — disse por fim, com um certo embaraço —, sinceramente nunca pretendi… como lhes disse — e agora olhava para todos, um por um, como que procurando desculpar-se: — Como lhes disse, são apenas anotações…

— A filosofia não me entra na cabeça — disse a mulher da peruca loira —, nem a matemática, nem nenhuma dessas ciências — e olhou em volta: — Penso que sou muito… tapada… — e como tal expressão criasse uma impressão desagradável tentou emendar-se: — Não consigo me concentrar em temas tão avançados…

— Ora, Cíntia, não exagere — Dina tentou amenizar o constrangimento causado pela intempestiva declaração da mulher acerca de sua pouca inteligência.

— Isso mesmo, senhora — disse o Dr. Sobreira movido por sua facúndia —, nunca se menospreze. Vai ver que sabe preparar uns quitutes deliciosos…

— Como é que o senhor adivinhou? — sorriu a mulher da peruca encarando o Dr. Sobreira com surpresa.

— Viu? — exclamou ele. — Eu não lhes dizia? Cada um tem a sua função, e se a desempenha com sucesso é o que vale.

— Eu ingressei na faculdade de filosofia — a mulher do rosto devastado achou por bem declarar —, depois mudei para matemática, mas também não me formei.

— Mas por quê? — quis saber o homem da calva. — Tanto empenho para não chegar ao fim…

— Não houve tanto empenho assim, Arthur, e todos aqueles cálculos já me cansavam.

— Mas e a fazenda? — quis subitamente saber o que se vestia com

desleixo voltando-se para a velha Clara, trazendo outra vez à tona um tema que parecia submerso. — A sua família, seus ascendentes, enfim…

Clara, que se preparava para tomar da taça de vinho, conteve seu gesto. Considerou a pergunta durante breves segundos — não que a incomodasse uma pergunta tão direta, certamente preservava suas lembranças…

— Umas primas creio que ainda vivem lá, mas eu… eu me afastei… já faz alguns anos… na verdade, faz mais de uma dúzia de anos que lá não vou… e decerto não retornarei. Não há mais laços, entendem… — deu de ombros ligeiramente incomodada sem, contudo, culpar a ninguém, pois reconhecia que fora ela a tocar no assunto e a falar de sua vida, ainda que de forma bastante sucinta.

— Mas é tão ruim romper laços de família — comentou a mulher de peruca loira. — Penso que uma família deveria ser sempre unida, sempre saber onde estão os seus…

Clara sorri:

— Quando existe aquilo que chamo de "espírito de família", minha cara… sim, quando existe isso… mas quando já não há… quando tudo se esgarçou…

— Então a senhora não se dava bem com suas primas? — tornou a mulher de peruca loira com sua falta de tato habitual.

— Não, até nos dávamos bem… com certeza… mas com o tempo… existe até um episódio que… se não fosse enfadá-los…

— Por favor, Clara — Dina parece interessada

— Sim, Clara — Sônia acrescenta —, conte-nos.

— Mas é algo muito simples… talvez até desinteressante, sabem?, mas… é uma das lembranças mais antigas que tenho de lá… eu tinha… dezesseis anos…

— Tenho muita curiosidade, senhora — diz o homem de roupas desleixadas.

— Foi na semana do aniversário de quinze anos de prima Alice… Alice era a única filha de tia Rebeca…

— Rebeca, minha senhora? — interrompeu momentaneamente o da calva.

— Sim, Sr. Arthur, Rebeca Veiga Albuquerque[6]. Acaso já ouviu esse nome?

— Veiga Albuquerque… não… por um momento imaginei que… este sobrenome, porém… mas prossiga… perdoe-me a interrupção…

— Alice tinha dois irmãos mais novos, mas era a única menina da família… Eu e mamãe fôramos passar uma temporada na fazenda para es-

[6] Matriarca da família Veiga Albuquerque (v. "Sinfonia Inacabada").

tarmos presentes na festa… Então me lembro de uma tarde em que prima Alice cuidava de uns canteiros no jardim… havia defronte à casa grande da fazenda um imenso jardim… prima Alice era apaixonada por jardinagem… em volta do jardim havia uma cerca… e naquela tarde estávamos ali eu e Alice, ela cuidava de algumas plantas e conversávamos — Clara se cala por alguns momentos, pois a lembrança tem seu traço de amargura e ela não pode avançar os detalhes do episódio. — A prima Alice entrou então… não sei bem a título de quê… e eu, ficando sozinha, me aproximei da cerca… — e nesse ponto Clara hesita, mas prossegue omitindo aquilo que não podia ser dito: — Então me lembro de que apoiei uma das mãos no arame da cerca… e uma das farpas do arame entrou-me fundo na carne… e o sangue jorrou…

— Oh! — fizeram todos.

Clara se cala mais uma vez, baixando ligeiramente os olhos, mas em seguida olha em volta e sorri:

— Bem, é isso… um fato bastante trivial mas que eu nunca esqueci…

— Lembranças assim costumam ser duradouras — comenta a mulher de rosto devastado.

— Eu me pélo pelas coisas do campo — torna o homem das roupas desleixadas —, por isso o meu interesse. Como disse à senhoras, temos um sítio…

— Ora, ora, lá vem o Juvenal de novo com seu sítio, seus minguados alqueires…

— Ora, titio, não seja desagradável. Perdoe se insisto, senhora… sua história é tocante… e eu fiquei curioso porque me agrada muito a vida no campo. Pretendo retirar-me para nosso sítio assim que possa…

— Eu acho que faz muito bem — concordou Paulo —, se é algo que lhe agrada…

— Obrigado, Paulo — disse o homem das roupas desleixadas —, você sabe, já lhe falei disso, é capaz de compreender-me — e de novo para Clara: — Como dizia, pretendo retirar-me logo que possa, e administrar plantações, cuidar de algumas cabeças de gado.

Clara o ouviu com atenção, depois disse:

— Está muito bem. Saiba que na minha adolescência, quando íamos eu e minha mãe para a fazenda, do que eu mais gostava era da sensação de liberdade propiciada pelo campo. Asseguro-lhe que sensação similar só pude encontrar nas viagens que fiz. Lá estávamos bem. Tia Rebeca era uma mulher das antigas, de uma certa soberba por sua prosápia, pretendia ter antecedentes nobres, mas eu nunca soube se isso era fato ou apenas o dizia para impressionar… Bem, mas a fazenda… era enorme, muita plantação, muito gado… Não posso negar que me agradasse e é como lhe disse, a sensação de liberdade… — encolheu os ombros com um suspiro. — Mas o tempo, o Sr. sabe, transfor-

ma tudo, e a mim me conduziu por outros caminhos… meus primos e primas por lá ficaram… se bem que nem todos, cada qual tem ou teve sua vida, busca ou buscou suas realizações… enfim, é assim com todos…

O homem de roupas desleixadas ouvia e assentia com movimentos pausados de cabeça.

— E a senhora decerto tem filhos, pois não? — quis saber o Dr. Sobreira.

— Não, Sr. Sobreira. Também nunca me casei, penso que não nasci talhada para o casamento…

E a velha Clara tomou uns ares pensativos, durante alguns momentos alheou-se, seus olhos já não se fixavam em ninguém, em nada, parecia olhar para trás no tempo…

— …se bem que seja verdade que não me faltou na vida um grande amor…

Disse-o sem pensar, todos voltaram suas atenções para ela e a mulherzinha magra comentou:

— Toda mulher tem um grande amor, ou pelo menos anseia por um.

Mas Clara dava-se conta de que corria o risco de ter de explicar-se, coisa aliás da qual não podia mais esquivar-se:

— Fale-nos desse amor, Clara — Paulo pediu mostrando intimidade, pedido que seria também o de todos. — Olha que isso é novidade para mim.

A velha senhora sorriu-se, mas não mostrou embaraço:

— Não há nada o que contar. Foi um grande amor, porém nunca realizado. É só o que pode ser dito.

— E era um homem bonito, tinha dinheiro? — perguntou cruamente a mulher de peruca.

Clara franziu ligeiramente o cenho com um sorriso esquivo, baixou a cabeça. Como poderia dizer diante de todos que não se tratava de um homem? Mas sentia-se à vontade em mentir, dizer que, sim, se tratava de um homem muito bonito e em muito boa situação?

Há coisas que em nenhuma hipótese podem ser ditas, por isso apenas respondeu:

— Deixemos isso de lado, eu lhes peço. — Fez uma pausa, e concluiu: — Ficou no passado, deixemo-lo sossegado por lá.

A mulher de peruca continuou olhando para Clara com uma expressão parva, os demais mantiveram-se calados, mas o Dr. Sobreira exclamou:

— Oh, minha senhora, é um tema muito pessoal, compreendemos que não queira tocar nesse assunto agora.

— Grata pela sua compreensão, Dr. Sobreira. Enfim, creio que todos compreendem…

— Mas é claro que compreendemos, Clara — e Sônia achou por bem referir-se à sobremesa, "que está uma delícia".

— Sabem — a mulher de peruca passeou os olhos pelos convivas —, eu… enfim… desculpe-me a curiosidade, senhora, mas como eu também tive um… grande amor…

Os presentes a encararam com surpresa, alguns, com um ar de mofa, outros, pois afinal como é que uma mulher daquelas pôde ter tido um grande amor? Cíntia, com sua peruca loura que lhe conferia uma aparência inteiramente falsa e até mesmo ridícula, com suas tiradas obtusas, com sua cara redonda, com sua obesidade incipiente mas em franco progresso, era uma mulher de quem não se podia dizer "amou alguém" ou "foi amada por alguém". No entanto ali estava ela, com toda sua vulgaridade, afirmando que tivera um grande amor.

Transcorrido o primeiro momento sobreveio como que um certo embaraço, um constrangimento como se a infeliz tivesse dito uma enormidade, porém foi Clara quem soube restabelecer a harmonia, vindo em socorro da outra com sua natural simpatia:

— Pois talvez seja uma boa história, minha amiga — e a tratava por amiga mesmo sendo aquela a primeira vez que via. — Por que não nos fala dela, se lhe dá contentamento?

— Oh, não… não sei — disse Cíntia olhando um por um rapidamente. — Talvez fosse enfadá-los…

Sônia, que a conhecera ainda em tempos de moça, reforçou:

— Ora, Cíntia, certamente não nos enfadaria. Além do mais, creio que acabamos por ficar curiosos. Ou não?

E um murmúrio percorreu a mesa, "sim" disseram se não todos, pelo menos alguns.

A mulher da peruca loura venceu o embaraço, sorriu um tanto sem graça mas, por fim, falou:

— Bem, eu… eu era muito nova… não completara ainda vinte anos… papai insistia para que eu me casasse com o filho de um conhecido seu pois se tratava de um rapaz de futuro promissor, além do fato de que a família dele tinha algum dinheiro… a questão econômica, vocês entendem… interesses… Quanto a mim… eu não ligava para essas coisas… tratava-se de um moço até bastante simpático, que se agradara de mim, mas…

— Mas a senhora decerto não se agradara dele — completou o Dr. Sobreira, adivinhando, pois afinal não era assim tão difícil adivinhar: aquela era uma história banal de amor, decerto um amor contrariado pelo interesse dos pais. Intimamente o Dr. Sobreira já adivinhara o resto: aquela mulher casara-se para atender a imposição paterna mas nunca conseguira esquecer daquele que de fato a havia agradado, e agora estava ali, perante os convivas naquele almoço, relatando seu caso trivialíssimo com se fosse uma verdadeira tragédia shakespeariana.

A mulher de rosto devastado desinteressara-se de tal banalidade e

não prestava atenção: voltara-se para o filho e dizia-lhe alguma coisa em voz baixa, enquanto o rapaz movia a cabeça.

— Sim — disse a mulher da peruca. — Eu não me agradara dele, mesmo porque fôramos amigos de infância e eu o via mais como um irmão do que como um pretendente.

— Entendemos — disse o Dr. Sobreira. — Mas isso é muito comum. Há os laços de velha amizade, as questões de interesse… e os filhos acabam sujeitando-se, não há como…

— Mas não — disse Cíntia —, eu não me sujeitei…

— Não?! — e o Dr. Sobreira alarmou-se.

— Não, jamais me sujeitaria. Recusei-me terminantemente… e diante da família do rapaz… meu pai quis espancar-me por isso… sentiu-se envergonhado, como se lhe retirassem sua autoridade, mas foi o próprio amigo quem o conteve… "Deixe disso, Joaquim" ele lhe disse enquanto os outros assistiam a cena com espanto… meu pai chamava-se Joaquim, creio que talvez não saibam…

— Então a senhora pôde realizar o seu amor — disse o homem vestido com desleixo. — Agora não havia mais impedimento…

— Íamos fugir — Cíntia lançou de repente, causando assombro aos presentes. "Fugir?", e a história que prometia ser tão banal quanto sua protagonista ganhava cores de folhetim!

— Fugir! — exclamou o Dr. Sobreira. — Mas a senhora era mesmo decidida, dona Cíntia!

— Oh, sim… eu… eu estava apaixonada… Íamos fugir, havíamos combinado tudo, pois de qualquer maneira papai não nos permitiria… o moço de quem eu gostava era um jovem de cor… não que fosse negro, não… era até bem claro, mas a família era de pessoas de cor…

— Um mulato — comentou o Juvenal recostando-se na cadeira. — Enfim, um mulato…

— Sim — confirmou a mulher de peruca —, mulato… mas bem claro… e bem apessoado também… mas mesmo assim papai não permitiria… essa coisa de raça, vocês entendem… há preconceitos, de qualquer forma, sempre há preconceitos…

— Oh, o preconceito! — disse Clara em voz baixa, e de certa forma com até alguma admiração por aquela mulher engraçada.

— Mas então? — quis saber o Dr. Sobreira. — O que foi que deu errado?

— Na última hora… ele desistiu…

— Desistiu?! — e o homem da calva manifestava-se pela primeira vez na história de Cíntia.

— Mas assim? — perguntou Dina. — Do nada?

— Sim… quase na véspera… na verdade três dias antes… mandou-

me um bilhete por um garoto… cancelava nossa fuga e dizia que… estava de viagem para o norte… Assim, sem mais nem menos…

E todos viam com surpresa uma lágrima nos olhos da mulher de peruca loira, como se aquela lembrança ainda lhe trouxesse um grande desgosto, mesmo já se tendo passado mais de vinte anos.

— E a senhora? — quis saber o homem vestido com desleixo, que se chamava Juvenal. — O que fez?

— Eu?… O que podia fazer?… Nada… Enquanto eu lia o bilhete o navio zarpava e ele ia nele… — Cíntia baixa os olhos por alguns momentos.

Um instante depois volta a levantar o rosto:

— No fim das contas acabei casando-me com meu amigo de infância e deixei toda a família satisfeita com minha decisão… o outro nunca mais eu vi… e… enfim, essa é a história…

Suspirou.

— De certa forma — concluiu —, é uma história…

Mas a mulher da peruca deixou a frase no ar, e agora mexia com o garfo no prato fazendo pequenos círculos. Sobre sua narrativa caíra um silêncio que durou alguns segundos, um breve momento que, contudo, pareceu prolongar-se… Sentiu-se um pouco embaraçada, mas logo todos começaram a falar entre si.

— A história que nos contou, senhora — disse o Dr. Sobreira elevando a voz sobre as demais —, tem seu encanto. Digamos que o final foi um tanto prosaico, eu esperava uma atitude mais… enfim, mais rebelde, especialmente porque a senhora já se mostrara rebelde… mas…

— Talvez Cíntia não se sentisse disposta a uma nova rebeldia — comentou Dina —, uma vez que agora não havia mais motivos…

— Oh — exclamou a mulher da peruca —, mas foi exatamente isso… minha decepção havia sido… grande demais… Acho que chorei quantas lágrimas tinha para chorar… e depois não vi mais uma boa razão para opor objeções ao gosto da família… se bem que meu casamento não estivesse fadado a durar… separamo-nos antes de completarmos dez anos de casados, e desde então…

O homem da calva, com seus óculos pequenos e redondos, olhava aquela mulher volumosa e artificial, com uma peruca loura que não lhe caía nada bem, e punha-se a imaginar como uma personagem assim pudera viver um pequeno drama de amor que combinava com sua figura tanto quanto a peruca que usava.

A velha Clara, no entanto, comovera-se um pouco, pois afinal, por mais extravagante que fosse aquela criatura, era capaz de um sentimento tão forte que a fizera rebelar-se… e na juventude sua figura teria sido outra, talvez tivesse alguma delicadeza de traços, e não fosse tão gorda…

O almoço chegava ao fim e a criada entrou com a compota, os biscoitinhos amanteigados, o pavê…

A sobremesa foi recebida com aplauso por alguns, mas a mulher de peruca, ainda um pouco sem graça, murmurou:

— Não posso comer doces… Talvez apenas provar… engordo com muita facilidade…

A mulher de rosto devastado sorriu com desprezo enquanto a mulherzinha magra alegava não ter problemas de peso (e enviesou o olho para o homem da calva, que se preparava para servir-se do pavê e da compota). O jovem de vinte e dois anos levantou-se alegando estar cansado e se retirou para a varanda com uma taça de sorvete. Outros também deixavam a mesa com suas taças, mas nesse momento deu entrada na sala um sujeito que vestia um terno, roupa nada adequada à situação, mas com gestos muito largos foi logo desculpando-se:

— Não pude chegar em tempo para o almoço, venho de uma audiência com um cliente. Não queiram saber, um advogado não tem sossego…

Acompanhava-o uma moçoila miudinha, de rosto agradável e cabelos claros, um tanto tímida — em franco contraste com os modos desembaraçados e mesmo um tanto rudes do homem.

Paulo adiantou-se para recebê-los:

— Bem o sabemos, Leopoldo, não se aflija. Olá, Clarice — e sorriu para a moçoila, que pareceu encolher-se com um sorriso assustado. — Bem — e Paulo juntou as mãos —, ainda está em tempo de provar da sobremesa.

— Sem dúvida — e o outro bracejou, que a sobremesa não deixaria escapar, pelava-se por doces e sabia como se comia bem em casa de Paulo. — Lembro-me sempre de outros tempos — disse para todos —, nos áureos tempos…

Paulo sorria dos modos do recém-chegado, e alguns dentre os outros convidados ficaram aguardando o que teria ele a dizer sobre os "áureos tempos" e o que, para ser preciso, quereria dizer com tal expressão, porém decerto não lhe pareceu necessário fornecer explicações e de imediato avançou sobre os doces.

— Fique à vontade também, Clarice, a sobremesa está com uma ótima cara…

A mocinha encolheu-se mais, ruborizada com a expressão pouco delicada do pai — pois que a menina tímida era filha daquele homem de maneiras desenvoltas e quase rudes —, esperou-o servir-se fartamente e depois, como um passarinho, pôs num pires um pouquinho da compota, uma colherinha do doce de coco e uma minúscula fatia de queijo.

— Sua filha continua encantadora, Leopoldo — Paulo fez questão de dizer —, mas é sempre tão tímida…

— Saiu à mãe, Paulo, saiu à mãe, que é outra pascácia. Mas, pau que nasce torto…

— Ora, ora! — interveio Sônia. — Não diga uma coisa dessas, Clarice é um encanto.

Mas nesse momento o advogado pôs-se um tanto pálido, chegou a interromper o gesto de levar à boca uma colherada do doce de leite: acabara de entrar na sala — vindo do toalete — a mulher de rosto devastado. Viram-se, empalideceram, desviaram imediatamente o olhar um do outro.

A Paulo não passou despercebido esse momento de embaraço para ambos. Clarice diminuiu de tamanho — sabia do envolvimento do pai com a mulher do rosto devastado, sabia das conseqüências, nada lhe fora ocultado à época pela mãe, embora não passasse de uma garota de catorze anos — e se retirou para a varanda com seu pires. Ali estacou, indecisa: acabava de avistar Lucas, o filho da mulher de rosto devastado, três anos mais velho que ela e a quem conhecera em circunstâncias tão embaraçosas. Verdade é que depois disso haviam-se visto algumas vezes, mas sempre de longe e casualmente, ora numa loja, ora num restaurante; olhavam-se sempre, ou com curiosidade ou quem sabe com algum interesse, mas não se aproximavam. Agora estavam um diante do outro, e Lucas, da mesma forma desconcertado, levantou-se da cadeira onde fora recostar-se para apreciar o jardim, e assim estiveram por alguns momentos, encarando-se sem palavras, sem saber o que fazer das mãos…

Outros convidados foram aparecendo no transcurso da tarde, amigos e parentes que não puderam ou não quiseram participar do almoço mas não poderiam deixar de cumprimentar o aniversariante e tampouco se esquivavam a uma boa conversa. A última pessoa a chegar, já perto das três da tarde, foi Helenice, uma prima de Paulo que estava de férias e deixara Belo Horizonte na véspera com a intenção de visitar o primo, com quem na adolescência tivera um *affaire*, pois havia poucos dias lembrara-se de seu aniversário conquanto não pudesse imaginar que fosse encontrar tanta gente em sua casa — e agora os presentes espalharam-se pela casa: alguns proseavam na sala de estar, outros se encaminhavam para o salão, onde podiam descansar em confortáveis poltronas com revestimento de couro; estes entretinham-se na varandinha dos fundos, de onde se descortinavam os campos do clube de golfe ao longe, aqueles desciam até o jardim, indo sentar-se em banquinhos sob as árvores, à sombra agradável e à brisa refrescante que corria entre as sebes…

Debruçado em uma das janelas o homem da calva filosofava consigo mesmo, pois destacara-se dos demais por alguns momentos para estar só, mas a mulherzinha magra de quarenta anos aproveitou para aproximar-se e puxar conversa. Debruçou-se também e fez um comentário qualquer sobre o tempo, tema sempre presente quando não há o que se dizer, pois aproxi-

mava-se das duas horas e o calor que fizera mais cedo arrefecera, o céu cobrira-se de nuvens, conquanto não parecesse que fosse chover logo.

O homem da calva chamava-se Arthur, e não parecia incomodar-se com a presença da mulherzinha magra que, no entanto, e ele o percebia, buscava sua companhia com uma insistência suspeita.

Não que fossem estranhos, já se conheciam mas apenas superficialmente: haviam-se visto pela primeira vez alguns meses antes numa festa do clube de oficiais aonde um amigo o levara. Ali foram apresentados e Arthur ficou sabendo que a mulherzinha magra era viúva de um major do exército, já idoso, com quem se casara (pensou ele) por interesse. Já naquela ocasião ela tentou aproximar-se, sorrira-lhe algumas vezes mas se mantivera discreta. De resto ele pouco se havia demorado pois tinha outros compromissos, e ao sair não chegaram a despedir-se. O encontro hoje no almoço de Paulo fora apenas uma coincidência, já que a mulherzinha magra, ele ficou sabendo então, era uma antiga amiga de Sônia.

— Sim, talvez o tempo refresque para a tarde — ele disse, respondendo ao comentário da mulherzinha. — Mas, a propósito, já não me recordo a sua graça…

— Cecília. Fomos apresentados naquela festa no clube de oficiais…

— Mas muito rapidamente, minha senhora. Eu tive de sair logo…

— Sim, estou lembrada. Foi uma pena. Aquelas festas são tão maçantes!

— Mas a senhora as freqüenta, pelo que presumo…

— Na verdade não freqüento… Meu falecido marido era major do exército e deixou-me um título… tenho uma participação, enfim sou sócia… às vezes apareço, mas não vejo em que isso…

Calou-se embaraçada, dando de ombros. Por um momento pensou que aquela conversa com o homem da calva — que se chamava Arthur — não levaria a lugar algum. Durante essa pausa considerou-o de esguelha, sim, tinha seu encanto mas parecia tão inacessível…

E quando atravessava um corredor o advogado cruzou com a mulher do rosto devastado e ambos se detiveram constrangidos, olharam-se de relance, seguiram em frente mas se detiveram outra vez, voltando-se um para o outro.

— Espero — disse o advogado Leopoldo em tom inseguro e fazendo uma breve interrupção, mas animando-se e continuando apesar de seu embaraço: — …que não tenha restado qualquer mágoa…

— Mágoa? E para que falar disso agora?

— Marta, compreenda… àquela época…

— Eu sei o que você vai dizer, Leopoldo, não se repita: é o mesmo que você disse àquela época, portanto…

— Sim, você tem razão… mas eu queria que soubesse…

— Se é que há algo para saber…

O homem de movimentos desenvoltos parecia agora tolhido, inábil, quase sem palavras. Calou-se, baixando a cabeça e mordendo ligeiramente os lábios.

— Vi nossos filhos há pouco na varanda — disse por fim —, conversavam.

— Também os vi.

— Se eles podem ser amigos…

— Amigos… e que mais?

— Ora essa, Marta…

A mulher fez menção de afastar-se. Julgou que não ficaria bem estarem os dois ali sozinhos, no corredor, principalmente com o que acontecera anos atrás (ainda que bem pouca gente soubesse do acontecido, e dos presentes talvez somente os donos da casa).

— Saiba que eu… — Leopoldo começou, mas sem saber ao certo o que dizer. Disse isso apenas para evitar que Marta se afastasse, notara-lhe o gesto, era necessário contê-la, evitar que se fosse.

Marta com efeito parecia esperar algo assim: algo que justificasse sua permanência.

— Talvez as coisas tenham mudado — Leopoldo falou, sem contudo saber o que pretendia dizer com essa frase.

— Se é que alguma coisa pode ter mudado…

Mas nesse momento a mulher da peruca loira também entrou no corredor, e com sua falta de jeito dirigiu-se a ambos:

— Ah, estão aqui! — e tentou fazer um gracejo: — Conspirando, não?, os dois! E sobre o que conversavam? — deteve-se diante de Marta e Leopoldo que ficaram olhando-a um tanto consternados. Não havia intimidade entre eles, mal se conheciam ela e Marta, e quanto ao advogado jamais o havia visto na vida, no entanto atrevia-se a uma liberdade que estava longe de representar pois não era uma pessoa comunicativa e tal atitude lhe caía falsamente.

A mulher da peruca loira deu-se conta de sua desfaçatez involuntária e procurou "consertar" a situação:

— Os outros estão no salão tomando café. Eu vou ao toalete… sabem, estou um tanto apertada…

E passou por ambos sumindo no fim do corredor.

Marta cobriu o rosto com uma das mãos contendo o riso e olhou o outro, que parecia abobalhado diante do que acabara de se passar. Mas o episódio teve o dom de amenizar a atrapalhação de ambos:

— Vamos, Leopoldo, vamos tomar um café também.

— Bem, enfim… talvez possamos um dia desses…

— Você continua casado, Leopoldo, lembre-se disso.

— Sim, mas… enfim, passou o tempo, Marta… não há razão para…

— Amigos, Leopoldo, amigos — enfatizou Marta voltando-lhe o rosto que lhe pareceu agora menos destruído. Ela já avançava pelo corredor e ele percebeu que não tinha jeito: era segui-la ao salão, onde os demais tomavam café.

Contudo o velho Herculano, que não perderia uma oportunidade como aquela de estar com amigos e antigos conhecidos e apenas decidira chegar um pouco mais tarde pois (conforme desculpara-se com Paulo) "minha senhora tem o estômago muito sensível, como você sabe, e suas refeições são feitas com muito cuidado, nada de gorduras, nada de temperos fortes"; o velho Herculano, portanto, não se agradara nem um pouco quando o *bon-vivant* do filho resolvera acompanhá-los. Ainda tentou evitar, dizendo que por certo lá não seria ambiente para "você, afinal o que lhe agrada é a esbórnia" havia dito em tom de censura e com a esperança de que Jonas desistisse, porém sem sucesso.

Jonas tinha quarenta e cinco anos e outra coisa não fazia a não ser gastar o dinheiro do pai — que, diga-se de passagem, não era pouco — com carros e viagens, além de colecionar mulheres. Pois casara-se três vezes e desquitara-se outras tantas, decidindo-se por fim a permanecer sozinho, já que após essas experiências matrimoniais reconhecera que ser homem de uma só mulher seria para ele algo impossível, e mulher alguma seria capaz de aturar-lhe passivamente as infidelidades.

O velho Herculano há muito desistira de pôr o filho nos eixos, e por fim dizia apenas "só quero ver quando eu me for, seu perdulário, só quero ver como é que vai ser, se você vai esbanjar e botar a perder tudo que eu conquistei com tanto trabalho". Mas Jonas não fazia caso, pois, fosse embora mulherengo e perdulário, também não era tolo e conhecia bem os negócios do pai. Costumava responder em tom de galhofa:

— Se o senhor estivesse aqui para ver, velhote, ficaria de olhos esbugalhados quando se desse conta de que eu em pouco tempo dobrei seu patrimônio… ou melhor, o *meu* patrimônio, pois agora ele já seria meu…

Essas rusgas entre pai e filho, contudo, não terminavam com cara feia nem rancores, afinal de contas pai e filho davam-se bem, e o velho Herculano não podia deixar de admirar como aquele "moleque foi me sair assim, tão chegado às garotas", pois mesmo sendo já um homem maduro sabia escolher suas aventuras.

Mas Sônia havia procurado o recesso de um quarto no segundo andar, para onde convidara Dina, sua amiga de tantos anos e, de portas trancadas, pôde enfim dar vazão à sua angústia. Até aquele momento representara, era a anfitriã e tinha um papel a cumprir, principalmente por ter sido ela a insistir naquela idéia do almoço, mas agora a sós com a amiga não havia mais razão para conter-se: sentada na cama cobriu o rosto com as

mãos e deixou as lágrimas fluírem, não muitas, um choro breve e contido como era de seu temperamento, e por fim secou os olhos com um lenço.

— Então você crê que…

Sônia fez que sim com a cabeça.

— E o Paulo?

— Não lhe falei nada, não quero preocupá-lo.

— Mas Sônia, nessas horas… ele é seu marido…

— Tenho tanto medo, Dina, tanto medo… — e de novo seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Mas é certo, Sônia? Você está certa ou é só uma suspeita? Afinal erros médicos são comuns…

— Não, não desta vez… foi o terceiro exame… a terceira confirmação…

Dina sentou-se ao seu lado e manteve-se em um silêncio respeitoso, aguardando que fosse ela a falar, e que o fizesse apenas no momento conveniente.

— Às vezes, sabe?, a gente está na rua… Sei lá, indo a algum lugar, e vamos encontrando as pessoas, e não pensamos que… nem sequer imaginamos que isso possa estar acontecendo com qualquer uma delas, embora saibamos que o mal existe… e no entanto…

Dina concorda com um movimento de cabeça.

— Tampouco pensamos que pode acontecer conosco, simplesmente não pensamos nisso…

— É natural, amiga, é claro que não pensamos… como viveríamos se fôssemos a toda hora pensar que…

— Creio que ninguém pensa.

Dina tomou-lhe uma das mãos entre as suas e as apertou carinhosamente. Depois levantou-se, aproximou-se da janela e olhou o jardim. Aquela senhora distinta, Clara, conversava com o homem que se vestia com desleixo, ambos sentados em banquinhos sob as árvores e ao longe o Dr. Sobreira conversava com o Carlos de Souza e Paulo.

Pois o desleixado falava a Clara sobre o sítio de sua família — uma família pequena, a bem da verdade, dizia ele, apenas os pais e uma irmã seis anos mais velha, casada e com dois filhos já adolescentes que viviam naquela cidadezinha interiorana onde à noite o céu se mostrava tão cheio de estrelas…

— Mas Sr. Juvenal — dizia Clara —, o seu tio não me parece afeito às coisas da roça como o senhor.

— O tio Otávio é um homem da cidade, além do mais nossa propriedade não é vasta, são poucos alqueires, na verdade pouco mais de vinte… mas é uma linda propriedade, ah, como a senhora gostaria, se nos concedesse a honra…

— Mas será um prazer, Sr. Juvenal. Saiba que eu viajei todo o mundo, aprendi a gostar de viajar com minha mãe de criação, como disse à mesa… agora estou aqui, e trabalho para ocupar o tempo… Não, não me oporia a um passeio ao campo… meu tempo é flexível, de forma que não é difícil tirar uma semana de folga…

— Meus pais apreciariam muito… lá vivem recolhidos… Já são um tanto idosos e levam uma vida regrada… enfim, é típico do interior…

— E o senhor sempre pretende instalar-se no campo?

— Oh, tão logo possa… minhas férias eu sempre passo lá, às vezes também os finais de semana, e tão logo possa… Mas enfim há alguns senões…

— Senões? — Clara diz, e interessada: — E quais seriam?

— O homem com quem minha irmã se casou… enfim, julga-se dono… este é o problema… vê-me como um intruso, e eu vou para lá mostrar-lhe que não sou intruso… temo que haja problemas futuros…

— Bem, isso significa que vocês não se dão bem — ela observou.

— É verdade, há uma forte antipatia de ambas as partes… mas eu sou tolerante, compreende?, eu não sou de fazer questão… claro que ele está há mais tempo lá, ou seja, passa a vida lá, tira da terra seu sustento… por isso talvez…

— Mas vocês deveriam conversar — ela sugere —, pôr as coisas em pratos limpos…

— Eu de minha parte já tentei, mas o sujeito é intransigente. Estou disposto a ceder em algumas questões, mas ele tem de ceder em outras… no entanto…

— Bem, Sr. Juvenal, o que o senhor aduz é uma questão delicada, de família, eu nada posso dizer-lhe que lhe sirva de alguma coisa…

— Oh, bem sei que não, senhora… comentei por comentar… enfim, porque a senhora me inspira confiança… — e sorri para a velha Clara, que lhe devolve o sorriso com um arzinho cúmplice. — No entanto estou disposto a ser um pouco mais duro agora… no próximo final de semana irei até lá e colocarei as cartas na mesa… falarei com papai, ele terá de tomar uma decisão…

— Faça isso, Sr. Juvenal, creio que é o melhor: um pouco de conversa, um tanto de atitude, e sempre chegamos aonde queremos.

— Sim, sem dúvida… há ainda uma outra coisa… se é que não lhe causo incômodo falando de meus particulares…

— Oh, esteja à vontade, Sr. Juvenal, alguém na minha idade que não aprendeu a ouvir seu semelhante não aprenderá mais nada na vida.

— É que eu estou noivo…

— Oh, mas que excelente notícia!

— …sim, claro… trata-se de uma moça muito educada, de excelente

família… aliás, família tradicional e abastada, mas de costumes um tanto rígidos…

— Compreendo. Mas por que ela não está conosco hoje?

— Ela reside lá… isto é, numa cidade próxima de lá… é uma pequena cidade interiorana, e nós nos conhecemos no *réveillon* do ano passado… estamos noivos e nos vemos apenas nos finais de semana… enfim, eu estaria lá agora se ela não tivesse viajado com os pais, com previsão de retornar somente daqui a quinze dias…

— E eu posso dizer até que já entendi tudo — disse Clara com um sorriso —, pois o senhor deseja casar-se com uma moça do interior, seja de uma cidade de interior, mas ainda assim… e por isso lhe é conveniente ir viver no campo…

— Sem dúvida, este é um projeto que fizemos juntos. A ela também agradaria continuar residindo por lá… disse-me que não se acostumaria à cidade grande… Como vê, eu necessito resolver essa questão com meu cunhado, já que o casamento é para breve…

Clara considerou por um momento a situação que o homem desleixado lhe apresentava. Não era uma pessoa desagradável, tinha modos até simpáticos e somente suas roupas tinham esse ar de descuido. Bem, Clara pensou, cada um a seu jeito, e procurou imaginar como seria essa moça que resolvera aceitar aquele excêntrico — pois Juvenal seria bem um excêntrico — como marido. Será uma dessas moças já um tanto passadas da idade — ela continuou consigo mesma —, digamos, com seus trinta e cinco anos, que não chegaram a casar-se na juventude e se agarravam a um partido qualquer, mesmo que "esquisitão" como o Sr. Juvenal, para não restarem solteironas… Ela decerto não será feia, pensou, mas tampouco bonita, talvez seja um tanto roliça e pesadona, de rosto cheio e cabelos repuxados que por certo mantém amarrados à nuca, e deverá vestir-se com rigor… será simpática, e culta o tanto quanto pode ser uma moça madurona de boa e abastada família da roça (não propriamente da roça, reiterava consigo mesma Clara, mas duma pequena cidade do interior, o que não deixa de ser uma roça…), que decerto em outros tempos empenhara-se para que a filha se instruísse, aprendesse piano, lesse livros… E Clara voltava a si desse breve momento de introspecção percebendo que o homem desleixado lhe estendia uma fotografia tipo postal que acabara de tirar da carteira:

— É ela… minha noiva… a foto é bem recente…

E foi com inevitável ar de espanto que Clara examinou o rosto que lhe sorria do papel: ali estava uma encantadora jovem de no máximo vinte e quatro anos, loirinha e de olhos claros, cabelos encaracolados que se despenhavam numa cascata dourada dos lados do rosto sobre os ombros e descendo até a altura dos seios, dona de um sorriso sedutor, cheio de simplicidade, e possuidora de uma beleza autêntica, despojada de atavios…

E aquele que vinha entrando era o Arnaldo, um antigo colega de repartição de Paulo, quando este trabalhava nos "negócios estrangeiros", e com ele a filha solteirona e sobre quem corriam certos boatos que eram do conhecimento de alguns dos presentes.

Aquela mulher de trinta e oito anos, de aspecto comum, com olheiras e uma beleza fanada, é certo, porém que ainda permitia vislumbrar uns traços encantadores não se casara por gostar de mulheres — pelo menos era o que diziam, embora tudo não passasse de disse-me-disse, pois se era verdade Heloísa sabia esconder muito bem.

Dina, por exemplo, de início não acreditara muito na história, interpondo um "será?" duvidoso aos comentários maliciosos, e acabara por simpatizar com ela. Quando calhavam encontrar-se conversavam francamente e nunca notara qualquer atitude por parte de Heloísa que denunciasse sua verdadeira natureza.

Além do mais Heloísa, pelo que sabia, estava sempre em casa e cuidava dos assuntos do pai como uma boa secretária, mantendo seus negócios em perfeita ordem. Uma vez por ano viajava para a Europa, pois tinha amigos lá e apreciava fazer compras em Londres e Paris, vaidade simples de uma mulher socialmente apagada. Por que as más línguas não lhe davam uma chance e não se aquietavam?

Paulo agora cumprimentava o Arnaldo e a filha com bastante calor, demonstrando claramente a satisfação de recebê-los, e Sônia — apesar de ter chorado há pouco — também se aproximara com um amplo sorriso.

— Enfim, depois de tudo — dizia Lucas à mocinha tímida na varanda — não houve nenhuma aproximação entre nós…

Clarice baixou a cabeça e disse com voz sumida:

— Nem poderia, Lucas.

— Sim, é certo que… Sua mãe tinha toda razão em agir como agiu… ainda que tenha sido um tanto impulsiva…

— Minha mãe não é sempre assim — ela disse ainda sem encarar o rapaz —, é calma até demais, mas diante dos acontecimentos…

— Eu tinha muita curiosidade a seu respeito, e quando calhava avistá-la sentia vontade de aproximar-me…

— Bem…

— Por que, afinal, não podíamos ser amigos? Por que deixar que as desavenças de nossos pais…?

— Mas você sempre se manteve distante.

— Tinha medo de que você me evitasse…

Clarice deu de ombros, "eu não o evitei agora" pensou.

— E hoje — Lucas continuou — foi por puro acaso que nos encontramos aqui… e por um momento…

Ela olhou-o de relance.

— …pareceu-me que você fosse sair correndo.

"Bem que tive vontade" pensou a garota.

— Faz tanto tempo — disse Lucas —, quantos anos mesmo?

— Não sei… nem lembro direito…

— Creio que cinco — ele diz, puxando pela memória —, eu tinha dezessete então…

— Ah…

E então ele se decidiu: pois se não tomasse uma decisão certamente não passariam daquilo, daquele quase monólogo, daquelas reticências acanhadas, e assim pensando aproximou-se de Clarice e lhe tomou as mãos entre as suas. Clarice não se retraiu, não tentou desprender as mãos, sentiu um choque percorrer-lhe todo o corpo e as faces pareciam estar subitamente em chamas.

— Eu agora quero estar mais vezes com você — ele diz —, se for do seu agrado… Poderemos sair juntos, conversar, ir ao cinema, que tal?

Ela levantou as faces ruborizadas, encarando-o por um instante para, em seguida, desviar os olhos tomada de súbita tontura, como se a qualquer momento fosse despencar.

— Sim — murmurou quase sem voz —, parece-me bem…

Foi nesse momento que Lucas avançou o rosto e beijou-a delicadamente nas faces.

— E eu pensei que fosse encontrar os tios aqui — dizia Helenice ao primo quando Sônia se aproximou, "não esperávamos por você, minha querida, por que não veio para o almoço?". Já não havia em suas feições vestígios de ter chorado mais cedo, e embora soubesse do *affaire* entre o marido e a prima na juventude não se importava com a aproximação dos dois, pois decerto aquilo fora uma coisa passageira da qual restara apenas uma amizade sem possibilidade de um "recomeço".

Paulo, é certo, preservara uma lembrança preciosa daquela época, quando não passavam de dois adolescentes e os costumes eram tão rígidos que sempre havia alguém por perto, de sentinela, numa vigilância disfarçada mas não de todo oculta. Não obstante haviam conseguido em algumas ocasiões burlar essa vigilância e beijar-se apaixonadamente, e repetir aquelas velhas frases de amor e de promessa que em suas bocas eram novas, pois tudo era novidade então…

Mas depois veio a separação, Helenice era uma menina e tinha de acompanhar a família que se mudava para longe e então não se viram mais por muito tempo. Quando se reencontraram ele estava casado com Sônia havia dez anos e ela já se casara pela segunda vez…

— Não puderam vir — disse Paulo —, papai anda um pouco achacado… surgiu-lhe uma dor… além do mais, estive com eles há quinze dias, quando viajei para o Rio.

O reencontro fora bastante formal, o que de certa forma deixara Helenice desapontada: talvez esperasse mais calor da parte de Paulo, pois ainda tinha na memória a intensidade daquele amor de adolescência e do quanto havia chorado com a separação. "Mas enfim" ponderou a mulher madura que havia se tornado, "tanto tempo depois…" E nunca tocaram no assunto.

Hoje Paulo era um homem casado e feliz que acabava de completar cinqüenta e cinco anos e Helenice, sua prima, uma mulher de cinqüenta e dois ainda um tanto conservada que, após a segunda viuvez, resolvera não casar-se novamente por descobrir que não era talhada para a vida conjugal. Vivia só, administrava uma empresa de moda feminina na qual também era sócia e por último resolvera publicar um livro de versos, com muito acanhamento porque "afinal são coisas que eu fui escrevendo sem qualquer pretensão ao longo da vida", mas o pequeno volume — Paulo tinha um exemplar, que lera juntamente com Sônia — vinha fazendo sucesso, inclusive de crítica…

Então o sujeito afeminado, que circulara por toda a casa e falara aqui e ali com os presentes, aproximou-se demonstrando uma intimidade inconveniente, conquanto fosse convidado de Sônia:

— Meus queridos, vocês vivem otimamente — disse tomando-a pelas mãos e em seguida passando um braço pelo ombro de Paulo num gesto lânguido —, longe do centro, distante do tumulto… E há um campo de golfe bem ali…

E prosseguiu com desenvoltura, recuando um passo e dizendo — sem que lhe perguntassem — que ainda não conhecia São Paulo, pois chegara há menos de um mês para uma temporada com sua *troupe*. Oh, sim, conhecera Sônia "numa situação engraçadíssima" declarou, conquanto não fosse possível perceber o que haveria de tão engraçado num encontrão em que um quase derrama bebida sobre o outro, fato que não passava de um incidente banal e até mesmo desagradável. Sônia, porém, com suas maneiras finas não demonstrara qualquer aborrecimento e ambos começaram a conversar enquanto dava a hora do espetáculo. E então coube a Sônia explicar que fora "no dia, querido, em que você teve aquele compromisso na embaixada e não pôde ir encontrar-se comigo no teatro". Mas afinal, pensava Paulo, o que um sujeito que mal conheciam estava fazendo em sua casa? E não pôde evitar uma reprovação íntima à atitude de sua mulher, que mal travara conhecimento com um tipo daqueles e logo o convidava. Sônia perguntou-se o que estaria o marido pensando naquela hora, pois a verdade é que o ator afeminado parecia fútil e tolo com seus trejeitos, embora no palco se transformasse; além do mais não sabia explicar por que sentira pena do coitado e na véspera, sem nada dizer ao marido, ligara para o hotel onde a equipe se hospedava e o convidara, "mas venha só, não podemos receber a todos" disse, e ele ali estava.

Mas o afeminado, pessoa bastante conhecida no meio artístico e cujo nome aparecia vez por outra nas revistas envolvido em algum pequeno escândalo — fato que, aliás, ao invés de incomodá-lo parecia ser para ele motivo de orgulho — continuava falando como se o cotidiano de uma equipe de atores que viajava pelo país com seu espetáculo pudesse ser de interesse, pois que importância — além da mera maledicência descomprometida e irresponsável que parecia prevalecer "naquele meio promíscuo" conforme a opinião de Paulo — haveria no fato de o diretor ser um sujeito de maus bofes que berrava feito um louco se o ensaio não saía a contento, impondo a todos uma disciplina de ferro, mas que não deixava de bolinar as atrizes no camarim antes da apresentação "para estimulá-las, sabe, deixá-las mais eletrizadas"; ou se a atriz principal era um tanto leviana e, mesmo dizendo-se noiva e prestes a casar-se, cada noite dormia com um dos atores; ou se a atriz que fazia o papel da criada detestava a mãe e vivia falando mal da coitada como se tudo que ela diz pudesse ser verdade, "pois fato é que ela não passa de uma atrizinha de segunda categoria, até mesmo canastrona e que só se sai bem em papéis pequenos, que não exigem muito de sua pouca capacidade"…

Porém Helenice resolve pôr um fim na conversa e tomando Sônia pela mão pede-lhe que a acompanhe "se me dão licença" diz, "lembrei-me de algo, querida, venha", enquanto Paulo aproveitou para esquivar-se pois acabava de chegar o excêntrico Epaminondas, um tipo de idade indefinida entre os cinqüenta e os setenta, de cabelos mal tingidos e ares de tuberculoso devido à palidez e à extrema magreza, que protegia o pescoço com um cachecol embora não fizesse frio e a quem conhecia desde os tempos de faculdade. O Epaminondas era de poucas palavras, não sorria em sua austeridade perpétua, não se entrosava, respondia brevemente quando se dirigiam a ele e no mais costumava chegar, falar aos donos da casa, cumprimentar um e outro e, por fim, retirar-se para algum canto, aboletar-se numa poltrona escondida e pôr-se a folhear um livro ou uma revista.

— Epaminondas — Paulo exclamou aproximando-se do excêntrico e estendendo-lhe a mão.

O outro apertou-a sem excessos e, preservando seu ar grave, parabenizou com palavras comedidas "o amigo por seu natalício, espero que tudo esteja bem em família, pois não?".

— Sem dúvida — respondeu Paulo —, mas, por que não veio para o almoço. Tínhamos um peixe, ó… — e Paulo fez um gesto significativo.

— É bem verdade que o peixe agrada-me, porém, o amigo releve, eu não tenho muita disposição para reuniões muito movimentadas.

— Ah, sim, compreendo, claro.

— E a senhora, como está?

— A Sônia, muito bem, com certeza. Anda por aí, falando a um e a outro.

— Deixe-a, deixe-a — disse o Epaminondas circunvagando as vistas —, e o amigo também pode estar à vontade, não se prenda por minha causa.

— Deseja comer ou beber algo? Não vá me fazer essa desfeita…!

— Oh, sim, se não for incômodo… um refresco de laranja… ou algo assim.

— Sem dúvida, mandarei servir na biblioteca — pois Paulo sabia que era para lá que o casmurro Epaminondas se recolheria.

— Agradecido, meu caro, agradecido — e o Epaminondas, após esse breve diálogo com o anfitrião, teria já esgotado seu estoque de palavras para aquele dia e, no caso de alguém desentocá-lo em seu esconderijo e puxar alguma conversa ouviria apenas umas respostas vagas, raro ou nenhum comentário enquanto mal levantaria os olhos da leitura, e no mais predominaria o silêncio, cortado vez em quando pelo crepitar de uma folha sendo virada.

— Essa, contudo, é a verdade — comentou a mulher gorda de peruca loira em voz baixa a Dina, que a ouviu quase sem acreditar. — Nós soubemos do caso à época… residíamos então no mesmo bairro…

— Você tem certeza? — e Dina então já não interpôs sua expressão favorita, "será?", pois quando falava assim o fazia com um certo ar de dúvida divertida, embora não fosse propriamente divertido saber que uma mulher gostava de mulheres, e não só pela própria natureza de tal preferência como pelos comentários desagradáveis que suscitava. Agora, porém, a revelação que ouvia era algo muito mais grave e por isso encarou a mulher loura diretamente não fazendo questão de disfarçar o olhar severo com o qual deixava entrever que uma história assim, se fosse apenas invencionice, seria mais que simples irresponsabilidade, mas uma verdadeira maldade, "até mesmo um crime" disse de si para si mesma.

Porém a mulher de peruca loura não demonstrou qualquer constrangimento, falou com segurança, em voz baixa para não ser indiscreta, e não parecia estar sendo maldosa.

— Muito poucas pessoas sabem disso — ela prosseguiu. — O escândalo foi abafado pela família, mas a esposa do Arnaldo, uma pessoa de saúde muito frágil, acabou por não resistir…

— Então não é o que dizem — murmurou Dina com voz quase inaudível—, que ela prefira… mulheres… — e a mulher da peruca loira fez que não.

Pois a Dina parecia não só absurdo mas um verdadeiro horror que aquele homem — Arnaldo — se deitasse com a própria filha desde que esta entrara na puberdade, e quando o caso veio à tona e a família se viu ante a necessidade de conter o falatório que decerto desataria, a mãe, que sofria de problemas cardíacos, não resistira. Dina horrorizava-se ainda mais ao saber

que Heloísa nunca opusera qualquer resistência às investidas do pai, "ouvi meus pais certa vez comentando" acrescentou a mulher de peruca loura, "muito reservadamente, está visto, eles não suspeitavam que eu estivesse acordada àquela hora da noite e que por casualidade passasse sem fazer ruídos defronte à porta do quarto deles, que se encontrava entreaberta…" e fez uma pausa olhando para os lados, aproximando-se um pouco mais de Dina e baixando ainda mais a voz, "bem, eu os ouvi comentando que fora ela, a menina, quem começara a coisa toda".

— E continuam — sussurrou a mulher da peruca loira curvando-se para Dina, cada vez mais horrorizada. — Vivem juntos, afinal de contas…

— Afinal, o que está acontecendo? — quis saber a mulherzinha magra de quarenta anos quando escutou o alarido no cômodo ao lado. — Que gritos são esses? — O homem da calva, ainda em sua companhia, voltou-se também, e como a mulher magra se dispusesse a apurar que discussão seria aquela — pois era certo que o que se passava no cômodo ao lado era uma discussão na qual pelo menos um dos envolvidos, e era uma mulher, parecia bastante alterado —, ele decidiu-se a acompanhá-la.

Elza altercava com o marido. Falava em voz elevada, e embora não chegasse a gritar, parecia não se importar com o fato de que os demais convidados pudessem ouvi-la.

— Uma lambisgóia — ela dizia —, uma desavergonhada…

— Acalme-se, Elza — Marcos, embaraçado, tentava conter a exaltação da mulher e baixava sua voz até quase o inaudível. Era um homem de temperamento calmo, reservado e que não suportava expor-se.

Pois era certo que estivera conversando com "aquela lambisgóia" (Elza referia-se à mulher do juiz federal), porém que mal havia naquilo? Não era uma conversa informal, à vista de todos?

— Ah, à vista de todos — Elza exclamou em tom irônico —, mas é assim mesmo, à vista de todos, que pessoas de mau caráter e pouca vergonha combinam seus programinhas sórdidos!

— Mas que programinhas, Elza? De onde você tirou essa idéia?

À porta, a mulherzinha magra e o homem da calva espiavam com curiosidade a altercação do casal, e atrás deles apareceram mais alguns rostos — o Arnaldo passava por ali naquele momento, o Dr. Sobreira vinha do toalete, e Sônia, que quase podia adivinhar o que de fato acontecera, apareceu para acalmar a prima.

— Elza, querida, não se exalte, por favor…

Oh, sim, deveria ser muito fácil dizer "não se exalte", sim, muito fácil, pois afinal não era o Paulo quem fora surpreendido de namoricos com uma "mariposa" qualquer — e ia apoiar-se, bufando, quase sem ar, a uma cômoda.

Mas a "mariposa" já se esquivara há muito, sabe-se lá onde se metera

— e com quem —, e Sônia precisou de todo seu tato para fazer com que Elza voltasse à razão.

A mulher da peruca loura aparecia no final da contenda, quando Sônia conduzia Elza para fora, "vamos até meu quarto, tenho lá um chazinho de flor de laranjeira que é tiro e queda", e aproximando-se de Marcos, a quem conhecia superficialmente:

— Que foi que deu nela? — perguntou.

Marcos, bastante embaraçado, mal olhou a mulher da peruca loura:

— Não, nada — respondeu —, os senhores me desculpem… não sei o que deu nela…

Mas não foi possível evitar: Elza encontrara o motivo que lhe faltava para sair e deixá-lo sozinho, e assim se foi.

— Penso que a senhora não deve importar-se — disse Jonas a Ana Maria, que se sentara num canapé à beira da piscina. — Permite-me?

Ana Maria, a esposa do juiz aposentado e trinta e cinco anos mais jovem que ele e que, aliás, naquela especial ocasião contava exatamente a metade da idade do marido; Ana Maria, um tanto coquete e quase vulgar, conquanto possuidora de uma beleza viçosa como se em vez dos trinta e cinco tivesse dez anos a menos — isso por não negligenciar os cuidados com o corpo e com a saúde: freqüentava a ginástica quatro vezes por semana pelas manhãs no Clube Esportivo, e após a sessão caía na piscina e nadava para lá e para cá por pelo menos uma hora, se bem que metade desse tempo passava sentada à margem com as pernas dentro dágua flertando com algum (ou alguns) dos freqüentadores, sempre na expectativa de que aparecesse um novo sócio.

Ana Maria, de cabelos compridos à altura dos ombros, cheios, escorridos, loiros, naturalmente loiros, a pele muito clara que no verão, pelo hábito de deitar-se ao sol por uma ou duas horas todas as manhãs acabara por adquirir um leve tom amorenado, e que ao voltar-se para falar com alguém fazia questão de fazer um delicado trejeito com os lábios, que realçava com o *bâton*, querendo com isso chamar atenção para sua boca perfeita, seus dentes grandes e brancos, e a pequeníssima pinta escura na face esquerda.

Ana Maria, que com toda sua beleza casara-se há onze anos com o juiz federal, um homem que apesar de velho era também muito desempenado e vigoroso, e que apesar dos cabelos brancos não adotara o uso da barba e mantinha o rosto liso a fim de preservar, se lhe restassem, alguns ares da perdida mocidade, e que lhe propusera uma vida de regalias em troca de sua presença em casa, de sua companhia nas festas e recepções, nas partidas vespertinas de tênis no Clube Esportivo, e também dos eventuais encontros no leito conjugal, pois o velho juiz dispunha ainda de algum vigor capaz de satisfazer a uma mulher jovem e fogosa. Mas depois de onze anos, tempo bastante longo para um homem de sua idade e durante o qual o declínio

acelera-se, esse vigor já se havia desvanecido bastante e o leito conjugal já não era freqüentado tão amiúde, e Ana Maria, que aceitara tal proposta de matrimônio porque, tendo nascido em uma família de escassos recursos, não entrevia nenhuma oportunidade de ascender uma boa posição social a não ser por meio de um casamento de conveniência, lembrando-se de cumprir com sua parte no acordo feito, lembrava-se também de que a palavra *fidelidade* não fora mencionada em nenhuma ocasião: assim, durante aqueles onze anos de casamento não descuidara de seus deveres, pois fora vista em todos os lugares acompanhando seu ilustre marido, que graças à sua posição e condição financeira era recebido nos melhores ambientes e mantinha as melhores relações, o que a deslumbrara antes e a que se acostumara em seguida, tornando-se-lhe finalmente trivial como se tivesse nascido naquele meio; também o atendera nas peripécias de cama e lençóis sempre que ele se mostrava disposto, disposição essa muito freqüente no começo, menos algum tempo mais tarde e mais rara agora mas que ainda assim, manifestando-se, ela em nenhum momento opunha dificuldades a satisfazer; em troca dispunha de uma boa mesada para gastar com suas "bobagenzinhas" como ele dizia em tom carinhoso, de liberdade para freqüentar a ginástica e a piscina, de autonomia para gerir seu pequeno negócio, que iniciara com capital cedido por ele para que, em qualquer má eventualidade, ela dispusesse de recursos próprios, o que talvez não passasse de um capricho — afinal, o que é que lhe faltava? — mas que para a jovem ambiciosa e esperta representava uma garantia a mais; e que, por último, contava ainda com a possibilidade de ter amantes, desde que discretamente, sem dar nas vistas, pois o juiz federal era homem complacente e compreensivo e não se punha a fazer cenas de ciúme nem a perguntar em tom intimativo "de onde é que a senhora está vindo?" quando ela, por acaso, chegava em casa depois da uma da manhã. Claro está que Ana Maria cercava-se de cuidados: não podia expor o nome de seu marido; quando não estava em sua companhia, em público, aparecia com amigas cuja presença lhe proporcionavam o devido e necessário respaldo, e no Clube Esportivo, onde se tornara desde sempre conhecida de todos, ao flertar com os freqüentadores fazia-o com muito tato, sendo certo que ninguém poderia acusá-la de ter sido vista em algum local reservado a sós com um homem. Ana Maria associava ao seu coquetismo de menina tardia uma esperteza de raposa, e se ia para a cama com outros homens, não deixara de ser carinhosa e mulher também para aquele que tudo lhe concedera.

Por esse motivo, quando Jonas — que presenciara de longe o destampatório de Elza por surpreender o marido e ela em animada porém inocente conversa e vira quando Ana Maria esquivara-se rapidamente para os fundos e em seguida para a piscina — lhe pediu permissão para sentar-se ao seu lado, indicou-lhe com um gesto significativo o canapé mais próximo, a pelo

menos dois metros de distância, evitando que ele fosse sentar-se mesmo ao seu lado, no chão ladrilhado, o que poderia parecer íntimo demais e decerto inconveniente, pois Jonas — embora não fossem chegados, na verdade mal se conheciam de vista — era tido por todos como mulherengo, que não enxergava a barreira do casamento para suas conquistas e que já tivera problemas com isso, pois corriam histórias a seu respeito: certa ocasião fora caçado por um marido ciumento, desconfiado de um assédio constante contra sua esposa, o que só não resultou numa tragédia pela intervenção de amigos que lhe fizeram ver que aquele não seria o melhor caminho; doutra feita fora surpreendido na cama com uma mulher casada, mas imprevidentemente não só na própria casa da dita mulher como no quarto do casal; o caso teria sido abafado, mas o marido traído desfechara o revólver contra os dois, e Jonas só não fora atingido por ter sido ágil o suficiente para escapar, sendo que a mulher não teve a mesma sorte, e, além de ter sido expulsa de casa como uma delinqüente ou uma rameira qualquer, estivera hospitalizada entre a vida e a morte por quase dois meses. Outros casos de menor monta havia em seu rol de libertinagens, e isso pesava contra uma possível intimidade entre ambos naquele momento, de forma que a conversa que mantiveram à beira da piscina fora bastante inocente e não muito prolongada:

— Há um canapé livre bem ali, Sr…

— Jonas — respondeu o quarentão, obedecendo-a.

— Ah… Perdoe-me, mas não me lembrava do seu nome. Creio que nem chegamos a ser apresentados.

— Na verdade não, senhorita…

— Senhora, por favor.

— Ah, perdão… então é casada — e Jonas achou conveniente fazer-se de ignorante.

— Sim, com o Sr. Dr. Evangelista.

— Ah, o juiz…

— Sim, o juiz.

— Mas… a propósito… que situação desagradável a de agora há pouco, não?

— Desagradável, é a palavra certa. Não entendi nada, se quer saber…

— Aquela jovem deve ter-se equivocado…

— É possível… enfim, eu fora informada de que o Sr. Marcos representa algumas confecções importantes e eu sou a criadora de uma marca de *lingerie* que está se popularizando… enfim, tínhamos interesses comerciais…

— Além do fato de que ambos são pessoas comprometidas…

— Além disso — concordou Ana Maria.

— Mas eu acredito que as coisas acabam se ajeitando… Eu não co-

nheço bem aquele casal, mas serão decerto boa gente… a moça é talvez um pouco esquentada, mas isso passa… com o tempo…

Ana Maria deu de ombros:

— Pode ser… mas não importa… O senhor não freqüenta o Clube Esportivo?

— Bem, eu não vejo como a situação se sustenta — dizia agora Paulo, enquanto o juiz federal balançava a cabeça com gravidade, segurando displicentemente o copo de uísque onde cubinhos de gelo tilintavam. Onde estaria a mulher agora? Vira-a de relance conversando com o Jonas há cerca de meia-hora na piscina. "Só Deus sabe o que conversavam" dizia consigo mesmo vigiando os cubinhos de gelo dentro do copo, e não tinha dúvidas de que ela combinava com o desavergonhado algum encontro… Sim, um desavergonhado, pois afinal não era pública e notória sua conduta leviana e seu envolvimento com mulheres casadas? Não corriam abertamente histórias escandalosas a seu respeito, tais como as de que maridos ciumentos lhe andaram pelos cascos para acertarem as contas? O comportamento inadequado de Ana Maria o incomodava às vezes, aquele jeito de falar com homens que mal conhecia — ou nem mesmo conhecia — e mostrar-se "fácil" não lhe parecia conveniente numa mulher casada, considerava que um pouco mais de discrição diria melhor de sua pessoa, mesmo que demonstrasse — como de hábito — seu coquetismo, pois sabia-se uma mulher particularmente bela e isso a envaidecia, o que aliás era muito justo, mas… mas acabava por se convencer de que não seria de outra forma, pois apesar de conviver há tanto tempo em uma sociedade mais requintada Ana Maria não perdera de todo suas maneiras vulgares, atenuara-as certamente, mas vez por outra elas se revelavam e isso acontecia quando se deixava flertar com uns e outros, embora em sua presença mostrasse um comportamento mais reservado… por fim o velho juiz federal se aquietava, pois Ana Maria era uma mulher jovem e vigorosa, tinha necessidades que a essa altura da vida ele, que em seu tempo também fora um homem vigoroso, já não atenderia com a mesma freqüência e entusiasmo… e além do mais era atenciosa, tratava-o carinhosamente de "meu velhinho" e, nas ocasiões em que a vontade se acendia e ele voltava a ser — ainda que fugazmente — o moço de outros tempos, ela nunca se negava…

— Talvez tenhamos de ser mais rigorosos — disse ele por fim, deixando por um momento de pensar na mulher —, admito que não me enfronho muito destas questões… o Direito, como sabem, absorve muito e mesmo aposentado eu não deixo de… portanto não sou conhecedor, mas a meu ver é uma questão de ter pulsos firmes…

— V. Exª certamente se refere ao atual governo — disse Leopoldo, que conhecia de vista o velho juiz e mais cedo não pudera evitar uns olhares atrevidos para aquela esposa trinta e cinco anos mais moça e linda, que

no entanto parecia não ter percebido e ele com um certo despeito vira dando trelas ao *bon-vivant* —, e eu digo que tem razão. Não simpatizo com Vargas, é um tipo populista… e o populismo… bem, é minha opinião que o populismo é viciante…

Leopoldo ao mesmo tempo que pensava impudicamente na esposa do juiz federal via no jardim a mulher do rosto devastado, o filho dela e a sua própria menina formando um pequeno grupo que parecia entender-se bem. Notou que os jovens estavam de mãos dadas e não pôde deixar de ver com simpatia aquele princípio de namoro. Cinco anos atrás aquela mulher sem quaisquer atrativos passara por sua vida como um terremoto, e ainda hoje não consegue compreender o que fora aquilo, nem evitar um certo sentimento de desconforto ao saber que não havia mais qualquer possibilidade entre ambos… Pois era certo que se ela ainda quisesse… mesmo estando, como estava, ainda mais desgastada…

— Não vejo o que há de mal em Vargas — retrucou Arnaldo. — Discordo do senhor, Sr. Leopoldo, ele talvez seja tido como populista porque tem atitudes coerentes com as carências do povo.

— Para conhecer as carências do povo — comentou Marcos, que assumia uns vernizes socialistas e vez por outra imaginava uma revolução no Brasil como a russa de 1918 — é preciso sair do povo. É preciso ter raízes no proletariado, por exemplo.

Marcos, após o escândalo provocado pela mulher e sua saída repentina — atitude que o deixara atordoado, pois não poderia imaginar que apenas por ele conversar com outra mulher ela fosse capaz "de tudo aquilo" —; após, portanto, a saída repentina de Elza estivera enfiado por alguns tempo; afastando-se dos demais, entretivera uma conversa ligeira com o tuberculoso Epaminondas, que na biblioteca bebericava seu terceiro refresco de laranja e distraía-se com um livro sobre numismática; como o outro respondesse apenas por meio de monossílabos, sem dar mostras de querer ou de ser capaz de desenvolver um diálogo, deu-se conta de que não seria possível conversar e retirou-se, esteve no pequeno pomar nos fundos da casa onde viu o jovem Lucas tentando colher uma goiaba para a namoradinha Clarice. Afastou-se, pouco animado a compartilhar-lhes o contentamento, um contentamento de que ele já não gozava com sua mulher, e dando volta à casa encontrou-se com Clara, muito digna, que acabara de deixar o homem de aspecto desleixado com quem estivera até então, parecendo decidida a entrar; sorriram-se, e quando a velha senhora — que ele via pela primeira vez em casa de Paulo — lhe dirigiu um cumprimento amistoso sentiu-se subitamente mais animado. Nada disseram um ao outro, mas contemplando o jardim enquanto Clara subia os degraus para a varanda deu-se conta de que afinal aquilo não fora "o fim do mundo", e respirou aliviado. Finalmente viera reunir-se a Paulo e aos outros na sala de estar, e metera-se na conversa.

Suas palavras sobre "povo" e "proletariado" não foram do agrado geral, mas aqueles ali que se opunham a essas idéias socialistas, decerto os mais velhos e conservadores, preferiram nada dizer e evitar um confronto desnecessário.

— Talvez o que precisemos seja de sangue novo na política — e o velho Herculano tossicou. — Essa gente velha… olhem que eu sou velho, tenho cá minha experiência de vida, mas… não nego acreditar que a força está com o novo… com a juventude…

— E eu não duvido de que você tenha razão, Herculano — interveio Souza Sobrinho. — Algumas pessoas bem cedo mostram disposição, como se já nascessem talhadas para a política… então, se têm uma oportunidade…

— Ah, sim, claro — concordou o juiz federal —, oportunidade…

— A grande verdade — interveio o Dr. Sobreira, que mais ouvia que falava — é que o povo precisa mesmo é de oportunidades… se não investir-se na educação…

— Vejam o caso desse jovem deputado — continuou Souza Sobrinho —, o Olímpio Vilar…

— Creio que já ouvi esse nome — comentou Arnaldo.

— Já lhe falei dele, Paulo — Paulo confirma com um movimento de cabeça. — Vejam os senhores, o pai foi meu empregado. Meu jardineiro, acreditam? Moravam no interior, mas o filho veio para a capital para estudar…

— Educação — interpôs o Dr. Sobreira —, era o que eu dizia.

— …e os pais fizeram questão de não deixar o menino só… cidade grande, sabem como é… Bem, o rapaz formou-se… cedo meteu-se na política… e aí está: deputado.

— E é no que eu acredito — reforçou Herculano —, é na juventude. Não duvido de que esse moço vá longe…

06 de abril de 1990

— Será que seu Paulino vai passar hoje por aqui? — e Luíza se levanta para correr as cortinas e deixar entrar mais luz, pois a manhã enevoada tornava o dia cinzento e escuro.

Com uma espiada para o relógio viu que ainda era cedo, e se o velho aparecesse seria depois do meio-dia como das outras vezes.

— Já faz um bom tempo que ele não vem — responde uma mulher gorda e feia, se bem que relativamente jovem, que se encontrava sentada displicentemente atrás de outra mesa olhando com preguiça para fora, para o jardim onde a grama verde aparecia salpicada de folhas secas recém-

caídas das árvores. — Pode ser que apareça, se não chover… aliás hoje está chuviscando intermitentemente…

Pareceu meditar no que acabara de dizer:

— Não — disse por fim —, acho que com esse tempo ele não vem…

Luíza foi até o canto no outro lado da sala, onde sobre um aparador havia uma garrafa térmica, um açucareiro, três ou quatro colherinhas dentro de um copo e algumas xícaras de louça branca.

— Quer um café? — pergunta. — Está quentinho.

— Não — responde a mulher gorda —, estou evitando… por causa da gastrite, você sabe…

— Ah… — e Luíza, servindo-se, retornou com a xícara fumegante para sua mesa. Sentou-se com um suspiro. — Estou tão desanimada hoje! — disse enquanto levava a xícara aos lábios.

— Talvez seja o frio — respondeu a outra —, com esse tempo eu sempre penso na minha cama, nos cobertores… eu recostada nas almofadas lendo alguma revista, ou simplesmente vendo televisão.

Sorriu com a imagem evocada:

— Nesses dias, se é sábado, meu marido sempre apanha fitas na locadora para vermos juntos.

— Fitas eróticas, aposto — disse Luíza com malícia.

A mulher gorda abriu os olhos, fingindo-se escandalizada:

— Mas… nunca!… Que horror, Luíza!

E em seguida, com um sorrisinho maldoso:

— Bem, às vezes… você sabe… mas só às vezes…

— Sei — disse Luíza olhando-a com ar de deboche —, só às vezes.

— E vai me dizer que você também não vê filmes desse tipo de vez em quando? — a mulher gorda lançou, encarando-a em tom desafiador.

Luíza moveu a cabeça, quebrando o pescoço ligeiramente para os lados:

— Muito raramente — disse.

— Ah, sim… muito raramente… só duas ou três vezes por semana.

Luíza fez uma careta para conter o riso e sorveu o café com um ruído prolongado. Depois fechou os olhos enquanto pensava de esguelha em sua vida, pois era sempre assim que pensava na vida: de esguelha. Afinal, podia queixar-se? Trabalhava como bibliotecária, mesmo formada em Letras e com a intenção inicial de tornar-se professora, profissão que nunca exerceu, pois mal chegara ao fim de seu curso casara-se com um homem abastado que lhe dissera "Luíza, você não precisa trabalhar, o que eu tenho é suficiente para ambos". Mas depois de um certo tempo cansara-se de não ter uma atividade, o filho já não precisava tanto de seus cuidados, o marido passava os dias no escritório e em casa não havia muito que fazer. Voltara a estudar, o marido balançou a cabeça com descrédito, "pra que mestrado?"

foi a pergunta, com um meio sorriso de ternura, e ela dera de ombros, "você sabe que eu gosto, e além do mais não tenho nada pra fazer", "façamos outro filho". Fizeram outro filho — mesmo sem desistir do mestrado — quando o primeiro acabara de completar cinco anos, mas o segundo não chegou aos três sem que ela tomasse nova decisão: "Vou trabalhar" dissera um dia ao marido, "pra quê, meu bem, se o que eu tenho…?", "já sei" atalhou ela, "já sei, mas eu quero me sentir produtiva. Estudar só por estudar não adianta" e ali estava: bibliotecária há quase três anos, ganhando menos do que a mesada que o marido lhe dava, mas satisfeita. "Não, não há do que me queixar" concluía consigo mesma, mas…

Sempre de esguelha Luíza pensava no marido e nos filhos, mas quando sobrevinham certas lembranças mais antigas não fazia muito empenho em continuar com suas reflexões. Não, não que tivesse qualquer arrependimento da decisão tomada naquela época, afinal ela — e mais ninguém — sabia de suas dificuldades. Sua mãe, por exemplo: mesmo que não a recriminasse, que não lhe passasse um carão, que apenas se sentasse com ela e, tomando-lhe as mãos, chorasse um pouco e se preocupasse, sentir-se-ia desgostosa e envergonhada pois era uma mulher criada à maneira antiga e preservava preconceitos dos quais por certo nunca se desvencilharia, e assim sendo era melhor que ela nem mesmo soubesse do que lhe acontecera; além disso estava o fato de que não poderia criar uma criança sem ter sua vida (estudo, trabalho, juventude) praticamente interrompida. Era preciso, portanto, interromper outra coisa — e na decisão tomada, tão urgente porque logo seu estado seria visível, estivera inteiramente só.

Na porta apareceu uma cara conhecida:

— Oi, gente…

— Oi, Vera — disse Luíza abrindo os olhos —, você por aqui?

— Amanhã é sábado — disse a professora Vera Lúcia —, temos aquele compromisso…

— Ah, é verdade… Olha que eu já ia me esquecendo… Eu te apanho em casa às dez.

— Está bem, só passei para lembrá-la e já estou indo… Ah, está aí fora aquele velho…

Luíza fez uma cara de incompreensão…

— …aquele catador de papéis.

— Ah, o catador… seu Paulino — e para a mulher gorda: — Ele veio cedo hoje. Vou atendê-lo.

A professora Vera Lúcia já estava na rua quando Luíza encontrou-se com o velho Paulino nos fundos da biblioteca:

— Bom dia, dona Luíza, passei por aqui para o caso de ter alguma coisa…

— Temos sim, seu Paulino, nesta última semana fizemos uma renova-

ção em nosso acervo, e encontramos muitos livros irrecuperáveis que podem ser descartados. Há também caixas de papelão vazias e revistas…

— Tudo serve, dona Luíza, tudo serve…

— Vem comigo, vou mostrar-lhe.

E o velho Paulino seguiu Luíza através de um corredorzinho estreito e escuro que conduzia a uma sala pequena que servia como depósito. Ali chegando mostrou-lhe uma pilha de revistas e livros esfrangalhados, bem como caixas de papelão destinadas ao lixo que, no entanto, "serviam".

E agora o velho Paulino seguia rua afora com a carrocinha mais pesada: das caixas de papelão fizera um bloco compacto, amassando-as para reduzir o volume, e os livros e revistas foram suficientes para enchê-la até o meio. Iria passar ainda por muitos lugares em sua coleta diária — armazéns, mercados, lojas, escolas… Teria o dia pela frente, se a chuva — que engrossara nos últimos minutos forçando-o a abrigar-se sob a marquise de um prédio condenado — diminuísse e ele pudesse continuar. Era essa a sua rotina, e no fim da tarde empurraria a carrocinha até a reciclagem, ali encontraria outros iguais a ele a quem conhecia desses encontros diários e de uma vaga conversa enquanto esperava sua vez; por fim avançaria com a carrocinha, a carga de papel seria pesada e ele receberia seus cobres…

Mas aquela chuva… que maçada!, dizia consigo mesmo. Era porém o caso de aproveitar para comer alguma coisa, já devia ser meio-dia, e sentado no chão, as costas apoiadas numa parede, tirou de um canto da carrocinha um embrulho. Seu almoço seria uma bisnaga com recheio de mortadela que mandara o Lobato preparar quando, manhãzinha, passara pelo armazém ao pé do morro: como na véspera havia chegado em casa muito tarde e cansado, nem tivera tempo de comprar nem ânimo para preparar nada para o dia seguinte. Começou a mastigar com a lentidão de quem conta os minutos como horas, pois na sua profissão, na sua idade, levando em conta tudo que não alcançara e o desencanto da vida, que era certo, o tempo deixara de ter importância: sempre seria tempo de empurrar a carrocinha pelas ruas da cidade recolhendo aqui e ali papel velho, sempre seria tempo de comer seu pão com mortadela, sempre seria tempo de morrer…

E pensou na morte enquanto mastigava.

Costumava pensar na morte sem preocupação: gostava da vida, os fracassos não lhe faziam pesar, e quando via passar um homem com sua pasta de executivo, seu terno luzidio, seu ar de importância não sentia inveja nem desejava estar no lugar dele: o velho Paulino não lamentava sua existência porque não sabia ser infeliz, e a morte não lhe punha peso na alma. Pensava nela como pensava na vida: algo necessário, além de inevitável.

Acreditava em Deus? Não era homem que se ocupasse com filosofias, nunca se preocupara com sua alma — se é que possuía uma — nem com o

que viria quando "fechasse os olhos", mas vagamente presumia a existência de um Deus, como ouvia dizer às vezes, que julga cada um segundo sua conduta. O velho Paulino tivera uma conduta tão comum, tão sem sobressaltos, tão sem novidades, que Deus certamente não encontraria muito o que julgar quando chegasse sua hora e o absolveria de alguma falta menor pela desimportância do próprio faltoso em si… Seria mais ou menos esse seu pensamento, mas a verdade é que não tinha certeza alguma de nada, era simples demais para considerações tão profundas, seu entendimento atinha-se apenas ao cotidiano, ao trivial, aos papéis que deveria recolher e, no final do dia, levar em sua carrocinha até a reciclagem. O resto, fosse como fosse, pouco importava.

Olímpio Vilar
Rua… Nº…
Exemplar de assinante

E agora seus olhos caem sobre uma etiqueta na capa de uma das revistas esfrangalhadas que apanhara na biblioteca. Havia ali um nome, um endereço, e aquela revista certamente fora destinada ao dono desse nome, que residia — ou residira em alguma época — naquele endereço. Firmando a vista descobriu ainda uma data: *agosto/1979*. Uma revista bastante antiga, pensou; fora lida pelo dono daquele nome que, tempos depois, deve ter feito um apanhado de revistas velhas em casa e mandado para a biblioteca. Onze anos depois o que restava daquele *exemplar de assinante* era uma capa presa a um punhado de folhas quase soltas…

Então o velho Paulino teve um pensamento raro, do tipo que em muito poucas ocasiões lhe passava pela cachola embrutecida: havia no mundo alguma coisa a mais do que sua ignorância podia perceber. Isso não lhe ocorreu de forma clara (Shakespeare era um nome que o velho Paulino nem pensaria em soletrar se o encontrasse alguma vez na vida), mas foi assim como uma luz que, estando ele no mais profundo e obscuro labirinto, chegasse aos seus olhos depois de refletir-se numa infinidade de paredes em ângulo, uma luz que ele mal vislumbraria e que, mesmo insuficiente para fazê-lo encontrar a saída, talvez o fizesse compreender que havia uma, ou pelo menos que havia alguma coisa além das paredes e dos corredores intermináveis que o cercavam… Essa compreensão alcançou seu cérebro de forma tortuosa, ambígua, imprecisa, e ele chegou a perguntar-se quem teria sido o dono daquele nome, que lugar seria aquele que ele habitara (embora se tratasse de um nome bem popular de rua, e de um bairro bastante conhecido), ao mesmo tempo cogitando que haveria outros nomes, outros lugares, um mundo vasto demais que se construía de tantos pormenores…

Porém uma rajada úmida foi atingi-lo em seu recanto distraindo-o de

seus pensamentos e obrigando-o a mudar de posição. Com um aborrecimento resignado o velho Paulino levantou-se, amaldiçoou a dor nas cadeiras e empurrou a carrocinha mais para o fundo; alcançou um pátio coberto, encolheu-se num canto…

Acabou cochilando.

14 de maio de 1971

E então a senhora Menezes — Natália Menezes — resolveu sair para comprar flores.

Queria fazer uma surpresa ao marido, pois nesse dia completavam catorze anos de casados e ele certamente não se lembraria.

Leandro mostrara-se um homem dinâmico e empreendedor, tendo transformado o pequeno negócio da família numa empresa agora de porte médio em franco crescimento, despertando a atenção e atraindo o interesse de investidores; nos negócios, portanto, não poderia ir melhor, mas… por conta disso não teria — talvez — negligenciado a família, esse o único motivo de queixa da senhora Menezes?

Negligenciado… E aqui Natália se detém, interrompe o fluxo de seus pensamentos para perguntar-se se não estaria sendo muito rigorosa em seu juízo, e se essa palavra não seria excessiva…

Casaram-se muito jovens, muito apaixonados, e logo lhes nascera a única filha, Lúcia, cujos cuidados os haviam absorvido por completo nos primeiros tempos. Leandro dividia-se entre a direção da empresa e os deveres de pai, enquanto ela não fazia por menos, porque, mesmo com a presença de uma babá, recomendada por suas excelentes referências, uma senhora de certa idade muito experiente com crianças, ela não se descuidava um só instante, raramente afastando-se mais de dez ou quinze minutos do berço onde dormia a filha pequena.

Pouco a pouco, no entanto, e à medida que a criança crescia, Leandro foi se envolvendo cada vez mais com os negócios, de maneira que sua presença junto à família, principalmente nos últimos anos, convertera-se gradualmente em ausência.

Natália nunca encontrava motivos de desconfiança: Leandro dormia todas as noites em casa, não viajava a não ser em alguma urgência, viagens curtas, de negócios, e em algumas ocasiões o acompanhara; se ligasse durante o dia, encontrava-o no escritório, mas não o fazia com freqüência para não parecer que o estivesse vigiando; enfim, uma amante ele provavelmente não tinha, mas…

Lucinha teria tão só quatro ou cinco anos e ele já não se recordava do aniversário de casamento: cabia a ela lembrá-lo, não para que dessem uma

festa, não para que convidassem amigos, mas simplesmente para que saíssem à noite, só os dois, e jantassem em algum bom restaurante, e depois se divertissem um pouco numa pista de dança…

Comprar flores era uma novidade para a ocasião, e essa novidade lhe fora sugerida pela leitura daquela manhã, pois, embora as razões fossem outras, a Srª Dalloway logo no começo da história também saíra para comprar flores…[7]

A idéia era enfeitar a casa, a sala de jantar, e preparar — ela mesma, e quem sabe com a ajuda da filha, que entrara na adolescência e gostava de imiscuir-se às vezes nos assuntos da cozinha — um jantar para os três, pois naquela comemoração não seria conveniente que a menina, já tão crescida, ficasse de fora. É certo que depois desse jantar em família, apenas os três, ela e o marido desejassem estar a sós, então deixariam Lúcia em casa de alguma coleguinha de escola e sairiam a passeio para aproveitar a noite, pois afinal era sexta-feira e, mesmo não querendo fazer planos, a Srª Menezes delineou vagamente uma sessão de cinema para assistir algo no gênero de *Love Story*…

Foi assim que por volta das onze Natália pôs um vestido bem leve, cobriu os cabelos com um delicado chapéu e saiu para comprar flores.

Aquilo foi um acontecimento que deixou espantada a chefe da criadagem, Antônia, muito magra e ereta em seu costume escuro, quando Natália lhe disse que iria a pé, pois afinal havia uma floricultura a poucos quarteirões dali.

— A senhora não acha arriscado? — perguntou Antônia, apreensiva.

A senhora Menezes deteve-se um momento, já na porta, e mordeu os lábios: arriscado? É verdade que não tinha o hábito de passear a pé pelas ruas, dispunha de um carro e um *chauffeur* para acompanhá-la aonde fosse, e no mais das vezes ao sair levava consigo a filha. Mas por que seria arriscado? Seriam as ruas perigosas ou seria arriscado apenas porque ela não tinha o hábito de caminhar?

Não, decidiu-se, não seria arriscado (afinal nada de mal acontece à Srª Dalloway, muito pelo contrário, em seu passeio acaba deparando-se com a realeza!), e voltando-se para Antônia sorriu:

— Não, Antônia, não há perigo algum. Que bobagem! — e já descera os dois primeiros degraus quando se lembrou de uma recomendação: — Ah, Antônia, se Lucinha chegar da escola e eu ainda estiver fora diga-lhe que não me demoro, pois vou somente até a floricultura.

Pois Lucinha chegaria por volta do meio-dia, e a exemplo da mãe nunca voltava da escola sozinha ou a pé: para isso ali estava o velho Josias — praticamente um agregado da família, que havia servido também aos pais

[7] Referência ao romance *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf.

de Natália —; Josias cuidava do jardim, acumulava a função de seu *chauffeur* particular e desde sempre prontificara-se a conduzir a menina, ida e volta, às vezes mesmo em seu próprio automóvel!

Antônia fez um movimento de cabeça, ainda um tanto assombrada da decisão da patroa e se perguntando se o patrão ficaria satisfeito quando soubesse do acontecimento — não que o fosse saber por ela, naturalmente não lhe caberia referir ao Sr. Leandro um "passeio a meu ver temerário da senhora"; Natália mesma não esconderia do marido sua aventura, mas ele — pensava Antônia — seguramente ficaria apreensivo e diria "querida, é uma temeridade, as ruas estão muito violentas hoje em dia".

A bem da verdade Natália já se sentia ansiosa pela noite, quando ele chegaria e veria a casa enfeitada e a mesa posta. Então lhe diria "hoje é um dia muito especial, querido, aposto como você nem se lembra", por isso "preparei o jantar e comprei flores", e faria a grande revelação: "Eu mesma fui esta manhã à floricultura", contando-lhe como saíra a pé, como atravessara as ruas e os quarteirões, como fizera as compras e regressara, incólume. Já podia prever que ele se mostraria surpreso e diria qualquer coisa sobre a insegurança das ruas, e em resposta ela teria prontos um carinhoso abraço, até mesmo um beijo furtivo (pois temendo ser vista pelos criados evitava às vezes demonstrar seus sentimentos), após o que diria "vai refrescar-se, querido, e desça em seguida. Lucinha me garantiu que já está faminta".

Enquanto avança em direção ao portão (seguia pela pista revestida de pedra através da parte lateral do jardim), Natália vai pensando em como naqueles catorze anos de casada nunca saíra à rua a pé e desacompanhada, pois mesmo quando ia a uma loja de discos acompanhava-a a filha, já com oito, ou nove, ou dez anos, ou Antônia, que se ocupava em carregar os pacotes, ou ainda o *chauffeur* Josias, que permanecia de pé fora do carro esperando a senhora. Nessas ocasiões acontecia ela entrar e sair das lojas, transitar pela Avenida Rio Branco olhando vitrines, percorrer num verdadeiro périplo o labirinto de ruas do centro, mas vendo a patroa distanciar-se Josias punha-se a segui-la a distância, respeitosamente, pois ainda que tivesse servido aos pais de Natália e agora a servisse quase na qualidade de um amigo, não ficaria bem adiantar-se, dizer-lhe "a senhora não deve afastar-se muito": competia-lhe, isso sim, zelar por sua segurança, mantendo porém uma conveniente distância. Essas ocasiões eram o mais próximo que ela havia estado de andar desacompanhada pelas ruas.

"Hoje porém…" ela pensa, pois hoje Natália não terá a filha segurando-lhe a mão ou a chefe da criadagem Antônia à sua retaguarda carregando pacotes, hoje o carro vai ficar na garagem e Josias nem mesmo saberá que a patroa está fora — aliás, fora providencial ele ter ido apanhar Lucinha em seu próprio carro, pois do contrário a veria sair e iria em seu encalço, evitando ser percebido mas vigiando-a de longe como um velho cão de guarda.

E é com um verdadeiro sentimento de vitória que Natália atravessa o largo portão de ferro e pisa a calçada, onde se detém por alguns segundos observando a rua tranqüila desse bairro residencial, os raros automóveis que deslizam sem pressa, as poucas pessoas que vêm pela calçada, esse cãozinho branco que lhe abana o rabo e ela conhece, pois pertence aos vizinhos da esquerda e vive na rua, porque ali o animal pode estar solto sem nenhum risco…

Natália seguiu ao longo da calçada, dobrou a esquina ao longe e percorreu mais algumas ruas sossegadas antes de desembocar nas vias de maior movimento.

Nesse percurso encontrou a senhora Castro, idosa, de cabelos grisalhos e vestida com simplicidade, pois era bastante pobre, embora muito digna e dona de um sorriso delicado que lhe iluminava as faces de tal forma que fazia esquecer as rugas, as marcas do tempo, o sofrimento desenhado em seus traços, porque a senhora Castro conquanto não se vergasse, como um carvalho antigo que a tempestade sacode mas não põe por terra, vivera seus maus momentos: o marido, morto após uma prolongada e dolorosa doença; o filho mais velho, que se encontrava na prisão e ainda permaneceria por lá alguns anos; o mais novo, que viajara, desaparecera no mundo e há mais de dez anos não dava notícia; a filha do meio, que não tinha juízo nenhum e, apesar das dificuldades, engravidara outra vez não tendo se casado vez nenhuma, e seria então o quarto filho sem pai… Natália parou para cumprimentá-la, colher notícias, saber dos seus, e a senhora Castro respondeu com seu habitual otimismo, pois afinal não havia motivos de queixa, a vida ainda tinha muito a lhe oferecer, já que apesar de os netos não terem pai eram "crianças maravilhosas, Natália" dizia com um sorriso de orgulho, "dão-me muito contentamento, apesar de a mãe ser uma desmiolada" e elogiava o bom desempenho do maiorzinho na escola, "muito inteligente e educado" pois para a senhora Castro a inteligência deveria estar sempre acompanhada da boa educação, e era com um arzinho de censura que criticava "essa gente que não sabe educar suas crianças, não concorda comigo, Natália?", e Natália concordava: concordava mas despedia-se da simpática senhora pois ainda "tenho tanto que fazer" alegava como se fosse alguém muito atarefado, "a senhora nem imagina", e seguia em frente, em busca de seu destino…

Verdade é que Natália nada veria naquele passeio até a floricultura diferente do que via habitualmente ao sair de carro, quando levava a pequena Lúcia consigo, ou dispunha da companhia silenciosa de Antônia a carregar pacotes, ou mesmo da vigilância sisuda do velho Josias. A diferença estava em saber-se só, em ter de tomar decisões sem consultar, por exemplo, a filha, "querida, que acha de irmos ali ou acolá? ou de fazermos isso e aquilo?", em não ter como comentar com uma pessoa de sua casa o

tumulto cotidiano de uma cidade grande, ou a tristeza que a afligia ao ver uma família de mendigos buscar abrigo sob uma marquise, ou ainda a manchete escandalosa que anuncia uma nova barbaridade… Agora ela está só e entregue a si mesma, não poderá dizer "Antônia, veja que horror…" nem poderá comentar com Josias, ao retornar para o automóvel, "vi ali adiante um homem e uma mulher brigando por qualquer bobagem. Diziam palavrões! Como as pessoas são fúteis, Deus do céu!".

E agora Natália vai atravessar a rua, onde os automóveis passam à toda, e não são poucos pois ela se aproxima dos locais de movimento mais intenso. Há outras pessoas de pé na calçada esperando que o guarda tome uma providência, e é então que se ouve um apito estridente e uma luva branca se ergue: o guarda não é tão jovem, tem as têmporas grisalhas, provavelmente — pensa Natália olhando-o agora de pé no meio da rua controlando o tráfego e acenando para que as pessoas atravessem — já está nessa profissão há um bom tempo e quem sabe no próximo ano já esteja aposentado, mas por enquanto está ali, como o "senhor do trânsito", aquele que estende os braços e o fluxo das rodas se interrompe dando início ao fluxo das pernas, e com um novo movimento de braços restaura o fluxo das rodas asfalto afora sem demonstrar nenhum sinal de cansaço, conquanto se possa perceber que com o calor daquela manhã o homem já tem o rosto porejado. Natália atravessa entre os outros, livre como um pássaro que ensaia seu primeiro vôo, e ao passar pelo guarda seus olhares se cruzam e ela sorri, dizendo-lhe "bom dia, senhor" e ele, surpreso com aquele gesto de cortesia de uma estranha, curva-se ligeiramente em sua direção e responde "bom dia, senhora", e ambos agora estarão ligados, pelo menos por algum tempo, pelo menos enquanto durar aquela manhã ou aquela lembrança, por esse gesto tão simples. É provável, pensa Natália, que não o veja novamente: quando regressar das compras ele já terá sido rendido e estará ali um outro que talvez não seja tão simpático, que talvez não aja com tanta presteza em liberar a rua para os pedestres, ou que talvez seja simpático e presto mas de qualquer forma não será o mesmo e portanto não poderá reconhecê-la… Imagina também que aquele homem já maduro, já de têmporas grisalhas e que trabalha no trânsito possa ter sido destacado para ali naquele dia, mas na manhã seguinte em que outro ponto da cidade estará? E faria algum sentido que Natália encontrando-o casualmente em alguma outra rua parasse ao seu lado e dissesse "o senhor se lembra?, fui eu que o cumprimentei naquele dia"? Pensando nisso a jovem senhora Menezes percebe que há momentos únicos na vida, e todo seu valor, todo seu significado reside justamente no fato de que não se repetirão, e que por isso devem ser guardados como uma delicada jóia muito preciosa…

E agora, quando segue ao lado de uma longa vitrine detrás da qual vêem-se roupas e calçados e um reflexo vindo da calçada oposta ofusca-lhe

momentaneamente a visão, ela pára e olha o prédio defronte, onde também há vitrines detrás das quais há coisas: um mundo de coisas que estão ali à espera de quem chega para comprar, à mostra para despertar o desejo e a cobiça, e por trás daquele mundo de coisas um mundo de pessoas que estão vendendo e comprando, e — ela continua a refletir — ainda além dessas pessoas outras que estarão de alguma forma interessadas naquele movimento de coisas e de dinheiro, e no fundo de tudo, estranhamente, ela percebe que não há nada, pois de súbito nada daquilo parece fazer sentido, tudo é vão, pois nada resiste ao tempo assim como nada resiste a uma investigação mais minuciosa, e como todas as coisas sucumbirão ao tempo, todas as coisas parecem sucumbir neste instante ao seu escrutínio impiedoso, e por um instante de vertigem o mundo parece dissolver-se diante dela e reconstruir-se de outra forma, de uma forma que ela não compreende bem com sua aparência nova e estranha, prenhe de significados ocultos, de segredos prestes a se revelarem, de mistérios prontos a serem esclarecidos, como vidas que palpitassem na sombra à espera da luz que as revele aos olhos maravilhados de todos… Mas no instante seguinte o que ela vê é o velho e prosaico mundo de sempre, pois do outro lado da rua está um grande prédio comercial com vitrines, numa das quais o raio de sol refletiu, ofuscando-a, e atrás de si há outro prédio, outra vitrine, e a rua é a mesma, com o asfalto carcomido em alguns pontos, e a calçada ainda é a mesma por onde passam as pessoas de sempre, e — oh, que patético, ter-lhe-ia ocorrido — até aquele hidrante a dois passos é tão corriqueiro que não parece disfarçar nenhum símbolo, pois afinal, por que um simples hidrante simbolizaria alguma coisa, representaria algo mais do que sua funcionalidade irrisória?

Então ao seu lado passa um senhor com um buquê muito bem composto de rosas de diversas cores, e Natália percebe que havia chegado à floricultura.

— Sim, o nome é Denise Duarte — dizia o Sr. Alves (dono da floricultura) ao balconista quando Natália entrou. — E este é o endereço…

— Ela era casada com aquele deputado que teve de fugir, o senhor sabia? — cochicha o balconista para o patrão, em atitude conspiratória.

— Isso não nos interessa, Arlindo. A vida pessoal dos fregueses somente aos fregueses pertence.

— Eu só dizia…

— Você não dizia nada, Arlindo. Termine sua tarefa.

— Sim, senhor. Desculpe.

Então o dono da floricultura avista Natália, que acaba de entrar e a quem já conhecia por ser uma excelente freguesa. Sorri para ela, curvando-se ligeiramente, e faz um gesto de como quem diz "fique à vontade".

Mas talvez comprar flores naquela manhã tivesse sido apenas um pretexto, pois Natália poderia ter feito uma lista e deixado por conta de Antô-

nia, que conhecia suas preferências e ter-se-ia desincumbido muito bem da tarefa. Talvez naquela manhã Natália tenha tido uma espécie de saudade daquilo que nunca fora seu, o que lhe fora imposto pelo hábito mas nunca proibido: pois ela e as irmãs haviam crescido numa família de costumes um tanto conservadores, mas não rígidos, com o sentido que possa ter a palavra "rigidez" quando aplicada à família. Seu pai fora sempre um homem de religião sem ser um carola, e conduzira os seus pelo mesmo caminho: ia à missa aos domingos na companhia da mulher, que adotara a mesma fé do marido, embora um tanto morna; criara as três filhas segundo os preceitos de Roma, impusera-lhes como um dever a Primeira Comunhão e se as meninas, mesmo na adolescência, preservaram os hábitos da igreja fora em parte por costume, e em parte também por respeito ao pai, para não desgostá-lo.

Filhas de uma família tradicional do Rio de Janeiro, as três meninas se apercebiam do lugar que ocupavam na sociedade, conquanto sem soberba, e mantinham relações sociais somente entre as pessoas de sua classe, o que de certa forma as mantinha num círculo mas restrito de amizades e influía em seu comportamento reservado, e assim quando ela, Natália, conheceu o jovem Leandro, filho de uma família pequeno-burguesa, e agradou-se dele, de início teve receio de apresentá-lo em casa — mais uma vez não por soberba, mas por essa noção de distinção que se lhe incutira no entendimento desde sempre, desde a infância, menos por palavras e mais por observação, sem que, todavia, isso implicasse num claro preconceito social. O que receara ela àquela época? Não saberia ao certo. Sendo a filha mais velha, fora também a primeira a namorar, e intuitivamente sabia que não poderia decepcionar os seus com uma escolha inferior. O jovem Leandro seria uma escolha inferior? Certo era que não pertencia à sua classe social, mas pareceu-lhe tão galante, tão educado, e havia freqüentado os melhores educandários de São Paulo, onde passara a infância, e ao mudar-se com a família para o Rio não fora diferente. Não teria uma fortuna para apresentar, mas tinha idéias, e essas idéias parecem ter pesado a seu favor naquela tarde em que conversara longamente com o futuro sogro, de início reticente quanto ao jovem e que pretendera justamente aquilo: pô-lo à prova. Após todos aqueles anos ela, Natália, e toda sua casa davam-se conta de que não se haviam enganado: Leandro vencera, mostrando que de forma alguma fora uma escolha inferior, pelo contrário, havia merecido plenamente a mão daquela jovem encantadora, coisa que mesmo passado tanto tempo ainda fazia Natália respirar com alívio (dizia para si mesma às vezes que não se perdoaria se tivesse fracassado no casamento e dado um desgosto aos pais).

Saudade daquilo que nunca fora seu… e, depois de tantas curvas, o pensamento voltava.

"Nem Antônia a carregar pacotes atrás de mim, nem Lucinha a segurar-me pela mão, nem o Josias seguindo-me a distância feito um cão…"

Na rua o sol parecia mais brilhante, o dia tornava-se mais intenso, o ângulo dos edifícios mais nítidos e mais profundo o contraste entre luz e sombra, e as cores eram agora mais vivas, quase doía nas retinas aquela multiplicidade de impressões.

— Escolhi estas e aquelas, e também aquelas — disse Natália ao vendedor —, componha uma dúzia de buquês bem grandes e sortidos e mande entregar em meu endereço às quatro da tarde.

Mas o Sr. Alves não podia deixar de atender pessoalmente a tão distinta freguesa e aproximou-se solícito:

— Seguirá conforme suas orientações, Srª Menezes. Não se preocupe, já conhecemos bem o seu excelente gosto para flores.

Natália lançou-lhe um sorriso luminoso e saiu.

Uma vez mais na rua não sentiu vontade de voltar para casa e pensou que talvez pudesse caminhar um pouco pela praia. Talvez houvesse muita gente àquela hora pois a manhã já avançava para o meio-dia e o final de semana estava chegando, decerto não faltariam turistas pois Ipanema era uma referência internacional, e essa idéia fez com que sua aventura adquirisse uma dimensão não prevista: contornos de quem se atira da Pedra da Gávea!

Pois não seria atirar-se, ela, que somente ia à praia na companhia do marido e não ali, onde Leandro era uma homem conhecido, mas quando iam passar — por exemplo — o final de semana em Angra ou em Cabo Frio; pois nem mesmo ano passado, quando passaram as férias em Recife, arriscara a ir sozinha à praia; não seria, portanto, atirar-se ela descalçar as sandálias e caminhar pelas areias de Ipanema decerto chamando atenção sobre si, pois não estaria em trajes de banho, além do que sempre corria o risco de, mesmo entre tanta gente, ser vista por algum conhecido?

Mas Natália sabia que não podia deter-se agora, pois naquele dia ensaiava sua libertação — e esse estranho pensamento lhe ocorreu assim, no momento em que, abaixando-se para descalçar as sandálias, pôs um dos joelhos na calçada e deu-se conta de sua atitude despojada, sem outro compromisso que não fosse consigo mesma: pois então libertava-se? Então, no fim das contas, tudo aquilo não passava de um tardio gesto de rebeldia — e justamente no dia em que saíra para comprar flores e planejara um jantar para comemorar seu aniversário de casamento? Mas rebeldia contra o quê? Afinal não havia contra o que rebelar-se, já que sua vida fora uma escolha sua, e naqueles catorze anos não encontrara motivos de queixa, fosse contra seu marido (embora a incomodasse o fato de ele ter-se tornado um tanto distante nos últimos anos, sempre absorvido pelo trabalho), ou contra sua filha (pois Lucinha fora uma criança meiga e se tornara uma adolescente tão dócil — sim, dócil como ela mesma sempre fora…), e até mesmo os amigos que lhe freqüentavam a casa, amigos seus e de Leandro, eram pessoas com tudo em comum com ela.

(…ou a palavra mais adequada para classificar-se seria "submissa", ou "obediente"?)

Um vento veio, num golpe, agitou-lhe o vestido e fez rolar pelo chão o delicado chapeuzinho, levando-o diante dela por um bom pedaço até que ela conseguiu apanhá-lo mas não recolocá-lo, levou-o numa das mãos, as sandálias na outra; sentiu a areia grudar-se-lhe aos pés enquanto caminhava e uma sensação desconhecida parecia subir-lhe pelas pernas e tomar todo seu corpo: aquilo não era o mesmo que caminhar ao lado de Leandro nas areias de Búzios, não era o mesmo que brincar com Lucinha em Paquetá, porque aquilo compunha sua libertação, essa bandeira que erguia — sozinha. Então se deteve e soltou os cabelos num gesto simbólico, pois não cabiam mais amarras em sua vida, e contrapondo-se a esse gesto, como se o seu mundo tentasse uma brava resistência, reviu de relance esse mesmo mundo agora decadente e cheio de bolor numa sucessão de imagens encardidas, amareladas, envelhecidas: reviu, por exemplo, os chás na casa do Comendador Nogueira na companhia daquelas mulheres velhas com suas conversas antiquadas e cheias de preconceito, o Comendador falando de sua política ou de seus negócios e sempre assumindo ares de homem muito nobre, e então imagina o que teria sido a vida de Catarina ao lado daquele homem; reviu as noites de concerto no Municipal que Leandro não perdia, pois uma de suas paixões era a música clássica, quando nos intervalos podia manter uma conversa amena e cordial com aquela gente cheia de luzes e brilhos porém sofrendo de uma corrosão de lepra sob a aparência requintada; reviu os jantares com os figurões com quem Leandro agora tratava, à medida que seus negócios prosperavam, se expandiam e sua fortuna crescia, jantares nos quais compareciam até mesmo alguns militares de alta patente com suas mulheres antipáticas que, no entanto, lhe sorriam com falsidade; reviu… reviu tudo mais, e reviu sua própria existência, sobre a qual vinha meditando desde que atravessara sozinha o portão de casa e saiu para a rua…

Então pensou em suas irmãs.

Ruth, a caçula, havia-se casado com um médico que mantinha um elegante consultório na Zona Sul. Ela também não desapontara a família pois sua escolha fora duplamente feliz: o noivo, além de pertencer a uma casa tradicional, tornara-se um profissional de renome e além de curar a gente rica de seus males desenvolvia uma importante pesquisa em virologia e já publicara dois livros sobre o assunto, obras bastante aclamadas entre seus pares e motivo de numerosas referências.

Tampouco Renata descontentara os pais, pois também estava casada e sua escolha recaíra no filho e herdeiro único de uma casa distinta. O marido de Renata, diga-se de passagem, era um tanto excêntrico, vivia das rendas da família sem botar, ele mesmo, "a mão na massa", isto é, em outras

circunstâncias seria tachado de *bon-vivant*, mas o seu caso não era bem esse. Abelardo, quinze anos mais velho que a esposa, era um homem reservado, pouco comunicativo e dado à reflexão. Viajavam com muita freqüência, tanto pelo interior do Brasil quanto para o exterior, e nessas viagens passavam meses seguidos entre a Europa e o extremo oriente. O motivo, porém, dessas viagens, que para um *bon-vivant* seria o esbanjamento da fortuna da família em cassinos, passeios de iate, noitadas em casas de espetáculo, no caso de Abelardo — que não desgrudava da esposa e fazia questão de que ela participasse de tudo ao seu lado, pois em sua circunspecção aprendera a comunicar-se quase que exclusivamente com ela — era, por assim dizer, seus estudos, conquanto não se tratasse de nenhum curso regular de graduação ou de doutoramento, não, mas sim daquilo que se podia chamar de "estudos do mundo": Abelardo desejava conhecer a fundo a humanidade e a razão de ser da vida, de forma que dele se diria um filósofo se ele se dispusesse a escrever, mas não: apenas investigava, guardando para si mesmo suas conclusões. Para chegar ao fundo da razão de ser da vida Abelardo buscava conhecer a arte produzida em todos os lugares e em todas as épocas, esforçava-se por entender o pensamento científico e a própria história da Ciência em suas diversas ramificações, traçava paralelos e fazia comparações entre as mais variadas culturas… No fim das contas aquilo não passava de uma monomania; como foi dito, uma excentricidade que, aos olhos de Natália, tinha seu tanto de ridículo, conquanto ela nada comentasse a respeito; mas uma excentricidade inofensiva, pois que conseqüências poderiam advir de uma investigação tão minuciosa e profunda que não se concretizava nem mesmo na forma de um opúsculo no qual manifestasse suas idéias? Havia uma grande diferença de personalidade entre o marido de Renata e o de Ruth, mas ambos estavam em conformidade com as noções de hierarquia social cultivadas por sua família, pois ambos ocupavam suas mais elevadas posições. Ambos os casais haviam tido filhos, Ruth trouxera ao mundo três meninas, Renata apenas um menino, e ambas — apesar das notórias diferenças — constituíam aquilo que se convencionava chamar de família certinha, gente bem, coisas assim, noções que de repente sabiam a mofo, a coisa velha, carcomida…

Natália sentiu um incômodo que parecia sufocá-la, uma náusea que lhe causaria ânsias de vômito: e num instante desejou que a vida de suas irmãs tivessem sido marcadas por algum escândalo, quando menos para sair daquela conformidade opressiva e enganadora, pois já lhe parecia impossível que elas fossem felizes. Decerto julgavam-se felizes porque não tinham um real conhecimento da felicidade, como ela mesma, que até então tivera para si que um casamento realizado e feliz seria como o dela, mas que já se lhe desdobrava às reflexões como um equívoco. Se pelo menos Ruth tivesse tido um amante e o caso viesse à tona, ou Renata se separasse daquele far-

sante (pois Abelardo com sua intelectualidade vazia não passava de um farsante) num desquite litigioso que acabasse nas colunas de fofocas da alta sociedade… Se elas tivessem tido a coragem…

"Mas não" dizia consigo mesma, não, continuavam passivamente a fazer o papel de boas esposas, mães exemplares de lindas crianças que cresceriam iguais a elas…

Então Natália desabotoou dois botões do vestido para aumentar o decote e, à brisa que fazia, exibir um princípio de seios (as rendas de seu sutiã, por exemplo, podia ser vistas agora). Aquilo seria certo? pergunta-se, não estaria indo longe demais? Mas de imediato se dá conta da contradição entre o que desejara para as irmãs um instante atrás e sua preocupação com noções canhestras de decência e ordem, pois agora a idéia de certo e errado lhe pareceu um conceito tacanho, algo que somente deveria compor o vocabulário dos velhos que conservam as dentaduras dentro de um copo dágua à noite, pois a única coisa que lhe parecia certa agora era o conceito de felicidade a qualquer custo, algo como o mar alto e a ausência de uma rota segura.

Em sentido oposto viu, caminhando também pela areia e em sua direção, uma menina, pouco mais que uma adolescente, de aspecto triste, mal-vestida e com os cabelos mal cuidados. Estava grávida, conquanto a gravidez ainda estivesse apenas no quarto ou no princípio do quinto mês, e Natália pensou que aquela menina pobre talvez não tivesse um berço onde deitar sua cria quando desse à luz, porém muito cedo "atirara-se da Pedra da Gávea", ou quem sabe do alto do Corcovado, e teve vontade de imitar-lhe o gesto, e deu-se conta — com um certo horror mesclado a um sentimento de prazer — de que gostaria que Lucinha também se tivesse atirado: que aos treze anos estivesse "de barriga", e melhor ainda que nem soubesse do pai, que tivesse trepado com quatro ou cinco ao mesmo tempo (e imaginou a menina participando de uma "suruba") pois só assim sua filha não se submeteria…

— Lucinha — disse quando a garota passou ao seu lado, mas ela pareceu não ouvir e foi em frente fazendo com que Natália se detivesse, voltando-se para olhá-la pelas costas, e ficou olhando-a por muito tempo até que a menina desapareceu ao longe entre a multidão.

Então Natália encaminhou-se para a água.

Parou quando seus pés afundaram na areia encharcada, e uma onda inesperada veio dar-lhe à altura dos joelhos fazendo com que se desequilibrasse e uma das sandálias escapasse de suas mãos. Curvou-se mas ao retrocederem as águas já a arrastavam e Natália teve de correr para não perdê-la, mais uma vez desequilibrou-se e quase caiu…

Quando se ergueu seus olhos cruzaram com um olhar verde e profundo que a observava com atenção. Seguiu-se um sorriso franco que, num

rosto moreno, brotava dentre uma barba muito negra e bem aparada e, de um gesto dos braços, todo aquele corpo bronzeado pareceu compor-se e decompor-se, diluir-se e reconstruir-se diante de si e de sua perplexidade.

No dia de sua não premeditada libertação, Natália avançou a passos largos para a dissolução de tudo que havia construído em sua vida.

29 de novembro de 1957

Então o Jurandir avançou, abriu caminho entre os presentes, foi-se colocar ao lado do caixão. Chegara um pouco atrasado devido a umas atrapalhações de última hora mas sempre viera, não podia deixar de vir, podiam reparar na sua ausência, pois, mesmo não tendo sido um íntimo do Professor Roberto era uma pessoa proeminente na cidade, o Estrela Dalva fora elevado à categoria de supermercado e ele assumira recentemente a vice-presidência do *Social Club*, de maneira que numa ocasião como aquela não só deveria apresentar-se como também mostrar-se para todos, por exemplo avançando de chapéu na mão entre a populaça concentrada ao redor da capela e falando rápida e gravemente com os conhecidos e por fim aproximar-se de uma mulher ainda jovem e bonita que, um tanto compungida, mantinha-se de cabeça baixa junto ao caixão: Anita, filha de Roberto, que causara muitas decepções ao pai e lhe dera muitas dores de cabeça, mas que também o amara com um amor sincero de filha rebelde e estivera com ele nos últimos dias.

— Senhorita — disse-lhe o Jurandir em voz baixa —, minhas condolências. Que lástima, senhorita, que lástima!

— Obrigada, seu Jurandir, obrigada por ter vindo.

Jurandir concentrou-se, momentaneamente sem palavras. Olhou o morto.

— Foi tão súbito — comentou em seguida. — Ele parecia recuperado.

Pois o Professor Roberto passara mal subitamente há coisa de um mês em sua casa e fora levado às pressas para o hospital. Vivia só, e não teria socorro não fosse um vizinho que todas as manhãs passava por lá para um dedo de prosa e que providenciara a ambulância e o telefonema para a filha, que veio às pressas e não largou mais a cabeceira do pai.

— Infarto — ela ouvira do médico que, com a indiferença propiciada pela profissão, pelo hábito da morte, acrescentara: — Desta vez conseguimos salvá-lo, mas nada podemos garantir no caso de repetir-se.

— Então pode repetir-se — ela havia dito.

— Pode repetir-se.

Repetira na véspera, enquanto Anita, a seu pedido, o conduzia para a

mesa: "Não quero almoçar na cama, filha, já não tenho feito nada nesses últimos dias".

Veio a ambulância, um minuto mais tarde dava entrada na emergência, o atendimento fora imediato (afinal o caso era grave e o Professor Roberto era figura emérita na cidade), e o mesmo médico viera falar a Anita. A bem da verdade não fora necessário dizer nada, bastou mover a cabeça negativamente, Anita imobilizou-se por um momento, no instante seguinte cobriu o rosto com as mãos e deixou-se cair na poltrona, no saguão do hospital…

— Mas de qualquer forma já esperávamos, seu Jurandir — Anita disse, também em voz baixa —, depois do primeiro ataque…

— Ah, sim, entendo — e numa demonstração de atenção: — Caso necessite de alguma coisa, sabe onde encontrar-me. Os amigos são para esses momentos.

— Grata, seu Jurandir, fico muito grata.

Jurandir passeou a vista pelos presentes, pensou em comentar com a jovem a presença maciça da população — afinal o Professor Roberto fora um notável do lugar —, mas achou por bem não dilatar a conversa em tais circunstâncias, e distraiu-se em verificar algumas presenças: S. Exª o Prefeito, ausente, fizera-se representar pela esposa e filhos, mas o presidente da câmara viera em pessoa, bem como o atual diretor do grupo escolar, o presidente da associação de moradores — o gordíssimo Dias, Pedro Dias, a carantonha vermelha salpicada de suor emergindo de um terno escuro —, e mais ao fundo pôde reconhecer seu Isidoro Vilar com a mulher, os pais de Olímpio, que haviam voltado para seu sitiozinho nos arredores de Cachoeirinha e já lá estavam havia alguns anos…

Nesse momento um padre jovem galgou o pequeno altar. Pigarreou para chamar a atenção dos presentes, abriu a Bíblia.

— Irmãos — disse — aqui estamos para prestar esta última homenagem ao nosso ilustre concidadão…

Jurandir curvou um pouco o espinhaço, Anita ajeitou os óculos escuros e manteve-se de cabeça baixa enquanto os olhos ardiam, enchiam-se de lágrimas, transbordavam…

Porém Helena ainda se sentia confusa e insegura, mesmo tendo-se passado alguns anos, mesmo sabendo que o filho não se deixara abater com o escândalo e, se saíra do país, fizera-o apenas para estudar e não para fugir.

Tendo levado sempre uma vida pacata ao lado de Hermínio, mesmo ocupando ela uma posição de destaque e pertencendo ele ao alto escalão, não poderia supor que a importância dada ao caso pela imprensa fosse tal que a obrigasse a esconder-se. Não supunha que um dia teria diante de sua porta uma horda de jornalistas interessados em mais detalhes picantes, as-

sediando-os à cata de novidades, e, mesmo quando as coisas foram se ajeitando e outras notícias de interesse começaram a substituir nas páginas de jornais e revistas o nome de seu marido por outros nomes, mesmo assim ainda saía à rua tomada de constrangimento, mesmo assim olhava com desconfiança para as pessoas, a todo momento achava que a estavam observando com um arzinho ou de crítica, ou de piedade, e se em público ouvia algum comentário próximo de si, em voz baixa, já se julgava alvo da comiseração alheia. Já se haviam passado seis anos, mas duas semanas antes, em companhia de uma amiga num restaurante ouviu às suas costas alguém falar em voz baixa "pobrezinha, tenho pena, mas…" e, tomada de irritação levantou-se impaciente e disposta a interpelar o autor do comentário, mas quando se voltou percebeu que não falavam de si, pois naquela mesa estavam uma mulher envelhecida e uma jovenzinha que, de cabeça baixa, chorava em silêncio. A mulher envelhecida segurava as mãos da jovenzinha, fez em seguida um carinho no rosto da outra, pareciam concentradas em sua dor e esquecidas do mundo, certamente nem se haviam dado conta de que numa mesma próxima… Helena balançou a cabeça, chegou a rir de si mesma e, com um suspiro, voltou a sentar-se.

Não fora possível abafar o caso: os pais da menina haviam recorrido à Justiça, exigiam uma indenização ("sempre o dinheiro como fim" refletia), alguém farejara notícia uma vez que Hermínio privava da intimidade do governador e tinha livre trânsito junto à presidência da república. Hermínio não tentara esquivar-se mas sentiu-se ultrajado quando aquele casal, conduzindo à sua frente a menina vestida como uma "irmã de Maria" — menina que normalmente vestia calças, prendia os cabelos em rabo-de-cavalo, mascava chicletes e se despia na praia usando biquínis sumários, e que na cama demonstrava não apenas um vocabulário rico em nomes feios mas uma experiência de profissional —, lhe exigira uma quantia absurda…

Durou meses aquilo.

No final tudo se ajeitou, conseguiu calar a boca daquela gente quando, mesmo sem concordar com as primeiras exigências, assumiu a paternidade e registrou a criança, garantiu o futuro da garota comprometendo-se em Juízo a custear-lhe os estudos até formar-se na faculdade.

O que Helena mais estranhava em toda essa história era como ela própria se sentira afetada, a maneira como reagira, ela que se julgava uma mulher forte, sempre segura de si e que, noutros tempos, tendo passado por uma "prova" soubera manter-se firme.

"Eu era tão jovem à época, e no entanto…"

Sim, era jovem, tinha vinte e três anos e até mesmo o homem que dizia amá-la (lembrou-se então do Professor Roberto, aquele homem simpático, gorducho, de rosto redondo e avermelhado que às vezes a convidava para almoçarem ou jantarem juntos, sempre com muita cortesia e algum

embaraço, que não se declarara formalmente a ela mas que certo dia, diante de uma recusa, acabara por desistir garantindo que se tratava apenas de uma pura amizade o que ele pretendia, pois era só aquilo mesmo que podia pretender, "afinal sou muito mais velho" havia dito) — até mesmo ele a deixara só. E no entanto afrontara o escândalo, e ao deixar a cidadezinha tacanha que a desprezava não tivera vergonha nem receio de seguir a pé de sua casa até a rodoviária, cruzar as ruas com a mala nas mãos, sentar-se afetando tranqüilidade num dos bancos e esperar o ônibus, e entrar no ônibus de cabeça erguida certa de que jamais retornaria àquele lugar.

E agora, aos quarenta e sete anos, mulher madura, independente, de posição social elevada e benquista entre os de sua classe, contra quem nenhuma voz se ergueu ao seu lado — mesmo porque, que culpa teria ela dos deslizes do marido —, diante de quem todos ao seu redor se comportaram com discrição, com a delicadeza que a situação requeria, e que não estivera só em momento algum; agora, portanto, ainda se sentia abalada e insegura.

Amaldiçoou a imprensa, aquela horda de canibais que resolvera transformar sua vida, sua casa numa praça pública, numa feira, como se seu marido fosse o primeiro, o único a desencaminhar uma menor.

"Ora, desencaminhar…"

E se lembrava da garota: uma dessas jovens que se atiram para cima dos homens, filha de uma classe média duvidosa à cata certamente de alguém que lhe garanta o sustento, "uma putinha, essa é que é a verdade", e em sua irritação acabava se dando conta de que talvez estivesse sendo injusta, pois afinal o escândalo não fora promovido pela menina mas pelos pais, pela família que via a própria honra maculada, mácula que, no entanto, se apagava facilmente com algumas notas de banco (coisa, aliás, que num momento de irritação fizera questão de lançar em rosto daquela gente aproveitadora na ante-sala do tribunal)…

Sim, quando pensava no caso e nas conseqüências, Helena não evitava uma ponta de crueldade, mas era certo que essa crueldade tinha sua razão de ser, mormente pelo fato de que no fim das contas Hermínio e a moleca não haviam posto um fim na história: passaram a ser mais discretos, a tomar todos os cuidados, só isso. A família sabia e calava-se, tacitamente consentia pois as garantias haviam sido dadas; ela, a esposa, também sabia e da mesma forma calava-se para evitar expor-se ainda mais: imaginou que uma separação àquela altura seria um prato cheio para a imprensa marrom, não quis arranjar um amante para vingar-se do marido pois considerava tal atitude indigna, mas fechou-lhe a porta do quarto na cara certa noite, porta essa que não voltou a abrir-se para ele, e Hermínio teve de passar para um dos quartos de hóspedes.

E agora, ao sentar-se à beira da piscina em seu apartamento de cobertura, nessas tardes de calor, e dormitar ao sol pensando nesses incidentes,

sentindo saudades do filho, que lhe mandava cartões postais com freqüência mas com quem falava por telefone apenas uma vez por semana; agora Helena sentia saudades de seus tempos de moça, lembrava-se com ternura do grupo escolar de Cachoeirinha onde fora professora durante dois anos e tivera um admirador, o Professor Roberto.

"O Roberto…" ela pensa às vezes, recostada na cadeira ao lado da piscina, no mais das vezes sozinha. "Tantos anos" diz consigo mesma, "como estará o Professor Roberto?"

11 de outubro de 1980

— Mas na verdade o que você entendeu da leitura desse livro?

Quem faz a pergunta é um homem de seus trinta e oito anos dirigindo-se a um jovem bem à sua frente, estudante do segundo período.

Estão numa biblioteca pública e há outros estudantes ao redor da mesa. Os jovens faziam parte de um grupo de estudos, o homem de trinta e oito anos é o professor Jairo, que passara casualmente por ali e, percebendo o motivo do debate entre os componentes do grupo, sentou-se com eles.

— Por exemplo — continua o professor — como vocês vêem esta frase: "O princípio da igualdade entre as nações está na igualdade entre os homens"?

— O autor quer dizer — respondeu o estudante do segundo período — que assim como deve haver igualdade entre os homens no contexto social, deverá haver igualdade entre as nações em âmbito mundial.

Sentara-se com eles mas estava alheio e não se deu conta prontamente da resposta: a voz do aluno parecia vir de longe enquanto o homem, o professor, olhava através dele, além dele, absorvido por sua preocupação, pois decerto uma preocupação vinha tirando-lhe o sossego ultimamente.

— Professor? — o aluno disse, chamando-lhe a atenção.

— Hum?… Ah, sim… bem, está certo, mas podemos aprofundar o assunto.

— Mas poderá haver algum dia igualdade entre os homens? — pergunta uma jovenzinha loira de cabelos encaracolados que desciam à altura dos ombros. — Quero dizer, igualdade em todos os sentidos?

— Eu não creio — comentou um estudante branquelo de cabelos ruivos cortados à escovinha.

— Não? — disse o professor. — Por quê?

Outra vez a turma parecia distante e, olhando através da vidraça para o movimento da rua, fixou-se num enorme caminhão amarelo que trafegava pesadamente com sua carga oculta sob a lona.

A voz dos estudantes parecia chegar aos seus ouvidos como que atra-

vés de uma parede espessa, "…há preconceito racial, por exemplo…" (quem falava era um jovem de cor escura), "e o preconceito social", "e ainda preconceito sexual" (tornou o jovem negro) "veja o caso de uma bicha"…

— Blargh! — fez o ruivo numa careta. — E quem é que gosta de viado?

Jairo acordou, conciliador:

— Bem, deixemos os invertidos em paz, turma…

— E porque, afinal, as pessoas não são mesmo iguais — concluiu a jovenzinha loira.

— Mas as pessoas poderiam ser iguais se não houvesse preconceito racial, nem social, nem…? — pergunta um rapaz moreno de óculos tipo fundo-de-garrafa.

— É isso — confirmou a jovenzinha loira —, as pessoas não são mesmo iguais, portanto não poderia.

— Bem — interveio o professor tentando deixar momentaneamente de lado sua preocupação —, mas o que você quer dizer exatamente com "as pessoas não são mesmo iguais", Andréa?

— Os povos são diferentes, não são? Por exemplo, entre uma tribo indígena brasileira, os habitantes de uma aldeia na África e os povos nórdicos…

— Você quer dizer que há diferenças raciais — disse o rapaz com óculos fundo-de-garrafa.

— E não há? — pergunta a jovenzinha loira.

— E em que consistem tais diferenças? — quis saber o jovem de cor escura em tom provocativo. — Os povos nórdicos, com sua pele branca, seus cabelos loiros, seus olhos claros são superiores aos pretinhos da África e aos selvagens brasileiros?

— Eu não falei de superioridade — defende-se a jovenzinha loira.

— Mas eu não acho inconveniente falar em termos de superioridade — disse o estudante ruivo —, há coisas em que os povos europeus, por exemplo, são superiores aos negros da África ou aos selvagens brasileiros.

— E pode-se saber em quê? — insistiu o outro, sentindo-se ofendido.

— Isso não é contra você, Aluísio — respondeu o estudante ruivo —, não precisa tomar a coisa para si. Mas uma coisa é certa: a ciência, a filosofia e a arte na Europa e na Grécia, por exemplo… Há qualquer coisa que se assemelhe a isso entre os povos do Xingu? Ou entre as tribos africanas?

O professor perdia o fio da meada, e agora observava com interesse, olhando para o chão, a rapidez com que uma minúscula formiga passou com sua pequeníssima carga — um farelo de pão? um pedaço de folha? —, desaparecendo numa fenda do rodapé. No entanto interpôs sem muita convicção:

— Talvez o debate não esteja situando corretamente as diferenças propostas.

— Como assim, professor? — perguntou o estudante do segundo período.

— Também não entendi — disse a jovenzinha loira.

— O que está em discussão: diferenças sociais, culturais, biológicas… ou simplesmente superioridade racial?

Os alunos não responderam de imediato.

— É de superioridade racial que se está falando?

— Se eu digo que uma determinada raça se mostra superior em suas contribuições para o conhecimento — diz o estudante ruivo —, especificamente arte, filosofia e ciência… mas em outras áreas também de um modo geral… isso não implica em superioridade racial?

— Talvez essas diferenças se devam também a circunstâncias geográficas…

O professor levantou-se e aproximou-se da vidraça, "continuem" disse, "estou ouvindo".

Mas não estava…

— Eu não sei desenvolver corretamente minha idéia mas eu penso que…

…porque naquele dia esperava uma resposta e sua vida decidir-se-ia. Como poderia ocupar-se agora desse grupo barulhento? Não seria melhor deixá-los? Afinal, ele só passara ali por acaso.

— …digamos que alguns povos estão distribuídos geograficamente de forma favorável ao intercâmbio comercial e que haja um fluxo muito grande de pessoas de muitas nacionalidades nessa rota…

Lembra-se de que conhecera Vera Lúcia quatro anos antes, quando ela, tendo sido aprovada no concurso, fora lecionar na mesma escola que ele. De início não lhe prestara muita atenção, a bem dizer quase nem notara a presença miúda e morena da moça que seguia à sua frente no corredor, tão concentrado estava nas questões que proporia na prova do dia seguinte, nem chegando a curvar-se para ajudá-la quando parte de seu material caiu, resvalando de suas mãos: passou pela novata em passos apressados dizendo apenas "tenha mais cuidado, senhorita" e embarafustou por um corredor transversal em direção à sua sala.

— …falo, é claro, em relação aos tempos antigos… porque hoje a comunicação se tornou muito mais fácil… esse fluxo intenso de pessoas contribuirá para que o conhecimento se dissemine e se desenvolva. Isso não significa que aqueles povos sejam mais inteligente, mas que os que se situam geograficamente isolados não têm as mesmas oportunidades…

O professor apanhara frases soltas, compreendera vagamente as idéias do aluno e voltou-se por alguns momentos movendo a cabeça num sinal de aprovação.

— Mas há uma observação que eu não posso deixar de fazer — disse

o estudante ruivo —, que é o seguinte: está certo, o favorecimento geográfico, a disseminação do conhecimento através de rotas comerciais, como foi dito… Mas o conhecimento surgiu em algum lugar para que pudesse disseminar-se e beneficiar os povos onde ele chegava… a ciência babilônica, por exemplo, a islâmica, e a filosofia e ciência grega… esses povos sem dúvida eram superiores em conhecimento…

"Você está sendo preconceituoso" o professor ouviu alguém dizer mas não se deu conta de quem havia sido: olhava agora para o teto, "continuem" disse tanto para estimular o debate quanto para disfarçar seu alheamento. Andou daqui pr'ali, circulou à volta da mesa, regressou para junto das vidraças.

Pouco a pouco, no entanto, a imagem miúda e morena fora entrando em seu campo visual, e notou que havia qualquer coisa de agradável naquela carinha bonita, e o sorriso fugidio e distante não seria menos agradável. Isso não fora contudo suficiente para despertar-lhe a atenção; para, por assim dizer, acordá-lo de seu bem-estar de homem maduro e solteirão, ainda que a palavra celibatário descrevesse melhor seu estado, e o qualificativo misógamo se aplicasse melhor às suas convicções.

— Não — protestou o estudante ruivo —, estaria sendo se…

Mas afinal por que o jovem ruivo protestava? Deu um passo na direção da mesa, "continuem" disse como se estivesse ouvindo, mas não estava, e seu olhar cruzou com o da garota loira.

O professor Jairo estava com quarenta e quatro anos e se não se casara até agora fora por vontade própria, o casamento lhe parecia um estado tão definitivo (conquanto separar-se fosse coisa tão simples) que lhe assustava, e de seus inúmeros envolvimentos com mulheres não resultou nenhum que o levasse a decidir-se, ou, pelo contrário, decidira-se sim por manter-se solteiro.

— …não nego a outros povos e outras raças o direito de…

A garota loira, aluna do quarto período sentira-se algo incomodada no que seu olhar cruzou com o do professor Jairo. Ele talvez não se tivesse dado conta da breve contração de seu cenho, do gesto de encolher-se um pouco para, em seguida, pôr-se à vontade, ou esforçar-se enquanto examinava as unhas com displicência.

Pois a garota loira fora uma de suas paixões: no ano anterior estiveram ligados — professor e aluna — por uma relação tempestuosa que tiveram o cuidado de manter oculta para não criar problemas na escola, e mais de uma vez ouvira dela exigências tais como "quero um filho seu" ou "casa comigo", ou ainda "se você me deixar eu me mato". Mas durou pouco: depois de três ou quatro meses o namoro esfriou e eles se afastaram um do outro devagar mas resolutamente. A menina ainda se sentia algo embaraçada quando ele a olhava como ainda há pouco, ou quando em aula tinha

de fazer-lhe uma pergunta, mas o professor Jairo parecia tão distante dela nesses momentos que não tardava esquecer-se do embaraço para ou sorrir em resposta, ou prestar atenção à aula.

— …estou afirmando que alguns povos são ou foram mais inteligentes, mais criativos, e nesse sentido superiores.

Quando exatamente começara a prestar atenção naquela criaturinha miúda e morena com seu sorriso fugidio? Bem antes decerto de seu namoro com a garota loira: então com certo deleite olhava-a passar contemplando-lhe o talhe, o caminhar macio e elegante, os gestos contidos, os cabelos longos e negros que usava invariavelmente amarrados em rabo de cavalo, e com o tempo surpreenderam-lhe as transformações que se iam operando dentro de si…

— Então como é que ficamos? — diz o estudante com óculos fundo-de-garrafa. — Professor, como é que ficamos?

Jairo acorda, dá outro passo na direção da mesa:

— Estou ouvindo — diz —, não quero intrometer-me, quero que vocês decidam por si mesmos. Penso que cada qual deve expor seu pensamento sem nenhuma restrição.

— E a questão das diferenças sociais? — pergunta a garota loira.

— E quanto aos bichas? — disse o estudante de cor escura.

— Bem, pessoal — o professor Jairo acrescenta —, é preciso reencontrar o foco… e quanto às… bichas… vamos deixá-las pra lá?

Os garotos agora falam quase ao mesmo tempo, "vê-las desmunhecar em público querendo ser 'femininas' a qualquer custo embrulha o estômago" ainda resmungou o estudante ruivo, e Jairo uma vez mais se abandona…

Pois de repente Jairo deu-se conta de que tinha medo: uma recusa por parte de Vera apavorava-o a tal ponto que não se sentia encorajado a dizer-lhe que… Afinal, o que ele teria para dizer-lhe que o deixava tolhido? Desde sempre, e por "desde sempre" devemos entender desde que o professor Jairo começou a olhar a professora Vera Lúcia com mais atenção e menos afobamento; desde sempre, portanto, Jairo sabia em seu íntimo que havia sido "fisgado" mas relutava em convencer-se, tanto que depois disso havia tido casos diversos incluindo a garota loira, que era sua aluna. Mas por último decidira-se: primeiro fora preciso admitir que a professora Vera Lúcia conquistara espaço em sua vida, um espaço que ele lhe cedia a força, por assim dizer; admitir em seguida que estava apaixonado não foi um ato consciente nem voluntário. E uma vez que se sabia apaixonado, descobria-se um garoto assustado na iminência de se aproximar pela primeira vez de uma garota.

O medo de ser rechaçado levara-o a adotar o temerário expediente da véspera e do qual já quase se arrependia: no fim da tarde anterior escre-

vera um bilhete — uma sucinta declaração de amor e um pedido de casamento — e fora deixá-lo sob o peso de papéis na mesa da professora Vera Lúcia. Como fosse sexta-feira e ela só estivesse de volta à escola na segunda, e ele teria tempo de retirá-lo a tempo caso se sentisse apavorado demais durante o final de semana… "Talvez o melhor seja mesmo apanhar esse maldito bilhete ainda hoje" dizia consigo mesmo enquanto tentava acompanhar a discussão que se inflamara entre os estudantes.

Súbito, estremeceu: a professora Vera Lúcia acabara de entrar e, avistando-os, aproximou-se:

— Nem aos sábados essa turma descansa — disse com um jeito divertido —, é disso que eu gosto. — E deu um tapinha no braço de Jairo: — E aí?

— Como vai, professora Vera Lúcia? — ele diz em voz baixa, quase sem encará-la.

— Muito bem, professor Jairo — ela respondeu. — Ainda demora por aqui?

— Eu já estou de saída — ele disse, atarantado e, justificando-se: — Passei aqui por acaso, mas já… Por que pergunta? Precisa de alguma coisa?

— Oh, não, só pensei que talvez pudesse me dar uma carona.

— Uma carona? Bem… claro, por que não? Podemos ir…

— O senhor vai nos deixar na mão, professor? — perguntou o estudante dos óculos fundo-de-garrafa.

— Ora, ora — respondeu Jairo ainda abafado —, eu só instiguei o debate, o resto é com vocês.

— Isso não é justo, professor! — reclamou a garota loira.

— Não estou com pressa, Jairo — disse Vera Lúcia —, pode continuar.

O professor Jairo não sabia o que fazer: sair na companhia de Vera e dar-lhe uma carona surgia-lhe como algo ao mesmo tempo promissor e apavorante, ao passo que ficar seria, se não fugir, pelo menos retardar esse "algo", conquanto estivesse certo de que nada resultaria dele, pois com a chegada de Vera tomara intimamente sua decisão: na manhã seguinte iria ao colégio, entraria pela porta dos fundos com sua chave reserva, iria à sala de Vera e recuperaria o bilhete. Ficaria o quase dito pelo não dito e respiraria aliviado. Pensando agora com mais clareza — se é que ele conseguia pensar com clareza na presença de Vera — dava-se conta de o quanto fora não apenas ingênuo, mas ridículo e atrapalhado com aquela idéia adolescente de "escrever um bilhete"…

— Não, nem pensar — disse então, e para os alunos: — Pensem, turma, pensem e cheguem a uma conclusão. Em outra ocasião voltamos ao debate.

Ouviu-se um rumor de insatisfação mas Jairo não lhe fez caso.

— Bem — ele diz voltando-se para Vera Lúcia: — Vamos, professora?

— Vamos, professor — e passa-lhe na frente.

Na rua, o sol acabava de ser encoberto por uma nuvem de chuva e uma brisa refrescante agitou os cabelos da professora Vera Lúcia.

— Sabe em que estive pensando ultimamente, professor Jairo? Em quando vim para cá, anos atrás, para o vestibular…

— Da primeira vez, quando foi reprovada. Quando teve de voltar para o interior para tentar novamente no ano seguinte.

— Ah, eu te falei? — Vera Lúcia mudando subitamente de assunto: — Recebi hoje um cartão postal da Luíza.

— Oh, que bom! E como ela está? E onde?

— Ótima, pelo visto… O cartão que recebi é de Atenas… Diz nele que visitou o Partenon e tirou fotos lá…

— Certamente… ela não iria perder a oportunidade… — Jairo não sabia ao certo o que dizer, como manter a conversa com Vera, que caminhava ao seu lado, devagar, e vez por outra lançava-lhe uma olhadela.

— Bem, eu dizia que estava pensando em quando vim para cá anos atrás… e quanta coisa aconteceu depois…

— Bem, já são alguns anos na conta, não é mesmo?

— Naquela época eu não podia nem imaginar…

— Imaginar o quê?

— Que eu fosse um dia ser aprovada, tornar-me professora… na verdade eu não tinha muita certeza do que pretendia…

— É natural — ele diz com voz neutra —, você era muito jovem então, e nem sempre…

— Menos ainda podia imaginar que ia conhecer tanta gente legal…

— Você parece ter muitos amigos, não?

— Sim, mas havia uma outra coisa que eu não poderia nunca imaginar…

— E o que seria essa coisa?

— Que eu iria ser pedida em casamento por meio de um bilhete deixado em cima da minha mesa…

Jairo estremece e pára, olhando-a com terror.

— …e que eu iria acabar dizendo "sim".

15 de maio de 1992

— Um inútil é o que você é, um inútil do caralho!

Junto à janela o homem fumava nervosamente.

Os cabelos despenteados e a barba por fazer, a camisa aberta faltando botões, encardida e com rodas negras de suor sob as axilas, as calças exibin-

do joelheiras hediondas e os chinelos gastos — esses os sinais de uma derrocada que não parecia próxima do fim. Talvez, no entanto, o fim estivesse ali, fosse aquele mesmo: o apartamento minúsculo de paredes sujas e piso esburacado, a mobília em ruínas, as janelas com vidros partidos e — o pior de tudo — a mulher meio embriagada que não parava de falar, cuspir, atirar-lhe palavrões pela cara.

Nesses momentos, com algum esforço, conseguia abstrair-se e distanciar-se, como se pudesse sobrevoar os terraços cinzentos dessa feia cidade vista de cima.

"Chamam isso de cidade maravilhosa…" ocorria-lhe nessas ocasiões. Ele, contudo, não ignorava ao que se referia essa frase, esse *slogan*, pois essa cidade não deixaria nunca de ser maravilhosa para os "escolhidos". Aqueles, no entanto, que habitavam cortiços tinham direito apenas àquilo: uma vista medonha de terraços cinzentos e imundos que não se incluíam na parte "maravilhosa" da cidade.

— Por que não vai buscar o que é seu? Lorpa! — dizia a mulher largada em cima da cama, meio tonta, os olhos injetados, um fio preto de cabelo emergindo de uma verruga no queixo.

Às vezes não conseguia conter-se e antes de sair para a rua arrancava um pouco de sangue da maldita criatura que lhe infernizava a vida: com um sopapo bem dado arrebentava-lhe os lábios por dentro e a atirava meio tonta — da bebida, da porrada — por cima dos móveis. A mulher custava um pouco a entender o que acontecera, mas em seguida, vendo sangue em seus dedos, desatava numa tal avalanche de impropérios que o homem, se ainda estivesse ali, só conseguiria fazê-la calar com uma bordoada na cabeça que a deixasse sem sentidos. Mas ele se reconhecia um toleirão: agüentava bem as reclamações da infeliz, e quando por fim dava nela para que ela sossegasse acabava arrependendo-se, não teria coragem de ir além e preferia sair, bater pernas pela rua, passar a noite por aí…

Desta vez, contudo, o homem — embora nervoso — não parecia tão exaltado, pelo menos não a ponto de tirar-lhe sangue. Apenas virou-se para ela e gritou:

— Enfie a porra da língua no rabo!

— Enfie você! — berrou a mulher com indignação. — Então você não quer escutar? Pois bem, não escute, eu fico quieta e não falo mais nada, mas você pelo menos mostre que é homem e dê um jeito na vida! Não passa de um pamonha. Por que não vai buscar o que te pertence?

A mulher, apesar de apanhar de vez em quando, não se deixava intimidar: tinha a língua afiada e fazia uso constante dela.

— Ora, o que quer que eu faça? Não vê como as coisas estão difíceis para todo mundo?

— Difíceis para todo mundo? E você, justo você, vem me dizer isso?

— E por que não? O que tem se justo eu? Hein? Vai me dizer?

— Você sabe do que eu estou falando, você sabe muito bem do que eu estou falando!

— Ora, vá para o diabo que a carregue! — e num repelão deixou o quarto, atravessou a sala estreita, saiu para o corredor batendo a porta. Se ficasse acabaria por exasperar-se a ponto de meter-lhe de novo a mão na cara, mas no fundo ele não gostava disso: sempre se sentia mal quando a via com os lábios cortados, arrependia-se, jurava para si mesmo não fazer outra vez. Sim, porque Carlo[8] não era um mau sujeito, só um pouco esquentado, "e quem não é esquentado com uma mulher assim?" dizia consigo mesmo descendo os degraus de três em três, saindo para a rua, indo para qualquer lugar onde se sentisse distante de casa e da megera.

"No começo não era uma megera" ele pensa enquanto anda a esmo pelas ruas. Era uma mulher madura, mais velha que ele, mas quando a conhecera havia uns quatro anos sabia vestir-se, se não era bonita pelo menos tinha uma aparência agradável, trabalhava numa agência de turismo e levava vida independente, e quando resolveram ficar juntos — numa noite de alegria em que ele achara por bem contar-lhe coisas e falar de seus projetos — havia a intenção sincera de juntos fazerem suas conquistas. "Eu tinha dinheiro e sonhos" ele pensa enquanto avança pelo labirinto do centro da cidade sem saber ao certo aonde ir. Sim, ele tinha dinheiro, e não era pouco, e justo por não ser pouco ele achou — ou ambos acharam — que não iria acabar-se assim, podiam esbanjar um tantinho que sempre sobraria para tocar os projetos adiante. Que projetos? Ao certo não sabiam ainda, não *sabiam* porque agora falavam no plural: as idéias de investimento iam e vinham, os planos se desenvolviam longamente numa noite para irem por água abaixo na noite seguinte, ou porque algo mais promissor lhes ocorria, ou porque mesmo sem uma idéia melhor aquela já não lhes parecia tão boa, e assim resolviam sair, divertir-se, gastar um pouquinho "porque afinal ninguém é de ferro, mas deixa estar que não demora e a gente dá com a coisa, encontra o caminho, e aí… aí ninguém nos segura!…"

Conhecera-a noutro estado, noutra grande capital, e quando ele voltou para o Rio já com pouco dinheiro e quase nenhuma perspectiva trouxe-a consigo, mesmo achando que aquilo seria uma tremenda burrada, pois já estavam juntos havia quase três anos e ela, com o tempo, fora se revelando, mostrando sua verdadeira cara: gananciosa, mas incapaz; queria gozar aquilo que o dinheiro podia proporcionar, mas não sabia conquistá-lo, e Carlo não hesitava em culpá-la pelos gastos desmedidos que o haviam levado a uma situação de quase penúria. Preferia acusá-la,

[8] Carlo é o agenciador de crianças para prostituição na Casa das Flores, juntamente com o Pereira (v. "A janela do suicida").

pois não era fácil admitir que também ele pouca ou nenhuma habilidade demonstrara para lidar com o que possuía, que também ele destruíra suas possibilidades…

Mesmo antes de virem para o Rio ela já se entregara ao vício, e se alguém lhes perguntasse em que momento isso começara a acontecer — àquela mulher antes independente e segura de si —, nem um nem outro saberia responder. Havia pouco mais de um ano que ele voltara e viviam naquele cortiço, e a cada dia a vida lhes parecia mais e mais cinzenta, exígua, irrisória. Mas ela conhecia sua história, por isso invectivava-o chamando-o de paspalho, lorpa, imbecil, tachando-o de inútil e incompetente, berrando-lhe que fosse "buscar o que era seu"…

"Como se eu tivesse mesmo o que buscar, onde buscar… ou se houvesse alguém disposto a me entregar alguma coisa… porque afinal, se eu tenho algum direito… se é que eu tenho… mas que direito, meu Deus?… que direito?…"

— Larga aquela porra pra lá, Carlo! — dir-lhe-ia mais tarde o velho Gouveia servindo-lhe um vinho no escritório, satisfeito em revê-lo depois de tantos anos. — Larga tudo e vem pra cá, tem trabalho aqui pra você.

Mas antes de aparecer na Casa das Flores, onde chegou por volta das dez e meia, Carlo rolou de um lado para outro com seus pensamentos ao longo das ruas do centro. Bebeu com uns conhecidos nuns botecos da Relação, e ficou espiando as pernas de uma puta que fazia ponto ali defronte; pensou em fazer um convite, mas lembrou-se de que não tinha com que pagar e desistiu. Nos fundos de um armazém que servia de fachada para um cassino clandestino perdeu nas cartas seus últimos trocados e saiu de lá meio tonto; depois andou pelo cais procurando um sujeito conhecido como Vermina, que lhe devia dinheiro e a quem pretendia cobrar, porém acabou se desentendendo com um tipinho enfezado que não quis lhe dizer onde estava o Vermina e antes que se metesse em confusão resolveu voltar para a Central. Sentou-se, porém, na calçada da Candelária por uns vinte minutos vendo os carros roncando rua afora e dois ou três mendigos se amontoarem num recanto para passar a noite. A igreja pareceu-lhe um mausoléu e essa idéia causou-lhe um arrepio, levantou-se rapidamente e meteu o pé. Na Central encontrou outros conhecidos que também lhe pagaram umas doses, pois foi logo declarando "pessoal, estou a nada hoje", o que não obstou uma boa acolhida: eram todos como ele, excluídos, malditos, esfarrapados, como ele não tinham a não ser o dia de amanhã, e quando o amanhã chegava davam-se conta do engano porque o amanhã não era aquele dia, mas o dia seguinte, sempre o dia seguinte…

Quando chegou na Casa das Flores não foi reconhecido.

— O Gouveia está por aí? — perguntou.

Um crioulo troncudo, mal-encarado, espiou-o lá de seu canto de alto

a baixo tentando adivinhar quem seria o maltrapilho, mas não se moveu. O ambiente estava na penumbra, a música alta e havia casais dançando.

— No escritório — respondeu o balconista —, mas não pode entrar.

— Então vá lá e diga que eu estou aqui.

— O seu Gouveia é um homem ocupado, não atende a qualquer um.

Carlo preferiu manter-se paciente.

— Vá lá e diga que o Carlo está aqui.

O crioulo fez um movimento no canto onde estava. Carlo o ignorou.

— E vê se não demora.

O balconista afastou-se com má vontade, deixou um novato em seu lugar e sumiu por uma portinha nos fundos do salão, sob uma escada que conduzia ao segundo andar.

Um minuto mais tarde, para espanto do novato, do crioulo e do balconista o próprio Gouveia apareceu e, com um berro de satisfação, "venham cá esses ossos!", travou-o pelo punho e o arrastou para o escritório "caramba, rapaz, andei até te procurando feito um maluco um tempo atrás", e bateu a porta não sem antes berrar com a cara do lado de fora para que não fossem incomodados, "nem que a casa esteja vindo abaixo" arrematou.

— Quanto tempo, moleque! Seis ou sete anos? Mais?… Mas senta aí, a casa é sua, caralho!

E de dentro de um freezer apanhou uma cerveja gelada e dois copos. Voltou para sua mesa, abriu a cerveja, "com colarinho?" perguntou.

Sentou-se, maravilhado.

— Mas diz aí, quanto anos? Uns seis ou sete pelo menos…

— Sei lá, Gouveia, sete… acho que sete…

— Sete… sim, caramba!, sete anos. Por onde tem andado?

— Por aí, levando a vida…

— Mas você me parece meio… meio…

— É… as coisas não vão bem…

— Ora, ora, aqui vamos de vento em popa. Por que você foi sumir? Por onde andou, afinal?

Carlo dá de ombros, pouco à vontade.

— Quando você sumiu… 85, não foi… sim, pois faz sete anos… foi na época da doença do Tancredo…

— É, eu me lembro…

— Pois é… depois de uns seis meses sem aparecer o chefe começou a se preocupar… ele tinha muito carinho por você… pelo seu pai, você sabe… então mandou gente à sua procura… você não estava em lugar nenhum e ele acabou desistindo… aliás, nem você nem seu pai… pois ele tentou falar com o seu pai, mas tampouco…

— Meu pai já não era tão acessível nessa época…

— O chefe sabia, e não se ressentiu… na verdade um dia recebeu um

telegrama dele… dizia não saber de você, que vocês não se entendiam… coisas assim…

— É… a essa altura já não nos falávamos.

— O chefe ficou triste… queria que você continuasse aqui conosco… no trabalho… você lembra, as coisas iam muito bem nessa ocasião…

— Ora, se me lembro!

— Pois é… mas sem notícias suas… e como seu pai andasse muito ocupado, raramente vindo ao Rio…

— E o chefe? — Carlo perguntou.

Gouveia baixou a cabeça grisalha. O rosto gasto, encarquilhado, ficou sombrio. Esfregou o nariz, respirando com força.

— O chefe… a gente perdeu o homem, Carlo…

— Verdade? Mas o quê…?

— Ah, você sabe… ele vinha se arrastando nos últimos tempos… digo que você sabe porque já naquela época…

— Eu lembro… mas também, Gouveia, aquela gordura toda… além do que, já não era nenhum menino…

— É, mas não é isso não, foi mais mesmo a saúde… ele estava com sessenta e oito quando morreu, podia viver muito ainda; veja eu, já fiz setecinco.

— Nem parece!

— Parece — riu-se o Gouveia mostrando meia dúzia de dentes amarelos —, parecer, parece sim senhor, mas não posso reclamar: fiz uns exames mês passado, e pra minha idade olha que o médico achou tudo nos conformes… Mas ele, coitado — e inclinando-se um pouco para Carlo: — Por último também deu de beber além da conta… e tinha a cocaína… Não, eu não digo que não bebo… e que de vez em quando… você entende… um "tequinho"… mas só de vez em quando… já o chefe, coitado…

— Mas faz quanto tempo que ele…?

— Pouco mais de um ano. E ainda perguntou por você.

— Ainda se lembrou de mim — Carlo comentou com um movimento de cabeça, sinceramente pesaroso.

— Lembrou-se. O chefe gostava de você… afinal você é você, é o filho do *homem*, ou não é?… Olha, depois daquele favor que seu pai prestou a ele… livrando-o daquela encrenca dos diabos… e isso numa época em que ele já andava na mira dos homens… tanto que logo depois ele teve de ir embora… mas naquela época você ainda era um guri… Sim, senhor, o chefe conhecia a palavra gratidão… Pois perguntou por você… disse que gostaria de vê-lo ainda uma vez antes de… — o Gouveia dá de ombros encarando Carlo de relance e baixando os olhos. — Eu nem sabia o que lhe dizer… se pelo menos soubesse onde te encontrar… Foi nessa ocasião que andei à tua procura, mas…

— É, eu… estive fora alguns anos…

— E seu pai? Vocês romperam mesmo?

— Rompemos. Pouco depois daquele encontro aqui, em 82, durante a campanha…

— Foi quando ele te apresentou ao chefe…

— É, foi… Rompemos… Não que nos tenhamos tornado inimigos, mas… Acho que ele nunca ligou muito para mim… E a verdade agora é que nem quer saber que eu existo… ignora-me… nem o telefone dele eu tenho…

— Mas por quê?

Carlo dá de ombros.

— Acho que não tenho jeito. Fora o fato de que ele não gosta de mim como filho, acho também que mereço que ele me ignore.

— Ah, qual é! Você é um bom garoto… uma hora dessas ele reconsidera, afinal pai é pai!

— Não creio, Gouveia… mas também não vou humilhar-me… estou numa penúria dos diabos mas não vou humilhar-me… e mesmo que quisesse, é como lhe disse, nem o telefone dele eu tenho.

— Caramba! A que ponto…! Eu soube que ele renunciou ao mandato. Por que foi?

— Não sei. Ele não deu declarações…

— E foi pra fora, pelo que ouvi dizer…

— Sim… Roma, ou Madri, não sei ao certo… relações internacionais, uma coisa assim…

— E tua mãe?

— No exterior. Também.

Carlo sorri.

— Foi embora de vez dizendo que não volta. Vive lá com um figurão… está na Suíça e tampouco tenho como me comunicar com ela… mas mesmo que tivesse, ela não quer nem ouvir meu nome…

— Mas e os bens?

— Converteu em moeda sonante. Dá pra acreditar?… Deixou pra mim o palacete de Petrópolis… algum dinheiro… e pediu que não a procurasse mais…

— Caralho! Nem com o pai, nem com a mãe, Carlito!… Bem, mas afinal restou o palacete…

— Torrei.

— O palacete?

— O palacete.

— Mas como?

— Foi quando me mandei daqui… ela se foi com o marido pra Suíça, eu fiquei sem contato com ninguém, pois o velho não queria saber de mim e

logo depois da Constituinte também partiu… Daí que eu precisei de dinheiro para uns investimentos… já fazia algum tempo que eu não vinha aqui, andava metido nuns negócios… fantasiei umas coisas, sabe?… fui sem mais nem menos pra Bahia com o dinheiro, depois BH, Brasília, voltei para BH… daí então conheci uma mulher, ficamos juntos… estamos juntos ainda, mas não a suporto mais… transformou-se numa bêbada… infernizame… O dinheiro… enfim, nada deu certo e… A peste cisma que eu tenho que ir atrás deles… "vai buscar o que é teu" grita-me todos os dias… como se eu tivesse alguma coisa a buscar com alguém… com eles, os velhos, quero dizer…

— Diabos! Mas que sinuca, meu caro!

— Pois é… enfim, vou levando… faz quase um ano que estou de volta… não nego que pensei várias vezes em vir te procurar, mas fiquei meio embaraçado…

— Mas que bobagem! E está fazendo o quê?

— Bicos… faço uns bicos aqui e ali… — Carlo dá de ombro —, mas às vezes tenho vontade de largar aquela vaca por sua própria conta… nunca mais procurá-la… deixá-la que se vire… que volte para BH… ou que vá para o inferno… a verdade é que não quero mais saber dela…

Foi então que o Gouveia lhe disse aquilo de largar tudo pra lá que ali tinha trabalho para ele. E acrescentou:

— É coisa que você já sabe fazer… e o ganho não é de enjeitar…

— Mas com a morte do chefe, como ficou a Casa? — ele perguntou antes de aceitar qualquer oferta.

— O chefe era um irmão pra mim, você sabe, a gente chamava ele de chefe apenas pró-forma, porque era o dono do negócio, porque foi ele quem conseguiu fazer a Casa se reerguer no tempo das vacas magras… mas era um irmão…

— Sei…

— Pois é… quando sentiu que o fim se aproximava chamou o tabelião… o chefe não tinha família… ninguém… tinha, sim, um filho que andou rondando por cá certa ocasião, mas soubemos que morreu… pelo menos foi a notícia que chegou para nós… daí que chamou o tabelião e passou tudo pro meu nome… "A Casa das Flores agora é sua, Gouveia" disse-me ele depois de assinar os papéis, "eu já não duro muito, vê se cuida bem disso aqui"… e daí a menos de um mês…

— Coitado — e Carlo parecia francamente consternado.

— Tenho levado a coisa… botei gente pra me ajudar… mas não posso confiar em todo mundo… a gente tem sempre de andar de olho aberto… foi por isso que, quando escutei teu nome, pensei logo que era quem me faltava… principalmente para aquele servicinho que você já conhece…

— É aquela mesma história de…

— Sim — interrompeu o Gouveia movendo a cabeça —, sim… lembra como você sabia fazer as coisas?

— É verdade… quanto a isso, até que eu…

— É o mesmo serviço, Carlito, mas com uma vantagem e uma desvantagem…

— Qual? Aliás, quais?

— Você sabe como anda a lei… prostituição tudo bem… é coisa institucionalizada, mas criança… bem, criança é outra coisa…

— É, eu sei…

— Pois é… a coisa está perigosa… é preciso ter cuidado redobrado… essa é a desvantagem, mas também tem a vantagem: o preço é muito mais alto. O cliente tem de ter grana, e muita grana, pois se não…

— Entendo…

— E o agenciador leva uma bolada, já se vê.

— Hum-hum…

— Todo mundo ganha: eu ganho, a casa ganha, você ganha. É pegar ou largar.

Carlo balança vagarosamente a cabeça encarando o velho Gouveia. Enquanto isso ia lembrando dos velhos tempos: sabia como ninguém agenciar crianças para a Casa das Flores, aquele era um talento só seu, tinha faro, era sagaz, além do que estava sempre bem vestido e com dinheiro no bolso. Sim, as coisas andavam mais perigosas agora, a lei pesava, mas os ganhos prometiam, ele tinha muitos contatos (que era só procurar novamente), além do que sempre soube ser cauteloso…

— E a clientela? — perguntou.

— Clientes há — disse o Gouveia. — Semana passada mesmo nos procurou um sujeito aí. O patrão lá dele queria um divertimento diferente, e o homem, ó… — o Gouveia faz um gesto significativo com os dedos. — Ficamos de retornar quando tivéssemos mercadoria… meninos, o cara quer um menino de onze ou doze… loirinho, gordinho, olhos claros… essas são as exigências… mas eu não tenho gente competente nesse ramo, e tenho medo de botar qualquer um na praça para trabalhar… Mas com você é diferente, Carlito… com você as coisas funcionam…

Carlo respirou fundo vendo-se de volta aos velhos tempos, e já se imaginava botando a megera num avião de volta para BH, livrando-se dela de uma vez por todas.

Expirou vagarosamente assumindo um ar muito profissional:

— Pois amanhã mesmo saio em campo, Gouveia, amanhã mesmo…

E o velho Gouveia saltou da cadeira, "temos de brindar, caramba!, e para isso tenho cá um tinto muito especial, Carlito, espere só pra ver!".

Anoiteceu.

Jantamos há pouco e enquanto Lenora punha a cozinha em ordem eu me recolhi para a sala, para ler o jornal à luz do abajur.

Ela foi encontrar-me estirado no canapé. Curvou-se sobre mim, pondo um dos joelhos no chão.

— Não vai dormir?

— Daqui a pouco. Quero terminar de passar os olhos no jornal.

A mulher-quase-criança brincou com minha orelha.

— Não está cansado? Eu estou exausta, tivemos um dia cheio.

— Sim, um pouco, mas você sabe como eu gosto de me esticar aqui para ler as notícias.

— Sim — ela disse, e beijou-me os lábios com delicadeza —, eu sei. Mas não demore. E não acenda a luz ao entrar.

— Pode deixar — não deixei de sorrir, pois aquela era mais uma de suas frases, embora eu nunca acendesse a luz ao entrar no quarto.

Lenora subiu as escadas e eu fiquei só.

Fechei os olhos. Pousei o jornal amarfanhado sobre o peito.

Então aquela lembrança que vinha me aferroando durante toda a tarde sobreveio enfim com toda sua força.

Lu estava outra vez diante de mim.

Eu ainda o tinha como que suspenso entre minhas mãos naquele dia longínquo em que o beijara entre as sebes no parque deserto.

Mas logo nos afastamos, pois ainda que o local não fosse muito freqüentado sempre se corria o risco de sermos surpreendidos por alguém.

No entanto nos olhávamos apenas, ainda sem saber o que dizer. Então começamos a falar ao mesmo tempo e nos interrompemos, rindo francamente.

— Então você mora por aqui — eu disse.

— Não — ele respondeu, e fez um gesto indicando a direção de onde tínhamos vindo: — Para lá.

— E o que está fazendo aqui, tão longe?

Deu de ombros, "nada", e olhando-me:

— Andando à toa.

Fiquei sem saber como continuar, mas ele acrescentou:

— Vai lá um dia.

— Onde você mora?

— Sim.

— E onde é?

Ele mencionou o nome de uma rua, um número, falou de uma loja de quinquilharias, "moro no apartamento que fica em cima", e sem mais fez um

gesto e se afastou, mas vez por outra voltava-se para olhar e, já mais distante, acenou-me e disse em voz alta:

— Vai, sim? Vou esperar.

Alguns dias depois, por volta da uma hora, eu entrei na loja de quinquilharias e me distraí examinando os artigos à venda: desde livros antigos até estatuetas de bronze, de bonecas de louça a bibelôs diversos. O vendedor aproximou-se, mas eu disse que por enquanto estava somente olhando, "esteja à vontade, se quiser alguma coisa é só me chamar ali" e indicou um balcãozinho nos fundos.

Foi quando o vi passar em frente com o material escolar embaixo do braço e cheguei à porta.

Ele parou e sorriu.

— Vamos subir — disse, indicando uma entrada lateral.

Dava para um beco no qual havia uma porta, uma escada, e em cima, defronte ao patamar, outra porta, que ele abriu.

— Eu moro só com minha avó — ele disse.

— Será que ela não vai aborrecer-se com a presença de um estranho?

— Não, ela é bem simpática.

— E o que você vai dizer para explicar minha presença?

— Eu direi que você é um amigo que veio ensinar-me matemática.

Mal entramos, ouvimos uma voz que provinha de algum cômodo distante:

— É você, Lu?

— Sou eu, vó — ele respondeu, e para mim: — Ela sempre pergunta a mesma coisa. Eu vou lá falar com ela, depois venho buscá-lo.

Fiquei sozinho, um pouco espantado com a situação e perguntando-me até onde aquela história haveria de chegar.

Estava numa ante-sala mergulhada na penumbra. Quando Lu voltou, "venha" disse ele, eu o segui, passando primeiro por uma sala grande com ares de antigüidade cujas vidraças encontravam-se veladas por cortinas brancas de cassa, e em seguida por um corredor comprido com duas portas de cada lado. Ele me fez entrar num quarto espaçoso e claro, onde uma senhora idosa encontrava-se recolhida ao leito, recostada em grandes almofadas.

— Vó, este é um amigo meu, veio ensinar-me matemática. Virá outras vezes.

Curvei-me, beijando a mão da velha senhora.

— Honrado — eu disse.

— Oh, um cavalheiro! — ela respondeu, aprumando-se na cama. — Os cavalheiros são tão raros hoje em dia. Mas peço que o senhor não repare, eu quase não saio do meu quarto, em parte devido ao reumatismo, que me incomoda bastante às vezes, e em parte a uma lesão nunca de todo cu-

rada num dos joelhos, resultado de uma queda. Meu neto mesmo terá de fazer as honras da casa.

— Sou pessoa de hábitos simples, senhora, não precisa preocupar-se.

— Há uma moça que vem todas as manhãs tirar o pó e preparar o almoço, e outra que duas vezes por mês ocupa-se da faxina. Mas neste horário estou sempre sozinha.

— Entendo. No entanto não há por que incomodar-se, vim apenas para ajudar o menino em suas lições.

— Com que então são amigos? — ela perguntou. — Decerto é amizade recente, pois ele ainda não havia me falado no senhor.

— Sim, nós nos conhecemos há poucos dias, durante uma palestra no auditório da escola. Calhou conversarmos, eu e seu neto, e ele falou de sua dificuldade com a matemática. Então ofereci-me para ajudá-lo, já que minhas ocupações no momento deixam-me bastante tempo livre.

— Folgo em saber. Creio que ele precisa mesmo de alguém que o ajude, ouço-o sempre reclamar das contas.

— Não são só contas, vó — Lu interveio —, são equações, raízes quadradas e cúbicas, álgebra linear, geometria…

— Oh — ela sorriu —, quanta coisa, meu senhor!, quanta coisa para uma pobre velha que não se lembra mais nem como se faz uma soma, por isso pra mim é tudo conta.

— Pra dizer a verdade, senhora — eu disse, feliz em dar-lhe razão —, não deixa mesmo de ser.

— O Daniel não vem hoje, Lu?

— Não, vó, hoje ele deverá acompanhar a mãe à tarde.

— Daniel — ela esclareceu, voltando-se para mim — é um outro amigo do meu neto, estão sempre estudando juntos. Mas o senhor talvez já o conheça…

— Não, vó, ele e o Daniel ainda não se conhecem.

— Ah, que pena, você poderia apresentar a ambos. Estou certo de que o senhor apreciaria o rapaz, é também muito educado e gentil. Sempre que ele vem, traz-me da rua uma flor.

— Mas que encantador! — eu exclamei, imaginando que Daniel seria o rapazola que eu vira em companhia de Lu na confeitaria.

— Esta é a palavra — reforçou a velha senhora —, ele é mesmo encantador!

— Vamos? — disse Lu, tocando-me o braço.

— Oh, sim, vão, vão que eu aqui me distraio com meus crochês e tricôs — e exibiu suas agulhas.

Saímos. Voltamos pelo corredor, atravessamos a sala, passamos à saleta e nos metemos por outro corredor que, desembocando numa espécie de copa, nos conduziu a uma outra ala da casa.

— A cozinha fica ali — o menino indicou-me uma porta bem à nossa frente — e o banheiro no fim daquele corredorzinho — apontou para uma portinha no outro extremo do cômodo. — Meu quarto e por aqui — e entramos em outro corredor, ao fim do qual ficava o quarto de Lu.

Entramos, "esta casa parece um labirinto" comentei enquanto olhava em volta. O quarto de Lu era relativamente espaçoso e decorado como o quarto de qualquer menino de sua idade. A cama, com um tapete à frente, encontrava-se arrumada, havia um guarda-roupa a um canto e embaixo da vidraça uma mesa com livros e cadernos. Ao lado da mesa uma pequena estante com mais livros. Pelas paredes, figurinhas dos heróis das revistas em quadrinhos compondo um divertido mosaico.

— E este é seu quarto — eu disse.

Ele, sentando-se na cama, baixou a cabeça, fazendo-se subitamente ruborizado.

— Eu gostei — eu disse —, se parece mesmo com você.

— Eu… de repente… já não gosto…

— Por quê?

— Essas coisas todas — e ele apontou a decoração das paredes —, não lhe parece tudo uma bobagem?

— Uma bobagem? Oh… não! Por que diz isso?

— Não será muito infantil?

— Não. Parece-me que está muito bem. Diz que você deve gostar de histórias em quadrinhos.

— Mais do que de matemática — ele respondeu com um sorriso.

— E eu também — disse, e rimos.

Então tomei-o pela mão e fi-lo pôr-se de pé.

— Por que estamos aqui? — perguntei.

Ele encarava-me agora em suspense. Tentou responder, mas a voz parecia travada em sua garganta.

Tomei seu rosto entre minhas mãos e beijei-lhe os lábios, como dias atrás no parque. Lu não opôs resistência. Deixou-se abraçar e beijar, depois deixou-se despir…

Foi o único do qual jamais me esqueci, e quando deixamos de nos ver, um ano mais tarde; quando decidimos que não devíamos mais nos encontrar, decisão tomada de comum acordo; quando isso aconteceu, foi ainda naquele quarto que estivemos juntos pela última vez.

Já na porta eu me virei por um momento e o vi: de pé junto à vidraça, olhava para mim como se no fundo desejasse retroceder da decisão tomada. Senti-me tentado a voltar até ele, mas me mantive firme e deixei o apartamento rapidamente. Desci as escadas e saí para a rua: a loja de quinquilharias já havia fechado; anoitecera e com as lâmpadas da iluminação pública acendendo-se a cidade preparava-se para sua vida noturna; aproximando-

me do centro vi aumentarem os ruídos da noite e o número dos transeuntes apressados; no entanto a sensação de ausência tornava-se tão aflitiva que eu me perguntava se havia mesmo tomado a decisão certa, se melhor não seria retornar, bater à porta do apartamento sobre a loja de quinquilharias e, quando Lu viesse abrir, tomá-lo outra vez em meus braços.

Mas ainda assim me mantive firme, e nunca mais o vi.

06 de abril de 1990

E então o velho Paulino notou o alvoroço: havia gente nas imediações do armazém do Lobato, algumas pessoas entravam, outras saíam, o falatório era apenas sussurrado e uma viatura da polícia pisca-piscava suas luzes, enquanto um policial fardado se mantinha imóvel ao lado, em estado de prontidão.

Um outro policial interceptou o velho Paulino quando ele se aproximou empurrando sua carrocinha vazia, "eu guardo a carrocinha nos fundos do armazém" explicou o velho Paulino parando, suspirando de cansaço, "sou amigo da casa". O policial abriu caminho, "segue" disse, e o velho Paulino empurrou a carrocinha.

Nos fundos, veio ao seu encontro dona Jacinta alvoroçada:

— Seu Paulino, que desgraça, que desgraça! — e atracou-se com o velho aos prantos.

Jacinta era uma mulher amulatada de seus cinqüenta anos, um tanto gasta pela vida difícil de lavadeira e engomadeira, além de alguns dias da semana também descer para o asfalto como diarista. Mas era forte e bem disposta, e séria, "não sou chegada a bandalheiras" dizia, balançando a cabeça em reprovação a essas "novidades de hoje em dia", pois a mocidade a seu ver estaria perdida se não consertasse seus modos. Não chegava a ser gorda, diga-se que fosse sacudida e de boas cores, e tinha bons dentes, coisa rara na gente de sua idade e condição financeira.

O Lobato, desde há tempos, tecia o casamento da Jacinta com o velho Paulino, pois os dois eram sozinhos, e muito prático dizia "olha a vantagem de ganhar uns cobres com o aluguel da casa!", pois o Lobato ia ajeitando tudo em sua cachola: a Jacinta e o velho Paulino casavam e iam morar lá no alto, na selva, que o velho de lá não saía, e a casinha dela no pé do morro alugava-se, "pois eu mesmo, a minha mais nova casando há de precisar…".

Quem pensava nesses arranjos agora, com tanta gente e até carro de polícia na porta do Lobato, com a Jacinta falando em desgraça e desatando a chorar no ombro do velho Paulino?

— O que foi que se passou, dona Jacinta? — perguntou Paulino.

Mas na porta dos fundos aparecia a figura derruída do Lobato. Jacinta afastou-se um passo, o velho Paulino avançou na direção do amigo.

— Que foi que aconteceu, Lobato?

E o Lobato, num fio de voz, resumiu sua desgraça — uma tragédia doméstica tão trivial quanto sangrenta, insuficiente para alterar um milímetro o rumo do mundo mas ainda assim dolorosa: a Jura andava mais cedo por aí, passeava com o menino, conversava com todos a Jura, muito prosadeira… o pai do menino surgiu no fim da tarde enciumado… "não trazia uma fralda, seu Paulino, um sabonete pro filho" mas era ciumento… achou que a Jura estava de graça com alguém do morro… parecia fora de si… discutiram, a Jura correu pra dentro, o sujeito correu atrás com uma faca na mão… "e agora minha menina está lá, seu Paulino" e fez um gesto com a mão trêmula indicando o interior da casa.

O velho Paulino entrou e, na salinha estreita, deparou com o corpo da Jura caído sobre uma poça de sangue. Um homem de óculos escuros e cigarro no canto da boca fazia anotações num papel, um outro acabara de tirar algumas fotos do cadáver, e dois outros — que traziam a maca — esperavam de pé a um canto. No quarto ao lado escutava-se o choro miúdo de uma criança de colo e o ruído de passos, como se alguém andasse de um lado para outro tentando acalmá-la.

O homem de óculos escuros fechou o bloquinho e fez um sinal para os dois que seguravam a maca, "pode levar" disse, e saiu da sala seguido pelo fotógrafo.

O velho Paulino retrocedeu até os fundos.

— Que é do criminoso? — perguntou.

O Lobato deu de ombros:

— Fugiu, meteu-se em algum canto por aí… a polícia está procurando, mas qual!…

Com a saída do corpo, com a partida da viatura, o terreiro foi aos poucos se esvaziando e logo restou na casinha apenas o Lobato, a mulher — que ainda ninava a criança — e a filha mais nova com o noivo. Nos fundos Jacinta soluçava e o velho Paulino, sem saber o que fazer, entrou na cozinha:

— Compadre — chamou, e o Lobato, arruinado, apareceu no corredor. — Eu posso ser útil em alguma coisa? — perguntou Paulino.

— Não, compadre, não se apoquente… a gente vai ver como passa a noite… o compadre pode estar à vontade…

O velho Paulino fungou, cabeça baixa, sem palavra, sem ação.

— Uma coisa assim… — murmurou consternado. — Pobre menina… Quem podia imaginar, meu Deus, quem podia?!… — Meteu as mãos nos bolsos e esteve assim por momentos. — Então amanhã eu venho… para o caso de precisarem de alguma coisa…

— Está bem, compadre, está bem, pode ir descansar — e o Lobato acompanhou o velho Paulino até o terreiro.

Moleque recebeu o dono com o costumeiro abanar de rabo e o latido amigável. Paulino coçou-lhe a cabeça e entrou em casa. O cãozinho de pêlo fulvo sentou-se espiando o dono no seu vaivém pelo cômodo exíguo, e enquanto no fogão os gravetos começavam a arder e logo a lenha mais grossa, punha na trempe um caldeirão dágua para lavar-se e sobre a chapa as panelas com seu jantar — o feijão, o arroz, uns langanhos de carne. Picou num prato um tomate para preparar uma salada e pendurou num gancho a sacola de pães: deixasse-a em algum canto e o Moleque avançava. Porém não lhe agradava ver o cãozinho goderando: atirou-lhe um pão, que o esperto abocanhou no ar.

Por fim sentou-se num caixote, fechou os olhos, e o corpo da Jura caído numa poça de sangue se desenhou outra vez em sua memória.

27 de setembro de 1994

Então a enfermeira-chefe Eunice abriu de par em par cada uma das janelas, afastou as cortinas com gestos amplos e decisivos e o sol da manhã entrou na enfermaria.

Eunice sabia ser decidida: a vida, ela explicava, a vida… mas não era bem verdade, essa explicação — a que recorria mais para si mesma, pois raramente falava disso a alguém, e portanto mentia também mais para si mesma do que para qualquer pessoa, ainda que fosse uma mentira inofensiva —, essa explicação não passava de um subterfúgio. A vida não torna ninguém decidido ou irresoluto, pois existem coisas que estão além do nosso controle, além mesmo do nosso conhecimento, e são essas coisas que decidem por nós.

"O destino?" aventurava perguntar-se vez por outra, mas tampouco acreditava no destino, e como tinha muitas coisas para fazer todos os dias: visitar os enfermos, cuidar da medicação de todos, verificar as altas, inspecionar a atividade das demais enfermeiras e a lavanderia, pois não se admitiam p. ex. lençóis sujos nos quartos, e quando um paciente devia ocupar um leito na enfermaria tinha de estar tudo brilhando; e além disso, administrar a tesouraria, pois devia estar atenta ao que entrava em caixa, às doações por exemplo, que deviam ser utilizadas para o fim a que se destinavam, e bem utilizadas; sim, como tinha muitas coisas para tomar-lhe o tempo, não podia — e não seria justo — ocupar seu tempo com coisas assim tão supérfluas como filosofar, ainda que consigo mesma, ainda que durante suas tarefas, acerca do destino.

Somente à noite entregava-se, pouco antes de dormir, a algumas re-

flexões. Eram seus momentos mais vazios, porque estava no vazio de seu apartamento, e um apartamento onde não mora uma família é sempre mais vazio que os outros; e nesses momentos, no quarto escuro, quando entrava pela janela a luz da rua, os barulhos da rua — afinal escolhera morar ali, num prédio de certo requinte e numa rua movimentada para não se sentir tão só, pois lá fora, se havia ruídos é porque havia gente, o que lhe dava a sensação de não estar sozinha —; nesses momentos, portanto, concedia-se permissão para pensar, e então se perguntava, ou antes não se perguntava, mas timidamente sugeria para si mesma e mais timidamente ousava apresentar alternativas às suas breves perquirições filosóficas: a vida? O destino?

Pois fora a vida ou o destino que fizera daquela adolescente pobre e miudinha, com receio do mundo e os olhos grandes abertos de expectativa, essa mulher a caminho da velhice, um tanto corpulenta até, e cheia de decisão como se o mundo fosse pouco para tolher seus gestos?

Mas isso agora não tinha nenhuma importância: pois abrira as janelas da enfermaria e o sol entrara em jorros, e ela contemplou o gramado defronte por um breve momento até girar de uma só vez sobre os calcanhares e duma única olhada abarcar todo o ambiente — os leitos onde as enfermas estremunhavam, a mesinha no canto onde havia um jarro de flores, a folhinha de bloco na parede, que ainda mostrava a data do dia anterior…

— Bom dia, meninas! — exclamou, mas só o que viu: meninas? Ora, velhas, vinte leitos ocupados, vinte velhas que se moviam dentro dos lençóis botando as caras enrugadas de fora, abrindo as bocas — algumas desdentadas — em bocejos tão feios, vigiando-a com olhos remelentos de velhas que eram, e ali estava ela a exclamar: "meninas", como se fossem mesmo meninas, pois afinal cabia-lhe dizer assim, "meninas", como uma inquestionável verdade, e tudo isso apenas para tentar deixar o dia daquelas infelizes sem pátria nem família um pouco mais divertido.

— Bom dia, enfermeira, tenha você também um bom dia.

E a enfermeira-chefe Eunice, habituada às resmungações de todas as velhas, não se acostumava com aquela que sempre lhe respondia de bom humor apesar da doença incurável e de não lhe restar muito tempo de vida — e aquele era um mistério que a enfermeira Eunice ainda iria tirar a limpo: como uma velha solitária e com pouca saúde, pois mais que todas as outras tinha os dias contados, conseguia responder-lhe sempre bem-humorada, quase — podia-se dizer — alegre?

— Tenho uma novidade para a senhora, dona Luciana — anunciou com seu melhor sorriso.

— Uma novidade! — exclamou a velha. — Mas isso é muito bom, desde que seja uma boa novidade.

— E é — confirmou a enfermeira-chefe Eunice aumentando o sorriso que já se lhe estampava em todo o rosto, com trejeitos de quem fala a uma

criança para animá-la a sorrir. — Adivinhe? Não? O Dr. lhe deu alta hoje pela manhã.

A velha fez um movimento com os ombros e juntou as mãos no peito, encolhendo-se com um sorriso e um suspiro de alívio, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Mas a enfermeira-chefe Eunice não podia dar atenção a uma só paciente, "arrume suas coisas" acrescentou muito despachada, já se afastando, "logo deverá voltar ao seu quarto" e mais à frente outra velha solicitava sua presença.

E agora, caminhando com seu passo acelerado e falando a um e a outro com seu jeito ativo e inspecionando as demais enfermarias com a atitude soberana de inspecionar enfermarias e transitar entre leitos e dirigindo-se à sua sala com sua maneira independente de dirigir-se à sua sala pois na sua sala encontrava seu verdadeiro refúgio, seu trono, o centro de seu império — que até mesmo os doutores temiam, pois a enfermeira-chefe Eunice era a mais antiga, virtuosa, considerada e eficiente das enfermeiras —, a enfermeira-chefe Eunice atravessou os compridos corredores ao fim de um dos quais havia uma porta, e também atravessou essa porta trancando-a atrás de si numa pancada seca e foi sentar-se detrás de uma mesa: a *sua* mesa, a sua távola redonda.

Respirou fundo.

A história daquela instituição confundia-se com a história da própria enfermeira-chefe Eunice: estava ali desde a fundação, quando não passava de uma enfermeira muito jovem (pois não contava mais de vinte e dois anos), recém-formada, miudinha de corpo mas grande em seus sonhos; e desde a inauguração, muito orgulhosa por fazer parte do corpo ativo da casa como uma espécie de mascote — pois era a mais jovem de todas e se sentia protegida entre enfermeiras já experientes na profissão e tantos doutores em medicina —, viu se passarem os primeiros anos, cresceu pouco a pouco à medida que a casa também crescia e não só em tamanho como em credibilidade, pois ela, a enfermeira-chefe Eunice, também crescera — em tamanho, pois fora com o tempo adquirindo rotundidades e volumes insuspeitados; e em credibilidade, pois de sua eficiência na administração podia-se dizer que respondia pelo renome da casa e o próprio conhecimento adquirido não só nos livros como autodidata mas na prática do dia-a-dia faziam dela uma quase doutora… enfim, trinta e quatro anos depois, era a única que sobrara dos primeiros tempos e cuidava de tudo com um olho afinado e um tino de cão ao farejar o osso.

Hoje, a Instituição Para Idosos Lar de São Sebastião — IPILAR tornara-se uma instituição modelo, e a enfermeira-chefe Eunice podia afirmar, não sem uma pequena dose de orgulho, que parte desse renome devia-se a

ela. É claro que se ela se sentira protegida, a mascote da turma, naqueles distantes começos; cedo percebeu que não seria de muito bom proveito apenas sentir-se segura: precisava fazer alguma coisa para estar de fato segura na vida. "Competência acima de tudo" pregava para si mesma numa espécie de auto-estímulo, "mas fora isso…" e deixava essas propositais reticências como que para omitir de seu exame de consciência algum ato menos nobre. Diga-se de passagem que a enfermeira-chefe Eunice nunca fazia exames de consciência propriamente ditos, andava sempre ocupada demais para perder tempo com tais ninharias, costumava apenas impingir-se aquele auto-estímulo de vez em quando e, ainda mais de vez em quando, acrescentar vagamente: "Pois afinal um cristão tem de viver…"

Sim, um cristão tem de viver, e na IPILAR quantos cristãos dependiam da ajuda dos outros para continuarem vivendo, para gozarem de um final de vida digno e respeitável, quando já não podiam contar — como costumava ela mesma dizer, valendo-se de uma expressão que se lhe tornara favorita — nem com a família nem com a pátria! Quase uma centena! "Uma centena de velhinhos desamparados, que vêm para cá" e encontram bons quartos, boas camas, bons lençóis, excelente acompanhamento médico, área de lazer, sala de leitura, de jogos… enfim!…

"Se não fossem as doações" dizia consigo mesma sentada detrás de sua mesa, no centro de seu pequeno império, naqueles poucos momentos que se concedia diariamente para estar só; pois era verdade! Se não fossem as doações! Ah, mas ainda havia muita gente de bom coração, pensava enternecida, por exemplo aquele Sr. Olímpio, que deixara na véspera um polpudo envelope sobre sua mesa a título de colaboração nas atividades humanitárias da instituição. É certo que a enfermeira-chefe Eunice fizera minuciosamente as contas para concluir que aquele envelope não faria falta, outras doações periódicas haviam entrado em caixa e o futuro da casa estava garantido sem baixa na qualidade do atendimento aos velhinhos, portanto podia recolher piedosamente aquela quantia para sua conta pessoal, afinal se aquela instituição funcionava como devia era graças a ela, imagine se alguma coisa lhe acontecesse, o que seria de todos aqueles desvalidos? Não! Precisava proteger-se, era sempre necessário e urgente garantir-se, pois garantindo-se estaria garantindo o bem estar de todos que dependiam dela. Além do mais, o Sr. Olímpio era um cavalheiro e nem recibo exigia, sempre fora assim desde que passara a fazer doações para a casa: chegava com seu porte e suas maneiras de homem do mundo, cumprimentava-a com um breve aperto de mãos acompanhado de um sorriso e, sentando-se para conversar por alguns momentos, perguntava pelos seus protegidos, entregava-lhe o envelope com uma expressiva quantia em espécie e se retirava após uma cortês saudação. Em duas ou três ocasiões a enfermeira-chefe Eunice fizera questão de levá-lo a percorrer as instalações, e o Sr. O-

límpio mostrou-se agradavelmente surpreso com tudo que vira, mais ainda porque nada fora improvisado, já que nunca programava suas visitas nem tinha uma data certa para aparecer.

Mas a enfermeira-chefe Eunice, que contava com o apoio das autoridades no comando da IPILAR, procedia sempre com muito critério: antes de transladar para sua conta pessoal qualquer valor oriundo de doações fazia cálculos minuciosos, afinal, se a IPILAR tinha de manter-se de pé sem cair em descrédito, ela também devia estar em perene segurança, e com um sorriso de humana e beatífica satisfação dava-se conta daquela simbiose entre a instituição e sua governante: uma, sem a outra, sucumbiria inapelavelmente.

Por último, quando entrava em sua sala e sentava-se detrás de sua mesa, a enfermeira-chefe Eunice via-se tomada por uma outra preocupação, a qual tampouco se limitava àquelas quatro paredes e ia incomodá-la até mesmo quando, à noite, pousava a cabeça em seu travesseiro — e essa, por assim dizer, nova preocupação crescia à medida que os dias se passavam, pois tinha a ver justamente com isso, com o passar dos dias, e mais não era que sua aposentadoria, decidida para o próximo ano, quando completaria trinta e cinco anos de serviços prestados à IPILAR. Mas já não se preocupava por si mesma, seu pé-de-meia estava feito, sua velhice garantida, de forma que deixando a IPILAR poderia então realizar alguns pequenos sonhos, como por exemplo o de viajar e conhecer um pouco do mundo que ela vira apenas através da TV… e apesar de prática e decidida, devaneava… gostaria de visitar algumas capitais da Europa porque — dizia consigo mesma — a Europa é muito *chic*… mas mesmo no Brasil há muito que ver, admitia, Brasília por exemplo, nunca estivera em Brasília, nem em Curitiba, que parece ser tão bonita… até que emergia de seu devaneio e voltava a pensar em sua aposentadoria e na preocupação que lhe trazia: ela estaria fora da IPILAR — quem assumiria a direção dessa casa? Que seria dos internos quando já não pudessem contar com seus cuidados? A qualidade da instituição seria mantida no mesmo patamar pelo menos?…

Eunice suspirava, recostando-se em sua cadeira e fechando momentaneamente os olhos…

Durante esse breve fechar de olhos, nós, que acompanhamos seus pensamentos, podemos também acompanhar sua vida, pois não seria exagero dizer que há na vida de uma pessoa momentos em que os olhos se fecham de uma forma diferente, toda especial, qual seja a de fechar-se para que se abram as janelas do tempo através das quais, nelas debruçando-se, vê-se de relance toda a sua história. Quando, portanto, a enfermeira-chefe Eunice fecha os olhos nesse momento de abstração o que se segue é esse mergulho, e em *flashes* sua vida desfila — a infância pobre com a pequena família, um avô carinhoso e a mãe, que se sacrificara para que ela crescesse;

uma história muito vaga de parentes em alguma cidadezinha de interior mas que nunca conhecera; a formatura e os primeiros anos na IPILAR; a morte do avô; algumas desilusões amorosas que redundaram numa solteirice sem cura; o progresso vagaroso mas contínuo; a morte da mãe um ano antes; sua perspectiva de aposentar-se no ano seguinte e as viagens que planejava — nisso resumia-se sua história prosaica. Essa fora sua vida: a luta fora árdua mas a enfermeira-chefe Eunice vencera. "Venci" pensava ainda Eunice de olhos fechados, "mas que vitória foi essa?".

…No entanto, aqueles momentos em seu refúgio estavam chegando ao fim. Devia retornar à rotina de seu império e percorrer, já na parte da tarde, todos os quartos — e se lembrou de que a senhora Luciana, aquela velhinha que a intrigava, recebera alta pela manhã e devia estar de volta ao seu quarto, caso não estivesse na sala de leitura, e pensou em ter dois dedos de prosa, pois quem sabe não conseguiria deslindar aquele mistério? —; visitar a lavanderia a fim de verificar pessoalmente se a roupa de cama da véspera já fora lavada; ir à cozinha conferir o menu do dia, inquirir acerca das reservas de despensa, saber para quando fazer novas encomendas; inspecionar — e isso lhe parecia mais urgente — a farmacinha da casa, pois lembrava-se de que alguns medicamentos estavam em falta desde anteontem, quando deviam ter sido entregues; chamar à ordem as faxineiras, pois a enfermeira-chefe Eunice mostrava-se incansável no quesito limpeza "como fator de preservação da boa qualidade de vida dos nossos internos, portanto não se esqueçam: tudo tem de estar brilhando", e no mais, bem, no mais sabia que no dia seguinte tudo se repetiria *ad infinitum*, pois tudo na IPILAR se repetia, concluindo com certa dose de amargura: "A velhice é igual em toda parte".

Mas só no fim da tarde a enfermeira-chefe Eunice pôde sentar-se numa cadeira ao lado da cama de dona Luciana, que tinha por hábito deitar-se um pouco por volta das dezessete horas.

— Ah, olá, enfermeira — disse a velha Luciana quando a viu entrar em seu quarto. — Que novidade a traz aqui, ao meu covil?

— Dona Luciana — começou a enfermeira-chefe Eunice naquele seu tom incisivo de começar uma conversa, e abancou-se logo, com seu jeito pesado de abancar-se. — A senhora para mim é um mistério.

Dona Luciana sorriu um bom sorrir, "um mistério!" exclamou, ora, e que mistério poderia ser aquele! Então a enfermeira-chefe Eunice lhe respondeu que em mais de trinta anos naquela casa nunca vira uma pessoa — e novamente valeu-se de sua expressão favorita — sem família nem pátria tão bem humorada.

— Os outros idosos, a senhora sabe… ora, os outros idosos! Uns rezingões, não que lhes tire parte da razão, não é isso, mas… Mas afinal, a

senhora está conosco há apenas seis semanas, e não tivemos muito tempo para falar…

— É verdade, enfermeira, mas a senhora anda sempre tão ocupada.

— Sempre ocupada! Oh, sim, isso aqui é um apostolado… uma espécie de missão em terras selvagens… — a enfermeira-chefe achou a imagem um tanto exagerada e interrompeu-se. Juntou as mãos, e depois de um suspiro: — Se quiser, podemos conversar um pouco agora.

A velha Luciana sorriu, meneando a cabeça devagar. De repente seus olhos adoçavam-se mais, tornavam-se úmidos, e ela atravessava o tempo.

— Foi há quarenta anos, enfermeira, foi há quarenta anos…

Eunice concentrou-se, prestou atenção. Pode-se mesmo dizer que curvou-se um pouco na direção da velha.

— Eu havia completado, engraçado isso, quarenta anos havia pouco. Casara-me jovem com um homem bom, dei-lhe três filhos, e vivemos… como direi?… Vivemos possivelmente bem. Digo "possivelmente" porque eu não poderia dizer o que é viver bem num casamento que, a certa altura, me pareceu vazio, sem futuro, e até mesmo sem passado. A senhora é casada, enfermeira?

— Não, dona Luciana, infelizmente… ou felizmente, que sei eu?…

— Certa tarde eu estava sozinha em casa. Meu marido só chegaria do trabalho às seis e meu filho mais novo, então com quinze anos, parece-me que havia ido à casa de uns amigos de colégio, ou de uma namoradinha que ele tinha no prédio, não lembro bem…

A velha Luciana calou-se por alguns instantes, como que evocando aquela tarde longínqua.

— Éramos uma família muito bem situada — ela acha por bem esclarecer —, vivíamos num prédio de luxo e meu marido dirigia uma empresa bastante próspera… soube mais tarde que soube ganhar dinheiro cada vez mais… Quanto a mim, eu herdara dos meus pais e meu patrimônio permanecia intocado, portanto…

Um fino sorriso faz descontrair-lhe o semblante momentaneamente tenso. Volve os olhos para a enfermeira-chefe Eunice:

— Foi tão súbita minha decisão, que eu me espantei, mas ao mesmo tempo me convencia de que não poderia retroceder. — Suspirou e moveu a cabeça num gesto de afirmação, de aprovação pelo que fez: — Eu conhecia o mundo de revistas, das revistas que eu assinava. Era preciso conhecê-lo de verdade, nem que para isso fosse necessário deixar tudo para trás: o lar, o casamento, a família. E foi o que fiz.

E, para uma divertida e escandalizada enfermeira Eunice, relatou sua vida repleta de aventuras — e nenhum arrependimento.

— Libertação — disse Lúcia enquanto levava à boca o canudinho e sorvia devagar a bebida ligeiramente ácida, ligeiramente alcoólica.

A área externa do restaurante, quase vazia àquela hora da tarde, em que o Sol vez por outra se escondia detrás de umas nuvenzinhas persistentes e corria uma aragem refrescante, deu-lhe subitamente uma impressão de isolamento.

Numa mesa a um canto um homem de meia-idade lia o jornal da véspera e, vez por outra, olhava o relógio de pulso, como se esperasse alguém. Diante de si, um copo com bebida e pedras de gelo meio derretidas parecia esquecido.

De dentro do restaurante veio um rumor de vozes, um dedilhado no piano, um tinido de copos — mas tampouco havia multidão ali: com apenas algumas mesas ocupadas, os garçons podiam dar-se o luxo de chegar à porta e por alguns instantes ficar olhando o dia, a tarde, como se nada tivessem para fazer.

— Libertação, Sônia, foi isso — Lúcia repetiu, pousando o copo na mesa, enquanto a amiga movia lentamente a cabeça numa aquiescência. Compreendia? Não compreendia? Pode-se buscar a libertação a qualquer custo? As conseqüências serão assim justificadas, ou pelo menos valerá a pena?

"Perde-se tudo" pensou Sônia, pois, sim, perdia-se tudo, já que a sociedade não perdoava — mas Sônia pensou se a sociedade deveria perdoar, se poderia fazê-lo, se sendo tolerante não estimularia os vícios e os maus costumes…

— Pertencíamos à classe média alta, afinal — continua Lúcia.

— Não há mal na classe média alta — Sônia comentou.

— Não que haja mal — Lúcia concordou, e num gesto de ombros: — Afinal… — não completou a frase, mas sorriu. — Além do mais, a hipocrisia não é privilégio… privilégio? Nódoa… A hipocrisia não é uma nódoa apenas dos ricos, mas do ser humano, do próprio ser humano.

Fez uma pausa.

— No nosso meio há muitos preconceitos, você sabe, muitas regras… Ela acabou por cansar-se de tudo, é o que penso.

Sônia meditou por um momento naquilo que Lúcia dissera sobre a hipocrisia. Um instante atrás ocorrera-lhe que a tolerância estimularia os vícios e os maus costumes, mas que maus costumes, que vícios? Estará esse meio social elevado e preconceituoso isento deles? Combate-os, por acaso? Ou tudo não passa de uma casca, uma fina película externa a disfarçar a dissolução?

— Mas o seu pai — quis saber —, ele não foi um bom marido? Para você, foi um bom pai?

— Como pai não poderia ter sido melhor… sempre nos demos muito bem, e quanto a ser um bom marido… Não creio que fosse mau, eu era apenas uma adolescente quando tudo aconteceu… Não me lembro de nada que ele tenha feito que pudesse explicar… entende?… e até hoje, quando tocamos no assunto, ele diz: "Não sei o que aconteceu, filha, não sei qual terá sido meu erro."

O homem na mesa do canto olha o relógio mais uma vez, deixa o jornal em cima da mesa e se põe de pé. Encaminha-se para a entrada do salão.

— Alguma ligação para mim? — pergunta para dentro.

Sônia não se lembrava dos acontecimentos, do escândalo que agitou os salões naqueles dias turbulentos — como poderia lembrar-se, se era criança à época (mal completara sete anos), e os adultos nunca faziam comentários dessa natureza na presença de crianças?

— Nada até agora, Dr. Alencar — informa o gerente, aproximando-se da porta.

O homem parece resignado, volta para a mesa, toma um trago e retoma o jornal.

— Por isso falo em libertação — Lúcia explica. — Convenções, estreiteza de horizontes, imposição de limites, sei lá…

— Ela nunca lhe disse nada?

— Ela desapareceu por um tempo… talvez para reaparecer quando as coisas estivessem mais calmas… Só que não estavam mais calmas, entende? A rejeição, os comentários maldosos pelas costas, as críticas diretas… não a pouparam, até que ela desapareceu de vez.

— E o seu pai?

— Pobre homem! Não sabia o que fazer… trancava-se em casa o tempo todo, com vergonha… Se não fosse meu tio assumir a administração dos negócios…

— Eles não voltaram a se encontrar?

— Quando minha mãe retornou de sua… aventura… Verdade é que eu não sei o que disseram um para o outro… mas diante da reação de todos ela desapareceu outra vez…

— Seu pai estaria disposto a aceitar uma reconciliação?

Lúcia não soube o que responder. Lembra-se apenas do ar desacorçoado do pai, que já não deixava a casa, mas permanecia quase todo o tempo na biblioteca, sentado à mesa com um livro aberto à sua frente, apenas aberto, pois o infeliz mal conseguia olhar para as páginas: diante do desastre familiar o homem, que antes parecia tão cheio de energias, havia sucumbido, desmoronara como uma parede velha batida pelo vento. Nesses momentos o pai a puxava para si e em silêncio lhe acariciava os cabelos; embaraçada para falar acerca da mãe, Lúcia permanecia igualmente em silêncio fazendo-lhe companhia por muito tempo.

Quando Natália reapareceu, pouco mais de um ano depois, ocasião em que o pai já se havia recuperado e reassumia os negócios, o escândalo — que apenas arrefecera — adquiriu outra vez proporções de incêndio; o reencontro fora breve, não houve reconciliação, e a mãe desapareceu novamente.

— Todos lhe atiraram pedras — Lúcia diz com lágrimas nos olhos —, todos!… Até parecia que eram todos impolutos, senhores da retidão!

Sônia não evita um sorriso — pois era isso mesmo o que lhe ocorria, "senhores da retidão": eram assim os membros dessa elite dourada, ainda que decerto nem sempre o fizessem por mal, mas isso a aborrecia enormemente.

— Aquele Comendador Nogueira, por exemplo — Lúcia encara a amiga.

— O que gostava de garotinhas…

— E de garotinhos. Todos fingiam ignorar, até a idiota da mulher, que sabia de tudo e perdoava… nem ligava, aliás, essa é que é a verdade: nem ligava! Era de conhecimento geral, ainda que em tácito acordo ninguém comentasse, que o Nogueira pagava altas somas a um cafetão ali da Zona Norte para que lhe arranjasse crianças para seu desfrute… meninos e meninas de nove, dez anos…

Sônia moveu a cabeça pensativa, enquanto mordiscava um biscoito. "Não" disse consigo mesma, "não comigo" — pois Sônia não estava disposta a submeter-se. Sim, pensou, libertação: essa era a palavra, Lúcia estava certa, mesmo que as conseqüências pudessem ser terríveis.

— Quando a reencontrei — Lúcia prossegue — eu já não era a adolescente de treze anos… era adulta, cursava Administração e trabalhava…

— Ela não deu notícias todos aqueles anos?

Lúcia recorda-se. Anos haviam se passado desde que a mãe desaparecera novamente. Não voltou a procurar a família, embora se o fizesse por certo o pai não se recusaria a recebê-la e a ajudá-la.

— Quando ela me procurou estava na miséria e muito doente — aperta os dedos em volta do copo.

Pois Natália perdera a saúde, e ao pressentir o fim quis rever a filha. "Se eu merecer seu perdão, filha" ela havia dito, "e o do seu pai", e lhe disse que nunca deixara de amá-la, "e foi ainda por amor que permaneci afastada", pois como poderia comprometer o futuro da filha com sua presença de mulher dissoluta?

— Amou-me — disse Lúcia —, amou-me… amava talvez ao meu pai… mas não o suficiente para suportar a provação.

— Dr. Alencar! Bons olhos o vejam!

— Ernani — e o homem da mesa do canto larga o jornal, pondo-se prontamente de pé. — De folga hoje?

A troca de cumprimentos chamou a atenção das duas mulheres, que

se voltaram para ver: um casal acabava de entrar — um homem maduro mas muito elegante, de barba cerrada, que vai apertar a mão do homem na mesa do canto, enquanto uma jovem graciosa de pele muito clara, que leva nos braços um bebê, ocupa uma mesa mais afastada. Toda desvelos, ajeita a touca da criança, os babados do roupãozinho, aperta-lhe encantada a bochecha, falando com jeito tatibitate.

— Sim, eu já não pinto nos finais de semana. Mas e você?

— Havia marcado aqui com o Olímpio para tratar de uns assuntos da política…

— Ah, o Olímpio…

— …mas creio que ele já não vem — olhou o relógio novamente. — Se não veio até agora, deve ter ficado retido no palácio por algum compromisso.

— Vem sentar conosco? — o recém-chegado convida.

— Não, infelizmente não posso. Fica para uma outra ocasião. Como o Olímpio não apareceu, vou aos compromissos.

Apertam-se calorosamente as mãos, "então, até…", e enquanto o homem da mesa do canto se retira, o recém-chegado vai sentar-se ao lado da jovem mãe.

Lúcia para Sônia, baixando a voz:

— Sabe quem são?

— Não é aquele artista…?

— Ernani de Castro.[9] Sim.

— E ela?

— Chama-se Anete. É a nova esposa.

— Mas é muito mais nova que ele!

— Ele era casado com uma das mulheres mais lindas da sociedade. Uma das mais lindas não, seguramente a mais linda — Lara —, eu a conheci bem: meiga, dócil, fina, uma simpatia! Mas a impressão era que não se tratava de um casamento feliz.

— Então separaram-se?

— Divorciaram-se. Essa menina ele foi desencavar no interior, onde fica a fazenda da ex-mulher.

— Como você soube?

— É o que se comenta. Ele a conheceu lá, e agora têm um bebê…

— Anete — Sônia diz pensativa, enquanto observa a jovem mãe, que parecia viver um conto de fadas.

— Anete, uma matutazinha — Lúcia diz.

Sônia move a cabeça, "uma gracinha, na verdade, uma menina encantadora".

---

[9] Ernani de Castro e Anete: v. o romance "Música de Outono".

— Libertação, você disse há pouco — Sônia se volta para a amiga.
— Libertação — Lúcia confirma.
— Então ele se libertou.
— Talvez Lara.
— Ambos.
— Ou isso, ambos — Lúcia admite.
Na mesa próxima Ernani de Castro acena para o garçom.
Anete desfaz o laço, tira a touca da criança, sorri, e seu sorriso revela o encantamento diante da vida.

06 de julho de 2002 — à noite

Enfim o sábado chegaria ao fim de maneira ordenada, e Afonso sentia-se satisfeito. Enquanto Celina metia a chave na fechadura para abrir a porta, ele, na retaguarda, ocupava-se com os pacotes.
Os meninos diziam estar com sono ("Pudera" diz Celina, "afinal correram o tempo todo") e Aline ansiosa por um banho.
— Também, com esse calor!…
— Mas estamos em julho — diz Celina.
— O tempo já não é o mesmo — Afonso imobiliza-se enquanto as crianças avançam através da porta, antecipando-se à mãe.
— Nada de alvoroço, crianças — recomenda Celina acendendo a luz do vestíbulo e colocando sobre a mesinha as bolsas que tinha nas mãos. Afonso aproximou-se, livrando-se por sua vez dos pacotes.
— Não vou arrumar nada hoje — diz Celina —, estou exausta.
— Não há pressa — concorda Afonso —, não se comprou nada perecível.
— As ruas estavam excepcionalmente cheias hoje — comenta Celina entrando na sala —, e com esse tempo…
Afonso chutou sem querer um brinquedo esquecido no meio do caminho e soltou uma praga, sendo repreendido pela mulher, "não é bom para as crianças, querido".
Ora essa!, pensou aborrecido, não é bom para as crianças! Afinal, por que não é bom? Não deviam ser advertidas para serem mais cuidadosas? Porém não retrucou, sentia um imenso carinho por essa esposa dedicada à família, ao lar, às miudezas domésticas que o repreendia com uma doçura só sua, e largou o corpo no sofá, relaxando, sentindo o cansaço começar a dominá-lo.
— Porém ainda há uns papéis a examinar, e vou aproveitar agora — resmungou um tanto aborrecido pois em vez de trabalhar decidira que iriam ao parque logo após o almoço, nada fizera de útil a tarde toda, o dia seguin-

te seria domingo e no domingo não pretendia nem mesmo aproximar-se das tarefas que trazia para casa. (Consigo mesmo ruminava que não era aquele — ter saído à tarde com a família em vez de ficar em casa trabalhando — o motivo de seu aborrecimento, mas era preciso inventar uma desculpa: mesmo que não conseguisse enganar a si mesmo, uma desculpa serviria pelo menos como uma válvula de escape…)

Porém da cozinha veio uma exclamação de aborrecimento da mulher:

— Afonso, querido! Ora bolas, veja só que maçada!

Levantou-se para ver do que se tratava:

— Olha só — disse apontando para a pia quando ele apareceu à porta —, a torneira ficou pingando e por alguma razão a pia transbordou, alagou o chão!

— Por alguma razão! — resmungou Afonso aborrecido. — Ora, Celina, por alguma razão!… Então a razão não está aí mesmo? A torneira não ficou pingando?… Esta é a razão!

— Não, querido, não foi o que quis dizer… referia-me a que o tampão deve ter ficado fechado…

— Diabos! — exclamou cada vez mais irritado.

— Não, querido — e Celina adoçou a voz, sorriu-lhe para acalmá-lo, aplacou-o —, não se exalte. Traga-me algumas folhas de jornal.

Afonso correu à sala: apanhou sobre o sofá o jornal da véspera, desfolhou-o com aborrecimento, a cara do figurão sepultado naquela tarde ("Afinal o que fazia mesmo esse sujeito na vida?") passou de relance sob seus olhos, e com mau-humor pensou que a morte de um tipo assim seria sempre motivo de manchete nos jornais (naquela tarde no parque ouvira alguém comentando o caso,

"sim, sepultado hoje" teria dito um senhor idoso e gordo, com um enorme nariz vermelho, que se aproximara na companhia de uma mulher de meia-idade, detendo-se à sombra de uma árvore

mas pessoas passavam conversando e rindo, crianças corriam fazendo algazarra ele não pudera apanhar toda a conversa

"vivia no exterior…" disse o senhor do nariz vermelho

um carro buzinou violentamente na rua defronte e outro passou com o motor explodindo em sinal de protesto contra a lentidão do trânsito

"é, e parece que desempenhava uma função importante por lá" respondera a senhora, "ouvi por alto no jornal da manhã, mas eu não entendo nada dessas coisas. Não tinha família, foi o que disseram, só um filho"

"é verdade, e eu conheço o tipo"

"ah, sim?"

"sim" confirmou o senhor do nariz vermelho, e acrescentou "é dono de uma… bem, de uma… casa de prostituição"

"que horror!" a mulher de meia-idade, escandalizada

"ganha o burro do dinheiro com isso. E agora herda a fortuna do pai" disse o homem do nariz vermelho

mas Afonso não prestava mais atenção: alguém se aproximou nesse momento com um rádio à toda, abafando a conversa, e quando o barulho se foi já falavam de outra coisa…). Por fim alcançou as folhas do jornal à mulher, que as estendeu pelo chão da cozinha enquanto ele a observava com uma careta de aborrecimento.

Depois voltou a refestelar-se no sofá da sala, e fechando os olhos na penumbra continuou pensando no passeio: não podia negar seu contentamento em sair com a família, levar — como sem mais nem menos se decidira a fazer — os meninos ao parque, onde os sabia seguros e, portanto, deixando-os livres e entregando-lhes algum dinheiro ("Vão" diria numa repreensão divertida que ninguém levaria a sério, "comprem as bobagens de sempre, ainda vão chegar em casa um dia com dor de barriga."), podia sentar-se em um banco qualquer e passar os olhos no jornal. Celina, como sempre, procuraria um "toalete" para lavar as mãos, o rosto, recompor a maquiagem, depois regressaria e ficaria por ali, bobeando, de olho nos meninos, na filha, naquele garoto que se aproximara de Aline puxando conversa e que subitamente parecera feio e antipático a Afonso "com essa cara cheia espinhas, será que não se enxerga?".

Celina agora está sentada na grama sob uma árvore e tira da bolsa uma revista. Aline já não conversava com o garoto de espinhas na cara: passa correndo contra o fundo verde das sebes com os irmãos que então se detêm junto a outras crianças e ficam por ali. A menina parou, indecisa, e parece olhar em volta sem saber o que fazer… até que vê Afonso e corre para ele, "paizão!" exclama, saltando-lhe ao pescoço e imediatamente afastando-se na direção dos irmãos, de onde o garoto com espinhas na cara se aproximou, decerto à procura dela.

E a tarde avança.

No restaurante não pôde evitar: a garçonete tinha pernas bem feitas, conquanto não fosse bonita, e Afonso não evitou umas olhadelas discretas, sem que Celina percebesse — sua esposa entretinha-se ainda com a revista — mas não ocultando da moça o interesse que ela lhe despertara. A garçonete sorriu e fez questão de aproximar-se uma vez ainda perguntando se queriam algo mais, mas só para deixar-se ver melhor. Afonso olhou-a nos olhos e depois, de alto a baixo, detendo-se na altura do púbis. A moça virou-lhe as costas mas sorriu-lhe sobre os ombros, e afastou-se.

Numa mesa próxima algumas velhas conversavam em voz baixa, "decerto estão fazendo fofocas" pensou, "afinal, são velhas e feias, ninguém mais olharia para essas carcaças desconjuntadas e cheias de pelancas! De que outra coisa podem estar falando?" e Afonso julgou-se um mau-caráter por pensar assim daquelas "pobres senhoras", um patife por ter espiado a-

cintosamente as pernas da garçonete aproveitando-se da distração da esposa com a revista, um calhorda por cobiçar a própria enteada… e sentiu-se bem, sorrindo-se, intimamente satisfeito consigo mesmo.

Vieram os pedidos, que a garçonete dispôs sobre a mesa com movimentos precisos: o suco de laranja para Celina, que deixa a revista de lado e endireita-se na cadeira; *milk-shake* com pedacinhos de gelo para as crianças e, para ele, uma cerveja preta. As crianças se alvoroçaram, Celina provou comedidamente o suco e Aline lançou ao pai um olhar ligeiro (no qual esconderia alguma intenção?). Em sua segunda viagem, a garçonete trouxe o misto-quente de Aline, que se dizia faminta, e sorvete para os meninos, mas para ele, que era homem e tomava cerveja, um pratinho com batatinhas fritas e lascas de carne tostada.

— Paizão — diz Aline —, quero provar essa cerveja preta.

De imediato surgiu uma tensão em volta da mesa: Celina se mostra alarmada, pois afinal Aline tinha apenas treze anos e não devia tomar bebida alcoólica; os meninos, surpresos com o pedido inesperado da irmã, imobilizaram-se, olhando ora para ela, ora para o pai, ora para a mãe que, de cenho carregado, opunha-se a tal despautério. Aline, contudo, não parecia preocupar-se e não retirava o pedido feito: queria provar a cerveja preta, e Afonso não soube o que fazer. Olhou a mulher esperando dela uma aquiescência, teve dúvidas se devia, sentiu piedade de si mesmo por ter de decidir, mas não viu nenhum inconveniente em atender ao pedida da menina:

— Se for só para provar…

— Afonso! — Celina o repreende, sem no entanto elevar a voz.

— Celina, minha vida…

— Afonso, ela ainda é criança. Já pensou nas conseqüências?

— Celina — ele diz, surpreendendo-se com sua saída — entenda… não devemos negar a nossa filha, que logo será adulta e portanto merece um tratamento diferenciado, um pedido tão simples. Afinal, a educação funciona assim: atende-se a um pedido, mas impõem-se limites como correção — e para a garota: — Aline, você ainda é uma adolescente, não fica bem beber em público, nem em excesso. Você irá provar porque é a mais velha, mas apenas provar, entendeu?

— Entendi, pai.

— Se quiser beber um pouco mais, em casa não haverá nenhum inconveniente…

— E nós? — disse o garoto mais velho.

— Viu, Afonso, o que você foi fazer? — Celina, em tom de delicada censura.

— Não fiz nada, Celina — e para os meninos: — Vocês ainda são muito pequenos. Prometo que em casa deixo-os provar da que temos na geladeira, mas aqui não pode. Não fica bem. As pessoas reparam.

Os garotos aquietaram-se com a promessa, Afonso passou seu copo a Aline com a recomendação que tomasse apenas um ou dois goles, que acabaram se convertendo em bem mais do que isso, "é uma delícia!", e o repasto prosseguiu em paz, chegando ao fim como deveria chegar: Celina levantou-se para ir mais uma vez ao toalete, os meninos saíram correndo pelo gramado enquanto Aline, antes de acompanhá-los, veio abraçar seu paizão, envolvendo-lhe o pescoço com os braços delgados e firmes e cochichando-lhe ao ouvido um "obrigada pela cerveja, paizão, depois eu lhe dou um presente".

— Tem uma linda família — ouviu ao seu lado e, olhando, deparou com a garçonete que retirava a mesa.

— Ah, obrigado — e sorriu. Baixou a voz, e ousou: — E você tem lindas pernas.

A moça fez um ar escandalizado, mas não se mostrou aborrecida. Afonso deu-lhe uma piscadela:

— Poderíamos nos ver por aí algum dia? — acrescentou, ainda em voz baixa.

— Mas que safado!…

— Ora, que nada! Só a estou convidando para um passeio, um cinema…

— Sei!

— É verdade. Então, aceita?

A moça deu-lhe as costas, mas espiou-o sobre os ombros com um sorriso matreiro. Piscou maliciosamente para ele.

"Aceitou" pensou Afonso consigo mesmo no sofá da sala enquanto rememorava a tarde de sábado no parque e arquitetava um plano: passar por lá na segunda-feira de manhã a fim de combinarem um encontro…

Porém a andança, o corre-corre, o vozerio faziam Afonso abrir os olhos: todos queriam tomar banho ao mesmo tempo e corriam daqui pr'ali cada qual com sua toalha, falando alto e empurrando-se; na cozinha Celina desdobrava-se a fim de improvisar uma refeição ligeira, pôr a mesa e espremer algumas laranjas, "acho que todos querem laranjada, não?"; mas agora as crianças saíam do banho vestindo roupas leves e com os cabelos molhados, punham-se à mesa e diante de seus pratinhos arrumados gritavam pela mãe, que lhes trouxesse um copo, que faltava um talher, cadê os guardanapos?, e Celina protestava, que eles estavam bem crescidinhos e poderiam ir buscar o copo, o talher e os guardanapos pois ela estava cansada e ainda não havia tomado seu banho; passando pela copa onde as crianças se agitavam entrou na sala, "coma aqui mesmo, querido, que a copa está uma desordem" e num golpe acendeu a luz, entregando-lhe um prato e um copo de laranjada no qual cubinhos de gelo tilintavam…

Uma hora mais tarde fazia absoluto silêncio no apartamento.

Sentado em sua cadeira Afonso revisava seus papéis, fazia anotações, abria esta ou aquela gaveta procurando este ou aquele documento, mas de súbito sentiu que havia alguém mais ali e, voltando-se para a porta do gabinete, viu de pé, em seu *short* sumário, os biquinhos despontando sob a malha da camiseta, a enteada.

Estremeceu.

— Oi, paizão — ela disse, entrando. — Não vai dormir?

— Daqui a pouco — ele respondeu, mantendo nas mãos um maço de documentos que pretendia guardar numa das gavetas. — E você? Por que ainda não está na cama?

— Eu já vou.

— Então vai.

— Já vou.

— Vai, então.

— Já vou! Fui à cozinha tomar água, vi luz aqui e vim dar boa-noite.

— Boa noite — disse Afonso disfarçando a perturbação e fingindo prestar atenção aos papéis que tinha nas mãos.

Mas a menina aproximou-se, envolveu-lhe o pescoço com os braços curvando-se sobre ele que, de início, continuou sentado e a encarou com um terror que só a custo conseguiu disfarçar.

Em seguida pôs-se de pé tentando delicadamente desvencilhar-se, mas Aline insistia em abraçá-lo, continuava dependurada em seu pescoço, encarando-o, e ele sentia-lhe o peso e uma opressão no peito, o calor de seu corpo e a respiração faltar-lhe, viu muito perto de si os olhos grandes e incisivos dela, o sorriso (malicioso?) brincando-lhe nos lábios, "paizão", no rosto, no corpo todo… e os papéis caíram-lhe das mãos.

Então sua mão deslizou numa carícia delicada pelas pernas da enteada, que não se alarmou, porém manteve no rosto iluminado aquele mesmo sorriso travesso para em seguida pousar a cabeça em seu ombro. E agora Afonso ousou tocar-lhe as nádegas, apertá-las com suave pressão enquanto a enteada sorria e fechava os olhos… Fez então com que a menina lhe desse as costas e enfiou a mão dentro de seu *short*, de sua calcinha, e sentiu a maciez de seu sexo úmido que se abriu aos seus dedos desvairados… a princípio Aline cedeu, entreabriu as pernas e deixou que aqueles dedos cobiçosos e vorazes avançassem, mas logo desvencilhou-se dele com tranqüila decisão ("Por enquanto não, paizão", "Por quê?", "Você deve bem saber quando uma garota não pode…", "Quando então?", "Pode deixar, eu lhe digo quando" e, numa pausa cheia de suspense tocando-lhe o pênis rígido, "Não vai demorar, prometo! Agora boa-noite.") afastando-se na direção da porta. Ali parou ainda uma vez, voltando-se para Afonso e sorrindo, "só mais uns dias…" repetiu, "…paizão" e saiu.

Agora, diante do espelho do banheiro Afonso examina seu rosto, seus cabelos já bastante grisalhos, as rugas renitentes ao redor dos olhos… "Estarei muito velho?" e voltava ora uma, ora outra face submetendo-se ao rigor crítico desse escrutínio. Quebrou de lado o pescoço, penteou os cabelos, descompô-los em seguida para assumir uma aparência rebelde, fez-se uma careta e achou-se ridículo, mas aquelas palavras ("Por enquanto não, paizão… só mais uns dias") persistiam em seus ouvidos feito uma certeza…

Suspirou, continuou olhando-se ao espelho e um sorriso pouco a pouco expandiu-se-lhe em todo o ser…

18 de maio de 1924

Havia chovido um pouco naquela manhã, depois de alguns dias de estiagem e, se bem que o outono estivesse mais frio que no ano anterior, naquela semana fizera um pouco de calor, lembrando os tórridos meses de fevereiro e março.

Aproximando-se o fim da tarde, sob um crepúsculo de cinzas, o arvoredo ainda úmido a farfalhar ao vento que soprava continuamente desde as duas horas parecia mais verde, mais profundo, e no descampado ao sopé da montanha a casinha, vista de longe, na solitude do ermo, parecia desabitada. Quem se aproximasse, porém, depararia um quintal muito limpo com canteiros de flor, um vaso de violetas na janela, algumas galinhas debicando na relva, e um cãozinho peludo daria o costumeiro alerta, latindo ao mesmo tempo que abanava a cauda.

Se alguém por acaso tivesse chegado mais cedo veria um homem descer do telhado de telhas acanoadas onde estivera trabalhando desde cedo a fim de fazer uns ajustes, necessidade imposta por umas goteiras renitentes que haviam deixado o chão de terra batida úmido e pegajoso (felizmente as goteiras apareceram na cozinha e na minúscula sala, mas o quarto permanecera seco e morno, e a mulher deitada na cama não teve qualquer incômodo, exceto os de seu estado: passara quase todo o dia cochilando, a barriga enorme um peso que a derreava, as pernas inchadas mal sustendo-a quando se aventurava a alguns passos pelo aposento).

Certo é que ninguém espiou a casinha de longe naquele dia, nem chegou antes ou depois de o homem descer do telhado, e quando ele, terminada sua tarefa, deteve-se alguns momentos no terreiro espiando o céu, o tempo, sentiu como uma capa em suas costas a quietude, a solidão, a melancólica doçura do entardecer na roça.

Ao entrar em casa, ouviu a mulher no quarto:

— Isidoro…

Chegou à porta, espiou para dentro esperando que seus olhos se acos-

tumassem à penumbra. Avistou-a sentada no leito, as pernas para baixo, os pés tocando o tapetinho de saco ao lado do qual dormitava um par de chinelas.

— Fala, mulher — ele disse com voz cansada.

— Traga-me um pouco de café.

— Puro?

— Puro.

— Não quer comer nada? Talvez um naco de carne numa fatia de pão…

— Não, Isidoro, só o café.

Isidoro moveu a cabeça, fez que ia sair, voltou:

— Está sentindo alguma coisa?

— Só o incômodo que toda mulher sente neste estado…

— Acho bom ir chamar dona Agostiniana.

— Talvez não seja para hoje, Isidoro.

— Mas é melhor prevenir, Luzia.

— Você é quem sabe, Isidoro, agora traga-me o café.

Isidoro foi até a cozinha, inspecionou a chaleira: não havia café. Fez um muxoxo, acendeu o fogareiro a querosene e pôs um pouco dágua para ferver. Enquanto esperava recostou-se na mesa, as mãos descansando nos bolsos da calça, fungou, assobiou uma canção qualquer, o cãozinho felpudo apareceu à porta e abanou a cauda. Isidoro colheu do saco de papel, em cima da mesa, um pãozinho já um tanto duro da antevéspera e atirou: o cãozinho, sagaz, alcançou-o no ar, parou um instante indeciso, lançando para o dono um olhar de felicidade, e depois se afastou, deitou-se sobre um tufo de relva a alguns passos da porta, começou a roer como a um osso.

Passava o café quando ouviu a mulher, no quarto, chamar com voz aflitiva. Correu. Entrou esbaforido e foi abrir a janela para enxergar melhor, as luzes derradeiras do crepúsculo inventaram umas imagens difusas que ele a custo discerniu — então percebeu que anoitecia e que a mulher, de joelhos sobre a cama, abraçava a própria barriga, curvada para frente.

Nas feições uma contração de dor.

— Acho que é para hoje sim, Isidoro.

Isidoro correu para a cama, sentou-se, fez menção de segurar a mulher mas, inexperiente, não sabia se convinha, não soube imediatamente o que fazer, lembrou-se de dona Agostiniana.

— Dói muito? — perguntou.

A mulher pareceu relaxar e, pouco a pouco, voltou a esticar-se na cama, gotas de suor umedeceram-lhe as frontes, a testa, o peito subindo e descendo num arfar de exaustão. A luta, porém, mal havia começado.

— Vou trazer o café e depois corro até a casa de dona Agostiniana…

Quando a velha Agostiniana chegou, acompanhando Isidoro, fazia si-

lêncio na casinha, e somente uma luminosidade débil — a lamparina que ficara acesa — indicou a direção do quarto.

A parteira entrou, aproximou-se do leito e tomou as mãos da mulher. Com uma dobra do lençol secou-lhe as frontes, apalpou levemente a barriga, moveu a cabeça num gesto afirmativo, sapiente, e olhou para Isidoro que, aflito, permanecera na porta do quarto e a interrogava com o olhar:

— Está tudo bem — disse a velha —, ainda não é pr'agora, se bem que antes da meia-noite já teremos visita — acrescentou com um risinho de troça, e mandou que ele fosse esquentar alguns caldeirões dágua e providenciasse lençóis limpos.

— Mas a dor… — começou Isidoro, ainda perturbado, lembrando-se do tom de voz com que pouco antes a mulher havia chamado por ele.

— Apois, e você ia querer que não doesse? — respondeu a parteira. — Dói mesmo, é da natureza, pois então a criança não vem abrindo a mulher de dentro pra fora? — e sorriu de novo. — A velha aqui já trouxe ao mundo muita gente, seu Isidoro, quantas donas já pariram nas minhas mãos… fora os doze que eu mesma botei por aí…

Pois dona Agostiniana, que havia completado sessenta anos no último verão, "esparramara por aí" doze parrudinhos que agora andavam se multiplicando pelo sertão, concedendo à velha netos e mesmo alguns bisnetos, todos saudáveis e matreiros — e disso, como ela falava com orgulho, tecendo e entretecendo sua fama de boa parteira e boa parideira, matriarca das antigas!

Mas agora urgia: e se levantou reiterando sobre a água quente e os lençóis limpos.

— É a vida seguindo seu rumo — murmurou de si para si mesma enquanto punha um pouco de ordem no quarto. — A vida, que não pára, que nunca pára…

Transcorreu uma hora, e agora a mulher gemia continuamente.

Para não escutar os gemidos Isidoro achou de se afastar da casa, nem que fosse por algum tempo: alvitrou ir à mina para apanhar água fresca — decerto a esposa quereria tomar água da mina depois de tudo acabado —, e encheu as moringas.

— É assim mesmo, dona Agostiniana? — Isidoro angustiado, chegando à porta do quarto.

— Apois, homem, eu cá não sei? Está tudo indo pelo melhor, daqui a pouco vamos ter…

E Isidoro se afastava aflito, espremendo os miolos para achar uma razão que o levasse para fora de casa, para longe de casa, que não escutasse os gemidos da mulher, gemidos que logo se converteriam em gritos à medida que a hora se aproximasse…

Então lembrava-se de pôr a comida do cachorro felpudo, que bobea-

va por ali, a cauda em incessante movimento; ocorria-lhe levar o cavalo para o pasto, pois não precisava mais dele para hoje, raciocinando que dona Agostiniana pernoitaria; pareceu-lhe subitamente necessário verificar o galinheiro, a ver se estava em ordem, se estavam ali as galinhas, se não faltava nenhuma, coisa com que de ordinário não se ocupava; o fogo no fogão vacilava, havia lenha? Espiou o canto: havia, mas faltavam gravetos, então foi apanhá-los (do lado de lá do rio tinha uns galhos secos, quebrou-os lá mesmo e trouxe numa braçada); depois, vigiando o céu um tanto carregado, como se não tardasse a chover outra vez, contornou a casa pois "é certo que tem roupa seca no varal", mas não tinha pois estando a mulher naquele estado e ele entretido com outros afazeres nenhuma roupa fora lavada; viu uma enxada caída perto da bica, então achou de recolher as ferramentas que ia largando por aí para o quartinho que servia de depósito, e andou daqui para acolá à procura da cavadeira, da foice, do machado, do ancinho; lembrou-se então de ir até o paiol onde guardava os cereais, pois receou — sem mais nem menos — que haveria ratos a devorar sua colheita, conquanto isso não o preocupasse pois um gato dormitava justamente ali, num confortável e agasalhado recanto…

E assim Isidoro ia enchendo o tempo — os minutos, as horas que pareciam dilatar-se sob o efeito de sua aflição. Mas invariavelmente acabava parando à porta do quarto:

— E então, dona Agostiniana?

— Está indo tudo pelo melhor, seu Isidoro, que eu nunca vi homem tão irrequieto — e com ar trocista: — Espia que eu tenho pra mim que há de ser um meninão, hein, um meninão!

— Carece de alguma coisa?

— Umas toalhas, vai ser preciso.

E correu a procurar as toalhas.

— E que mais?

— Traz a bacia, como é que vai se lavar a criança?

— Já?!

— Então, homem! A criança nasce, já toma um banho pra mode ficar limpinha.

— E não vai constipar o pobrezinho, dona Agostiniana?

— Que constipar coisa nenhuma, seu bocó. Anda, traz de lá a bacia.

E se apressou até a bica, era preciso lavar bem lavada a bacia, e até areou o fundo com cinza e areia — a lamparina tremulando em cima dum pilar de madeira. Levou a bacia para o quarto.

— Mais alguma coisa, dona Agostiniana?

— Se carecer eu chamo, agora sai daqui que muito ajuda quem não atrapalha.

Isidoro estava no fim do terreiro quando escutou um grito angustioso

e prolongado, e seu coração se contraiu até ficar do tamanho de uma jabuticaba. Mas em seguida chegou-lhe aos ouvidos um choro de criança, e ele relaxou, respirou fundo, expandiu-se dentro do peito esse coração que por alguns momentos mirrara. Então Isidoro correu, colidiu contra uma cadeira largada no meio da sala, quase escorregou no chão ainda úmido — ou da goteira, ou da água que ele mesmo entornara, atabalhoado, sem jeito, ao atender as solicitações de dona Agostiniana —, invadiu o quarto como um furacão…

Dona Agostiniana, ao lado da bacia, tinha nas mãos alguma coisa vermelha e mole que se agitava, choramingando. A velha passava de leve uma trouxinha de pano úmido pelo corpo da criança, derramava água na cabecinha, limpava o rostinho miúdo e rechonchudo… Ao ver Isidoro ralhou com ele:

— Êh homem irrequieto, está tudo bem, não vê? Agora espera lá fora enquanto eu arrumo as coisas por aqui.

— Mas, dona Agostiniana…!

— Arre, lá pra fora homem, deixa de aflição!

Isidoro saiu a contragosto. Apanhou a cadeira caída, pô-la no lugar. Da porta vigiou outra vez o céu: sim, talvez ainda chovesse aquela noite. O cãozinho felpudo apareceu balançando a cauda mas Isidoro não percebeu. Meteu as mãos nos bolsos e voltou para dentro. Então um pé de vento apagou a lamparina…

Quando dona Agostiniana o chamou a cama exibia lençóis frescos e cheirando a sabonete, sua mulher já tomara banho e vestira uma roupa limpa, a criança mamava fartamente no seio gordo e abundante.

— Vem, homem — disse velha parteira —, vem ver seu filho. Eu não disse que haveria de ser um meninão?

Isidoro sentou-se ao lado da mulher e tomou uma de suas mãos, os olhos até um tanto úmidos, e sentiu-se derreter por dentro à vista do filho.

— Oh, minha querida, minha querida — murmurou beijando a mão que, inerte, ficava nas suas.

— Vê como ele é lindo, Isidoro — disse a mulher com voz débil.

— Sim, Luzia, sim… bonito que só… e parrudo, olha!

— E não estou vendo? — a mulher parecia derreter-se.

— Como haverá de se chamar, minha querida?

— Um nome… — e a mulher sorriu, ajeitando melhor a criança no braço que a sustinha.

— Sim, um nome… carece de um nome, não é?… Você escolhe…

— Ah… então há de ser Olímpio… como meu pai…

— Pois será Olímpio, não é dona Agostiniana? Se chamará Olímpio!

E apertou a mão da mulher, que feliz amamentava o filho.

— Olímpio — ela dizia —, meu pequeno Olímpio… meu principezinho…

As horas avançaram e, quando se fez realmente tarde naquela noite e junto com a chuva que recomeçara sobreveio o sono aos habitantes da pequena e rústica moradia, aquietaram-se as aflições, os sustos se desvaneceram e uma paz profunda, feito a asa de uma grande e sombria mariposa, fez repousar o ermo nessa doçura cheia de silêncios e ruídos, de sombras e de cores encobertas, de perfumes elusivos na aragem refrescante, antecedendo o dia, os dias, os tempos vindouros, através dos quais o nome de Olímpio soaria como recordação permanente — até que o peso dos séculos o fizesse submergir para todo o sempre no esquecimento.

Paty do Alferes, 2007 a 2015